

LYNSAY SANDS

New York Times Bestselling Author



Love Bites



Argeneau Family, 02

Love Bites

Lynsay Sands

Etienne Argeneau, de trezentos anos, só pode "transformar" uma pessoa, a maioria de sua espécie reserva esse poder para a criação de um companheiro de vida. Ele tem que salvar Rachel Garrett. Ele não a conhece muito bem, mas a linda legista salvou sua vida. Para salvar a dela ele iria fazê-la imortal. Rachel Garrett desperta surpresa. Tudo que ela queria era sair do turno da noite no necrotério, então ela vê o homem dos seus sonhos emergindo de seu caixão...

Comunidade Traduções de Livros

[<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=25399156>]

Tradução:

Jeane Trancoso

[<http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=6353499619993506420>]

Nasjla Oliveira

[<http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=16071770410555899841>]

Revisão:

Jeane Trancoso

[<http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=6353499619993506420>]

Comunidade Traduções de Livros

<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=25399156>

Prólogo

Pudge olhou pela mira do seu rifle. Não qualquer rifle. Um Tac Ops Tango 51, o rifle de maior precisão tática. Ele pesava 4,86kg, media 1,13m e tinha uma precisão garantida de 0.25 minuto de ângulo. Sua descrição também incorporava um rifle de caça semi-amplio – Ele parou sua recitação mental da descrição do catálogo do Tac Ops para olhar minuciosamente para a arma, sem ter total certeza do que rifle de caça seria. Soou quase sexy do jeito que ele leu. Um rifle de caça semi-amplio. Rifle de caça. Rifle. De caça. Toda a descrição da arma era sexy. Por exemplo, diz que tem “aberturas duplas”. Ele não tinha certeza do que era isso, mas o fez pensar em seios. Claro, a maioria das coisas o fazia pensar em seios.

Sim. Ele estava segurando “rifle de caça” e “aberturas duplas”. Impressionante.

O repentino toque alto da buzina o fez assustar-se e quase largar o rifle. Agarrando-o protetivamente em seu peito, Pudge olhou com ódio para a rua escura abaixo. Ele escolheu o telhado desse prédio porque ele proporciona uma visão do alto do estacionamento do outro lado da rua. Nunca lhe ocorreu que seria completamente descoberto aqui em cima no telhado e frio como o inverno do Alasca. Se Etienne não corresse, Pudge ia morrer congelado esperando por ele. Ele fez cara feia para a possibilidade. Quanto tempo o idiota ia ficar lá, mesmo? Já passou de meia noite. Isso era...

“Droga!” O palito que ele estava mastigando escorregou de seus lábios enquanto o homem em questão saía do prédio e ia para o estacionamento. Etienne Argeneau. E ele estava sozinho.

Pudge gelou por um momento, depois se posicionou com dificuldade. Ele olhou pela mira, apontou a arma carregada para o homem e hesitou. Ele repentinamente notou que sua respiração estava rápida. Ele estava ofegante como se ele tivesse corrido por quilômetros, e apesar do frio ele estava suando muito. Norman Pudge Renberger ia matar um homem. E não era qualquer homem. Etienne Argeneau. Seu oponente.

“Desgraçado”, Pudge murmurou. Com um pequeno sorriso, ele direcionou a mira laser da sua arma para o peito de seu alvo. Não houve nenhum som quando ele puxou o gatilho. Ele equipou seu Tango 51 com o Tac Ops 30, um silenciador, então o único barulho foi um pfff do ar. Se não fosse pelo jeito que o rifle deu um tranco em suas mãos, ele não teria acreditado que disparou.

Apressando-se para concentrar-se em Etienne de novo, Pudge olhou pela mira. O homem parou imediatamente, olhando para o seu peito. Ele foi atingido ou não? Por um momento Pudge teve medo que ele tivesse errado completamente, mas aí ele notou o sangue.

Etienne Argeneau levantou sua cabeça. Seus olhos prateados encontraram e focaram claramente onde Pudge estava posicionado no telhado, então a luz neles apagou-se e o homem caiu com o rosto na calçada.

“Issol”, Pudge respirou, um sorriso trêmulo aparecendo em seus lábios. Ele desmontou desajeitadamente seu rifle, ignorando o repentino tremor de seus músculos enquanto ele guardava os pedaços na caixa. Seu sexy tango 51 com aberturas duplas e rifle de caça custou quase 5 mil dólares, mas valeu cada centavo.

CAPÍTULO 1

“Hei, Rach. Eu vou pegar um café. Você quer alguma coisa?”

Rachel Garret se ajeitou e passou as costas de sua mão com luva pela sua testa. Ela esteve trocando dos calafrios para a febre desde que ela chegou no trabalho duas horas atrás. Neste momento, ela estava na fase quente. Havia suor em suas costas e no couro cabeludo. Ela obviamente estava pegando algo terrível.

Seu olhar fixo deslizou para o relógio na parede. Quase uma hora. Duas horas trabalhando, seis para ir embora. Ela quase gemeu de dor. Mais seis horas. Do jeito que essa gripe estava progredindo, era duvidoso que ela durasse meia hora.

“Hei, você está se sentindo bem, Rach? Você parece muito doente”.

Rachel fez uma careta de dor enquanto seu assistente se aproximava e sentia sua testa. Muito doente? Homens podem ser tão cautelosos.

“Fria. Pegajosa.” Ele amarrou a cara e perguntou, “febre e calafrios?”

“Eu estou bem”. Rachel retirou a mão dele com uma irritação constrangedora, depois pegou um trocado no seu bolso. “Ok, Tony. Talvez você possa me comprar um suco ou algo assim”.

“Oh, sim. Você está bem”.

Rachel se calou com as secas palavras dele, percebendo de repente que ela puxou o seu jaleco para o lado e enfiou sua mão no bolso da calça sem remover primeiro a ensanguentada luva de borracha. Ótimo.

“Talvez você deva...”

“Eu estou bem”, ela disse outra vez. “Eu vou ficar bem. Apenas vá.”

Tony hesitou e então deu de ombros. “Ok, mas você terá talvez que querer sentar ou qualquer coisa até eu voltar.”

Rachel ignorou sua sugestão e voltou para seu cadáver quando Tony se foi. Ele era um bom rapaz. Um pouco estranho talvez. Por exemplo, ele insiste em falar como um membro da máfia do Bronx mesmo tendo nascido, crescido e nunca saído de Toronto. Ele também não é italiano. Tony nem é o seu verdadeiro nome. O nome dele de batismo é Teodozjusz Schweinberger. Rachel tinha completa simpatia pela mudança de nome, mas ela não entendeu como o mau sotaque veio junto.

“Chegando!”

Rachel deu uma olhada na porta aberta para a sala principal do necrotério. Largando o bisturi, ela retirou a luva de borracha da sua mão direita saiu para encontrar os homens impulsionando uma maca para dentro. Dale e Fred. Bons rapazes. Dois dos bombeiros que ela raramente via. Eles geralmente deixavam sua clientela viva no hospital. Claro, alguns morreram depois que chegaram, mas normalmente depois que esse dois já tinham ido embora. Esse paciente deve ter morrido no trânsito.

“Oi, Rachel! Você parece... ótima”.

Ela atravessou a sala para se juntar a eles, educadamente ignorando a hesitação de Dale. Tony deixou mais do que claro como ela estava parecendo. “O que nós temos aqui?”

Dale a entregou uma prancheta com varias folhas de papel. “Ferimento à bala. Pensei que ainda tivesse batimentos antes de transportá-lo da cena, mas devo ter me enganado. Para o registro, ele morreu no trânsito. Dr. Westin o declarou morto quando chegamos aqui e nos pediu para trazê-lo aqui embaixo. Eles vão querer uma necropsia, recuperação da bala, etc.”

“Hum”. Rachel deixou a papelada cair de volta na prancheta, depois foi ao fundo da sala para pegar um dos freezers de aço inoxidável especiais usados para necropsias. Ela virou o freezer para os bombeiros. “Vocês podem colocá-lo no freezer enquanto eu assino?”

“Claro”.

“Obrigada”. Deixando-os com o cadáver, ela foi para a mesa no canto para procurar uma caneta. Ela assinou os papéis necessários, e voltou quando os bombeiros terminaram de mudar o corpo de lugar. O papel que o cobriu na viagem pelo hospital agora estava perdido. Rachel parou e olhou.

O último corpo do necrotério era um homem bonito, que não tinha mais que trinta anos, com cabelo louro escuro. Rachel observou suas pálidas feições esculpidas, desejando tê-lo visto enquanto ele estava vivo e que ela soubesse com o que ele parecia com os olhos abertos. Ela raramente pensava em como os cadáveres do seu trabalho tinham sido enquanto viviam, como seres vivos. Seria impossível realizar seu trabalho se ela considerasse que os corpos nos quais ela trabalhava eram mães, irmãos, irmãs, avôs... Mas esse homem ela não podia ignorar. Ela o imaginava sorrindo e dando gargalhadas, e na sua cabeça ele tinha olhos prateados do tipo que ela nunca tinha visto.

“Rachel?”

Ela piscou confusa e olhou para Dale. O fato de que ela agora estava sentada era um pouco assustador. Os homens tinham aparentemente virado a

cadeira de rodinhas e sentado-a nela. Ambos os bombeiros estavam rondando-a, com medo em seus rostos.

“Você quase desmaiou, eu acho”, disse Dale, “Você estava se balançando e toda pálida. Como você está se sentindo?”

“Oh”, ela deu uma risada constrangedora e balançou a mão. “Eu estou bem. De verdade. Mas acho que estou adoecendo. Calafrios depois febre. Ela encolheu os ombros”.

Dale colocou as costas da mão em sua testa e fechou a cara. “Talvez fosse melhor você ir pra casa. Você está queimando”.

Rachel sentiu seu rosto e ficou assustada ao perceber que ele estava certo. Passou por sua cabeça a esperança de que a velocidade e a força com as quais esse vírus atingiu não fosse um presságio de quão ruim ele seria. E se fosse ruim, ela esperava q ele fosse embora tão rápido quanto veio. Ela odiava ficar doente.

“Rachel?”

“Hã?” Ela deu uma olhada nas caras preocupadas dos bombeiros e se forçou a ficar em pé. “Ah, sim. Desculpa. Sim, eu vou pra casa mais cedo, quando o Tony voltar. Enquanto isso, eu assinei pelo corpo e tudo o mais.” Ela reteve a papelada necessária e devolveu o resto. Dale aceitou a prancheta, depois trocou um olhar indeciso com Fred. Os dois pareciam relutantes em deixá-la sozinha.

“Eu estou bem, de verdade”, ela lhes assegurou, “E Tony apenas saiu para nos comprar algumas bebidas. Ele estará de volta logo. Vocês dois vão embora”.

“Ok”. Dale ainda soou reticente. “Só nos faça um favor e mantenha sua bunda nessa cadeira até ele voltar, hein? Se você desmaiar e bater a cabeça...”

Rachel afirmou com a cabeça. “Claro. Vocês dois vão embora. Eu vou ficar descansando até o Tony voltar”.

Dale não parecia acreditar nela, mas ele não tinha outra opção. Ele seguiu Fred até a porta. “Ok. Bem, nós estamos saindo daqui então”.

“Vejo você depois”, Fred adicionou.

Rachel observou-os partir, e ficou sentada por um momento como prometido. Mas não levou muito tempo até que ela ficasse impaciente. Ela não estava acostumada a ficar inativa. Seu olhar fixo deslizou até o corpo na maca. Uma vítima de tiro. Essas eram raras. Significava que havia um atirador lá fora andando por Toronto. Também significava que esse homem tinha se tornado sua prioridade máxima. A polícia ia querer a bala para testes da perícia, o que significava que ela não iria pra casa depois que Tony voltasse. Pelo menos, não até que ela tivesse retirado a bala. A necropsia oficial não seria feita até a manhã, mas

recuperar a bala era seu trabalho. Como medica legista chefe da noite, era sua responsabilidade.

Endireitando seus ombros, ela ficou em pé e se moveu até a mesa. Olhando minuciosamente para seu novo cliente, ela disse, “Você escolheu uma péssima noite para ser baleado, meu amigo.”

Seu olhar atento deslizou até seu rosto. Ele realmente tinha sido um homem lindo. Parecia uma verdadeira pena ele estar morto – mas era sempre uma pena quando alguém morria. Colocando esses pensamentos de lado, Rachel pegou a bandeja de equipamentos e a virou. Ela olhou para o corpo mais uma vez antes de começar o trabalho.

Os bombeiros rasgaram a blusa dele para abrir, depois a colocou de volta sobre o peito dele. Ele ainda estava completamente vestido e num bem elegante – sem mencionar caro – terno de grife. “Belos trapos. Obviamente um homem de gosto e recursos”, ela comentou admirando o corte do terno e o corpo embaixo dele. “Infelizmente, seu terno terá que ser rasgado”.

Pegando a tesoura na mesa de equipamentos, ela rápida e eficientemente cortou o terno e a blusa. Quando a roupa caiu, Rachel parou para observar o que foi revelado. Normalmente, ela teria simplesmente continuado e retirado a calça e a cueca do cadáver, mas a febre estava afetando sua força. Seus braços ficaram moles, seus dedos frouxos e pesados. Ela decidiu que uma mudança na rotina não ia doer. Ela ia começar registrando suas conclusões da parte superior do corpo antes de continuar e tentar tirar a roupa da parte de baixo do corpo. Com um pouco de sorte, Tony estaria de volta até lá para ajudar.

Deixando a tesoura de lado, ela alcançou e virou a lâmpada do alto e o microfone diretamente para cima do peito do cadáver. Depois ela ligou o microfone.

“O objeto é... Oh, tiro” Rachel desligou o microfone com um movimento rápido. Rapidamente pegando a papelada que Dale e Fred deixaram para trás, ela esquadrinhou as informações procurando um nome. Ela fechou a cara. Não havia nenhum. Era um João ninguém. Bem vestido, mas sem identificação. Isso a fez se perguntar se essa era a razão por trás do tiro. Talvez ele tenha sido baleado e roubaram sua carteira. Seu olhar fixou-se no homem. Era realmente uma pena ele estar morto por nada mais do que alguns dólares. Que mundo louco.

Largando a papelada, Rachel ligou novamente o microfone. “Dr. Garret examinou o indigente baleado. O indigente é homem, branco, aproximadamente 1,90m”, ela imaginou, deixando as medidas reais para depois. “Ele é um espécime muito saudável”.

Ela desligou o microfone de novo e olhou com bastante calma para ele. “Muito saudável” foi um eufemismo. O indigente foi esculpido como um atleta. Ele tinha uma barriga tanquinho, um peito largo e braços musculosos para combinar com seu lindo rosto. Pegando um dos braços depois o outro, Rachel levantou cada

um para examinar a parte inferior deles antes de dar um passo atrás com uma cara feia. Ele não tinha nenhuma marca que o identificasse. Nenhuma cicatriz ou marca de nascença. Não havia nada que pudesse ser considerado uma característica que identificasse aquele homem. A não ser pelo ferimento à bala em seu peito, o homem estava completamente impecável. Até seus dedos estavam perfeitos.

“Estranho”. Rachel murmurou para ela mesma. Normalmente havia pelo menos duas cicatrizes – uma cicatriz de apendicite, e pequenas cicatrizes nas mãos de ferimentos antigos, ou algo assim. Mas esse homem estava completamente imaculado. Suas mãos e dedos estavam até mesmo sem calos. Um ricoço? Ela se perguntou e olhou para o rosto dele de novo. Beleza clássica. Embora sem bronzeado. Pessoas da alta sociedade normalmente eram bronzeadas dos lugares ensolarados que eles visitam ou do bronzeamento artificial.

Decidindo que estava perdendo tempo com aquelas suposições, Rachel sacudiu a cabeça e ligou novamente o microfone. “O objeto não tem características identificadoras ou cicatrizes na parte superior frontal do corpo, exceto o ferimento à bala. A morte, à primeira vista, parece ser devido à perda de sangue causada pelo ferimento supracitado”.

Ela deixou o microfone ligado enquanto estendia a mão para pegar o fórceps para retirar a bala. O gravador era ativado pelo som, então, de qualquer forma só gravaria o que ela dissesse. Depois ela usaria a fita para redigir seu relatório deixando de incluir qualquer observação murmurada que o gravador captasse que fosse irrelevante ao caso.

Rachel mediu e descreveu o tamanho do ferimento, assim como sua localização no corpo, depois começou a trabalhar cautelosamente, enfiando lentamente o fórceps no buraco, movendo lenta e cuidadosamente para ter certeza que ela estava seguindo o caminho da bala e não o empurrando num tecido não danificado. Um momento depois, ela alcançou e agarrou o projétil e estava cuidadosamente retirando-o.

Murmurando um triunfante “Ah ha!” Ela endireitou o projétil retirado na colher do fórceps. Virando-se na direção da bandeja, Rachel parou irritada quando ela percebeu que não havia nenhum recipiente para colocar a bala. Essas coisas normalmente não eram necessárias e ela não tinha pensado em pegar um. Murmurando baixinho sobre sua falta de premeditação, ela foi da mesa para a fileira de armários e gavetas para procurar.

Enquanto procurava, Rachel refletiu sobre onde Tony tinha ido. Sua viagem de 5 minutos a procura de bebidas tinha se tornado uma ausência bastante longa. Ela suspeitou que era uma certa enfermeira que trabalhava no 5º andar que o estava retendo. Tony estava muito apaixonado pela garota e conhecia sua agenda como a palma de sua mão. Ele normalmente fazia seus intervalos junto com os dela. Se ela estivesse na cafeteria quando ele chegou, Rachel poderia contar que ele estava no seu intervalo agora. Não que ela se importasse. Se ela realmente

fosse para casa depois de retirar essa bala, ele não teria ninguém para liberá-lo pelo resto da noite.

Quando encontrou o que estava procurando, Rachel embalou a bala, e a levou para sua mesa para fazer uma etiqueta de identificação. Não serviria de prova se ela se perdesse ou se fosse deixada espalhada sem uma etiqueta. Claro, ela não conseguiu encontrar as etiquetas imediatamente e gastou muito tempo procurando-as. Depois ela estragou três antes de conseguir pegar uma. Era uma boa indicação de que Rachel não estava ligada essa noite e que ir para casa era uma boa idéia. Ela era perfeccionista e pequenos erros como esse eram frustrantes, até mesmo constrangedores.

Muito irritada com ela mesma e com seu estado de fraqueza, Rachel alisou a etiqueta no recipiente e parou quando ela percebeu um movimento no canto do seu olho. Ela se virou, esperando que Tony tivesse voltado, mas a sala estava vazia. Havia somente ela e o indigente na maca. Sua mente febril estava começando a pregar peças nela.

Rachel sacudiu a cabeça e ficou de pé. Ela ficou alarmada enquanto ela notava que suas pernas estavam um pouco trêmulas. Sua febre estava disparando. Era como se o interruptor de uma fornalha tivesse sido ligado, levando-a de fria e pegajosa a pegar fogo num piscar de olhos.

Um estalar chamou sua atenção de volta para a maca. A mão direita do cadáver estava onde estava da última vez que ela olhou? Rachel podia jurar que ela havia colocado a mão dele com a palma para baixo depois de examiná-la para identificar cicatrizes, mas agora estava com a palma virada para cima, os dedos relaxados.

Seu olhar viajou pelo braço até o rosto e Rachel fechou a cara para a expressão dele. O homem morreu inexpressivo, quase inconsciente, lembrando morte por estrangulamento. Mas agora ele tinha uma expressão de dor. Não tinha? Talvez ela estivesse imaginando coisas. Ela devia estar imaginando coisas. O homem estava morto. Ele não tinha mexido sua mão ou mudado de expressão.

“Você tem trabalhado muito no turno da noite”, Rachel murmurou para ela mesma. Devagar ela voltou para a maca. Ela ainda tinha que retirar o resto das roupas do cadáver e examinar a parte inferior da frente do corpo.

Claro, ela ia precisar da ajuda do Tony para virar o homem e examinar suas costas. A parte inferior frontal do corpo também poderia esperar até o Tony voltar, mas Rachel decidiu o contrário. Quanto mais rápido ela saísse de lá e fosse para cama, melhor. Era mais inteligente fazer o máximo possível agora antes de seu assistente voltar. O que significava cortar as calças da vítima. Para isso, Rachel pegou a tesoura – depois percebeu que ela não tinha verificado se havia ferimento na cabeça.

Era difícil de acreditar que ele tivesse levado um tiro na cabeça. Pelo menos ela não tinha visto nenhum indício. Fred e Dale também teriam mencionado isso.

E apesar da alegação deles de terem imaginado que conseguiram um batimento cardíaco e depois perderam, o homem provavelmente morreu imediatamente quando a bala atingiu seu coração. Mesmo assim, ela tinha que verificar.

Deixando a tesoura onde ela estava, Rachel ficou de pé na parte superior da maca e fez um exame rápido da cabeça da vítima. O homem tinha um lindo cabelo loiro, o mais saudável que ela já tinha visto. Rachel desejou que os seus cachos ruivos fossem metade do que os dele eram. Não encontrando nada, nem mesmo um pequeno arranhão, ela gentilmente deitou sua cabeça novamente e retornou para o outro lado da maca.

Pegando novamente a tesoura, Rachel abriu-a e fechou-a enquanto olhava o cós da calça do homem, mas ela não começou a cortar imediatamente. Por incrível que pareça, ela estava muito hesitante a fazer isso. Ela não se sentia acanhada por cortar as calças de um homem desde a faculdade e não fazia idéia porque ela estava acanhada agora.

Seu olhar deslizou novamente para o peito dele. Senhor, ele era mesmo desenhado. Suas pernas provavelmente seriam tão musculosas quanto seu peito. Rachel supôs e ficou desapontada ao perceber que ela estava mais que só um pouco curiosa. Essa provavelmente seria a razão para sua hesitação, ela presumiu. Ela não estava acostumada a sentir nada parecido com isso enquanto examinava um corpo e se sentiu constrangida. Cara, essa febre estava realmente acabando com seus pensamentos.

Até pálido e sem vida o indigente era um homem atraente. Imagine você, ele não parecia tão pálido e sem vida quanto a clientela de sempre. Ele parecia estar simplesmente cochilando.

Seus olhos viajaram de volta para o rosto dele. Ela o achava muito atraente, o que era alarmante. Estar atraída por um homem morto parecia um pouco doente. Mas Rachel assegurou a ela mesma que isso era só um reflexo de quão seca tinha sido sua vida social. Suas horas de trabalho tornaram difícil namorar. Enquanto a maioria das pessoas estava saindo e se divertindo, ela estava trabalhando. Sim, o turno da noite pôs um verdadeiro friso em sua vida amorosa.

Bem, na verdade, sua vida amorosa nunca foi muito emocionante. Rachel cresceu muito na pré-adolescência e continuou mais alta que todas as outras crianças de sua idade até o ensino médio. Isso a deixou tímida e envergonhada, e garantiu que ela se transformaria em algo como uma pária. Conseguir o trabalho no turno da noite do necrotério só aumentou suas dificuldades. Mas também tinha sido uma desculpa muito útil quando as pessoas perguntavam sobre sua vida amorosa inexistente. Ela podia facilmente culpar o trabalho.

As coisas estavam ficando muito ruins, entretanto, quando ela começou a se sentir atraída por cadáveres. Era, provavelmente, uma boa razão para ela querer sair do turno da noite. Todo aquele tempo sozinha não podia ser saudável.

Forçando-se a tirar os olhos do lindo rosto do cadáver, Rachel deixou seu olhar deslizar para os instrumentos de seu trabalho e mais uma vez impressionou-se de ter escolhido trabalhar nesse campo. Ela sempre odiou qualquer coisa relacionada a médico e consultas médicas. Agulhas eram um pesadelo e ela era a maior maricas do planeta quando sentia dor. Então, claro, ela conseguiu um emprego no necrotério do hospital onde agulhas e dor eram companhia constante. Rachel supôs que era uma espécie de rebelião inconsciente, uma recusa a permitir que seus medos atrapalhassem.

A despeito de si mesma, Rachel olhou o peito do indigente, parando abruptamente no ferimento à bala. A abertura tinha diminuído? Ela ficou olhando para o ferimento silenciosamente e piscou enquanto o peito parecia subir e descer.

“Olhos pregando peças”, Rachel murmurou, se forçando a desviar o olhar. Ela arrancou a bala do coração daquele homem. Ele definitivamente estava morto. Homens mortos não respiram. Determinada a acabar logo com isso para que ela pudesse refrigerá-lo e parar de imaginar coisas, ela voltou para as calças do cadáver e deslizou uma das lâminas da tesoura por baixo do material.

“Desculpe por isso. Eu odeio estragar uma calça perfeita, mas...” Ela encolheu os ombros e começou a cortar o material.

“Mas o quê?”

Rachel congelou e virou bruscamente a cabeça na direção do rosto do homem. A visão dos seus olhos – abertos e focalizados nela – a fez gritar e saltar para trás. Quase caindo no chão por causa de suas pernas trêmulas, ela o olhou boquiaberta com medo. O cadáver a olhou de volta.

Ela fechou os olhos e tornou a abrir, mas o cara ainda estava deitado lá, olhando para ela. “Isso não é bom”, ela disse.

“O que não é bom?” Ele perguntou com interesse.

Sua voz soou fraca. Mas, heil! Para um cara morto, até uma voz fraca era uma proeza genial. Rachel balançou a cabeça com admiração.

“O que não é bom?” O cadáver perguntou de novo, parecendo um pouco mais forte dessa vez.

“Eu estou alucinada”, Rachel explicou educadamente, depois percebeu os olhos estranhos. Ela parou para olhá-los. Rachel nunca tinha visto olhos tão maravilhosos. Como em suas primeiras imaginações, eles eram um azul prateado exótico. Ela nunca tinha visto olhos daquela tonalidade antes. Na verdade, se tivessem perguntado, ela teria dito que eles eram cientificamente impossíveis.

Rachel relaxou e o medo e a tensão a deixaram. Ela nunca tinha visto olhos prateados antes. Eles não existiam. No início ela imaginou que os olhos dele eram prateados e obviamente ela estava imaginando agora que eles estavam arregalados

e eram daquela cor. De repente não havia mais dúvida em sua mente; ela estava tendo alucinações, e era tudo devido a sua temperatura disparada. Cristo, deve ter atingido níveis perigosos.

O cadáver se sentou, chamando a atenção de Rachel de volta para ele. Ela teve que lembrá-la, “É uma alucinação. A febre”.

Os olhos do indigente se apertaram olhando para ela. “Você está com febre? Isso explica”.

“Explica o quê?” Rachel perguntou, depois fez uma careta quando percebeu que ela estava falando com sua alucinação. O que talvez não fosse pior do que falar com pessoas mortas, ela raciocinou e ela fez isso o tempo todo. Além disso, o presunto tinha uma voz bonita, meio quente e suave como uísque. Ela não ia se importar com um pouco de uísque. Chá, limão, mel e uísque. Sim, um hot toddy¹ daria a ela exatamente o que ela precisava e impediria que essas alucinações se tornassem piores. Ou simplesmente fazer isso para ela não se importar mais com as alucinações. Qualquer coisa seria bom.

“Por que você não vem até mim?”

Rachel deu uma olhada no cadáver. Ele não fazia muito sentido, mas quem disse que alucinações fazem sentido? Ela tentou trazê-lo à realidade. “Por que eu iria até você? Você não é real. Você nem está sentado”.

“Não estou?”

“Não, eu só acho que você está. Na verdade, você ainda está deitado aí morto. Eu só estou imaginando que você está sentado e falando”.

“Hum”. Ele sorriu repentinamente. Era um belo sorriso. “Como você sabe?”

“Porque homens mortos não se sentam e falam”, ela explicou pacientemente. “Por favor deite novamente agora. Minha cabeça está começando a girar”.

“Mas e se eu não estiver morto?”

Isso a deixou perplexa por um momento, mas aí Rachel lembrou-se que ela estava febril e ele não estava realmente sentado. Ela decidiu provar seu ponto de vista dando um passo a frente e esbofeteando-o, esperando que sua mão navegasse pelo ar leve. Em vez disso, ela bateu num queixo duro. O cadáver gritou surpreso de dor, mas Rachel nem notou – ela estava ocupada gritando e saltando de novo. Sua mão ardeu mas ela estava muito ocupada gritando para se preocupar. O homem morto estava sentado.

¹ Bebida feita com uísque, água e açúcar e servida quente. As pessoas achavam que isso ajudava a curar resfriado.

A sala que estava girando momentos antes de repente parou. Começou a escurecer. “Droga, eu vou desmaiar”, Rachel percebeu com pavor. Ela contou ao seu cadáver quase se desculpando, “Eu nunca desmaio. Juro”.

Etienne observou a ruiva alta cair no chão, depois deslizou saindo da fria mesa de metal e olhou minuciosamente em volta. Ele estava no necrotério. Ele fez caretas ao perceber. Esse não era um lugar que ele, em 300 anos de vida, desejou estar.

Com um solavanco ele se ajoelhou para examinar a mulher. No momento que ele se abaixou para tocar sua testa, entretanto, a sala imediatamente começou a girar. Era o resultado do seu estado de fraqueza. Ele perdeu muito sangue – primeiro no ferimento do peito, depois para cicatrizá-lo. Ele teria que repor esse sangue logo, mas não com essa mulher. Ela estava doente com certeza, o que significava que seu sangue não ajudaria muito. Ele teria que achar outra fonte e rápido. Mas por enquanto ele teria que ignorar sua necessidade e fraqueza o melhor que ele pudesse. Havia coisas que ele tinha que fazer.

Etienne tirou o cabelo do rosto da mulher e observou sua palidez. Sua cabeça atingiu o chão com um estalo audível. Ele não ficou surpreso em encontrar um galo e um arranhão lá. Ela teria uma dor de cabeça horrível quando acordasse, mas fora isso ela estaria bem. Tranqüilizado de que ela estava relativamente ilesa, ele se concentrou em tentar garantir que ela não ia se lembrar da sua chegada – aquela memória, combinada com seu desaparecimento do necrotério, poderia levantar todos os tipos de perguntas que ele não precisava. Etienne procurou a mente dela com a sua, mas a achou estranhamente difícil de alcançar. Ele parecia não poder entrar em seus pensamentos.

Ele fez cara feia para essa reviravolta. A maioria das mentes eram livros abertos para ele. Ele nunca teve esse problema antes. Exceto Pudge, ele admitiu com um toque de arrependimento. Ele nunca foi capaz de passar pela dor e pela confusão da cabeça daquele menino para alcançar seus pensamentos e eliminar seu conhecimento da situação especial da família de Etienne. Se ele fosse capaz, as coisas nunca teriam chegado nessa conjuntura.

Ele se culpou. Etienne considerava sua inabilidade em separar a dor e a perda na mente de Pudge como um fracasso pessoal. Pudge sofreu muito nos últimos seis meses: a perda de Rebeca, a mulher que ele amava e estava noivo. Etienne a conheceu. Ela tinha sido uma processadora de alto calibre e tão doce quanto um dia de sol. Ela era especial. Sua morte num acidente de carro foi trágica. Para Pudge, virou seu mundo de ponta a cabeça. A morte subsequente de sua mãe terminou de empurrá-lo para um mundo de dor.

Etienne simplesmente não era forte suficiente para sofrer com o rapaz. Da vez que ele tentou, a dor da perda nos pensamentos de Pudge tocaram Etienne de um jeito que ele nunca admitiria. Ele não sabia como alguém conseguiria sofrer com o coração dolorido como Pudge sofreu, sem perder a cabeça. Etienne mal tocou esses sentimentos e saiu triste e terrivelmente deprimido. Pudge vivia isso 24 horas por dia, diariamente. Etienne entendeu completamente como o outro

homem valer-se-ia do conhecimento que ele acumulou a respeito do status sobrenatural de Etienne e usar isso para dar um propósito em sua vida. Isso deu ao garoto algo como um escudo entre ele e suas perdas.

Etienne sentiu dor e compaixão por aquele sujeito, ele se recusou a tentar separar seus pensamentos e tentar eliminar as mais perigosas memórias. Mas isso o deixou aberto aos ataques desse homem, o que não era o cenário ideal – como provou a última tentativa de homicídio desta noite. Era hora de tentar uma tática diferente. O problema era, Etienne não sabia o que isso deveria ser. Eliminar o problema parecia mais fácil, mas tal solução era sempre o último caso. Além do mais, Etienne não aceitava a idéia de matar alguém que estava sofrendo tanto. Seria como chutar cachorro morto.

Ignorando seus pensamentos que o chateavam, Etienne contemplou a ruína de novo, se perguntando por que ele parecia não poder entrar em sua mente. Perda e dor e estar à beira da insanidade não era o que ele estava sentindo daquela mulher. A única coisa que ele estava sentindo era uma infinita sensação de solidão, algo que Etienne estava acostumado a sentir.

Sua dificuldade agora devia ser porque ele estava muito fraco, ele decidiu. Bem, a febre daquela mulher combinada com a pancada na cabeça a convenceria que ela teve alucinações. A mulher alegou que ele era uma alucinação enquanto ainda estava consciente, então talvez fosse suficiente.

Os dedos de Etienne foram lambuzados com sangue quando ele colocou a cabeça dela de volta no chão. Depois de um momento de hesitação, ele levou os dedos ao nariz, sentiu seu aroma doce, depois arriscou uma lambida. Ele fez cara feia. A pobre mulher precisava de vitaminas ou algo do tipo; ela estava beirando à anemia ou talvez fosse só o resultado de sua doença.

A despeito dele mesmo, seu olhar foi para o pescoço dela. Ele estava faminto. Etienne lutou contra a tentação de mordê-la. Ele precisava de sangue, mas não o ajudaria se ele tirasse de alguém doente. E essa mulher estava definitivamente doente. A pele dela se sentiu no fogo sob as mãos frias dele e o rosto dela estava vermelho de sangue. O cheiro do sangue o estava deixando selvagem e fazendo seu corpo doer de fome. Seu corpo não se importava se ela estava doente e não o faria muito bem, ele sentiu cheiro de sangue e queria um pouco.

Forçando-se a se desfazer de seus mais básicos instintos, ele se endireitou, agarrando fracamente a beirada da mesa na qual ele estivera deitado para manter o equilíbrio quando a sala começou a balançar de novo. Ele estava esperando suas pernas recuperarem a força quando a porta atrás dele abriu de repente. Etienne virou a cabeça devagar. Um homem entrou e ficou parado dentro da sala.

“Quem?” O olhar do homem foi de Etienne para a mulher contorcida no chão, depois voltou para o peito nu e ensanguentado de Etienne. “Oh, cara!”

Mais para a diversão de Etienne o cara deu uma olhada em volta incontrolavelmente, depois continuou segurando o café que ele carregava como se o líquido quente fosse um elemento de dissuasão. “O que você fez para a Rach? O que você está fazendo aqui?”

“Rach?” Etienne deu uma olhada para a mulher no chão. Rach. Abreviatura de Rachel, sem dúvida. Um nome lindo para uma mulher linda. Uma linda mulher doente, pelo que dava para ver. Aquela mulher deveria estar em casa na cama. Ele deu uma olhada no novato. “Você também está doente?”

“Doente?” O sujeito se endireitou um pouco, perplexidade em seu rosto. Aparentemente essa era a última coisa que ele esperava ser perguntado. “Não”.

Etienne balançou a cabeça. “Bom. Venha aqui”.

“Eu...” A boca do homem congelou na recusa que ele estava para fazer, depois sua mão baixou e ele foi em frente como se estivesse sendo obrigado. O que, claro ele estava. Deixando o suco de laranja que ele segurava em uma das mãos e o café que ele carregava na outra pendurados do seu lado, o homem continuou em frente até parar em pé diante de Etienne.

“Eu preciso de um pouco do seu sangue. Eu preciso de muito sangue, mas só vou pegar um pouco de você”, Etienne explicou. Não que isso realmente importasse ou que ele esperasse permissão; o homem ficou quieto e parado, seu olhar desfocado.

Etienne hesitou. Ele não mordia ninguém há muito tempo. Em anos, na verdade. Isso era uma prática desaprovada pelo seu povo agora que existiam bancos de sangue. Mesmo assim, isso era uma emergência. Ele tinha perdido muito sangue e isso o deixou extremamente fraco. Ele precisava se alimentar para se recuperar o suficiente para chegar em casa.

Ele lançou um olhar para sua vítima pedindo desculpas, depois usou a mão na nuca do cara para inclinar sua cabeça, expondo bem seu pescoço. O homem enrijeceu-se e fez um leve ruído de protesto enquanto os dentes de Etienne perfuravam sua pele, mas ele relaxou com um gemido quando Etienne começou a beber. O sangue era quente e rico, nutritivo. Também era muito mais gostoso que o sangue frio e ensacado com que ele se acostumou. Isso lembrava Etienne do passado e ele bebeu um pouco mais do que ele pretendia. Só quando seu doador vergou-se fracamente sobre ele que ele se forçou a parar. Sentando o sujeito lenta e cuidadosamente na cadeira com rodinhas perto da mulher contorcida no chão, ele verificou o homem para ter certeza que ele não causou nenhum dano duradouro. Ele não causou.

Aliviado de achar o batimento do cara forte e firme, Etienne limpou a memória do sujeito com calma, depois se endireitou, seu olhar preso no recipiente que estava na mesa. Ele reconheceu imediatamente o objeto que estava dentro: uma bala. Sua mão se moveu para seu peito para esfregar ausentemente o

ferimento ainda cicatrizando, depois ele esticou a mão para pegar o recipiente e verificar sua etiqueta.

Era a bala que parou seu coração. A mulher tê-la retirado permitiu que seu corpo cicatrizasse. Do contrário, ele ainda estaria na mesa. Era uma prova de sua existência e não podia ser deixada para trás.

Guardando a bala no bolso, Etienne fez uma busca rápida na sala. Achando a papelada deixada lá pelos bombeiros, ele percebeu que ele teria que encontrá-los, limpar a lembrança do incidente de suas mentes, e pegar também a sua papelada. Ele supôs que teria relatórios e outras coisas que ele também teria que cuidar. Seria um projeto maior do que ele gostaria, e um no qual ele ia precisar de ajuda. O pensamento fez Etienne fazer caretas. Ele teria que chamar Bastien, o que significava que a família ia descobrir, mas não haveria ajuda para isso. Esse incidente teria que ser retirado da memória do povo.

Dominado pela resignação, Etienne pegou sua camisa e paletó destruídos, e fez mais uma busca rápida na sala para ter certeza que não estava deixando nada para trás. Depois ele pegou emprestado um dos jalecos pendurados na porta por um gancho. Ele terminou, achou um saco de lixo para a bala e para suas roupas estragadas, depois deixou rapidamente o necrotério. Bastien teria que ser chamado para ajudar a limpar. Etienne só esperava que seu irmão mais velho não contasse para sua mãe. Marguerite teria um ataque se ela tomasse conhecimento disso. Ela provou o sofrimento de Pudge através de Etienne logo depois da tentativa dele de ler o outro sujeito e, uma mulher de coração muito mole, ela concordou com Etienne que Pudge não deveria ser morto.

Mas ela não teve outra solução e ela ficou muito irritada com Etienne porque ele não foi capaz de ter idéias mais úteis.

Etienne fez cara de nojo enquanto ele saía rapidamente do subsolo do hospital. Ele odiava o fracasso de qualquer forma.

CAPÍTULO 2

“Bem, aquilo foi deprimente”, Etienne comentou enquanto ele abria caminho para sair do teatro lotado.

“Era para ser uma comédia”, sua mãe Marguerite disse se desculpando. “Foi anunciado como uma comedia”. “Bem, não passou nem perto disso”.

Ele deu um tapinha nas costas de Bastien. “Mesmo assim, feliz aniversário, irmão”.

“Obrigado”.

Bastien não parecia entusiasmado, mas Etienne não podia culpá-lo. Depois de 400 anos, comemorar aniversários era provavelmente um saco. Droga, depois de apenas 300 Etienne deixaria com prazer o seu próprio aniversário passar sem perceber, mas ele sabia que não seria mais sortudo que Bastien tentando evitar algum tipo de comemoração. A mãe deles insistia em comemorar o nascimento deles todo ano, não importando quantos anos se passaram. Marguerite Argeneau amava seus filhos. Ela era feliz por causa do nascimento deles e acreditava que a vida era para comemorar. Etienne achava que devia estar contente porque ela se importava. Era bom ter família.

“Oh, querido. Está chovendo”, Marguerite disse enquanto eles se juntavam à multidão esmagada sob a marquise do prédio. Os frequentadores do teatro estavam obviamente relutantes a enfrentar o aguaceiro.

“Hum”. Etienne deu uma olhada na chuva. Seu olhar passava sem interesse pelos carros que se moviam lentamente, mas parou abruptamente num carro estacionado do outro lado da rua. O reconhecimento veio como um raio. Parecia muito com o carro com o qual Pudge o atropelou. Aquele incidente aconteceu duas semanas antes do tiro, mas Etienne escapou. Seu corpo consertou em poucos minutos as fraturas do crânio e do Fêmur que ele teve. Com sorte, ninguém testemunhou o ataque ou a cicatrização espontânea.

Enquanto ele olhava, o carro de Pudge ligou, os faróis se acenderam e ele foi embora. Etienne tinha acabado de relaxar quando sua mãe perguntou, “Era ele?” Ele ficou imediatamente tenso de novo.

Sua mãe sabia de tudo. Ela estava aflita com a situação desde o tiro. Depois de ser perguntado varias vezes sobre o que ele pretendia fazer com seu agressor, Etienne foi obrigado a admitir que não sabia. Ele tentou tranquilizar sua mãe prometendo-a que ele seria mais cuidadoso e que tudo era realmente engraçado, mas ela não aceitou bem a idéia. Agora, aqui estava Pudge fazendo sua vida mais difícil.

“Não, tenho certeza que não era”, ele assegurou, depois tentou evitar outro sermão. “Vocês dois esperem aqui e eu trarei o carro”.

Ele saiu antes que eles pudessem discutir o problema. O teatro não tinha manobrista, mas Etienne tinha sido sortudo o suficiente para encontrar uma vaga há um pouco mais que meio quarteirão de distância. Ele estava grato por isso agora, escapando como ele estava de qualquer chance de sermão correndo pela chuva. Ele acenou com a cabeça para o atendente do estacionamento quando ele passou pela cabine, depois correu para o seu carro, apertando o botão no chaveiro para destravar as portas. Depois ele apertou o segundo botão para ligar o carro para ele, um aparelho pequeno fantástico que ele instalou uma semana antes se preparando para a chegada do inverno. Os invernos no Canadá podiam ser extremamente frios, e não havia nada mais desagradável do que entrar num carro gelado.

Ele estava há apenas alguns passos quando ele ligou o carro essa noite. Ele estava estendendo a mão para tocar a maçaneta quando ele ligou, e foi isso que o salvou. Se ele estivesse dentro do carro, a explosão o teria matado. Do jeito que foi, ele foi pego pela explosão, uma onda em brasa que o deteu e o jogou muitos passos para trás. Etienne cheirava a carne queimada, a dor irradiou pelo seu corpo e depois ele não sentiu nem soube de mais nada.

“Hei, você está de volta!”

Rachel deu uma olhada por cima da sua papelada com prazo de devolução vencido e sorriu para Fred e Dale, que empurravam para dentro da sala uma maca coberta. Era o seu primeiro dia de volta desde a noite que ela estava tão doente que ela desmaiou no trabalho. Ela acordou algum tempo depois e encontrou Tony ajoelhado sobre ela, fraco, pálido e afirmando que ele pegara sua gripe porque ele não estava se sentindo bem, também.

Rachel não se lembrava muito do desmaio. Ela tinha uma vaga lembrança, como se fosse um sonho, de Dale e Fred trazendo alguém para dentro, mas não se lembrava de nada mais do que isso e não havia nenhum corpo novo quando ela recuperou a consciência. Claro que tudo isso tinha sido parte de alguma alucinação causada pela febre, Rachel decidiu que a cama era o melhor lugar para ela e chamou o substituto. Ela perguntou se Tony também queria ser substituído, mas ele se sentiu melhor depois de alguns minutos e insistiu que ficaria bem.

Rachel esteve doente como um cachorro por uma semana. Ela também teve alguns dos sonhos mais estranhos, cheio de cadáveres bonitos com olhos prateados que se sentavam nas macas e falavam com ela. Mas eles acabaram quando ela começou a se sentir melhor e, pela primeira vez desde que ela conseguiu o emprego no turno da noite do necrotério do hospital, Rachel estava feliz por ter ido trabalhar.

Bem, de uma forma geral feliz. Ela era uma pessoa matutina e realmente odiava trabalhar à noite. Ela gostava da luz o dia. Trabalhar a noite toda e depois dormir o dia todo era irritante e a deixava mal-humorada e ela não conseguia

dormir à noite. Só depois de seu turno, quando Rachel se arrastava exausta para casa, que ela podia dormir, mas era um sono interrompido, o tempo todo, acordando depois dormindo de novo.

“Eu ouvi que você estava muito doente. Isso não é uma recepção muito boa. Desculpa”, Dale disse enquanto Rachel pegava a mesa e a empurrava para perto da maca.

“O que é isto?” Ela perguntou curiosamente.

“Crispy critter”², Fred puxou o lençol revelando os restos carbonizados de uma vítima de incêndio.

“Incêndio em casa?” Rachel perguntou fazendo uma careta.

“Explosão de carro. Ele foi pego pelo fogo”, Dale respondeu.

“É”. Fred ficou olhando para o corpo, depois sacudiu a cabeça. “O estranho foi que nós pensamos ter havido um batimento cardíaco. Colocamos na ambulância, nenhum batimento. Depois, na metade do caminho para cá, houve outro batimento. Depois nenhum batimento de novo. O cara não conseguia decidir se estava morto ou não, eu acho. O doutor o pronunciou morto quando chegamos aqui”.

Rachel deu uma olhada curiosa no cadáver e pegou a prancheta que Dale segurava. “Onde está Tony?” O bombeiro perguntou enquanto ele a observava assinar os papéis necessários.

“Ele está em casa. Doente”.

“Pegou sua gripe, não foi?” Fred riu.

“Não de mim. Da sua amiga enfermeira”. Rachel os observou colocando o corpo na mesa de aço, depois voltou para a prancheta.

“Então, eu ouvi que não vamos mais ter seu rosto risonho por aqui à noite”, Dale disse. “Parabéns”.

“Parabéns?” Rachel olhou para ele inexpressivamente.

“Porque você conseguiu o emprego de assistente do medico legista. Tony nos contou da última vez que estivemos aqui”.

Rachel ficou de queixo caído. “O quê?”

² Gíria americana utilizada para se referir a pessoas queimadas. Seria algo como “churrasquinho”.

Fred e Dale trocaram olhares, mas foi Fred quem finalmente disse, “Er... Tony disse que Bob lhe diria assim que você voltasse ao trabalho. Bob te contou, certo?”

Rachel ficou só olhando. Bob era Robert Clayton, o médico legista. Ele trabalhava no turno da manhã, mas aparecia com frequência para dar instruções e pegar relatórios no começo da noite. Ele não tinha feito isso essa noite. “Jenny me disse que ele estava doente também hoje. Eu acho que é a vez dele de pegar a gripe”, ela disse.

“Oh, droga, estragamos a surpresa”.

Rachel continuou olhando, mas se pegou sorrindo de orelha a orelha. Ela estaria fora do turno da noite em breve. Ela conseguiu! “Rapazes!” Rachel começou excitada, depois hesitou e perguntou, “Não é uma brincadeira, é? Vocês não estão mexendo comigo?”

Os dois disseram que não com a cabeça, mas pareciam pedir desculpas. “Não. Você conseguiu o emprego. Só tenta fingir estar surpresa quando Bob te contar. Não quero que Tony tenha problemas”.

Dale grunhiu quando ela se lançou em seu peito. Abraçando-o, ela apertou o mais forte que pode e riu feliz. “Conseguí o emprego! Obrigada, obrigada por me contar. Cara! É uma ótima notícia. Não trabalhar mais à noite. Não mais tentar dormir com o vizinho cortando a grama. Não mais não poder sair com os amigos porque eu tenho que trabalhar. É brilhante!”

“Acho que está feliz, então?” Fred riu quando ela libertou Dale e se virou para abraçá-lo.

“Oh, vocês nunca saberão”, Rachel disse divinamente. “Eu absolutamente, realmente odeio o turno da noite”.

“Bem, vamos sentir falta do seu rosto risonho”, Dale disse “Mas estamos felizes que você esteja feliz”.

“Sim. Apenas lembre-se de fingir estar surpresa quando Bob te contar”, Fred disse, dando um tapinha no seu ombro. Ele olhou para Dale. “Nós deveríamos voltar ao trabalho”.

Rachel ficou em pé, sorrindo enquanto eles iam embora, depois se voltou para a maca e examinou seu convidado. Ela teria que retirar seus pertences se ainda houvesse algo intacto, depois despi-lo, etiquetá-lo, e colocá-lo em uma das gavetas do freezer. Ela não conseguiria fazer isso sozinha; ela precisaria de ajuda para mover o corpo.

Uma olhada em seu relógio mostrou que era quase meia-noite. Beth devia estar chegando, uma substituta de meio expediente que trabalhava substituindo pessoas que estavam doentes. A mulher estava trabalhando bastante ultimamente.

Normalmente Beth era a mais confiável dos substitutos também, chega cedo e disposta a trabalhar até tarde, mas hoje ela teve um problema com o carro e ligou para avisar Rachel que ela se atrasaria. Ela estava esperando um amigo para dar carona para ela.

Ela estaria lá dentro de meia hora. Quando chegasse, Beth poderia ajudar a despir o cadáver, mas nesse ínterim, Rachel poderia retirar seus pertences e etiquetá-lo sozinha. Ela deu uma olhada no indivíduo azarado, então parou. Ele não parecia estar mal como aparentou estar à primeira vista. Na verdade, ele parecia muito melhor. Quando ela olhou para ele pela primeira vez, ele parecia estar quase todo carbonizado, com pouquíssima carne. Agora, muitas cinzas pareciam ter saído. Na verdade, Rachel percebeu, ele estava descascando e muitas das cascas estavam agora sobre a parte de cima da mesa de metal. Alcançando-o, ela escovou a pele do rosto dele, fascinada por ver a queimadura esfarelando, revelando uma pele mais saudável por baixo. Ela nunca tinha visto isso. Ele estava mudando a carne morta como uma cobra.

Rachel endireitou-se e ficou olhando, seu batimento acelerado. Como isso estava acontecendo? Se é que era mesmo o que ela estava pensando que estava acontecendo. Talvez não fosse a queimadura cicatrizando; talvez algo tivesse grudado nele na explosão. Talvez ele nunca tenha se queimado muito, ele só parecesse estar muito queimado. Rachel sabia que era bobagem; Dale e Fred eram excelentes bombeiros. Mesmo assim, ela se pegou procurando uma pulsação no pulso dele. Quando mais um pouco das cinzas caíram sob seus dedos, ela teve medo que interferisse fazendo-a não encontrar a pulsação, e se debruçou para pressionar seu ouvido no peito dele. Num primeiro momento ela se sentiu boba por procurar vida num homem morto, mas então ouviu um batimento. Rachel endireitou-se com espanto, depois abaixou o ouvido de novo. Houve silêncio por muito tempo, depois outro batimento.

A porta bateu atrás dela. “Fique longe dele! Ele é um vampiro!” Rachel endireitou-se e rodou olhando com surpresa para o homem que estava parado na porta. Ele parecia bem irritado. Não era só o uniforme do exército que ele usava embaixo do trench coat ³ que ele abriu, ou o fato de ele ter um rifle balançando numa alça pendurada em seu ombro e pendendo sob um braço, ou o machado que estava pendurado no outro. Tudo isso, mais seus olhos selvagens e sua expressão de fugitivo de um sanatório.

Rachel olhou para ele desconfiada e levantou uma das mãos. “Agora, veja, amigo”, ela começou em tons razoáveis. Foi o mais longe que ela conseguiu chegar. Ele investiu contra ela e a empurrou para o lado.

“Você não me ouviu? Fuja, moça, fuja! Ele é um vampiro. Um monstro. Uma fera da noite. Um filhote de demônio. Uma criatura dos infernos sanguessuga. Eu tenho que despachá-lo”.

³ É um casaco de chuva, feito em couro, algodão ou gabardine, com tamanho na altura do joelho ou um pouco maior: www.modaparausar.com/wp-content/uploads/2008/05/trenchcoat_1.jpg

Rachel agarrou a maca para não tropeçar, seus olhos arregalados enquanto o homem desatou seu machado e o levantou sobre seus ombros com as duas mãos. Ela não conseguia acreditar. O idiota realmente pretendia cortar a cabeça do cadáver dela. Se ele estivesse mesmo morto, ela lembrou a si mesma. Ela tinha ouvido um batimento cardíaco. Seu olhar lançou-se no homem em cima da mesa para ver que ainda mais cinzas tinham caído na mesa. Rachel podia vislumbrar suas características mais claramente e ele parecia familiar.

Sem parar para analisar a ação, Rachel se atirou entre eles e gritou “Não!” Ao mesmo tempo em que o louco desceu o machado. Ela percebeu seu erro ao mesmo tempo. Teria sido muito mais inteligente ter tirado o equilíbrio do cara ou algo do tipo. O balanço que ele fez mal ficou mais lento e Rachel perdeu a respiração com um “Unh” inconsciente quando o machado a atingiu. Isso aconteceu tão rápido que ela quase nem sentiu dor.

Seu agressor chorou chocado e tirou o machado, mas era tarde. Rachel soube, quando ela vergou de volta sobre a mesa, que tinha sido um golpe mortal. Ela rapidamente sangraria até morrer.

“Desculpa. Eu não queria...” O homem sacudiu a cabeça com pavor, depois tropeçou para frente.

A despeito dela mesma, Rachel esquivou-se dos braços dele instintivamente. Arrependimento e tristeza cobriram seu rosto.

“Me deixa te ajudar. Eu nunca quis te machucar. Por que você não ficou fora do caminho? É ele que eu...”

Ele se calou abruptamente quando um rangido familiar alcançou os ouvidos de Rachel. Ela reconheceu o som da porta que dava para o corredor abrindo e imaginou pelo suspiro que soou – sem falar da expressão do seu agressor – que ela estava certa. O rangido soou de novo e foi seguido pelas batidas de passos correndo no corredor.

“Eu sinto muito”, seu agressor falou enquanto olhava novamente para ela com uma expressão de tortura. “Sinto mesmo. Eu nunca quis te machucar. A ajuda está a caminho, mas eu preciso ir. Fique aí”, ele ordenou enquanto ele se afastava cambaleando. “O que quer que você faça, não morra. Eu não poderia viver com isso”.

Rachel ficou olhando para ele, com vontade de gritar, mas ela não teve força para isso. Um gemido atrás dela a fez instintivamente tentar virar. Ela virou, mas sua força acabou. Ela se viu caindo sobre o rosto da vítima da explosão.

Sangue, doce e quente. Etienne suspirou enquanto ele engolia. Isso amenizou a agonia que limitava seu corpo. Ele precisava desse fluido nutritivo escorrendo para dentro de sua boca e nem mesmo sua culpa por essa mulher levar o golpe que era para ele interrompeu sua alegria. Ele precisava desesperadamente do sangue dela e estava grato.

“Etienne!”

Ele reconheceu a voz de sua mãe, mas não parecia poder ver de onde ela estava vindo. Então o corpo quente deitado sobre ele foi de repente retirado e ele abriu os olhos em protesto para ver sua mãe debruçada sobre ele.

“Você está bem, filho?” Preocupação encheu seu rosto quando ela sentiu sua bochecha. “Dê-me uma dessas bolsas de sangue, Bastien”, ela ordenou. Ela voltou para Etienne. “Bastien insistiu para parar no escritório para pegar algumas. Graças a Deus ele insistiu”. Ela furou a bolsa com uma unha grande, depois a segurou sobre a boca aberta de Etienne. Ela fez isso com três bolsas antes dele se sentir forte o bastante para sentar.

Fazendo caretas para a visão de sua pele queimada descascando e caindo em volta dele, Etienne balançou suas pernas para fora da mesa e sentou com suas próprias forças. Ele não perdeu nenhum sangue na explosão, mas seu corpo usou muito sangue para consertar sua carne. Algumas bolsas a mais e ele estaria bem. Ele aceitou a próxima bolsa que sua mãe lhe estendeu e deu uma golada. Quando ela abriu a última para ele, Etienne avistou a mulher ao lado de quem Bastien estava ajoelhado.

“Ela vai ficar bem?” Seu irmão mais velho fechou a cara e balançou a cabeça. “Ela está morrendo”.

“Ela não pode morrer. Ela salvou minha vida”. Etienne ignorou o sangue que sua mãe segurava e forçou-se a descer da mesa.

“Sente-se. Você ainda não está forte o suficiente”, Marguerite disse, sua voz áspera.

“Eu estou bem”. Etienne se ajoelhou ao lado da garota, ignorando o murmúrio da sua mãe, “Claro que você está bem. E ‘Pokey não é uma ameaça, é tudo brincadeira.’ Tudo são brincadeiras e jogos até alguém tomar uma machadada no peito”.

“Pudge, não Pokey”, Etienne corrigiu, esticando a mão para verificar a pulsação da garota que estava morrendo. Ele a reconheceu de sua última visita ao necrotério. Ela era bonita e estava tão pálida agora quanto estava da última vez – mas daquela vez sua palidez tinha sido causada por uma doença. Dessa vez ela estava perdendo sangue. Etienne estava ciente que um pouco do sangue dela tinha descido por sua garganta. A mulher havia salvado a sua vida. Ele estivera fraco, mas viu-a saltar entre ele e o machado que Pudge manejava.

“Eu tentei parar o sangramento, mas receio que seja muito tarde”, Bastien disse em voz baixa. “Nada pode salvá-la”.

“Uma coisa pode”, Etienne contestou. Ele tentou arregaçar as mangas. O tecido frágil arrebentou em seus dedos, então ele só arrancou-as.

“O que você pensa que está fazendo? Você não pode transformá-la”, sua mãe disse.

“Ela salvou minha vida”, Etienne repetiu.

“Nós temos regras sobre essas coisas. Você não pode transformar pessoas indiscriminadamente e você não pode fazer isso sem autorização”.

“Eu posso transformar um companheira”.

“Companheira!” Sua mãe pareceu empolgada ao invés de aborrecida. Bastien parecia preocupado.

“Você nem conhece essa mulher Etienne”, seu irmão chamou sua atenção para esse fato. “E se você não gostar dela?”

“Então eu não vou ter uma companheira”.

“Você desistiria de ter uma companheira por essa mulher?” Bastien perguntou.

Etienne parou, depois simplesmente fez que sim com a cabeça. “Sem ela, eu não teria uma vida”. Ele inclinou sua cabeça e se mordeu no pulso. Um líquido vermelho borbulhou na superfície, e um minuto depois ele tirou seus dentes e pressionou sua pele fazendo-a sangrar dentro da boca da garota moribunda.

“Agora, tudo o que podemos fazer é esperar”. Marguerite se endireitou e virou-se para seu filho. “Agora nós temos que cuidar de você”.

“Eu estou bem”, Etienne murmurou. Seu olhar fixo na mulher na sua cama. Eles a tinham tirado do hospital e levado-a para a casa de Etienne. Sua mãe e Bastien despiram-na, amarraram-na na cama, e colocaram um dispositivo intravenoso no seu braço para alimentá-la do sangue que ela ia precisar para facilitar as mudanças. Etienne não sabia o que esperar. Ele nunca tinha testemunhado uma transformação. Ele não estava muito certo de que estava indo tudo bem. A mulher tinha ficado quieta e parada depois que ele despejou seu próprio sangue pela garganta dela, mas no carro no caminho para casa, ela começou a gemer e a se debater. Etienne ainda não tinha certeza de que ele não tinha agido tarde demais, mas ele estava um pouco mais esperançoso.

“Você não está bem. Sua pele queimada ainda está caindo e está terrivelmente pálido. Você precisa de sangue e repouso”.

“Eu posso tomar sangue aqui”.

“Você precisa deitar”, sua mãe insistiu, “Você está cambaleando”.

“Eu me encarrego disso” Bastien anunciou e pegou o braço de Etienne.

Etienne pensou em argumentar, mas ele não teve forças, então ele deixou seu irmão conduzi-lo sem protesto.

“Qual quarto?” Bastien perguntou, parando no corredor do lado de fora. “Você já terminou de mobiliar os quartos de hóspedes?”.

“Não”. Etienne fez uma careta. “Mas meu caixão está em meu escritório”.

“Meu Deus! Você ainda tem aquela coisa?” Bastien tremeu de desgosto. “Eu me livrei do meu no exato momento em que eles se tornaram desnecessários. Eu não sei como você pode ainda tê-lo”.

“Ajuda-me a pensar”, Etienne disse. “Eu tenho algumas das minhas melhores idéias nele”.

“Hummm”. Bastien o conduziu pelo corredor, descendo as escadas e para a parte de trás da casa. As escadas para o porão estavam situadas no canto de trás da cozinha. Seu irmão o instou a descer, segurando seu braço enquanto ele cambaleava cada vez mais. Logo ele colocou Etienne no caixão no canto de seu escritório. “Eu já volto”, ele anunciou.

Etienne murmurou uma resposta cansada e fechou seus olhos. Ele estava exausto e cada vez mais doído. Ele precisava de mais sangue e sabia que Bastien tinha ido buscar para ele.

Apesar da crescente dor do seu corpo atacando a si mesmo em busca de mais sangue, Etienne dormiu. Ele acordou muito tempo depois para sentir uma cutucada em seu braço. Abrindo seus olhos, ele encontrou Bastien debruçado sobre ele, colocando o IV na veia embaixo do seu cotovelo.

“Eu pareço a Lissiana para você?” Ele perguntou irritado.

Ele tentou tirar seu braço, mas Bastien era mais forte.

“Não. Você não parece a Lissiana. O rosto dela não está descascando”, seu irmão respondeu secamente. “Eu teria te trazido dez virgens núbéis para você banquetear-se, mas não consegui achar nenhuma. Virgens estão em falta hoje em dia, você sabe”.

Etienne deu uma risada fatigada e relaxou.

“Mais seriamente”, Bastien disse enquanto ele colocava o dispositivo intravenoso em Etienne, “Você precisa de muito sangue e muito repouso. É mais fácil desse jeito. Eu vou trocar as bolsas enquanto você dorme. Você estará normal novamente de manhã”.

Etienne concordou com a cabeça. “Você acha que a garota vai sobreviver?”

Bastien ficou quieto por um tempo, depois suspirou. “Nós temos que esperar para ver. Eu acordo você se... algo acontecer”, ele finalizou.

Etienne fechou os olhos tristemente. “Se ela morrer, você quer dizer. E se ela morrer, será tudo minha culpa. Eu devia ter feito alguma coisa sobre o Pudge”.

“Você não pode se culpar, Etienne. É difícil saber como lidar com tal sujeito. Eu não tive nenhuma idéia, e eu estive refletindo sobre o problema desde o tiro. Embora nós definitivamente tenhamos que resolver isso”. Ele se ajeitou e franziu a testa. “Vou chamar o Lucern e ver se ele tem alguma idéia. Nós iremos discutir isso depois, quando você estiver se sentindo melhor. Você só descansa por enquanto”.

Já era de manhã quando Etienne acordou. Ele estava de volta ao velho Etienne e se sentindo 100% de novo. Deitado na escuridão silenciosa, ele pôde sentir a presença de sua mãe e irmão em sua casa. Ele também pôde sentir a presença dela. Ela sobreviveu.

Saindo com cuidado de seu caixão, ele removeu o dispositivo intravenoso de seu braço, pegou o suporte do dispositivo, e o carregou para o andar de cima com ele. Ele o guardou no armário da cozinha onde ele o mantinha para emergências ou visitas de sua irmã, depois continuou subindo pela casa escura e silenciosa.

Ele encontrou sua mãe e seu irmão na sua cama, vigiando a mulher.

Ela estava gemendo e se contorcendo na cama. Seu cabelo era um emaranhado úmido em volta de seu rosto febril e corado. Etienne franziu a testa. “O que há de errado com ela?” Ele perguntou ansiosamente.

“Ela está se transformando”, sua mãe disse simplesmente.

A atitude calma de Marguerite o acalmou de algum modo; então Etienne notou as bolsas vazias de sangue empilhadas na mesa de cabeceira. Havia uma dúzia delas. Ao mesmo tempo em que ele notou isso, sua mãe ficou de pé e começou a remover do suporte do dispositivo intravenoso outra bolsa vazia. Como se eles tivessem feito isso muitas vezes, o que obviamente eles fizeram, Bastien também ficou de pé e foi até a pequena geladeira de bar que Etienne colocou no canto do quarto. Ele voltou com sangue fresco.

“Por que ela está precisando de tantas?” Etienne perguntou.

“Havia muitos danos, filho. Ela perdeu muito sangue por causa do ferimento, e também haviam 30 anos de vida a serem reparados”.

Etienne relaxou um pouco mais. “Vai levar quanto tempo mais?” Marguerite encolheu os ombros. “Depende”.

“De quê?”

“De quais danos precisam ser reparados”.

Etienne olhou de cara feia. “Ela parecia suficientemente saudável, talvez um pouco anêmica, mas...”

“Ela pode ter tido qualquer coisa em seu corpo, filho”, Marguerite disse gentilmente. “Câncer, leucemia, qualquer coisa. Você não pode sempre saber pelas aparências físicas”.

Tranqüilizado, Etienne acomodou-se no canto da cama.

“Você parece melhor”, Bastien comentou. “Como você está se sentindo?”

“Bem”. Etienne olhou para suas mãos. Todo traço de queimadura tinha sumido; pele rosa e saudável cobria suas mãos e braços. Ele sabia que o resto dele estaria do mesmo jeito. Ele teria que aspirar o caixão depois, porém, porque ele tinha deixado a maioria da pele queimada lá dentro. “Você conseguiu encontrar Lucern?”

Bastien confirmou com a cabeça. “Ele está vindo essa noite, para que nós possamos discutir o assunto. Nesse meio tempo, há muito controle de danos para fazer”.

Etienne ergueu as sobrancelhas. “O que aconteceu?”

“Ela foi a notícia. Aparentemente, alguém viu Pudge no escritório do médico legista e foi procurar ajuda. Essa ajuda deve ter chegado depois que nós saímos de lá com vocês dois, porque a reportagem diz que eles suspeitam que esse ‘homem camuflado e armado’ a seqüestrou. Eles colocaram retrato falado de Pudge. Eles não sabem quem ele é, mas estão procurando por ele”.

“Isso pode funcionar a nosso favor”, Etienne disse.

“Sim. Se nós pudermos fazer com que ela concorde com uma história de seqüestro, isso resolveria o problema do Pudge para você”.

Etienne concordou com a cabeça, depois olhou para sua mãe. Ela estava sentada dizendo que não com a cabeça. Já estava bem de manhã, havia passado da hora que eles normalmente teriam ido para a cama. “Eu posso tomar conta dela agora. Vocês dois devem ir descansar um pouco”.

“Sim”. Bastien ficou de pé, depois foi instar sua relutante mãe a ficar de pé. “Nós voltaremos à noite”, ele disse enquanto ele a conduziu para a porta.

Marguerite voltou seus olhos sonolentos para Etienne. “Ela não deve precisar de muito sangue mais. Talvez uma bolsa ou duas. A febre deve acabar logo. Eu acho que ela está muito perto de ser transformada. Seu ferimento está quase todo cicatrizado. Ela provavelmente acordará essa noite”.

“Sim, mãe”. Etienne os seguiu até a porta.

“E você deve estar pronto para remover as amarras logo. Você não quer que a pobre garota acorde e se encontre como uma prisioneira”.

“Sim. Claro”.

“Etienne”, Marguerite adicionou com uma voz solene o que sinalizava que o que ela ia dizer era importante. “Você nunca presenciou uma transformação antes, então eu tenho que adverti-lo – os pensamentos de Rachel não estarão muito claros por um tempo depois que ela acordar a primeira vez”.

“O que você quer dizer com isso?” Etienne perguntou.

“Pessoas transformadas geralmente ficam confusas e com a mente fechada após acordar. Eles tem problema para aceitar a evidência diante deles sobre seu novo estado e eles lutam com isso – e suas mentes estão freqüentemente em tal alvoroço que suas habilidades de argumentação melhoram muito. Ela pode surgir com todos os tipos de desculpas para o que está acontecendo aqui, muitas delas bizarras. Apenas seja paciente com ela até sua mente clarear e ela poder aceitar. Tente não agitá-la muito”.

Etienne concordou com um movimento lento da cabeça, digerindo as palavras de sua mãe. “Ok, eu farei o meu melhor”.

“Eu sei que vai, filho”. Sua mãe acariciou sua bochecha, depois seguiu Bastien até a porta. “Nós voltaremos mais cedo para ajudar”, foram suas últimas palavras antes da porta se fechar atrás dela.

Etienne sorriu sozinho. Família era bom, ele pensou enquanto voltava para sua paciente.

CAPÍTULO 3

Rachel sentia dor em todo lugar. Seu corpo era uma massa de dor e, por um momento, ela teve certeza que ainda estava com a gripe que a tinha deixado muito mal. Mas quando ela abriu seus olhos, Rachel viu imediatamente que ela não estava embrulhada em sua cama em casa. Na verdade, ela nunca tinha visto o quarto onde estava.

Ela estava lutando para entender como ela tinha chegado lá, e onde exatamente era esse lugar, quando memórias atolaram-na – memórias confusas e aleatórias, um homem loiro debruçando-se ela, segurando-a quase na vertical e instando-a a beber, embora não houvesse nenhum copo. Mas ela se lembrava de um fluido quente e denso na sua língua. Rachel também teve um clarão de um homem louco de calça cáqui e trench coat manuseando um machado. Ela se lembrou de uma dor terrível em seu peito, que foi seguida de uma memória de Fred e Dale dizendo pra ela que ela tinha conseguido o emprego de assistente e sairia do turno da noite logo. As memórias pareciam fora de ordem, mas a última era boa e a fez sorrir enquanto ela ficava consciente e perdia a consciência logo em seguida. Então Rachel lembrou de uma conversa confusa que ela ouviu – uma que fez pouquíssimo sentido para ela na hora e ainda não fazia, mas tinha algo a ver com companheira e transformação. Transformação em que e como ela não conseguia lembrar. Em geral, as memórias eram esparsas e faziam pouquíssimo sentido.

Rachel abriu seus olhos de novo e olhou em volta. Era um quarto azul, com uma decoração moderna e elegante, pinturas abstratas e lâmpadas prateadas em cada lado da cama. Rachel ainda não tinha certeza de onde ela estava ou como ela tinha chegado lá, mas ela estava tão fraca e exausta que ela decidiu que não se importava e iria descansar. No momento que seus olhos se fecharam lentamente, porém, ela teve um clarão de um machado a atingindo.

Rachel abriu seus olhos e o terror a consumiu. Ela tinha sido abatida por um golpe de machado e ela tinha certeza que tinha sido mortal. Pelo menos, sem ajuda teria sido. Rachel tinha uma vaga recordação do seu agressor, depois um homem com olhos prateados debruçado sobre ela, dizendo para ela descansar e conservar suas forças enquanto ele verificava seu ferimento. Ele era parecido com o homem que assombrou seus sonhos enquanto ela esteve gripada, mas esse homem tinha cabelos escuros enquanto o homem dos seus sonhos era loiro.

Obviamente, a ajuda tinha chegado. Rachel só queria que seus pensamentos fossem um pouco menos turvos. Embora a lembrança de ter sido abatida pelo golpe de um machado explicasse a dor no seu peito, não explicava a dor no restante do seu corpo. Também não explicava onde ela estava. Ela realmente deveria estar num hospital. Mas esse definitivamente não era um hospital.

Rachel olhou para as cortinas que cobriam as janelas. Elas brilhavam nas beiradas com a luz do sol tentando entrar. Obviamente já era dia. Ela desejou que as cortinas tivessem sido deixadas abertas para que ela pudesse talvez entender onde ela estava.

Puxando o cobertor com o qual ela se cobria para o lado, Rachel sentou-se com dificuldade, depois olhou para ela mesma. Ela estava completamente nua. Aquilo era interessante. Ela nunca dormiu nua e os hospitais geralmente colocavam aqueles aventais horríveis. Bem, isso era um problema, e ela não tinha idéia do que pensar disto.

Ela se mexeu agitadamente na cama, depois deu uma olhada para baixo curiosamente quando algo apertou seu braço. A visão de um dispositivo intravenoso perto da curva de seu cotovelo a fez parar. Seu olhar seguiu o tubo transparente que levava à bolsa pendurada no suporte do dispositivo intravenoso. A bolsa estava murcha e vazia, mas uma gota ou duas do líquido ainda restava – o suficiente para ela reconhecer como sangue. Ela obviamente precisou de uma transfusão.

Esse pensamento a fez olhar para o seu peito de novo procurando um ferimento. Ela recordava distintamente do machado atingindo seu corpo, embora não houvesse nenhuma atadura e nenhum sinal de lesão a não ser uma fina cicatriz que marcava seu peito da omoplata até o topo de um dos mamilos. Seus olhos se arregalaram incredulamente sobre a cicatriz, e ela ficou quieta quando se deu conta do que aquilo significava. Semanas, talvez até meses, tinham passado desde o ataque.

“Meu Deus”, Rachel sussurrou. Quanto tempo ela tinha dormido? Ela esteve em coma? Ela estava num hospital especial para casos de coma? Isso era quase tranquilizante, até ela lembrar-se da promoção que ela acabou de conseguir no trabalho. Se ela ficou em coma por meses, ela deve ter perdido o cargo para outra pessoa. Droga, ela provavelmente tinha perdido o emprego para sempre. Mas então por que o sangue? Ela quis saber e deu uma olhada para a bolsa vazia do dispositivo intravenoso. Ela poderia entender a necessidade de uma transfusão logo depois do ataque, mas se tinha passado meses, certamente ela não precisaria disso de novo agora.

Sua mente girava com as perguntas, Rachel se livrou do tubo com um puxão, deixando o dispositivo intravenoso no lugar do seu braço, depois deslizou os pés para fora da cama e tentou ficar de pé. Rachel fez muito esforço para conseguir isso. Quando ela conseguiu, Rachel ficou de pé fraca e levou em conta sua idéia. Foi um rápido momento de reflexão. Tanto quanto seu corpo parecia querer se arrastar de volta para a cama e descansar e se recuperar, ele também ansiava por algo que repouso não poderia dar. Ela não sabia o que era, só que ela tinha um anseio que precisava ser preenchido. Até mesmo se ela tivesse sido capaz de ignorar esse anseio – embora ela tivesse quase certeza que não seria capaz se tivesse tentado – sua mente também tinha um anseio. Ela queria saber onde ela estava, o que tinha acontecido com o homem que a atacou e se o homem

da mesa de aço realmente estava vivo como ela suspeitou, ou se ela tinha arriscado a vida por um homem morto.

Teria sido muita sorte se ela tivesse se ferido, ficado meses em coma e agora tivesse uma linda cicatriz por um homem morto. Sentindo-se um pouco irritada e fortalecida por isso, Rachel seguiu em direção à porta, depois parou de repente quando ela se lembrou que estava nua. Ela não poderia andar pela casa nua.

Rachel verificou a gaveta na mesa de cabeceira mais próxima mas não encontrou nada além de alguns livros que ela já tinha lido. Alguém tinha bom gosto, ou pelo menos, gosto parecido com o dela.

Seu olhar deslizou pelo quarto sombrio para as três portas que levavam para fora do quarto. Havia uma a sua direita na parede atrás da cama, uma exatamente na frente da parede paralela à cama, as duas com tamanho normal. Do outro lado do quarto, na direção do pé da cama, entretanto, tinha uma porta dupla que mais parecia um armário. Elas pareciam estar muito longe, e ao mesmo tempo em que Rachel tinha certeza que poderia alcançá-la, ela ficaria sem graça de ser pega nua na metade do caminho. Além disso, ela não tinha garantia nenhuma que teria roupas lá.

Depois de um momento pensando, ela tirou o lençol debaixo do edredom e o colocou em volta de seu corpo como uma toga. Então ela foi em direção à porta na parede paralela à cama, considerando que esta era a que mais parecia levá-la a um corredor e a algumas respostas.

Como ela esperava, a porta levava a um corredor, mas definitivamente não era o corredor de um hospital. Ela parecia estar numa casa – uma casa muito bem decorada. Seu olhar se movia lentamente apreciando os tons neutros de terra do corredor. Ela tinha decorado o seu apartamento com as mesmas cores e as achou quentes e convidativas.

Mas a decoração não era a sua maior preocupação agora, Rachel lembrou a ela mesma. O quarto do qual ela tinha acabado de sair era no final do corredor. Muitas portas iniciavam o corredor que se alongava diante dela, mas não havia nenhuma evidência da presença de outras pessoas. Rachel passou de um pé para o outro na porta e pensou no que fazer, mas no fim não parecia ter muita escolha. Ela podia ficar onde ela estava e esperar que alguém viesse até ela ou ela poderia procurar alguém que respondesse suas perguntas.

Esse anseio decidiu por ela. Rachel saiu pela porta e caminhou pelo corredor. Ela não pensou em verificar as portas pelas quais passou. A casa estava tão silenciosa, parecia gritar no vazio, pelo menos nesse andar.

As coisas não pareciam estar muito promissoras quando ela chegou ao patamar da escada. Olhando para a entrada abaixo, ela franziu a testa para a escuridão e para o silêncio que a atingiam. Certamente ela não estava sozinha nessa casa. Alguém tinha que ter trocado as bolsas do dispositivo intravenoso.

Suas pernas ainda estavam um pouco trêmulas, mas Rachel pôde descer as escadas sem nenhum acidente, então ela ficou parada na entrada e olhou em volta. Todas as janelas estavam cobertas. Esta parte da casa estava tão fechada para o sol quanto o quarto. Rachel instintivamente tentou virar a maçaneta do que parecia ser a porta de entrada, mas a encontrou fechada. Era uma fechadura velha, que precisava de chave para abrir. Não havia nenhuma chave por ali, embora ela tenha procurado na mesa que estava próxima.

Desistindo da porta, Rachel começou a andar pelo corredor procurando por alguém, qualquer pessoa, que pudesse explicar onde ela estava. Ela passou por incontáveis quartos cheios de escuridão e sombras, mas obviamente sem nenhum habitante humano. No final do corredor, ela abriu a porta e se viu no que parecia ser uma cozinha. Ali ela parou e olhou em volta para as formas escuras de uma geladeira, um fogão, uma mesa e cadeiras. Ela estava quase desistindo da cozinha quando ela percebeu o brilho suave de luz vindo debaixo de uma porta no lado contrário.

Excitação percorreu Rachel neste primeiro sinal de alguém além dela estar presente. Foi rapidamente seguida de medo. Mas ela deixou o medo de lado e foi até a porta. Esta a levava a outra escada, ela reparou com consternação quando abriu a porta. Havia uma luz acesa. Rachel hesitou no patamar da escada, sem ter certeza do que fazer. Sua força parecia estar diminuindo de novo, as cólicas voltando. Era como a gripe, porém mais intensa e dominante de cada porção do seu corpo.

“Olá”, ela gritou com esperança.

Claro que não houve resposta. Ninguém veio correndo para explicar ou ajudar. Rachel estava andando por uma casa escura e vazia, arrastando um lençol como se fosse um vestido antiquado.

“Eu estou num romance gótico”, ela murmurou para ela mesma ironicamente, mas não conseguiu sorrir. Ela realmente sentia como se estivesse. Isso a fez ter estranhos pensamentos – como, talvez ela estivesse morta e esse fosse o inferno. Ou poderia ser o céu. Rachel tinha quase certeza que ela não tinha feito nada em sua vida para ir para o inferno. Exceto... Talvez ela não teve a extrema unção. Os padres dizem que se você morrer sem...

Rachel colocou esses pensamentos deprimentes de lado e começou a descer as escadas. Melhor saber com o que ela estava lidando do que não saber. Ignorância não era felicidade.

Ela desceu as escadas, apesar de quase não conseguir. Dor e fraqueza estavam realmente começando agora. Suas pernas eram quase emborrachadas com a combinação até ela descer o último degrau da escada e pisar o chão atapetado do porão. Esse lugar não podia ser o inferno, ela decidiu quando seus pés cravaram no carpete de pelúcia. Certamente o inferno não era tão bem mobiliado.

Talvez fosse um sonho. Talvez ela não tivesse acordado de verdade ainda. Essa idéia era muito mais fácil de aceitar. Rachel até gostava dela. Era certamente muito melhor do que estar morta. Sonhos podiam ser divertidos. Contanto que eles não se transformassem em pesadelos.

Ignorando aquele pensamento inquietante, ela permitiu que seu olhar deslizesse pelas portas disponíveis para ela. A primeira porta estava aberta e revelou o que parecia ser uma lavanderia no pouco de luz que vinha do corredor. A segunda porta se abriu para o que parecia ser uma adega com todos os tipos de vinho. Restava a terceira porta, a única com luz saindo de trás dela.

Rachel respirou bem fundo, então abriu a porta. À primeira vista, esta sala parecia ser um tipo de sala de segurança. Equipamentos de informática forravam a grande mesa em forma de L que cobria duas paredes. Havia pelo menos quatro computadores, e o mesmo número de monitores. Mas a idéia de que era uma sala de segurança foi desfeita quando ela percebeu que as imagens na tela não eram dessa casa.

Ela entrou no quarto para olhar melhor as imagens. Uma era uma imagem pausada de uma floresta noturna fantasmagórica. A outra era a imagem de uma casa velha até mais sinistra do que esta. A terceira mostrava uma imagem congelada de computador de uma mulher muito bonita apertando uma cruz que ela segurava estendida como se fosse repelir o mal. O último monitor estava apagado.

Fascinada pela mulher, Rachel ignorou o resto da sala e ficou em frente àquele monitor. Ela era bonita, com cabelos escuros e longos e com grandes olhos prateados. Ela também parecia conhecida.

“Eu conheço você”, Rachel murmurou para a foto, “De onde eu conheço você?”

A mulher parecia ser parte do grupo de lembranças que flutuavam em sua cabeça.

“De onde eu conheço você?”, Rachel repetiu um pouco mais alto, como se esperasse que o monitor respondesse. Não respondeu, mas um rangido repentino atrás dela sim. Rachel girou, o cabelo em sua nuca arrepiado. Havia um caixão velho na parede perto da porta que ela não tinha visto quando entrou, e agora sua tampa estava sendo levantada vagarosamente até que uma mão pálida que a estava impulsionando pode ser vista. Continuou a ranger até estar todo aberto, revelando um pulso, um braço, e depois um ombro.

Foi só um minuto, mas pareciam horas; então Rachel parou de respirar com um ungh e suas pernas cederam enquanto o ocupante do caixão sentou-se. Rachel caiu no chão, ajoelhada, boquiaberta enquanto o homem loiro do seu sonho olhava em volta até ele localizá-la.

“Oh”. Ele pareceu surpreso com sua presença. “Olá. Eu pensei ter ouvido alguém falando, mas eu não senti sua presença, então eu não tinha certeza se eu não estava só sonhando. Eu deveria saber. Eu me preocupei que você acordasse sozinha e ficasse com medo”.

“Oh, droga”, Rachel suspirou quando a sala começou a girar. “Eu vou desmaiar”.

“Verdade?”, ele perguntou. “Parece que você faz muito isso”.

Rachel caiu de bunda fracamente quando os músculos de suas coxas viraram massa de vidraceiro. Entretanto, ela não desmaiou, e depois de um tempo a sala foi girando mais devagar e parou. Ela até foi capaz de perguntar, “Quem é você?”

“Desculpa”. Ele fez uma cara e saiu rapidamente de seu caixão com um movimento delicado, então deixou a tampa fechar. “Rude da minha parte não me apresentar. Sou seu anfitrião”, ele anunciou com uma reverência nobre. “Etienne Argeneau ao seu serviço”.

“Você é o cara morto!” Rachel prendeu a respiração quando ele chegou perto. Ela notou seus olhos prateados.

“Você se lembra de mim”. Ele parecia satisfeito com as notícias, embora ela não pudesse imaginar o porquê. Rachel certamente não estava satisfeita em ver-se conversando com um homem morto – um homem que, na verdade, morreu duas vezes, ela se deu conta. Era fácil reconhecê-lo como a vítima do tiro que ela conseguiu se convencer que tinha sido uma alucinação provocada pela febre, mas ela levou um pouco mais de tempo para reconhecê-lo como o crispy critter da noite passada... Ou quando quer que ela tenha impedido o homem armado de cortar a cabeça dele, ela se corrigiu. Ela fechou a cara ao lembrar-se do ataque.

“Afastese, ele é um vampiro”, o homem louco gritou.

O olhar de Rachel deslizou para o caixão, depois de volta para o seu auto-proclamado anfitrião. Não existiam essas coisas de vampiro. Mas esse cara acabou de sair do caixão e aparentemente ressuscitou duas vezes.

“Vampiro?” ele ecoou a palavra com entusiasmo, fazendo Rachel perceber que ela tinha falado alto. “Agora, o que fez você pensar que eu sou um vampiro?”

Rachel olhou boquiaberta para ele, depois olhou para o caixão dele. Seu anfitrião seguiu o olhar dela, e sua expressão tornou-se ligeiramente encabulada. “Bem, eu entendo que dormir num caixão seja um pouco estranho, mas isso ajuda a clarear minhas idéias. Além disso, você estava na minha cama e eu não achei que você iria gostar que eu me juntasse a você”.

Rachel sacudiu a cabeça. Não. Ela não ficaria feliz de acordar com um estranho em sua cama. Especialmente um estranho morto. Isso seria levar a idéia

de trazer trabalho para casa um pouco longe. Não que ela estivesse em casa, ela se lembrou.

“Onde eu estou?” Parecia uma pergunta óbvia naquele momento.

“Na minha casa”, seu anfitrião respondeu prontamente. “Minha mãe quis te levar para a mansão da família, mas eu insisti para trazermos você para cá”.

“Ah”, Rachel fez um sinal com a cabeça como se sua pergunta tivesse sido respondida, depois perguntou, “Sua mãe?” Vampiros tem mãe? Ela supôs que sim. Eles eram feitos, não chocados. Ou eles eram transformados ao invés de feitos? Rachel estava um pouco fora do foco da questão.

Ciente que ele estava indo na sua direção, ela instintivamente pôs a mão na cruz que normalmente está pendurada em volta do seu pescoço. Não estava lá, é claro. Burrice imaginar que estaria, Rachel supôs. Seu anfitrião não ignoraria tal ameaça ao seu bem estar. Sem a cruz, ela fez a única coisa que ela conseguiu pensar em fazer – ela fez uma cruz com seus dedos e a estendeu na direção dele. Ela ficou impressionada quando viu que funcionou e seu anfitrião parou.

Ele não parecia exatamente horrorizado, entretanto. Inclinando sua cabeça, ele parecia mais curioso do que com medo. Ele disse, “Eu só pensei que você ficaria mais confortável numa cadeira”. Aparentemente não afetado por sua cruz improvisada, o homem então a arrastou para seus braços.

Enganchando a cadeira com seu pé, ele a tirou com um puxão, e antes que Rachel pudesse tomar fôlego suficiente para protestar ou gritar, ele a colocou na cadeira. Ele então deu um passo atrás para apoiar-se na mesa em forma de L. “Então, me fale um pouco sobre você”, ele sugeriu num tom falante. “Eu sei que seu nome é Rachel Garret e que você trabalha no necrotério do hospital, mas...”

“Como você sabe disso?” Rachel disse bruscamente.

“Estava no seu crachá do hospital”, ele explicou.

“Oh”. Seus olhos estreitaram-se. “Como eu vim de lá até aqui?”

“Nós trouxemos você”.

“Por quê?”

Ele pareceu surpreso. “Bem, eles não poderiam ajudar você, e nos sabíamos que você precisaria de tempo para se ajustar”.

“Ajustar a quê?”

“À sua mudança”.

“Mudança?” ela rangeu. Rachel estava começando a ter um sentimento muito ruim. Antes que ele pudesse responder, ela deixou escapar, “Um homem maluco me atingiu com um machado”.

Seu anfitrião confirmou com a cabeça solenemente. “Você salvou minha vida levando aquele golpe. Obrigado. Eu não poderia fazer menos em retribuição”.

“Não poderia?” Ela franziu a testa pela sua declaração, quase perguntando como ele a salvou, mas ela de repente não teve certeza se ela queria saber. Afinal, o homem não negara ser um vampiro.

Reconhecendo a natureza ridícula de seus pensamentos, Rachel sacudiu a cabeça. Não existiam essas coisas de vampiros, e até mesmo considerar isso... Bem, esse caminho leva à loucura. Ao invés disso, ela perguntou, “Quando foi isso? Eu me refiro ao ataque”.

“Na noite passada”.

Rachel piscou confusa. “Na noite passada, o quê?”

“Na noite passada que você foi machucada”, ele explicou pacientemente.

Rachel começou a sacudir sua cabeça imediatamente. Isso era impossível. O ferimento estava curado e só restara uma cicatriz. Ela olhou para baixo e puxou sua toga improvisada para o lado só para ter certeza que ela não tinha imaginado isso, então congelou, seus olhos arregalados. A cicatriz se fora. Colocando a mão sob o lençol, ela cutucou a pele sem ferimento incrédula, como se tocar a pele fizesse a cicatriz reaparecer, mas não aconteceu.

“Nós cicatrizamos mais rápido que os mortais”.

“Nós?” Rachel ecoou. “Mortais?” Sua língua pareceu seca e pesada. De difícil controle. Mas, de algum modo ela formou as palavras. Pelo menos, ele pareceu ter entendido.

“Sim. Eu receio que só houvesse um jeito de salvar você, e embora nós geralmente gostamos de receber permissão antes de transformar alguém, você não estava apta a tomar essa decisão. Além disso, eu não poderia simplesmente deixar você morrer depois de você ter sacrificado a sua vida pela minha”.

“Minha vida?” Rachel sentiu como se sua língua fosse feita de algodão.

“Sim. Sua vida”.

“Transformada?”

“Sim”.

“Transformada em que, exatamente?” Sua língua de algodão fez a pergunta “Ansorada e que, eataente”, mas novamente ele entendeu.

“Um imortal”.

Imortal. Rachel sentiu um alívio momentâneo. Ela sentiu muito medo de ouvir a palavra vampiro. Imortal soava muito melhor. Imortal. Isso a fazia lembrar daquele filme com aquele ator – qual era o nome dele? Bonito, sotaque legal, Sean Connery representou outro imortal... Oh, sim. Christopher Lambert, e o filme era Highlander. E nesse filme imortais não eram demônios sanguessugas malvados, mas... Bem... Imortal. Parecia para ela que haviam alguns imortais do mal, porém – e algo desagradável sobre cortar cabeças. Só havia uma coisa sem sentido sobre tudo isso. Ela não se importava com a idéia de ter sua cabeça cortada.

“Não é imortal como Sean Connery e Christopher Lambert em Highlander”, seu anfitrião explicou pacientemente, fazendo-a perceber que ela havia pensado alto. “Imortal como... Bem, a coisa mais próxima que você entenderia é vampiro”.

“Oh, Senhor”, Rachel ficou repentinamente de pé e saiu correndo. Hora de ir. Ela ouvira o suficiente. Tinha passado de um sonho legal e entrado no reino do pesadelo. Infelizmente, suas pernas não estavam mais tão firmes agora como elas estiveram. Elas cederam na metade do caminho para a porta, e sua cabeça girou. Ela caiu para trás, fraca.

Seu anfitrião a pegou em seus braços. Dizendo algo sobre ser hora de ela voltar para a cama, ele a carregou para fora do quarto e para o andar de cima. Tudo o que Rachel pôde pensar em dizer foi um lamentoso, “Mas eu não quero ser um demônio sanguessuga. Como eu vou me maquiar se eu não tenho reflexo?”

Ele disse algo em resposta, mas Rachel não estava ouvindo; ela estava pensando nos poucos episódios de Buffy a Caça vampiros que ela assistiu na TV quando ela se preparava para o trabalho e adicionou, “Aqueles galos e caroços no rosto são tão pouco atraentes”.

“Caroços no rosto e galos?”

Rachel olhou para o rosto do homem que a carregava. Ele não se parecia com nada do que ela imaginava que vampiros se parecessem. Ele não era pálido de verdade – devia ter sido um efeito da iluminação na sala de computador. Aqui na escada bem iluminada, a pele dele parecia natural e até corada. Ele parecia um típico homem saudável, não um homem morto. Ele também cheirava vagamente a alguma colônia bem cara, e não como um cadáver apodrecendo.

“Caroços no rosto?” Ele repetiu.

“Como Angel e Spike e o resto dos vampiros da TV. Seus rostos se transformam e se contorcem nesses rostos de demônio realmente nada atraentes”, ela explicou distraidamente. Ela se perguntou se ele estava louco. Não existiam essas coisas de vampiros; mas, esse homem achava que era um... Por outro lado,

ela se lembrava indistintamente de um machado entrando em seu corpo, apesar de não haver mais nenhum sinal de machucado. Ela teria realmente sido ferida? Talvez ela tivesse imaginado a cicatriz mais cedo no quarto. Ou talvez isso tudo fosse um sonho.

“Seu rosto não vai se contorcer”, ele assegurou-a. “Você não vai parecer um demônio”.

“Então, como seu dente estende?” Rachel perguntou. Era um teste puro e simples, para saber se ele estava louco.

“Assim”.

Ele abriu sua boca, mas os dentes falsos de vampiro que ela esperava não estavam lá. Na verdade, seus dentes pareciam perfeitamente normais – apenas por um piscar de olhos; aí seus caninos começaram a crescer como se deslizassem por dobradiças lubrificadas.

Rachel gemeu e fechou os olhos. “É só um sonho”, ela tranqüilizou-se enquanto Etienne terminava de subir a escada e a carregava pela cozinha. “Só um sonho”.

“Sim. Só um sonho”. Sua voz era quente e tranquilizante em seus ouvidos.

Rachel relaxou um pouco com as palavras dele, mas só um pouco. Ela permaneceu em seus braços enquanto ele a carregava pelo segundo lance de escadas e pelo corredor. Por fim ele a colocou na cama que ela deixara tão rapidamente.

Abrindo seus olhos, Rachel pegou o cobertor e puxou-o para cima até o seu queixo. Não que ela precisasse ser defensiva. Ele não parecia ter interesse em atacá-la e ele estava, ao contrário, indo em direção a um frigobar. Ele se abaixou para abri-lo e pegou uma bolsa do que sem dúvida era sangue.

Rachel apertou os olhos com desconfiança e ela ficou tensa quando seu anfitrião voltou e afixou a bolsa de sangue no suporte do dispositivo intravenoso. “O que você está fazendo?” ela perguntou. Ela tentou tirar seu braço quando ele o pegou, mas ele era muito mais forte que ela.

“Você precisa disso”. Ele colocou de volta o tubo do dispositivo intravenoso em seu braço com a habilidade de uma enfermeira. “Seu corpo está passando por mudanças, e a cicatrização utiliza muito sangue. Isso irá abrandar as cólicas para que você possa dormir de novo”.

Rachel quis argumentar, mas no momento em que o sangue deslizou pelo tubo transparente e começou a entrar em seu corpo, um pouco da dor que ela estava sentindo desde que acordou começou a passar. Da mesma forma que o estranho anseio que ela experimentara. Aparentemente, era isso pelo que seu corpo ansiara.

“Você vai dormir agora”.

Pareceu mais uma ordem do que uma sugestão. Nunca tendo se importado muito sobre receber ordens, Rachel quis argumentar... Mas repentinamente ela estava muito cansada. Sua exaustão e cansaço cresciam na mesma proporção que o sangue entrava em seu corpo. Ela se sentiu como depois de um grande almoço de domingo rico em carboidrato.

“Isso é um sonho, lembra?” Seu anfitrião disse suavemente. “Apenas durma. Tudo ficará bem quando você acordar”.

“Dormir”. Rachel murmurou.

Sim, dormir seria bom. E quando ela acordasse de verdade, ela se encontraria num hospital, ou talvez cochilando em sua mesa. Talvez tudo isso fosse só um sonho – o crispy critter, o homem maluco manuseando um machado, tudo. Foi um pensamento tão tranquilizante que ela fechou seus olhos e deixou sua mente flutuar. Rachel teve um arrependimento antes de ceder e dormir: Se tudo isso era um sonho, então o homem vital e lindo que a carregou pelas escadas era um sonho também, e isso era uma pena.

Etienne observou o rosto de Rachel relaxar enquanto ela pegava no sono. Ela era uma mulher bonita – quase tão grande quanto ele também, o que ele gostava – mas sua vida obviamente tinha sido estressante. Havia vagas linhas de expressão em volta de seus olhos e da sua boca. Elas iam desaparecer assim que ela tomasse sangue suficiente, mas eram sinais de que sua vida não tinha sido fácil. Ele tirou um cacho vermelho da bochecha dela, e sorriu quando a irritação refletiu no rosto dela e ela tirou sua mão como se fosse uma mosca incômoda.

Sim, Rachel era uma mulher interessante. Ela mostrava sinais de ser uma pessoa de pavio curto. Ele gostava de pessoas de pavio curto, e ele sempre adorou desafios.

Seu sorriso desapareceu quando ele pensou na reação de Rachel. Ela ficaria resistente à mudança primeiro. Ela obviamente tinha todos os tipos de idéias preconceituosas sobre o seu povo. Rostos cheios de caroços? Demônios sanguessugas? Ele teria que esclarecer o assunto da próxima vez que ela acordasse. Vampiro não era um rótulo que ele gostasse, mas era oportuno, e um que a maioria das pessoas poderia pelo menos entender. Serviria como um ponto de partida para a conversa que estava por vir.

Contendo um bocejo, Etienne deu uma olhada em volta do quarto. Ele gostaria de permanecer aqui, não queria deixá-la sozinha, mas o sono estava se apoderando dele. Pela palidez dela, ele estimou que ela ainda precisasse de mais duas ou três bolsas de sangue, e as cólicas a acordariam de novo quando essa bolsa acabasse. Ele não gostaria que ela perambulasse fraca e trêmula – ela poderia cair e se machucar.

Depois de uma breve hesitação, Etienne esticou-se na cama. Ele cruzou seus tornozelos e juntou as mãos atrás de sua cabeça, então virou para olhar para ela. Ele ficaria, tiraria uma soneca, e trocava as bolsas quando fosse preciso. Sua movimentação agitada quando a bolsa acabasse o acordaria para a tarefa.

CAPÍTULO 4

O quarto estava escuro e silencioso, mas algo a despertou. Rachel continuou deitada por um momento, simplesmente escutando, juntando seus pensamentos. Não estava completamente silencioso. Lá fora, obviamente estava ventando. Ela podia ouvir o movimento suave do vento, o tremor do edifício e o rangido dos ramos. Esses eram os únicos sons, entretanto; não havia nada que indicasse onde ela estava – nada exceto as memórias que a lotavam.

As lembranças eram horríveis, sem mencionar confusas. Elas vieram em ordem dessa vez. Rachel lembrava-se distintamente de Fred e Dale chegando com a vítima queimada e dizendo para ela que ela conseguiu o cargo que ela estava procurando. Depois, ela se lembrou da sua confusão sobre o estado da vítima do incêndio e o homem louco com olhos selvagens entrando de supetão na sala. Rachel teve uma lembrança muito clara do machado atingindo-a. Apesar de agora ela não estar sentindo dor alguma.

Ela queria acreditar que o fato de ela se sentir saudável era por que ela tinha recebido drogas excelentes, mas ela também se lembrava de ter acordado mais cedo, encontrando o lindo homem loiro com olhos prateados. Etienne. Ele era o mesmo homem que tinha assombrado seus sonhos enquanto ela esteve doente na semana anterior ao ataque. Ela se lembrava distintamente de acordar e dele alegando ser um vampiro, depois mostrando a ela seus dentes estendidos. O que deveria convencê-la de que todas as suas lembranças não passavam de um sonho. Não existiam essas coisas de vampiro, afinal.

Rachel mexeu-se cautelosamente onde ela deitava, mentalmente preparada para uma explosão de dor rasgando seu peito devido ao ferimento que ela sofrera, mas não houve nenhuma. O hospital obviamente tinha dado a ela drogas realmente fortes. Sem dúvida essas drogas a estavam deixando confusas tanto quanto repelindo a dor que ela deveria sentir.

Drogas fantásticas, ela decidiu. Ela não se sentia tão forte ou saudável há anos. Pelo menos, não desde que ela começou a trabalhar no turno da noite.

Movendo-se cuidadosamente para evitar interromper o dispositivo intravenoso que ela podia sentir saindo de seu braço, Rachel sentou-se e piscou muitas vezes, tentando trazer as formas escuras a sua volta para um foco melhor. O quarto parecia grande no escuro, muito maior do que um quarto de hospital deveria ser.

Rachel estava franzindo a testa para isso quando ela percebeu que, das sombras e formas que ela podia vislumbrar na escuridão, o quarto lembrava muito o quarto do seu sonho. Uma luz se acendeu, revelando uma cama coberta e uma decoração azul. Ela se lembrava de descer de mansinho passando por uma casa

vazia para um porão onde aquele homem com olhos prateados tinha saído de um caixão.

Definitivamente um sonho, ela decidiu.

Incapaz de se ver na escuridão, Rachel passou a mão pela parte superior de seu corpo. Ela não usava roupas, e não havia sinal de ferimento – exatamente como em seu sonho. Ela tinha sido ferida de verdade? O que era sonho e o que era realidade?

“Oh, Senhor”. Sentindo um pouco de pânico, Rachel empurrou o cobertor para o lado, mal notando quando o dispositivo intravenoso saiu de seu braço. Ela parou por tempo suficiente para tatear em volta da cama procurando o lençol, no qual ela esteve deitada em cima e não embaixo. Puxando-o da cama, ela o colocou em volta dela como uma toga. De novo? Ela estava definitivamente com uma sensação de Déjà vu.

Nem pense nisso, Rachel ordenou firmemente a ela mesma, repentinamente desesperada por encontrar alguém, qualquer pessoa, para verificar o que estava acontecendo. Ela tinha uma vaga recordação do modo de organização do quarto, mas desde que ela decidira que era um sonho que ela se lembrava, ela não podia orientar-se por ele. Ao invés disso, ela se moveu de mansinho ao longo da cama em direção à parede na qual esta se recostava, com os braços estendidos.

Quando ela sentiu a parede, Rachel foi andando devagar por ela cuidadosamente procurando uma porta.

A primeira coisa que ela achou foi um móvel. Na verdade foi seu joelho que achou – com um estalo em sua canela. Rachel parou para esfregar sua perna dolorida antes de perceber que o contorno do item era uma cadeira.

“Ótimo lugar para colocá-la”, ela murmurou irritada, depois se forçou a parar e respirar fundo. Ela devia ter ligado o abajur. Mas ela não sentiu um, ou mesmo uma mesa de cabeceira. Claro, seus braços estavam esticados e foi provavelmente essa a razão pela qual ela não sentiu. Todo quarto tem uma mesa de cabeceira, não é?

Rachel pensou rapidamente em voltar pelo mesmo caminho que ela veio, mas parecia um caminho muito longo de volta. No fim ela decidiu continuar andando e contornou devagar a cadeira para seguir em frente. Ela prendeu a respiração na repentina sensação da madeira sob seus dedos. Então ela achou uma maçaneta e rapidamente virou-a. Ela abriu a porta. Escuridão se estendia diante dela, mais absoluta do que aquela do quarto em que ela estava. Depois de hesitar, Rachel tateou a parede até encontrar um interruptor. Ela o ligou.

A luz explodiu acima de sua cabeça, forçando ela a fechar os olhos. Quando ela conseguiu abri-los novamente, Rachel se viu na porta do banheiro. Uma grande banheira estava exatamente em frente a ela. Também havia uma privada e um bidê. O dono desse estabelecimento obviamente tinha gosto europeu, o que

provava melhor que qualquer coisa que ela definitivamente não estava num hospital. A não ser que fosse um hospital na Europa.

O que era uma possibilidade, Rachel supôs. Ela devia estar numa clínica especial para pacientes em coma. Apesar de o banheiro ser maior e mais luxuoso que o banheiro de hospitais regulares, e ela não achava que as clínicas européias – mesmo as clínicas européias caras – desperdiçariam esse tipo de espaço para pacientes em coma. Além disso, o plano de saúde de Rachel não cobriria um tratamento tão caro, e sua família era de classe média, e não teria como pagar por acomodações tão extravagantes.

Mais confusa que antes, Rachel começou a virar para ir embora, mas parou quando ela vislumbrou-se no espelho. Presa, ela chegou mais perto até que a vaidade interrompeu seu progresso.

Ela ficou em pé por muitos minutos, olhando. Ela parecia bem. Muito bem. Seu cabelo estava brilhante e vital – um vermelho escuro com suas curvas naturais e não o laranja-avermelhado fininho de sempre que precisava de tratamento com óleo. Ela não parecia tão bem desde que era adolescente. A vida acelerada, cheia de estresse da universidade, e depois o mundo do trabalho não tinham sido gentis. Seu rosto estava corado e saudável agora, entretanto, mal parecia a cútis de alguém se recuperando de um ferimento no peito. Não como um pálido morto-vivo. Um sorriso irônico apareceu nos seus lábios. Vampiros não tem reflexo. Ela não era um vampiro.

Não que ela tivesse acreditado que era, Rachel garantiu a ela mesma. Ela fez uma careta e admitiu, “Ok, por um momento eu tive medo que aquelas lembranças do sonho de um homem com olhos prateados me dizendo que eu tinha sido ‘transformada’ para salvar minha vida fosse verdade”.

“Garota idiota”, ela ralhou. Mas ela também elevou seus lábios fazendo uma careta para que seus dentes aparecessem. Eles estavam normais, e Rachel soluçou com alívio. “Obrigada, Senhor”, ela sussurrou.

Inspirando profundamente para fortificar-se, ela desenrolou o lençol que ela usava para um teste final. Ela encontrou seus seios lisos e imaculados. Droga. Não que ela quisesse estar ferida, mas teria sido melhor para refutar a validade de seus sonhos.

Foi quando Rachel também percebeu que o lençol que ela vestia era do mesmo azul pálido que ela sonhara. Um momento de pânico a atolou, mas ela se forçou a se controlar.

“Ok. Fique calma”, ela ordenou. “Existe uma explicação perfeitamente lógica e sã para tudo isso. Você só tem que encontrá-la”.

Um pouco tranqüilizada pelo som da própria voz, Rachel afastou-se do seu reflexo. Olhando novamente para o quarto, ela sobreviveu à mobília agora visível na luz. Seu coração parou. Era realmente o quarto do seu sonho.

Seu olhar foi para o suporte do dispositivo intravenoso. A bolsa estava quase vazia, mas como antes havia uma gota ou duas do líquido vermelho restando. Sangue.

“Oh, Senhor”. Rachel se balançou de um pé para o outro, depois foi até a outra porta e saiu do quarto. Ela tinha que saber o que havia mais à frente. Certamente não o corredor do seu sonho.

“Droga”, ela sussurrou quando a porta abriu para aquilo – o longo e vazio corredor que ela lembrava tão bem. Estava ficando assustador. Respirando fundo, ela tentou ser racional. Ok, então o corredor e até mesmo o quarto estiveram em seu sonho. Era simples demais de explicar. Talvez ela não estivesse totalmente em coma quando ela foi transferida para cá. Talvez ela estivesse semi-consciente, ou com febre ou algo assim, e acordada o suficiente para ver e se lembrar do corredor e do quarto.

Ignorando qualquer falha deste raciocínio, Rachel saiu no corredor e andou até o patamar da escada. No que ela pensou que fosse um sonho, a entrada lá embaixo estava escura e vazia. Ainda estava vazia, mas não estava mais escura. Saía luz de um dos quartos adjacentes e ela pôde ouvir o fraco rumor de vozes.

Depois de hesitar por um instante, Rachel desceu as escadas. Ela pressionava seus dedos na madeira dura a cada passo, um esforço para provar para ela mesma que dessa vez ela não estava sonhando.

“Você disse para ela que ela estava sonhando?”

Rachel reduziu a velocidade quando essa pergunta chegou claramente aos seus ouvidos. Uma voz estridente de mulher continuou, “Etienne! O que você estava pensando?”

“Eu estava pensando que ela precisava descansar e que essa era a forma mais fácil de acalmá-la”, uma voz de homem respondeu em tom ligeiramente defensivo. “Ela estava um pouco assustada, mãe”.

“Compreensível”, veio outra voz, parecida com a do homem do sonho que se declarou seu anfitrião, mas mais profunda, mais solene de algum modo, apesar de seu atual divertimento. “Especialmente depois que ela te pegou dormindo em seu caixão”.

“Oh, Etienne!” A mulher exclamou. “Certamente você não tem mais aquela coisa velha e desagradável?”

“Eu não durmo normalmente nele” – ele agora estava definitivamente defensivo – “Mas eu tive algumas das minhas melhores idéias descansando naquele caixão, mãe. Além disso, ela estava dormindo na minha cama”.

“Bem, certamente você tem outras camas aqui, filho. Você finalmente terminou de mobiliar os quartos de hóspedes, não é?”

Rachel não conseguiu ouvir a resposta de Etienne de onde ela estava. Percebendo que ela tinha parado, ela se moveu para frente para parar atrás da porta. Então ela hesitou, esperando até que a mulher falasse de novo antes de espiar pela moldura da porta os ocupantes da sala.

“Bem, você terá que dar muitas explicações quando ela chegar aqui, Etienne. E agora que você já mentiu para ela, ela pode não acreditar em nada do que você disser”. A mulher parecia irritada. Ela também parecia perturbada, Rachel viu quando olhou para a locutora. A mulher era linda, incrivelmente linda, o tipo de mulher com quem outra mulher odeia ser vista. Ela também era a imagem viva da mulher que Rachel vira nos monitores no porão. Cabelos longos e cacheados, olhos grandes prateados, uma boca carnuda.

Mãe, o homem chamado Etienne a chamou assim? Rachel sacudiu a cabeça negativamente. Essa mulher parecia ter vinte e poucos anos. Trinta no máximo. Ela definitivamente não era a mãe do homem loiro. Mãe devia ser um apelido, talvez escolhido porque ela se preocupava e lhe mimava.

“Eu sei”.

Rachel olhou para o locutor, Etienne. A mulher o chamou de filho. Impossível. Seu olhar deslizou para o rosto perfeito dele e seu cabelo loiro escuro. Ele era o homem dos seus sonhos – sexy, loiro e forte. Se seu sonho era mesmo realidade, ele a carregou por dois lances de escadas como se ela não pesasse nada. Sim, ele definitivamente era forte.

“E ela tem noções negativas do que nós somos, é claro”, Etienne continuou.

“Claro que ela tem”, o segundo homem disse. Ele era uma versão de Etienne com cabelos escuros, apesar dos dois homens parecerem ter a mesma idade. “A maioria das pessoas tem”.

“Quão negativa?” A mulher soou desconfiada.

“Eu acho que a frase que ela usou foi ‘demônios sanguessugas’”, Etienne disse.

“Oh, querido”. A mulher suspirou.

“E ela acha que nossos rostos se contorcem como em *‘Buffy, a caça vampiros’*.”

O homem com cabelos castanhos fez careta. “Péssima série. Dá a todos nós uma má fama”.

“Você já viu, Bastien?” Etienne soou surpreso.

“Não, mas já ouvi falar. Há alguns fãs no escritório. Você já viu?”

“Sim. É bem divertido, na verdade. E Buffy é uma oferta interessante”.

“Nós podemos voltar para o assunto em questão?” A mulher perguntou – um pouco astuciosamente. “Etienne, como você vai explicar?”

“Eu vou apenas dizer que foi o único jeito de salvá-la. O que realmente foi. eu não poderia deixá-la morrer depois de ter salvo a minha vida”.

A mulher pigarreou, depois se virou para Bastien. “Você cuidou dos funcionários do hospital?”

“Eu não precisei”, o homem anunciou. “Nós não fomos vistos. Nós tivemos muita sorte que eles decidiram que Pudge fugira com ela”.

“E quanto à papelada do hospital sobre o cadáver de Etienne?”

“Eu peguei antes de sairmos, enquanto Etienne estava transformando a garota. Tudo o que eu tive que fazer essa manhã foi ajudar os bombeiros a esquecer o nome dele, e pegar a papelada que estava com eles. Oh, e pegar a papelada sobre o carro de Etienne na delegacia”.

“Isso é tudo?” a mulher perguntou.

Bastien ignorou a diversão dela. “Podia ter sido pior, mãe”.

A mulher fez uma cara, depois se voltou para Etienne. “Você realmente vai ter que se encarregar desse sujeito Pudge”.

“Eu sei”. O homem loiro pareceu infeliz. “Se você tiver alguma idéia, eu ficarei feliz em ouvi-la”.

A expressão da mulher demonstrou piedade de algum modo. Ela deu um tapinha no joelho dele num gesto leve e carinhoso. “Bem, eu vou ter que pensar nisso. Nós todos vamos. Nós vamos pensar em algo”.

“Sim”, Bastien concordou. “E Lucern chegará aqui mais tarde. Com os quatro, nós chegaremos a uma solução”.

“Quando ele virá?” Etienne perguntou.

“Um pouco mais tarde. Ele está trabalhando na resenha de sua última obra-prima, mas prometeu vir após o jantar”.

“O que significa após a meia-noite”, a mulher reclamou. “Nesse meio tempo, eu acho que podemos oferecer uma bebida à nossa visita”.

Rachel se ocultou rapidamente, mas ela vislumbrou a expressão assustada no rosto de Etienne quando se escondeu. Seu coração saltou na garganta.

Nenhum deles olhou na sua direção, mas de alguma forma ela deve ter revelado sua presença.

“Ela está atrás da porta há muito tempo”, Rachel ouviu Bastien anunciar.

“Não, ela não está”, Etienne replicou.

Ele repentinamente saiu no corredor, surpreendendo-a. O primeiro instinto de Rachel foi correr. Infelizmente, seu corpo parecia não concordar. Parecia estar colado no chão.

“Você está acordada”. Ele parou a um palmo de distância e olhou para ela.

Rachel olhou de volta, um rangido saindo de seus lábios.

“Por que eu não senti a aproximação dela?” Ele olhou para trás, obviamente perguntando a um de seus companheiros.

A pergunta libertou os membros de Rachel de algum modo, o suficiente para que ela conseguisse deslizar pela parede até ela bater com força na mesa. Lá, ela parou e sorriu nervosa quando o homem olhou de volta para ela. Cruzando os dedos, ela rezou para que ele não tivesse reparado que ela se moveu.

“Você não sentiu?” A voz da mulher chegou flutuando na outra sala. “Que interessante”.

A aparente fascinação dela só aumentou o nervosismo de Rachel e pareceu irritar Etienne. Ele virou e olhou de cara feia para ela. No momento em que ele não estava mais olhando, Rachel deu a volta na mesa do corredor e caminhou hesitante em direção à porta principal. Ela parou novamente quando ele murmurou algo baixinho.

Ele virara e vira que ela estava quase na porta e franziu a testa. Irritadamente ele informou-a, “Não é uma boa idéia ir lá fora”.

Rachel olhou de cara feia. A raiva superou o pânico. “Por quê? Porque você me transformou num demônio sanguessuga e a luz do dia vai me matar?” Ela zombou. Ela realmente não acreditava que isso estivesse acontecendo... Mas, ao mesmo tempo ela teve um medo irracional que estivesse.

“Já está de noite”, ele indicou gentilmente. “Mas também está incomumente frio para o fim do verão. Muito frio para vagar por aí com nada além de um lençol”.

Advertida de sua falta de roupa apropriada, Rachel respirou. Ela correu para as escadas, temendo que seu anfitrião a seguisse, mas para seu alívio ela subiu para o outro corredor sem ser perseguida. Mesmo assim, ela não diminuiu o passo, mas correu direto para o quarto onde ela acordou e se apressou para entrar, batendo a porta atrás dela.

Lá dentro, Rachel simplesmente ficou parada, respirando rápido, seus olhos movendo-se rapidamente procurando algo que ela pudesse usar de barricada na porta. Infelizmente, não parecia haver opção. Ela rapidamente pensou em arrastar o armário que estava na parede oposta, mas aí ela percebeu que se tivesse a força para arrastá-lo, ele provavelmente teria força mais que suficiente para abrir a porta, com barricada e tudo. O que ela realmente precisava era um jeito de se trancar lá dentro. Mas, é claro, não havia nenhum.

Desistindo da idéia, ela se forçou a sair da porta e procurar por uma arma. Rachel não sabia onde ela estava ou quem eram aquelas pessoas, mas eles a tinham tirado do hospital, estragaram os arquivos da polícia, e pelo menos um deles pensava que era um vampiro. Autodefesa parecia uma consideração importante.

Etienne franziu a testa olhando para a escada. Rachel não parecia estar lidando bem com isso. Ela mais parecia um coelho assustado fugindo para o seu subterfúgio, uma reação que ele não esperava dela. Ruivas eram geralmente mal-humoradas. Claro, ela não estava chorando histericamente ou qualquer coisa irritante como isso.

"Ela não está tão assustada como confusa e constrangida", sua mãe disse.

Etienne lançou um olhar irritado na direção dela, e ela se juntou a ele no corredor. Ele odiava quando ela lia seus pensamentos. Além disso, ele não se preocupava muito com o fato de que ela poderia obviamente ler os pensamentos de Rachel. Ele mesmo não conseguia.

"Eu tenho que achar algo para ela usar e explicar a situação para ela", ele disse ausentemente. "Eu tenho um moletom que servirá por enquanto".

"Ela não vai querer usar seu moletom", Marguerite disse secamente. "Ela precisa de suas próprias roupas. Algo familiar que a faça se sentir mais no controle. Bastien?" Ela virou para olhar de novo para o irmão de Etienne. "você trouxe a bolsa dela quando viemos do hospital, não trouxe?"

"Sim". Ele se juntou a eles no corredor. "Eu a deixei na cozinha".

Marguerite fez um sinal com a cabeça. "Então vá e pegue as chaves dela, e nós iremos buscar algumas roupas apropriadas para a garota".

Etienne se sentiu relaxado. A sugestão de sua mãe daria a ele um pouco mais de tempo sozinho com Rachel, esperançosamente tempo suficiente para pelo menos explicar as coisas. Seria menos difícil do que com sua mãe e Bastien lá.

Quando Bastien voltou com as chaves, Etienne conduziu sua mãe e irmão para fora de sua casa. Então ele voltou para inspecionar as escadas.

Rachel. Rachel Garrett. Ele endireitou seus ombros e se encaminhou para cima para explicar a situação para ela. Ele tinha certeza que quando ela

percebesse que tinha sido o único jeito de salvar sua vida – e quando ele tivesse exaltado os benefícios dessa nova vida que ele dera a ela – ela ficaria grata pelo que ele fez.

CAPÍTULO 5

"Você o quê?"

Rachel olhou boquiaberta para seu lindo anfitrião, suas mãos apertando o cajado de esponja vegetal que ela tinha escondido embaixo do cobertor. Era uma arma patética, mas era a única que ela conseguiu encontrar. Pensando que até mesmo uma arma patética era melhor do que nada ela engatinhou de volta para cama esperando que aquela esponja vegetal combinada com um ataque surpresa fosse suficiente para salvá-la de qualquer situação desconfortável. Ela aconchegou-se embaixo do cobertor até que bateram na porta.

Seu "Sim?" Tinha um tom assustado. Isso revelava sua surpresa pela cortesia dele de não invadir o quarto.

O homem loiro Etienne entrou, e Rachel observara-o cuidadosamente. Para seu alívio, ele veio sozinho. Então ele começou uma história longa sobre como ele se tornou seu crispy critter, tanto quanto a vítima do tiro de seu trabalho. Ela sentara-se em um silêncio impressionante enquanto ele explicava que ela tinha realmente sido atingida quando tentou salvar a vida dele do homem maluco que manuseava um machado, Pudge, e que ele salvara a vida dela em retribuição, transformando-a em um vampiro como ele e sua família.

"Eu te transformei para salvar sua vida", Etienne repetiu, com uma expressão esperançosa em seu rosto.

Ele esperava que ela agradecesse? Rachel olhou para ele inexpressivamente por um momento, depois desistiu de sua posição aconchegante debaixo do cobertor. Ela se levantou irritadamente da cama.

Etienne Argeneau, como ele tinha se reapresentado, deu um passo atrás desconfiado, mas Rachel não tinha intenção de chegar perto dele. O homem estava obviamente maluco.

Lindo, mas maluco, ela pensou com raiva quando ela atravessou o quarto para as duas portas que ela esperava que fosse um armário. E ela não era um demônio sanguessuga agora.

"Não um demônio sanguessuga", o homem concordou com paciência exagerada, fazendo Rachel perceber que ela estava pensando alto de novo. "Um vampiro".

"Vampiros são pessoas mortas. Pessoas mortas e sem alma que continuam a existir", Rachel disse bruscamente. Ela abriu a porta dupla para revelar que do outro lado era realmente um armário. Ela analisou seu conteúdo enquanto

continuava, “Eles são demônios sanguessugas e sem alma. E eles são ficção. Eles não são reais”.

“Bem, a parte do sem alma é ficção. Nós somos – O que você está fazendo?” ele se interrompeu para perguntar.

Ela estava selecionando as roupas nos cabides. “Algo que eu devia ter feito há muito tempo. Procurando por algo para vestir”. Ela puxou para fora uma de suas camisas festivas, analisou-a, então atirou-a na cama.

“Eu poderia...”

“Fique onde você está!” Rachel avisou. Olhando para ele furiosamente até ele parar, ela virou novamente para o armário.

“Olha”, ele disse suavemente, “Eu entendo que isso é angustiante, confuso e talvez...”

Rachel girou. “Confuso? Angustiante? O que poderia ser confuso ou angustiante? Você é um vampiro. E há um homem louco lá fora que quer pegar você. Mas ele não é louco, porque você é um vampiro mesmo”, ela indicou assustadoramente.

Depois ela adicionou, “Oh, e nós não podemos esquecer que ele acidentalmente me acertou com um machado tentando atingir você, então você me transformou num vampiro também. Agora eu sou uma sanguessuga sem alma amaldiçoada a andar pela noite e morder pescoços”. Girando seus olhos, ela voltou para o armário. “Eu preciso sair daqui”.

“Nós não ‘mordemos pescoços’”, ele disse, como se até cogitar isso fosse estúpido. Mas quando Rachel virou para ele arqueando uma sobrancelha, ele adicionou relutante, “Não muito, de qualquer forma. Apenas em emergências. Quero dizer, nós fazemos de tudo para evitar – Bem, há os vampiros patifes casuais que...” ele deu uma pausa, parecendo angustiado.

Rachel sacudiu sua cabeça e murmurou, “Completamente louco. Menino débil mental”.

“Não, de verdade”, ele disse. “O que eu quero dizer é que nós investimos em bancos de sangue desde que eles foram inventados. Na verdade, foi um de nós que deu a idéia de transfusões de sangue. Ele mencionou isso para Jean Baptiste Denis, e o sujeito testou e... Bem, não importa. O fato é, nós temos nosso sangue entregue. Entende?”

“Olha, eu...” Rachel parou quando ela virou na direção dele. Seu olhar pousou no frigobar que ele abriu. Seus olhos arregalados incredulamente. Tinha uma dúzia de bolsas lá dentro. “Bastien parou e pegou umas duas dúzias no caminho para cá ontem à noite”, Etienne explicou. “Para você e para mim. Nós não tínhamos certeza de quantas você precisaria para a mudança e para cicatrizar,

etc. Nós calculamos que você precisaria de quatro ou cinco bolsas para cicatrizar, mas a transformação total pode ser enganosa. O quanto você vai precisar depende de quantos danos seu corpo sofreu durante os anos. Você parecia relativamente saudável, mas tem sempre câncer, doenças do coração, etc.” Ele olhou a expressão surpresa dela cuidadosamente, depois retirou uma bolsa e explicou, “Não é tão prazeroso quanto sangue fresco e quente direto da fonte, mas pode ser consumido do mesmo jeito”.

Enquanto ela olhava incrédula, ele levantou a bolsa e abriu sua boca. Rachel ofegou com terror quando os dentes dele estenderam e ele os enterrou na bolsa.

O sangue imediatamente começou a desaparecer como se absorvido pelos dentes.

Ainda bebendo, Etienne se abaixou e pegou outra bolsa, para oferecer para ela. “Unh?”

Ela supôs que fosse um convite. Rachel quis rir. Ela queria uivar histericamente desta loucura e voltar a ignorá-lo e procurar em seu armário, mas aquele anseio anterior sem nome estava apertando e fazendo-a ter câibras em sua barriga novamente. Ainda pior, quando o cheiro de sangue barato flutuou em volta dela, ela pôde sentir algo estranho acontecendo dentro de sua boca. Havia uma estranha sensação de movimento – não dolorosa, mais como um tipo de pressão, mas estranho para dizer o mínimo. Então ela sentiu uma picada afiada na beirada de sua língua. Assustada, Rachel abriu a boca e sentiu em volta.

“Oh, Deus”, ela suspirou quando ela sentiu seus caninos projetando-se para baixo por entre seus outros dentes. Se afastando do armário, ela correu para o banheiro para olhar-se no espelho. A visão causou terror nela.

“Deve ser um truque”, ela disse desesperadamente.

“Não é um truque”, Etienne assegurou-a. Ele a seguiu para o banheiro. “Bastien olhou isso hoje e disse que algumas vezes a mudança é relativamente rápida. Os dentes são a primeira maior mudança. Logo você conseguirá ver melhor no escuro, ouvir melhor, e... essas coisas”, ele finalizou vagamente.

Rachel moveu seu olhar para o reflexo dele no espelho, depois parou, distraída pelo fato que ela podia vê-lo. Etienne parou exatamente atrás dela, e seus ombros, pescoço e cabeça estavam claramente visíveis.

“Vampiros não têm reflexos”, ela argumentou. Era uma questão desesperada a levantar, mas Rachel estava desesperada.

“Um mito”, ele informou-a, depois sorriu. “Você vê? Você pode se maquiar”.

De alguma forma aquilo não pareceu muito tranquilizante. Ao invés de relaxar, Rachel sentiu-se deprimida. “Eu estou morta”.

“Você não está morta”, Etienne disse pacientemente. “Eu te transformei para salvar sua vida”.

“Oh – muito obrigada, amigo. Me matar para me salvar. Perfeita lógica masculina”. Ela praguejou. “Eu acho que a viagem para o Havaí não vai mais acontecer. Droga! E logo agora que eu encontrei um maiô que não me faz parecer o Godzilla”.

“Eu não matei você”, Etienne respondeu. “Pudge...”

“Pudge? O cara com uniforme do exército?” Ela interrompeu. A imagem do homem cresceu em sua mente, manuseando seu machado, e Rachel franziu a testa. Ela olhou para Etienne no espelho. “Senhor, eu devia ter deixado ele tirar sua cabeça. Pelo menos agora eu não estaria morta e sem alma”.

“Você não está sem alma”, Etienne argumentou. Sua paciência estava obviamente começando a desgastar-se. “Pudge feriu você letalmente. Para te salvar eu tive que transformar você”.

“Eu não me sinto sem alma”. Rachel inclinou-se aproximando-se do espelho e arrastou seus lábios para trás num grunhido, depois bateu em seus novos dentes.

“Você não está sem alma”.

Rachel ignorou-o e começou a procurar na penteadeira. O que ela queria era um alicate, mas é claro, ela não tinha a menor esperança de achar algum. O melhor que ela pode encontrar foram dois cortadores de unha. Ela encontrou um pequeno e um grande. Rachel escolheu o grande e inclinou-se no espelho.

“O que você está fazendo?” Seu anfitrião gritou. Ele retirou o cortador de unha dela quando ela tentou pegar a ponta de um de seus novos dentes e arrancá-lo.

“Eu não quero ser um vampiro”, ela disse bruscamente. Ela teria pego o cortador de unha de volta, mas ele o estava segurando fora de alcance.

Afastando-se, Rachel procurou na gaveta de novo, dessa vez aparecendo com uma lixa de unha. Ela voltou para o espelho e começou a tentar lixar um dos dentes.

“Ele vai se concertar”, Etienne disse irritado. “E não é tão ruim ser vampiro”.

“Ha!” Rachel resmungou e continuou a lixar.

“Você nunca vai envelhecer”, ele apontou esperançoso. “Você nunca vai ficar doente, nunca...”

“Nunca verá a luz do dia”, ela interrompeu agressivamente. Virando-se para olhar para ele furiosa, ela perguntou, “Você tem idéia de quanto tempo eu venho tentando sair do turno da noite? Três anos. Por três anos eu tenho trabalhado à noite e não consigo dormir durante o dia e logo quando eu consigo uma promoção para um cargo no turno da manhã, você me transforma numa criatura da noite!” Seu tom de voz aumentou a cada palavra até que Rachel estava gritando. “Você me condenara a um eterno turno da noite! Eu odeio você!”

“Você pode sair de dia”, Etienne disse. Mas ele não parecia muito certo disso, e Rachel concluiu que ele estava só tentando acalmá-la. Ela não se importou em chamá-lo de mentiroso. Sua mente já tinha passado para outras coisas que vampiros podem ou não podem fazer.

“Alho!” Seus olhos se arregalaram incredulamente. “Eu adoro alho, e agora eu não posso...”

“Você pode comer alho”, ele interrompeu. “Serio, é só outro mito”.

Ela não conseguiu dizer se ele estava mentindo ou dizendo a verdade e então ela ficou olhando para ele pensativa. “E igreja?”

“Igreja?” Ele ficou inexpressivo.

“Eu posso ir à igreja?” Ela perguntou devagar, como se ele fosse um idiota. “Minha família comparecera a missa todos juntos toda semana pela minha vida inteira, mas vampiros...”

“Você pode ir à igreja”, ele assegurou para ela, parecendo aliviado. “É só um outro mito. Artigos religiosos e igrejas não nos afetam”.

Ele obviamente esperava que essa novidade agradasse a ela. Não agradou. Os ombros de Rachel caíram de novo. “Ótimo”, ela disse. “Eu estava esperando que fosse ter uma excelente desculpa para não ir à missa a partir de agora. Padre Antonelli é bastante cansativo, mas até minha mãe não insistiria para eu ir se eu fosse queimar ou qualquer coisa igualmente embaraçosa no momento em que eu passasse pelas portas”. Rachel suspirou deprimida.

“Eu acho que não há um lado positivo nessa história”.

Etienne franziu a testa. Ela suspeitou que ele preferira sua raiva. “Claro que há um lado positivo”, ele disse. “Você está viva. E você vai viver para... bem, muito tempo. E você não vai envelhecer, e...”

“Você já disse isso”, ela apontou secamente. Empurrando-o ao passar por ele, ela caminhou de volta para o quarto.

“O que você está fazendo?” Etienne parecia ansioso e ele a seguiu.

“Procurando algo para vestir”. Rachel parou na metade do quarto. “A não ser que minhas roupas estejam por aqui em algum lugar?”

Ele sacudiu a cabeça. “Elas estavam ensopadas de sangue. Arruinadas, eu receio”.

“Hmm”. Rachel virou novamente para o armário. “Então eu terei que pegar algumas das suas roupas. Eu as devolverei”.

Etienne franziu a testa, mas permaneceu calado enquanto Rachel saqueava seu armário. Aparentemente esquecendo que ela já havia escolhido uma, ela pegou outra camisa branca de manga comprida e um par de calças, então voltou para o banheiro. Por puro instinto, Etienne começou a segui-la, apenas para quase quebrar seu nariz quando a porta bateu em seu rosto.

“Vou esperar aqui”, ele murmurou.

“Ótima idéia”, ela respondeu através da barreira.

Etienne olhou de cara feia para a porta do banheiro e ouviu o ruído das vestimentas. Ele supôs que ela estivesse se despindo. Uma rápida imagem se formou em sua mente dela desatando o lençol e deixando o tecido cair sobre seus seios pálidos e redondos, sua barriga, seus quadris, sua... Ele se sacudiu. Etienne sabia exatamente como ela era nua. Ele não estava forte o suficiente para ajudar quando eles voltaram para casa do hospital, mas também não foi forte o suficiente para não assistir Bastien e sua mãe despi-la, cuidar de seus ferimentos e dar banho nela, depois colocá-la em sua cama. Ele tinha uma idéia muito boa de como ela estaria agora atrás daquela porta. Sua pele pálida e cabelo vermelho combinariam com o azul do banheiro. Seus músculos endureceriam e relaxariam quando ela jogasse o lençol de lado e começasse a vestir a camisa muito grande para ela, sua favorita...

Etienne realmente estava vendo a cena quando a porta repentinamente abriu. Rachel parou abruptamente e olhou de cara feia quando o encontrou parado lá.

Ele pigarreou e ofereceu um sorriso torto. “Você foi rápida”.

“Saia”.

“Sim, claro”. Ele rapidamente deu um passo para o lado e a observou passar. As calças estavam muito largas e penduradas em seus quadris como um saco. Ela enfiara a camisa para dentro, e deu um nó na cintura da calça, mas quando ela caminhou de volta para o armário, o nó se desfez e a calça caiu por sua cintura.

Etienne levantou as sobrancelhas quando as calças caíram. Rachel parou de andar, e ele teve certeza que ela olhou de cara feia quando ela olhou para a roupa agora amontoada em volta de seus tornozelos. Ele também estava de cara feia –

não pelas calças caídas, mas porque a camisa caiu ao mesmo tempo, obstruindo sua visão. Era bastante decepcionante.

Mesmo assim, ele teve uma boa visão das pernas dela. Pernas adoráveis.

Resmungando baixinho, Rachel tirou as calças e seguiu em frente. “Vou precisar de sapatos”.

“Não, não vai”.

“Sim, eu vou”.

“Por quê?”

“Eu não posso sair descalça. Você pode chamar um táxi?” Ela se inclinou para avaliar os sapatos no armário.

“Não”.

Rachel olhou para ele com rebeldia. “Então eu mesma chamo um”.

“Eu quero dizer, não, você não pode ir embora”, ele explicou.

Ela virou para encará-lo completamente, seus olhos se estreitando até formar duas fendas. Não havia dúvida de sua irritação. “Olha, eu estava pensando enquanto eu me trocava”.

“Deve ter sido um pensamento curto”, ele comentou.

Ela ignorou seu sarcasmo. “E você sabe, embora você tenha me enganado no começo, eu percebi que nada disso é verdade. O jogo acabou. Acabou. Você deve me deixar ir”.

“Nada do que é verdade?” Ele perguntou surpreso.

“A parte do vampiro. Eu não posso ser um vampiro. Essas coisas não existem”.

“Existem sim. Eu sou um”.

“Não. Você está maluco. Você acha que você é um vampiro, como essas pessoas que acham que são lobisomens, mas na verdade estão sofrendo de licantria. Você obviamente está sofrendo de uma versão para vampiros dessa doença. Vampirotropia ou algo assim”. Etienne levantou os olhos. “Entendo. Então... e seus dentes?”

Sua boca apertou-se, e ela pareceu não ter certeza por um momento.

Para dar mais ênfase à questão, Etienne foi até o pequeno refrigerador e pegou a bolsa de sangue que ele oferecera antes. Ele usou uma unha grande de seu dedo mindinho para cortá-la e chegou mais perto dela. Quando o cheiro a alcançou, o que Etienne esperava aconteceu: o dente dela deslizou, passando por cima de seu lábio inferior – uma reação normal nas pessoas recentemente transformadas, pelo que ele ouvira. Levaria um tempo para ela ganhar controle dos novos instintos de seu corpo. Respirando profundamente, Rachel cobriu sua boca e correu para o banheiro. Etienne a seguiu. Ele ficou parado atrás dela enquanto ela se examinava no espelho e ele soube que havia um problema quando ela relaxou de repente.

“O quê?” Ele perguntou cuidadosamente.

“Vampiros não têm reflexos”, ela repetiu. “Mas eu tenho”. Ela encontrou o olhar dele no espelho e sorriu. A expressão parecia bastante malvada com seus novos caninos.

“Um mito”, ele reiterou.

“Não. É a prova que eu não sou um vampiro”. Ela soou inacreditavelmente firme nessa questão.

“E o dente?” Etienne perguntou.

Essa questão pareceu frustrá-la por um momento, quando ela relaxou de novo. “Eu estou sonhando”, ela respondeu. “Isso não está acontecendo de verdade”. Ela virou para encará-lo, com um sorriso brilhante. “Eu estou sonhando com você, porque eu achei você atraente quando eles trouxeram seu cadáver. Eu transformei você em vampiro neste sonho porque é o único jeito de um homem morto viver. Bem, quase viver”.

Ela franziu a testa por causa do paradoxo, e adicionou, “E no sonho, eu me transformei em vampiro também, para que eu possa ficar com você”.

“Você me achou atraente?” Etienne perguntou, satisfeito.

“Oh, sim”, ela admitiu lentamente. “Foi a primeira vez que eu achei um homem morto atraente. Talvez esta também seja uma razão para esse sonho. É muito esquisito estar atraída por um cadáver, então talvez eu tenha dado vida a você neste sonho para lidar com o fato que eu achei você tão atraente.” Ela inclinou a cabeça, pensando. “De qualquer forma, você é o cadáver mais bonito com quem eu já trabalhei”.

“Sério?” Etienne sorriu. Ninguém nunca disse que ele era o cadáver mais bonito antes. Claro, ele não era um cadáver e ele realmente devia explicar, ele disse a ele mesmo.

“Bem”, ela suspirou. “O que nós fazemos agora?”

Etienne piscou. “Fazer?”

“Sim. O que acontece depois no meu sonho?” Ela examinou-o com interesse. “Isso é um sonho erótico?”

“O quê?” Ele olhou boquiaberto para ela.

“Desculpa, eu acho que você não sabe mais do que eu, uma vez que você é só uma parte da minha mente que simboliza minha atração pelo verdadeiro você – mas eu não tenho muita certeza de como isso funciona. Eu nunca tive um sonho erótico antes. Minha amiga Sylvia os tem todo o tempo, mas eu não... que eu lembre”, Rachel disse. Ela sorriu ironicamente e adicionou, “Muito reprimida. Garota católica, você sabe. Confessar sonhos eróticos para o velho padre Antonelli seria muito constrangedor”. Ela franziu a testa. “Isso seria interessante. Causaria um ataque cardíaco no pobre homem velho”.

“Er...” Etienne encontrou-se de repente incapaz de falar.

Rachel não. “Então” – ela olhou na direção da cama – “tendo em vista que a maior parte desse sonho acontece no quarto, eu presumo que é um sonho erótico”. Seu olhar continuou no colchão. “E eu presumo que a diversão vai acontecer nessa cama. Parece muito trivial comparado com os sonhos de Sylvia, mas eu suponho que por ser meu primeiro sonho erótico, eu subconscientemente decidi começar de vagar”.

Etienne chocou em resposta.

Rachel continuou bufando, “Uma vez que você não está fazendo nenhum movimento, você deve representar meu lado menos agressivo”. Ela soou desapontada, então animou-se um pouco enquanto adicionou, “Bem, pelo menos não é um sonho onde eu sou estuprada. Eu não acho que eu me preocuparia com isso”.

“Uh”, Etienne disse.

“Oh, espere! Isso faz todo sentido. Eu sou uma tirana. Eu provavelmente preciso estar no controle de um sonho erótico para ele funcionar. É provavelmente o único jeito de eu me sentir confortável em ter um”. Ela olhou para a cama de novo e fez um sinal com a cabeça. “Bem, vamos para lá. Eu mal posso esperar para contar para a Sylvia. Ela está sempre orgulhosa de seus sonhos. O cara faz exatamente o que ela quer e é sempre terrivelmente excitante. O melhor sexo de todos. Homens reais não se comparam”.

Rachel foi na direção dele enquanto ela falava mas parecia um pouco perdida quando Etienne nervoso deu um passo atrás. Ela falou de novo, com um tom um pouco irritado. “Eu sei que eu tenho alguns problemas de controle, mas um pouco de agressividade não seria mau”.

“Eu não penso...”

“Não pense, então” ela sugeriu. Ela inclinou-se para beijá-lo.

Etienne congelou ao sentir os lábios suaves dela se mexendo sobre os dele. A fome cresceu nele, mas ele não ousou agir. Rachel estava confusa, achando que ela estava dormindo. Ele tinha que convencê-la do contrário – por mais que lamentasse. “Eu compreendo que eu devo ser o agressor, mas um pouco de ajuda seria legal”, Rachel murmurou contra seus lábios. Desistindo de beijá-lo, ela agarrou a mão dele e o arrastou para a cama. “Talvez ajude se estivermos na horizontal”.

“Eu...” As palavras de Etienne morreram numa surpresa respiração profunda quando ela o puxou, depois o empurrou na cama. Ele mal caiu sobre o colchão e ela subiu nele e sentou em sua virilha. Ela imediatamente inclinou-se para frente, obviamente pretendendo beijá-lo novamente.

Esquivando-se dela com um desespero nascido do fato que ele não queria exatamente esquivar-se dela, Etienne agarrou os ombros dela e parou seu progresso. “Não! Espera. Não é realmente um sonho”.

“Claro que é”, ela respondeu. “Você é o homem dos meus sonhos”.

Ele afrouxou um pouco. Ela inclinou-se aproximando-se, mas ele se recompôs e a parou de novo. Ela se soltou e ele lutou para ignorar as mãos que percorriam seu peito depois começaram a abrir os botões de sua camisa. “Não, serio. Eu – Oh, você é boa nisso”. Rachel já havia aberto sua camisa. As mãos frias dela percorriam gulosamente seu peito.

“Muita experiência”, ela explicou. “Na maior parte das vezes, nós só cortamos as roupas, mas às vezes nós temos que despir nossos cadáveres. Uau, você tem um corpo bonito”, ela comentou.

“Bem, Obrigado. O seu também é bem bonito”, Etienne disse. Seus olhos fixos no peito esticado dela enquanto as mãos dela deslizavam sobre ele. Os três botões de cima se desfizeram e uma boa porção do decote ficou à mostra. Era um bonito decote. Muito bonito. A língua dele deslizou para fora de sua boca e percorreu seus lábios quando onde ele realmente queria deslizá-la era a intumescência daqueles seios. “Bem, eu não sei se você tem um peitoral tão bonito na vida real”, ela comentou, “mas em meu sonho eu definitivamente te dei um perfeito”.

Etienne estava dando os parabéns para ele mesmo pelo fato de ela achar seu peitoral perfeito quando ele sentiu as mãos dela se movendo para o seu cinto.

“Você deve ser muito bem dotado também. Vamos ver”.

“Não!” Ele soltou os ombros dela e segurou suas mãos.

Rachel olhou para ele desapontada. “Não? Você não é bem dotado? Mas eu quero que você seja. E esse é o meu sonho”, ela reclamou.

“Não, eu quero dizer...” Ela parecia tão desapontada que Etienne decidiu tranquilizá-la. “Os homens da minha família são todos bem favorecidos”.

“Oh, ótimo!” Rachel ignorou as mãos dele e começou a trabalhar nas calças dele.

“Mas nós não podemos fazer isso”, ele conseguiu se livrar. Era quase doloroso dizer isso.

“Claro que podemos. É o meu sonho e eu quero fazer”, ela disse de modo lógico.

“Sim, mas... Olha, eu não posso em sã consciência permitir que você faça isso pensando que está sonhando”.

Rachel parou e olhou para ele, então apagou a visão de sua relação sexual de seus olhos com um grande suspiro.

“Só eu mesma para ter um sonho erótico onde o cara me repele”.

“Não é um sonho”, Etienne repetiu. “E se você apenas aceitasse que isso tudo é real, nós poderíamos –”

“Ok”, Rachel concordou. “Não é um sonho”. Ela sorriu.

Etienne olhou para ela cautelosamente. “O quê?”

“Não é um sonho, é um pesadelo. Mas o melhor pesadelo que eu já tive há muito tempo”.

“Não, não é um pesadelo”.

“Certamente é”, ela discordou. “É o pesadelo de qualquer mulher. Acordar na cama de um homem sexy apenas para descobrir que ele não te quer? Definitivamente um pesadelo”.

“Eu quero você”, Etienne garantiu.

“Oh, bom. Talvez não seja um pesadelo afinal, então”. Ela invocou os lábios dele com os dela. Desta vez, Etienne não lutou. Após hesitar por um momento, ele cedeu a seus desejos. A paixão que explodia entre eles era assustadora.

Etienne vivera por muito tempo e sexo para ele tinha se tornado rotineiro. Na verdade, sua paixão por muitas coisas tinha diminuído com o passar dos anos. Ele ficou cansado da vida até agora – até o advento dos computadores. Aquelas máquinas maravilhosas prenderam seu interesse e paixão de uma forma que as mulheres não faziam há muito tempo. Mas essa mulher despertou sentimentos que ele não tinha há séculos. E tudo isso com apenas um beijo?

Etienne estava tão assustado com a resposta entusiasmada do seu corpo, que cedeu imediatamente, seus desejos cavalheirescos subjugados pela luxúria. Ele soltou os ombros de Rachel e deslizou suas mãos sobre o corpo dela com carícias famintas e impacientes nas roupas que ela usava. Com um simples murmúrio, ele pegou o tecido e puxou, sem se importar em estar tirando os botões de sua camisa favorita. Ele não tinha nenhum sutiã para ela pegar, então Rachel não estava usando um. Isso o deixou livre para primeiro observar como um idiota, depois cobrir os redondos globos dos seios dela com as mãos.

Rachel interrompeu o beijo com um gemido e se arqueou para frente para receber a carícia.

“Oh, sim”, ela sussurrou, cabeça jogada para trás e olhos fechados. Ela cobriu as mãos dele com as suas. “Eu sou boa”.

“Você é, não é?” Etienne perguntou com uma risada. Ele levantou-se até poder alcançar seus seios com a boca.

Fechando os lábios no bico do seio dela, ele o sugou para dentro de sua boca e esfregou a enrijecida ponta com sua língua.

“Oh, Deeeuuuss, que bom”, Rachel ofegou. Movendo-se no regaço dele, ela esfregou-se na ereção que se desenvolvia dentro do seu jeans. “Sylvia disse que sonhos eróticos podem ser bons, mas noossaa!”

Etienne sentiu um pouco de culpa, mas ele rapidamente jogou isso de lado. Ela estava obviamente curtindo seu sonho, e ele tentara dizer a verdade.

Sua auto-justificação acabou quando a mão dela encontrou novamente o cinto dele. Dessa vez Etienne não tentou impedi-la, ao contrario se pegou suspirando empolgadamente, seus músculos contraindo enquanto ela abriu o botão depois desceu o zíper. Sua mão acabara de escorregar para dentro da calça quando a porta do quarto abriu. Marguerite entrou.

“Bem”. A voz da mãe de Etienne estava cheia de sarcasmo. “Eu imagino que vocês dois estão se entendendo muito bem”.

Etienne gemeu. Os olhos dele foram para Rachel, que sentou-se para olhar em volta. Ela estava perplexa quando seu olhar chegou na mãe dele. “O que você está fazendo no meu sonho erótico?”

“Sonho erótico?” Marguerite Argeneau moveu seu olhar novamente para seu filho.

“Er...” foi tudo o que ele disse.

CAPÍTULO 6

"Era suposto que você a convencesse de que ela não estava sonhando, meu filho."

"Eu sei", disse Etienne a acalmando. Ele nunca tinha visto a mãe tão irritada. Ela tinha sido doce e agradável com Rachel, ignorando o comentário do sonho erótico e agindo como se ela não tivesse acabado de entrar em um momento constrangedor.

Mostrando a Rachel uma grande bolsa cheia de roupas trazidas do apartamento dela, Marguerite sugeriu então que ela poderia estar mais confortável nelas do que nas roupas de Etienne. Então ela pediu à Rachel para ir ao andar de baixo quando estivesse pronta.

Em seguida, ela tinha conduzido Etienne para fora do quarto, silenciosa ao longo do corredor e ao descer as escadas o advertiu que estava mais que um pouco irritada. Agora, na sala de estar, ele tentou se defender. "Eu tentei convencê-la de que não era um sonho. Eu realmente tentei."

"Bem, aparentemente você falhou", Marguerite rebateu. "A menina pensa que está tendo um sonho erótico, pelo amor de Deus!"

"Um sonho erótico?" Bastien ecoou. O tom dele era meio divertido, meio horrorizado.

"Fascinante." Lucern - uma cópia exata de Bastien, só que mais alto - puxou uma caneta e um bloco do bolso e anotou algo.

Etienne olhou para seus irmãos mais velhos, então respirou fundo se acalmando. Se voltando para sua mãe ele disse, "Ela realmente está resistindo à idéia de ser um vampiro. Quero dizer, realmente resistindo, mãe. Ela torce seu cérebro e contorce seus pensamentos das formas mais complicadas para evitar aceitar isso."

"Talvez você não tenha apresentado isto a ela corretamente."

Aquela voz masculina profunda chamou a atenção de Etienne para o bar, e ele levantou uma sobrancelha pela surpresa pelo casal estar lá. O homem tinha falado, mas o olhar de Etienne achou a irmã dele primeiro. Exceto pelo fato de ser loira, Lissianna era uma réplica exata da mãe deles. Ela sempre pareceu linda, mas agora, quando ela cruzou a sala em direção a ele com uma bebida, ela estava radiante. Estar comprometida obviamente combinava com ela.

Etienne olhou para o homem que a seguia. Gregory Hewitt. Alto, cabelos escuros e de boa aparência, o noivo de Lissianna sorriu para ele cumprimentando-o.

"Eu não percebi que estavam vindo", disse Etienne. "Eu pensei que estavam ocupados com os preparativos do casamento."

"Nunca ocupados demais para a família", Lissianna murmurou. Ela o abraçou. "Além disso, eu tinha que conhecer sua companheira de vida."

Etienne afundou. Sua companheira de vida estava lutando com ele com unhas e dentes - quando não estava fazendo coisas completamente estranhas como insistir que isso tudo era um sonho erótico.

"Como eu disse", Gregory reiterou, deslizando o braço ao redor de Lissianna. Ela libertou Etienne e recuou. "Talvez você não tenha apresentado isto na luz certa."

"Claro que ele não fez", Lissianna concordou sorrindo. "Depois que ela conhecer os benefícios, ela vai levar isto bem."

"Eu disse a ela os benefícios", Etienne insistiu.

"Aposto que você não contou todos." O sorriso de Lissianna acalmou um pouco a irritação dele com o interrogatório sobre as habilidades dele.

"Aposto que eu disse", ele respondeu.

"Veremos."

Lissianna deu de ombros e sorriu, mas o sorriso foi por cima do ombro, alertando Etienne sobre alguém chegando. Rachel, é claro. Ele se virou, seus olhos se alargando quando ele mirou a roupa dela. Ela tinha vestido uma calça desgastada, uma blusa e um jaleco nas duas vezes que ele a tinha visto no necrotério. Ela esteve nua, envolta em um lençol, ou vestindo uma de suas camisas aqui na casa dele. Agora ele se encontrava pasmado com ela em um par apertado de jeans desbotado e uma camiseta que mal chegava ao seu umbigo. Seu cabelo puxado para trás em um rabo de cavalo e seu rosto estava levemente maquiado. Ao todo, ela parecia ter aproximadamente dezoito. Um sensual dezoito. Etienne estava boquiaberto.

"Umm, estes não são... er..." Rachel mudou em seus pés, puxando nervosamente a barra da camiseta num esforço de puxá-la para baixo até que cobrisse a barriga dela. "Eu suponho que você não trouxe qualquer outra roupa do meu apartamento, não é?"

"Eu sinto muito. Não, querida. Tem algo de errado com elas?" Marguerite perguntou. Levantando-se, ela se aproximou. "Não são suas? Eu as tirei de seu armário. Estas eram as únicas roupas casuais que eu pude encontrar."

"Sim. Sim, elas são minhas", Rachel disse depressa. "Mas estão velhas. Eu quero dizer, eu não uso calças jeans desde a formatura da universidade, e eu, obviamente, as ultrapassei." Ela franziu a testa olhando abaixo para si mesma e puxou a barra novamente. "Eu devia ter jogado fora, realmente, mas eu tenho meio que uma mania de guardar coisas."

"Não, você está maravilhosa." Marguerite tomou-lhe a mão e a levou até o sofá. Quando ela estava sentada, a mulher deu tapinhas na mão dela e disse: "Pelo que Etienne nos disse, você parece estar um pouco confusa."

"Eu não sou a única confusa", Rachel disse, entretanto ela já não tinha certeza se era o caso. Esse sonho tinha tomado um toque surreal. Ela não tinha certeza do que estava acontecendo. Sonho? Pesadelo? Imaginação febril? Será que era tudo por causa de drogas muito fortes?

"Ah. Bem." Marguerite sorriu amplamente. "Talvez se você me disser a última coisa da qual se lembra antes de acordar, nós possamos trabalhar a partir daí."

"A última coisa", ponderou Rachel. A lógica era reconfortante. Marguerite não estava afirmando ser um vampiro ou insistindo que Rachel era. Talvez isso acabe por se desenrolar sozinho.

Ela passou a língua nos dentes superiores, aliviada por encontrá-los perfeitamente normais. Isso tudo tinha que ser resultado de drogas muito fortes. Ela esfregou distraidamente o tórax, onde o machado havia cortado a pele, mas não deixou nenhuma cicatriz. Ela provavelmente estava em coma agora e a morfina forte estava dando a ela sonhos estranhos. Não necessariamente sonhos ruins. Aqueles poucos momentos quentes no quarto não tinham sido nada ruins. Na verdade, a única parte ruim para ela era que tinha acabado de forma tão abrupta - e sem satisfação.

"A última coisa que eu me lembro..." ela repetiu, empurrando os outros pensamentos de lado. "Eu estava no trabalho pela primeira vez depois de estar doente durante uma semana."

"Aham". Marguerite assentiu encorajando-a.

"Tony estava fora e Beth estava atrasada." Ela olhou para cima e adicionou, "Problemas com o carro."

Marguerite fez um murmúrio de possível simpatia para com a Beth desconhecida e seu carro.

"Fred e Dale, dois bombeiros, trouxeram um crispy critter."

"Um crispy critter?"

Rachel olhou para o homem sentado em frente a ela. Ele, como o homem de mais cedo, se parecia muito com um Etienne moreno, mas um pouco mais mal-humorado. E ele tinha um bloco de papel onde parecia anotar algo. Ela encarou curiosamente o caderno no joelho dele e respondeu, "Vítima de queimadura."

"Você os chama de crispy critters?" Bastien, o primeiro moreno, perguntou aflito.

Rachel deu um suspiro interior. Era difícil explicar a parte do sangue frio para as pessoas de fora da profissão, mas ela fez uma tentativa.

"A morte pode ser bastante desagradável. Às vezes, nós usamos esses termos para... bem, basicamente, nos distanciarmos da tragédia. E todo caso é uma tragédia, seja uma vítima de queimadura ou de ataque cardíaco. Toda pessoa é amada por alguém e será lamentada. Estamos cientes disso, mas temos que deixar isso de fora de nossas mentes ou simplesmente não podemos fazer nosso trabalho." Ela poderia dizer pela expressão das pessoas a sua volta que eles realmente não entenderam. Ela realmente supôs que ninguém entenderia. O trabalho dela era difícil, tanto tecnicamente quanto emocionalmente. Ela e seus colegas faziam o possível para respeitar os mortos, mas tinham alguns mecanismos de se enfrentar isso...

"Assim esses Fred e Dale trouxeram uma vítima de queimadura", a jovem loira estimulou.

"Sim." Rachel olhou curiosamente dela à mulher que pegou suas roupas. As duas poderiam ter sido gêmeas, mas a cor do cabelo delas era diferente. Então o olhar de Rachel pousou sobre Etienne e se encheu de confusão. "Sim, uma vítima de explosão de carro. Fred e Dale partiram e eu comecei a registrar a vítima de queimadura e notei que parecia que a pele não havia se queimado, mas algo que grudou na pele dele durante a explosão. Então eu pensei ter visto uma movimentação no tórax dele. Então eu tentei tomar o pulso, mas quando o fiz..." Ela hesitou. Essa era a parte em que as coisas ficavam confusas. Não que ela não pudesse se lembrar - Rachel nunca esqueceria aquele machado entrando em seu corpo - mas porque não havia nenhuma ferida agora e nada fazia sentido.

"Mas quando você fez..." O homem com o bloco solicitou.

"A porta do necrotério bateu aberta." Ela se forçou a continuar. "Um homem estava lá, vestia uma calça cáqui e uma capa de chuva. Ele abriu o casaco e tinha um rifle pendurado num ombro e um machado no outro. Gritou para mim." O olhar dela foi incerto de novo para Etienne, então desviou.

"Ele gritou para me afastar, que a vítima de queimadura era um vampiro. Então ele correu para frente, levantando o machado quando vinha. Percebi que ele queria cortar a cabeça da vítima queimada, mas eu não podia deixar. Eu não estava certa de que o homem estava realmente morto. Eu parei entre os dois, esperando que ele parasse, mas ele já estava executando o movimento. Ele não

podia parar e o machado..." A voz dela sumiu e ela alcançou abaixo da clavícula dela, esfregando distraidamente.

O silêncio reinou por um momento, então Rachel pigarreou e terminou, "Ele ficou horrorizado com o que fez. Ele tentou me ajudar, mas eu estava em choque e com medo, então acho que alguém começou a entrar no necrotério. Ele se assustou, me disse que a ajuda chegaria em breve, me disse pra ficar viva, então se virou e fugiu."

"Bastardo", Etienne tomou fôlego. Virou-se para os outros. "Eu definitivamente acho que devemos ligar para a polícia e dizer que ele a raptou. Deixar que eles o encarcerem."

"Mas ele não me sequestrou", Rachel disse.

"Isso não importa", Etienne afirmou. "Será a sua palavra contra a dele e alguém o viu entrar no hospital com armas. Eles vão acreditar em você."

"Mas ele não me sequestrou", ela repetiu.

"Não, ele apenas tentou matá-la", ele respondeu com sarcasmo. Voltando para os outros ele acrescentou, "Nós podemos fazer com que ela telefone para a polícia de uma cabine telefônica próxima a casa dele, afirmando que ela acabou de escapar-"

"Eu não vou fazer isso", Rachel interrompeu. "Eu vou dizer a polícia que ele acidentalmente me bateu com o machado enquanto apontava para você, e que parecia imediatamente lamentar o que fez, mas eu não vou dizer que ele me raptou. Isso seria mentira."

Seu anfitrião bufou com exasperação. "Rachel, ele tentou matá-la."

"Na verdade não, ele não tentou", ela argumentou. "Foi um acidente."

"Okay. Então ele tentou me matar", ele retrucou.

"Bem, se você é o sanguessuga cruel que ele disse, quem poderia culpá-lo por tentar te matar?!"

Todo o mundo ofegou. Então Marguerite caiu na gargalhada.

Etienne ficou boquiaberto com ela. "Mãe! Como pode rir disso?"

"Ela é tão encantadora, querido", ela usou como desculpa, então virou-se e bateu na mão de Rachel. "Ele não é cruel, criança. Nenhum de nós é. Nem você."

Rachel parecia rebelde. Aparentemente Marguerite decidiu não convencê-la, mas tomou uma abordagem diferente. Ela disse, "Deixe-me apresentar meus filhos. Você já conhece Etienne, é claro."

Etienne deu um sorriso encorajador, mas ele duvidou que Rachel tenha percebido. O olhar dela passou nervosamente por ele, então desviou quando ela balançou a cabeça e corou.

"E esta é minha filha Lissianna e seu noivo Gregory." Marguerite sorriu quando apontou para o casal, então esperou Lissi e Greg apertarem a mão de Rachel e dar as boas-vindas. Em seguida ela se virou para os filhos mais velhos. "E estes são meus meninos mais velhos. Lucern e Bastien. Parem de rir assim, meninos. Vão deixar Rachel desconfortável."

A cabeça de Etienne vasculhou ao redor. Uma expressão furiosa cobriu a face dele quando viu o modo como ambos os homens estavam olhando de soslaio.

"Umm, com licença", Rachel interrompeu, olhando confusa para Marguerite. "Você disse seus *filhos*?"

"Sim." Marguerite sorriu.

"Mas você é muito jovem para..."

"Obrigada, querida", Marguerite interrompeu rindo. "Mas eu sou muito mais velha do que aparento."

Rachel estreitou os olhos. "Quão mais velha?"

"Eu tenho setecentos e trinta e seis."

Rachel piscou, então pigarreou. "Setecentos e trinta e seis?" ela repetiu.

"Sim, querida." Marguerite assentiu.

Rachel assentiu.

Todos eles assentiram.

Então Rachel balançou a cabeça, fechou os olhos e Etienne pegou distintamente as palavras, "Eu ainda estou sonhando. Mas está se tornando um pesadelo de novo."

Para a grande surpresa de Etienne, sua mãe caiu na gargalhada novamente e bateu levemente na mão dela. "Não é um sonho. Ou um pesadelo. Nem mesmo um sonho sensual", ela explicou. "Isso tudo está realmente acontecendo. Nós somos - embora não gostemos muito do termo - vampiros e eu realmente tenho setecentos e trinta e seis anos."

"Eu vejo". Rachel assentiu novamente, em seguida fechou os olhos e balançou a cabeça.

Seus olhos piscaram abertos e ela gritou surpresa com a dor quando Marguerite alcançou-a e beliscou seu braço. "Você não está sonhando", a mulher disse. "Aquele beliscão teria acordado você. Isso tudo está realmente acontecendo. Nós somos vampiros. E agora, você é também."

"Você diz isso como se fosse uma coisa boa", Rachel resmungou. Depois ela acrescentou, "Esta família toda é maluca."

"Talvez se Bastien explicasse a base científica disso", Greg disse de repente. Ele olhava solidário, o que lembrou Etienne de que ele tinha lidado com isso recentemente.

"Sim." Bastien levantou-se e se uniu a Rachel no sofá. Etienne assistiu Marguerite levantar e ir ao bar para olhar no refrigerador. Ele suspeitou que sua mãe estava tomando um pouco do seu estoque privado de sangue. Ele duvidou que qualquer um deles tenha parado para se alimentar antes de vir. Todos estavam preocupados sobre este assunto. O conhecimento e obsessão de Pudge era uma ameaça a todos eles.

"Veja", Bastien começou, tomando a mão de Rachel e sorrindo para ela de uma forma com a qual Etienne não se importou. "'Vampiro' não é um termo que nós escolhemos. Foi aplicado a nós e nós aceitamos sua conveniência ao lidar com mortais- er... não-vampiros, eu quero dizer. Mas não é totalmente correta."

"Não é?" Rachel soou cautelosa.

"Não. Pelo menos não da forma a que os vampiros vêm a ser conhecidos. Nós não somos assim devido a qualquer maldição", Bastien explicou, "ou porque Deus nos evitou. Consequentemente os símbolos religiosos não têm nenhum efeito sobre nós."

"Entendo", Rachel disse lentamente.

"Nós não estamos possuídos por demônios que distorcem nossas características faciais e que se alimentam ou têm prazer torturando pessoas."

"Aham."

"Há uma explicação e base científica para o nosso estado."

Isso pegou a atenção dela. Ela estava ouvindo, Etienne notou com alívio.

"Veja, os nossos antepassados são muito antigos", explicou Bastien. "Eles são de antes dos tempos romanos, antes do nascimento de Cristo. Pré-história, na verdade."

"Oh?" Rachel parecia incerta novamente.

"Sim. Nosso lar original era um lugar que algumas pessoas se referem como Atlântida."

"Ah." Etienne soube pelo tom de voz de Rachel que Bastien a estava perdendo novamente. Ela tinha aquele olhar cético mais uma vez em sua face.

"Nossos cientistas estavam bastante avançados. Eles desenvolveram... bem, a explicação mais fácil é um tipo de nano."

"Nano?" Ela relaxou, de volta em fundamentos científicos seguros.

"Sim. E eles combinaram isso com uma bioengenharia complicada para criar nanos especializados que atuam como uma espécie de parasita benigno."

"Parasitas?" Bastien definitivamente tinha o interesse dela agora, e Etienne sentiu suas esperanças crescendo de que ela finalmente aceitaria o que estava acontecendo.

"Sim. Eles se alimentam do sangue que produzimos."

"Então é uma experiência de cientista louco", ela esclareceu, relaxando um pouco quando Bastien assentiu. "Mas como é que estes nanos entraram no seu povo?"

"Eles foram introduzidos deliberadamente", ele admitiu. "Você vê, eles foram criados para residir na circulação sanguínea e ajudar a reparar danos feitos por ferimentos - como micro-cirurgiões que trabalham do lado de dentro, por assim dizer. Mas uma vez que estes nanos foram introduzidos na corrente sanguínea dos nossos antepassados, verificou-se que eles não só reparavam o tecido, mas regeneravam-no bem como combatiam doenças."

"Estou vendo. Assim eles reparam e regeneram o seu corpo, em efeito o mantém jovem e saudável e, em troca, se alimentam do sangue?" Ela perguntou devagar.

"Exatamente." Bastien sorriu.

Rachel pareceu considerar por um momento, então comentou, "Eu imagino que gaste uma boa dose de sangue constantemente para reparar e regenerar o tecido."

"Sim", ele admitiu. "Mais do que um corpo humano normal pode, eventualmente, produzir."

"Daí a necessidade de sugar pescoços", Rachel adivinhou.

Etienne pigarreou e todos na sala esperaram ele começar.

"Bem, não olhem pra mim", ele disse irritado quando eles se viraram para ele. "Essa frase não é minha."

"Nós não 'sugamos pescoços' mais", Lissianna disse ternamente. Ela se moveu para assumir a posição do outro lado de Rachel. "É verdade que, no passado, houve a necessidade e, ocasionalmente, problemas de saúde ou fobias... er..." Ela olhou para Greg e eles trocaram sorrisos. "fez um ou outro dos nossos voltar aos velhos métodos. Porém, morder pessoas foi desaprovado desde o advento dos bancos de sangue."

"Bancos de sangue." Os olhos de Rachel se alargaram. "Putz, eles seriam como restaurantes fast-food, um McDonald's para os vampiros."

"Mais como delicatessen que McDonald's. Só cortes frios." Lissianna fez uma careta de desprezo. Ela havia sido obrigada a "sugar pescoços" até recentemente devido a um caso de hemofobia. Não havia nada mais debilitante para um vampiro que ser infeliz ao ponto de desmaiar com a visão de sangue – algo que Lissianna sofria desde a infância. Ela estava curada agora, mas Etienne sabia que ela ainda estava tentando se acostumar com os sacos de sangue frio.

Rachel ficou em silêncio, um olhar de desgosto na face dela. "E agora eu sou como você?"

Lissianna pegou a mão dela de forma que ela e Bastien ficaram com uma cada um. "Sim", ela disse solenemente. "Etienne te transformou para salvar sua vida. Você agora é um vampiro."

Os ombros de Rachel caíram. "Mas eu nem gosto de chouriço ou bife mal passado. Se for um pedaço mais rosado eu já engasgo. Eu nunca vou ser capaz de-"

"Isso tudo pode ser contornado", Lissianna assegurou a ela. "Se necessário, você pode continuar a ter sangue via intravenosa como tem sido."

Rachel não pareceu muito impressionada. "Meu dentista vai amar isso. A primeira vez que ele fizer um raio-x ele enlouquece."

"Isso não será preocupação. Você não vai mais precisar visitar o dentista", Bastien a assegurou.

"Eu não vou?"

"Não", respondeu Lissianna. "Ou um médico, também. Você agora é a prova de doenças. O sangue cuidará disso."

"Sem mais vacinas contra gripe ou brocas de dentista?" Rachel perguntou.

Lissianna mostrou um sorriso triunfante para Etienne. "Eu sabia que você não tinha explicado corretamente. Aposto que você não contou a ela sobre os orgasmos também."

"Eu disse a ela que viveria para sempre e que nunca envelheceria. Isso devia valer mais do que se livrar do dentista ou de visitas ao médico", disse Etienne irritado.

"Talvez pra alguém que nunca teve de passar por isso", Rachel disse distraidamente. Então ela perguntou, "Orgasmos?"

"Bem, eu sugiro que saíamos." Greg pegou o copo dele e se encaminhou para a porta. "Quando as mulheres começam a falar de sexo..."

Bastien deu tapinhas na mão de Rachel e pôs-se de pé também. "Sim, essa parte é melhor deixarmos essa parte para as mulheres, eu acho."

"Hmm." Lucern grunhiu de acordo, mas ele realmente parecia como se preferisse ficar e tomar notas. Ele se levantou relutantemente e se dirigiu à porta, chegando próximo a Etienne ao mesmo tempo em que Bastien. Como se fosse um pensamento compartilhado - o que provavelmente era - cada um deles levou-o por um braço e o arrastaram até a porta.

"Venha, irmãozinho. Você pode nos mostrar as últimas novidades para seu novo jogo", Bastien disse.

Etienne não protestou. Não havia utilidade em fazê-lo. Mesmo ser um vampiro não ajudava a lidar com dois irmãos arrogantes como Lucern e Bastien.

"Orgasmos", Marguerite disse assim que a porta se fechou atrás dos homens.

Rachel olhou para a mãe de Etienne. A mulher - a mulher muito mais velha, se ela realmente tivesse setecentos e trinta e seis anos - estava sorrindo com malícia quando veio para tomar o assento desocupado de Bastien. "Você não vai acreditar."

Lissianna riu ao entusiasmo de sua mãe, então explicou, "Marguerite pode explicar melhor que eu. Eu nasci de vampiros e nunca experimentei uma vida sexual mortal. Mas a mamãe começou humana e foi transformada como você. Segundo ela a diferença é enlouquecedora."

"Eu vou te dizer." Marguerite passou a língua sobre os dentes dianteiros e fez um barulho de sucção apreciativo. "Eu desmaiei todas as vezes durante o primeiro ano."

"Desmaiou?" Rachel estava boquiaberta. "Todo o primeiro ano?"

"Oh, minha querida!" Marguerite bateu levemente na mão dela. "Não dá pra explicar a diferença. É impressionante. Você se conecta com seu parceiro e experimenta o prazer dele assim como o seu próprio combinado."

"Então, é como duas vezes o prazer?" Rachel perguntou.

Marguerite balançou a cabeça. "Mais como vinte vezes. De alguma forma o sangue aumenta a sensibilidade. Seu olfato será dez vezes melhor do que nunca, você vai poder ouvir mais, ver mais longe e você será extraordinariamente sensível ao toque."

"Sexo vinte vezes melhor?" Rachel tentou imaginar, mas não conseguiu. Talvez ajudasse se ela tivesse mais experiência no assunto. Rachel não tinha gasto muito tempo ou esforço com a vida social dela nos últimos anos. Ela esteve ocupada com a universidade, mas depois de pegar seu noivo na cama com sua colega de quarto, ela concentrou a maior parte da sua atenção no trabalho.

"Ser mais experiente não ajuda, querida", Marguerite disse simpaticamente. "Você vai entender uma vez que experimente o que estou falando."

Rachel olhou incerta para a mulher, depois pigarreou e perguntou, "Você acabou de ler a minha mente?"

"Temo que sim." Marguerite mordeu o lábio. "Me desculpe. É um péssimo hábito. Vou tentar não me intrometer nos seus pensamentos no futuro".

Rachel deu de ombros. Só teria que guardar seus pensamentos. E estava mais interessada em outras coisas neste momento. "Eu posso ler mentes também?"

"Ainda não. Você terá que aprender isso. Há muitas coisas que você vai ter que aprender."

"Como o quê?", ela perguntou curiosa.

Marguerite ponderou. Rachel suspeitou que ela estava tentando decidir o que não contar a ela. Finalmente, a mulher mais velha disse, "Você vai ver que estará muito mais forte do que era. Mais ágil, tanto em corpo quanto em mente. Você será capaz de ver melhor no escuro também."

"Como predadores noturnos", Rachel disse.

"Sim. Seus olhos brilharão quando a luz bater neles no escuro, como os de um animal noturno."

Rachel elevou a mão autoconsciente para seu rosto e olhou de Marguerite para Lissianna. Ambas tinham os olhos pratas-azulado. Etienne também tinha. "Meus olhos são como os seus agora?" Ela realmente não tinha notado quando se olhou no espelho do andar de cima.

"Mais para prata-esverdeado, querida", Marguerite julgou. "A cor original era verde?"

"Sim." Agora Rachel estava curiosa para ver.

Ela mal formulou a idéia quando Lissianna se levantou e foi até uma bolsa na bancada. A loira vasculhou a bolsa por um momento, depois retrocedeu, um espelho compacto na mão. Abrindo o espelho, a jovem se aproximou. "Eu tenho duzentos e dois anos", ela disse entregando o espelho a Rachel.

Rachel conseguiu dar um sorriso envergonhado por ter sua pergunta não dita respondida, lembrando-se de que ela teria de tomar cuidado com seus pensamentos ao redor dessa família. Então ela se voltou para o espelho para examinar seus olhos.

"Uau", ela sussurrou. A preocupação com a guarda de seus pensamentos foi rapidamente esquecida. Então ela franziu a testa, "Vai ser interessante explicar isso a minha família." Olhando para cima, ela só teve tempo de pegar a troca de olhares entre mãe e filha. "O quê?"

Lissianna balançou a cabeça, mas o sorriso dela era um pouco tenso. "Entrará em contato com eles".

"Bem pensado", Marguerite disse. Mas suas palavras eram suspeitosamente amáveis e ela se levantou. "Agora você deveria descansar. Você está cansada."

Curiosamente, no momento em que a mulher disse as palavras, Rachel se sentiu cansada. Ela também suspeitou de que ler mentes poderia não ser a única coisa que eles podiam fazer.

"Você pode controlar mentes", ela acusou.

"Um truque útil que nos ajudou nos velhos tempos de caça", Marguerite disse calmamente.

Pelo menos ela não mentiu, Rachel pensou com resignação. Então outro pensamento a golpeou. "Etienne estava controlando minha mente mais cedo?" Ela não especificou os momentos apaixonados no quarto, mas ela não precisava. Marguerite podia ler seus pensamentos, afinal de contas.

"Por muita sorte, Etienne é incapaz de ler seus pensamentos ou controlá-los", Marguerite disse.

"Por que isso é sorte?" Rachel perguntou. Ela pensou que era, mas por que Marguerite também?

"Porque companheiros de vida não podem ler ou controlar um ao outro. Caso contrário, não seria uma parceria. Seria um mestre e um boneco."

O comentário confundiu Rachel um pouco, uma vez que ela acabara de conhecê-los e não tinha sido companheira de vida de ninguém antes, mas uma outra pergunta lhe veio a mente. Ela perguntou, "Quantos anos Etienne tem?"

"Trezentos e doze."

"Trezentos e doze anos", Rachel ecoou. Sua angústia voltou. O homem tinha trezentos e doze anos. Ela tentou pular em cima de um homem velho. Ele era realmente um velho.

"Não se irrite", Marguerite disse. Desta vez sua voz era macia, um sussurro suave. Quase como se ela não tivesse falado em palavras, mas com um sopro. Ou simplesmente pensado. "Facilite a si mesma. As coisas serão menos dolorosas depois de um descanso."

"Sim." A palavra saiu da boca de Rachel de seu próprio acordo. Não que Rachel tenha desejado. O único pensamento que veio a sua mente era que estava cansada e precisava descansar.

"Venha", Marguerite disse, enquanto levantava. Rachel fez como lhe foi dito.

"Brilhante!" Bastien sorriu e deu um tapa nas costas de Etienne enquanto este fechava o programa. "Este fará ainda mais sucesso que o primeiro." Lucern e Greg assentiram.

"É bom assim?"

Todos os quatro homens se viraram para a porta em surpresa ao som da voz de Lissianna. Greg sorriu ao vê-la e se moveu para junto dela, seu braço deslizando ao redor dela em boas-vindas. Ele pressionou-lhe um beijo na testa.

"Terminaram de explicar as delícias do sexo vampiro para Rachel?"

"Hmm." Ela sorriu e beijou Greg de volta, então virou-se para seu irmão. "Ela está encantada, Etienne. Possivelmente aumentamos suas chances."

"Ha ha." Etienne desligou o computador e levantou. "Onde está mamãe?"

"Ela levou Rachel para o andar de cima para colocá-la na cama."

Etienne riu. "Colocando-a para dormir como uma criança?"

"Ela é uma criança", Lucern comentou, liderando o caminho para sair do porão de Etienne. "Ela tem pouco mais de vinte e cinco."

"Quase trinta", Etienne corrigiu.

"Ainda é uma criança", Lucern disse dando de ombros.

"Todo mundo é uma criança para você, Lucern", Lissianna brincou.

"Nem todo mundo. Só todo mundo abaixo dos quatrocentos."

"Com todo mundo você quer dizer você, mamãe, Bastien e talvez uma centena dos vamps mais antigos do mundo", Etienne disse com nojo. Aos trezentos e doze ele estava ficando cansado de ser chamado de criança. Ele às vezes até desejou ser humano, para ter uma vida normal e família. Mas esse sentimento sempre passava.

"Bem, o que vamos fazer sobre o seu amigo Pokey?" Greg perguntou quando eles voltaram para a sala de estar.

"Pudge", Etienne corrigiu.

"Sua mãe disse que o nome dele era Pokey."

"Ela parece ter um bloqueio mental quando se trata do nome dele".

"Estive pensando nisso", Bastien falou. Todos escutaram. Quando Lucern escolheu escrever e exercer outras atividades criativas depois da morte do pai deles ao invés de dirigir os negócios da família, foi Bastien quem assumiu o fardo. Todos o respeitavam por isso e pelo esforço dele em favor de todos. "Como discutimos antes, como os funcionários do hospital e a polícia já pensam que Pudge levou Rachel com ele, seria útil se pudéssemos persuadi-la a fazer uma denúncia. Iriam prendê-lo e condená-lo por sequestro. Etienne tem que convencê-la a denunciá-lo."

"Uma boa idéia", Lucern comentou. Arqueando uma sobrancelha para Etienne ele perguntou, "Acha que consegue?"

"Eu posso tentar", Etienne decidiu. Então ele sorriu. "Terei muito tempo para convencê-la enquanto ela estiver aqui."

"Se ela concordar em ficar", Lissianna salientou.

"Ela vai."

"Ela não é um cão de rua, Etienne", Marguerite disse secamente, entrando na sala. "Você não pode apenas mantê-la o quanto quiser."

"Não, ela não é um cão de rua", ele concordou. "Mas agora ela é um de *nós*."

"Então?" Lissianna disse. "Ela ser um de nós não significa que você pode mantê-la acorrentada. Ela provavelmente vai querer voltar para sua própria vida."

"Mas ela vai precisar se alimentar", ele protestou.

"Sim, ela vai", Bastien concordou. "E certamente vamos manter o nosso banco de sangue aberto para ela, se ela precisar."

A cabeça de Etienne estalou na direção do irmão. "Se ela precisar? Claro que ela vai precisar."

"Não necessariamente", Greg comentou. "Ela trabalha num hospital. Ela provavelmente pode se cuidar sozinha."

Etienne não disse nada, mas sentiu sua boca apertar com desgosto. Ele não gostou da idéia de perdê-la e lutou brevemente com as razões por trás disso. Ele estava completamente confuso com a paixão que sentia, já que ele mal conhecia a mulher e não devia sentir isso com tanta força - mas sentia. Ele gostaria de pensar que não tinha nada a ver com a resposta apaixonada de seu corpo quando ela o tinha beijado, ou o prazer que ele sentiu quando ela rastejou em cima dele.

Seu olhar vagou até a porta e a escada visível à frente quando sua família continuou falando. Rachel estaria dormindo na cama dele naquele momento, sua mãe teria cuidado disso. Era melhor assim. O corpo dela tinha sofrido um bom trauma à tarde - uma ferida mortal, a transformação, a cura. E mentalmente ela tinha sido afetada também. Não devia ser uma coisa fácil de aceitar que toda a sua vida tivesse mudado tão abruptamente.

Etienne franziu a testa. Sua própria vida havia dado uma volta súbita e inesperada, juntamente com a dela, e ele estava se sentindo bastante fragilizado. De repente, ele se deparou com o cuidado e preocupação de outro ser. O mais próximo que ele sentiu disso foi o caráter protetor de irmão mais velho quando Lissianna era uma criança, mas não tinha sido tão forte. Ele sentiu uma conexão com a mulher adormecida em sua cama, uma conexão que não podia definir ou realmente compreender. Talvez fosse por ele tê-la transformado e isso tenha criado um laço do qual ele não tinha sido avisado. Não obstante, sentia que sua vida agora estava entrelaçada com a dela em muitos níveis.

Por outro lado, talvez ele só precisasse simplesmente olhar em mais de uma vida social. Não devia ter sido tão bom para ele ser celibatário por tanto tempo.

"Quanto tempo faz?"

"Duas ou três décadas", Etienne respondeu antes que pudesse conter a si mesmo. Então ele ficou furioso. "É rude ler os pensamentos de outras pessoas, mãe."

Ela simplesmente sorriu docemente para ele. Marguerite tinha um vínculo com cada um de seus filhos, talvez desde o nascimento. Ela sempre foi capaz de ler a mente deles e tal - um talento não recíproco às crianças dela. Cada um deles podia ler os pensamentos dos humanos - ou normalmente podiam, Etienne se corrigiu, lembrando que a mente de Rachel parecia lacrada para ele. Eles também podiam ler as mentes uns dos outros quando eles não eram cuidadosos, o que normalmente eram. Mas nenhum deles podia ler Marguerite.

"Está ficando tarde e eu tenho coisas a fazer", anunciou a mulher enquanto se levantava. "Além disso, nós deveríamos deixar Etienne decidir como vai convencer Rachel a seguir o plano. Poderemos nos reunir para discutir este assunto amanhã à noite."

Para o alívio de Etienne, todo mundo concordou. Ele os viu sair, fechou e trancou a porta, então abriu caminho para seu quarto no andar de cima, incapaz de impedir a si mesmo.

Sua hóspede dormia com a inocência de um bebê. Como ela se deitou enrolada em seus cobertores na cama, não havia nada sobre ela que sugerisse uma mulher travessa, ou até mesmo vigorosa escondida ali debaixo. Etienne sorriu levemente a sua lembrança. Rachel era um rojão, como seu cabelo avermelhado sugeria e Etienne estava desfrutando muito do espetáculo. Ele mal podia esperar o pôr-do-sol e uma nova noite começar.

CAPÍTULO 7

Os números digitais vermelhos do relógio na mesa de cabeceira marcavam 12:06. Noite profunda. Ela não tinha dormido muito tempo. Apesar da aversão dela ao turno da noite, estar nele por tanto tempo afetou seus padrões de sono e Rachel soube imediatamente que não voltaria a dormir. Normalmente estaria bem na hora do seu turno a essa hora... E desejando trabalhar durante o dia.

Sentando-se, ela deslizou os pés para o chão e pegou a roupa dobrada ao pé da cama. Ela tinha uma vaga lembrança de Marguerite prometendo que traria mais para ela e lembrou-se distintamente de ter murmurado alguma coisa de acordo, mas ela não podia imaginar por que ela concordou. Ela não tinha a intenção de ficar ali outro dia. Ela estava indo para casa.

Enquanto ela não tinha idéia do que a vida reservava para ela agora, as explicações de Bastien na noite anterior a tinham convencido de que sua vida havia definitivamente mudado.

Engraçado, quando ela estava disposta a admitir que tinha mudado, ela não sentia qualquer diferença. Ela ainda amava sua família e amigos e seus objetivos e ambições eram os mesmos. Ela não estava realmente certa de como se sentia sobre ser um vampiro, mas suspeitava que iria ter problemas. Era uma coisa para se fantasiar sobre nunca envelhecer e sempre viver - apesar de que eles tinham dito, não seria necessariamente um para sempre eterno - mas era totalmente diferente enfrentar isso.

Afastando o sonho sombrio e as preocupações trazidas à luz, Rachel terminou de se vestir. Ela saiu do quarto para descobrir que, como na primeira vez em que tinha acordado, a casa estava em silêncio e sem movimentação. Para seu alívio, uma luz no corredor havia sido deixada acesa, tornando mais fácil descer pelas escadas. Não havia ninguém no andar térreo quando ela o alcançou - aparentemente a família de Etienne havia ido para casa. Por puro instinto, ela caminhou até a cozinha, surpresa de não ver a linha de luz embaixo da porta para o porão.

Rachel abriu a porta e desceu as escadas, determinada a achar seu anfitrião. Ela estava partindo. Agora. No entanto, seus passos reduziram quando alcançou o fim da escada, as lembranças de seus encontros anteriores com o homem a atingindo. O comportamento dela de mais cedo a deixou se contorcendo por dentro. Como ela poderia enfrentá-lo? Ela considerou sair sem se despedir, mas não podia fazer uma coisa tão rude. O homem havia salvado sua vida, afinal de contas. Rachel ainda não tinha muita certeza se ela se importava muito por como ele tinha salvado sua vida, mas que ele salvou, ele salvou. Ela devia pelo menos lhe oferecer gratidão e deixá-lo saber que estava indo.

Tendo se convencido de que não poderia, em sã consciência, apenas fugir, Rachel se forçou a continuar. A porta estava destrancada e quando ela a abriu, Rachel notou que foi construída inteiramente em metal e tinha pelo menos seis centímetros de espessura. A fez pensar em um cofre de banco high-tech de segurança, ela pensou distraída, em seguida, percebeu Etienne sentado à mesa. Ele estava rodando sua cadeira com rodinhas entre os monitores, fazendo ajustes, então rolando de novo. Ele não estava dormindo hoje à noite no caixão.

O olhar dela viajou até a longa caixa e ela franziu a testa, se perguntando se ela também teria que dormir em um. A idéia não era atraente. Rachel tinha um pouco de claustrofobia.

"Oh, você está de pé."

Ela olhou para o anfitrião. Ele girou em torno de sua cadeira para estar de frente para ela e estava sorrindo brilhantemente. Ele parecia sorrir muito, ela notou. Ele era, obviamente, um tipo de cara feliz. Entretanto, por que não? Ele era rico, bonito, jovem para sempre e aparentemente com poucas coisas a se preocupar. Percebendo que estava simplesmente parada lá olhando, Rachel se forçou a sorrir e avançar. "O que está fazendo?"

"Trabalhando." Ele virou-se para seus monitores e pressionou algo no teclado, mudando a imagem. Os olhos de Rachel se alargaram incredulamente quando ela reconheceu a tela que ele expôs.

"Luxúria de Sangue?", ela perguntou baixinho. Seus olhos se alargaram quando a imagem terminou de carregar. O título era formado por letras vermelhas que gotejavam como sangue. "Luxúria de Sangue Dois!", ela exclamou. "Eu amo a primeira versão. Não sabia que a segunda já havia sido lançada."

"Não foi. Ainda."

"Ainda?" O olhar dela se fixou no monitor quando a página de título mostrou o logotipo da companhia de produção, e depois em Etienne. "Você não está dizendo que é o criador, está?"

Ele assentiu com a cabeça, seus lábios se dividindo em outro sorriso.

"Uau." Ela olhou de volta para o monitor. "Eu tinha ouvido falar que quem projetou era de Toronto, mas..." Mas ela estava um pouco chocada ao descobrir que era de um vampiro. O jogo era sobre vampiros: dos maus e uma caçadora solitária que saía para destruí-los.

"Eu praticamente acabei Luxúria de Sangue Dois, exceto a batalha final", ele respondeu. "Eu estava prestes a jogá-lo para testar falhas ou erros. Importa-se de se juntar a mim?"

Rachel hesitou, mas não por muito tempo. Ela poderia lhe agradecer e sair depois. A oportunidade de jogar um protótipo inédito para a segunda versão de seu jogo favorito era muito tentadora.

"Bem, se você projetou Luxúria de Sangue, eu suponho que não pode ser ruim", ela disse meio que provocando. Sentou-se em uma cadeira e rolou pela sala, ela o assistiu sentar-se de volta na dele.

"Puxa, obrigado." Ele soou divertido. Trabalhando em seu teclado, ele expôs o jogo.

"Então, foi assim que Pokey descobriu que você é um vampiro?" Rachel perguntou. Os dedos dele dançavam através do teclado. Ele era muito rápido. Ela estava impressionada. Ela própria ficava "catando milho" quando se tratava de digitação.

"Não exatamente", ele respondeu. "Embora possa ter ajudado. O que realmente o fez descobrir foi o caixão, meu hábito de ficar fora da luz solar e o fato de eu nunca precisar comer."

Rachel focou sem expressão, depois perguntou em confusão, "Mas como ele sabia de tudo isso?"

Etienne deu de ombros, concentrado no que estava fazendo. "Pudge é um técnico. Acho que ele estava com inveja do meu sucesso. Ele meio que se fixou em mim e pediu que eu o contratasse, mas prefiro trabalhar sozinho." Ele fez uma careta. "O cara me perseguiu por mais de um ano. Ele até se ofereceu pra trabalhar de graça. Quando eu ainda recusei, ele começou a me seguir, arrombou minha casa quando eu estava fora e assim por diante. Acho que estava tentando recolher informações, mas estou certo de que o que ele encontrou não é o que esperava." Suas palavras eram uma atenuação seca. "Aparentemente foi o suficiente para convencê-lo de que tinha que me matar e acabar comigo da forma tradicional."

Ele se referia à tentativa de Pudge de cortar a cabeça dele, Rachel supôs. "Não é estaqueando a forma tradicional de se matar um vampiro?"

"Estaqueando e cortando a cabeça", Etienne concordou. "Suponho que ele decidiu que a estaca não era realmente necessária."

"Putz." Rachel fez uma careta. O que teria acontecido se ela não tivesse saltado entre Etienne e o machado de Pudge? Em sua mente, ela visualizou o homem segurando a cabeça pendendo de Etienne em uma mão, ela estava contente por ter impedido isso. "Esse tal Pudge é um pouco doente."

"Sim. Acho que ele precisa de ajuda mental", Etienne concordou. "Na verdade, eu sei que precisa."

"Como? Quero dizer, além do fato de que ele tentou te matar inúmeras vezes?", perguntou irônica.

"Eu não posso entrar na mente dele para limpá-la ou controlar suas ações." Quando o olhar de Rachel se estreitou subitamente com suspeita ele somou, "Não, eu não posso ler seus pensamentos ou controlar seu comportamento, mas no seu caso eu tenho certeza de que não tem nada a ver com loucura."

Apesar disso, Rachel sorriu para o tom de provocação dele. "Então, há algumas pessoas que você não pode ler?" Quando ele assentiu, ela sugeriu, "Então parece que ele é exatamente como eu, uma dessas pessoas."

Etienne balançou a cabeça. "Eu expliquei errado. Eu posso entrar na mente dele, mas é um procedimento doloroso." Ele olhou para longe e deu de ombros. "Os pensamentos dele são confusos e obscuros. Fragmentado provavelmente é a melhor definição. Eu não conseguia organizar os pensamentos dele para fazer qualquer coisa com eles. Entretanto, com você eu simplesmente não posso ler seus pensamentos."

"Hmm." Rachel considerou, não tendo certeza se acreditava nele. "Sua mãe não parece ter qualquer problema."

"Nem me lembre." Ele soou irritado.

"Por que ela pode e você não?" Rachel perguntou, embora não tivesse certeza se essa era a questão. Seria menos embaraçoso acreditar que seu comportamento de mais cedo era devido ao controle mental dele. Infelizmente, ela não podia se convencer.

Etienne não respondeu. "Aqui vamos nós", ele disse, chamando a atenção dela para a tela do jogo. "Nível um."

Rachel assistiu a sequência de abertura fascinada, um sorriso de antecipação curvando os lábios. Ela era secretamente viciada em jogos já que seu turno de trabalho fazia sua vida social ser um pouco difícil, sendo assim ela desperdiçava horas jogando. O fato de Etienne ser o criador de seu jogo favorito o elevou em sua estimativa. Lindo e brilhante? Ele estava parecendo melhor agora e ele já parecia malditamente bem desde o início. Até mesmo para um cadáver.

Eles jogaram. Etienne era um mestre durão. Não haviam códigos permitidos para roubar e ele não iria mesmo dar sugestões sobre o que estava por vir. Ele também insistiu que não poderiam jogar no nível Super Fácil, então eles começaram jogando no nível mais difícil, montando uma equipe para caçar e estaquear vamps.

Rachel decidiu não comentar o fato de que o jogo era totalmente sobre aniquilar vampiros que sempre apareciam como vilões. No entanto, ela não pôde deixar de estremecer cada vez que tinha sucesso em estaquear um dos maus. Por fim Etienne notou e explicou que estes representavam "Vampiros da Velha

Guarda", não se davam muito bem. Esses caras gostavam de se alimentar de maneira antiquada e perdiam a vida fazendo isso. Ela relaxou um pouco e então realmente entrou no jogo - a tal ponto que quando Etienne se afastou por um minuto ela só percebeu depois que ele pôs uma caneca em sua mão.

De repente, consciente de que estava com sede, Rachel pegou às cegas a caneca e engoliu seu conteúdo. Então imediatamente cuspiu-o de volta. "Ecaaaaaaaaaa!" O gosto metálico e frio do sangue espesso impregnou sua língua.

"Desculpe." Etienne não parecia muito arrependido. Ele estava rindo quando levou a caneca e pegou uma caixa de lenços de papel da escrivaninha dele. Ela limpou o sangue que não tinha caído na caneca. "É um gosto adquirido. Eu devia ter te avisado."

Rachel fez careta e esfregou a boca. "Eu não acho provável que eu adquira tão cedo."

"Hmm." Ele pareceu preocupado e bebeu sua própria caneca. Então, pondo-a de lado, ele disse, "Bem, se necessário podemos alimentá-la intravenosamente."

Rachel soltou um suspiro derrotado. "Isso soa... covarde."

Ele deu de ombros. "Inconveniente, mas manejável. Lissianna teve que fazer isso até recentemente."

"Sua irmã?" Rachel estava surpresa. Lissianna pareceu uma mulher forte, não melindrosa igual a Rachel se sentia.

Etienne assentiu. "Ela sofria de hemofobia desde a infância. A visão ou cheiro de sangue a fazia desmaiar. O único jeito dela se alimentar era mordendo ou recebendo sangue intravenosamente."

"Mordendo? Não acaba provando dessa maneira?"

"Não. Se você fizer direito os dentes absorvem o sangue. Nunca toca sua língua."

"Então, por que ela não mordia sacos simplesmente, como você faz hoje?"

"A visão a fazia desmaiar também", ele lembrou. "E ela não pode sair por aí enfiando os dentes cegamente em bolsas de sangue. Ela poderia fazer um inferno de confusão se ela errasse a pontaria. Também há o cheiro", ele somou. "No momento em que seus dentes afundam em uma saca de sangue o cheiro sobe. É um cheiro particular o do sangue ensacado. Para o resto de nós não é problema, mas para Lissianna é."

"Entendo", Rachel murmurou, então se deu conta de que ele estava carrancudo com ela.

"Como está se sentindo?" ele perguntou.

Rachel considerou. Eles tinham jogado Luxúria de Sangue II por horas e ela não conseguia se lembrar da última vez que havia comido. Ela não pensou que tivesse desde antes que Pudge a atacasse. "Estou com fome."

Ele assentiu lentamente. "Eu pensei que estaria. Você parece pálida. Nada satisfará sua fome a não ser sangue."

Rachel fez uma careta. "Cara, vocês não comem comida *alguma*?"

"Nós", Ele enfatizou a palavra, lembrando-a de que agora era um deles. "Nós certamente podemos comer comida, especialmente enquanto jovens. As crianças têm que comer comida normal como também ingerir sangue para ajudar o crescimento dos músculos e ossos. Geralmente é fácil perceber aqueles que não o fazem - magros e raquíticos. Depois de cem anos ou coisa assim, a maioria cansa de se incomodar e às vezes até mesmo do gosto, então eles simplesmente dependem de sangue com uma refeição ocasional para ajudar a manter a massa muscular. Embora Bastien esteja certo de que não é necessário."

Rachel considerou, então limpou a garganta. "Bem, isso significa que eu ainda tenho cerca de sessenta anos antes que eu me canse de comer."

Etienne conseguiu dar um sorriso torto. "Vou pedir que entreguem algo da delicatessen."

"Delicatessen?" Rachel franziu a testa e olhou seu relógio de pulso - que obviamente não estava lá. "Que horas são?"

"Um pouco mais de dez da manhã."

"Mais de dez?" Ela quase gritou. Eles tinham jogado a noite toda e metade da manhã. Ela supôs que era verdade que o tempo voava quando estava se divertindo. Ainda assim, era difícil acreditar que eles tinham perdido a noite inteira.

"O que você gostaria?" Etienne perguntou enquanto começava a discar os números no telefone da escrivania.

Rachel pensou, então pediu um sanduiche, batatas fritas e uma Coca-Cola. Ela *realmente* estava com fome, uma sensação que crescia a cada minuto, agora que estava ciente disso.

Eles jogaram mais Luxúria de Sangue II enquanto esperavam a comida ser entregue, mas Rachel estava distraída. Ela ficou aliviada quando a campainha finalmente tocou, anunciando a chegada de seu pedido. Etienne pediu licença e foi atender. Rachel sabia que ele esperava que ela aguardasse no escritório, mas ela apenas não podia. Pausando o jogo, ela o seguiu acima. Ela entrou na cozinha ao mesmo tempo em que ele entrava no corredor, uma bolsa da delicatessen na mão.

Rachel conseguiu se controlar enquanto ele achava um prato e tirou a comida dela, mas depois ela caiu no sanduiche e nas batatas fritas com uma fome voraz que quase a fazia se envergonhar. Ela não parou de comer até que havia consumido a última migalha e bebido até a última gota do refrigerante, então ela sentou-se e franziu a testa. Seu estomago estava cheio a ponto de explodir, mas seu cérebro ainda alegava que estava com fome.

"Você precisa de Sangue", Etienne falou suavemente, parecendo expor seu desejo. "Bastien disse que você precisaria de muito durante algum tempo. Seu corpo ainda está mudando."

"Eu pensei que havia terminado."

"Praticamente terminado.", ele corrigiu. "Ainda há um par de coisas deixadas de lado."

"Como o que?", ela perguntou curiosamente. Ela se perguntou se ele iria mencionar orgasmos.

"Seus sentidos ficaram aguçados. Seu olfato já melhorou, mas ficará ainda melhor. E sua visão, é claro. Você será capaz de ver no escuro."

"Sua mãe mencionou isso", Rachel admitiu. Não parecia muito ruim. Certamente era melhor que protuberâncias faciais e inchaços.

"Venha", Ele se levantou. "Nós vamos nos arranjar com a intravenosa."

"Odeio agulhas", Rachel reclamou, mas se levantou relutantemente. "Quero dizer, eu *realmente* odeio. É praticamente uma fobia."

"Você precisa de mais sangue. Você não se sentirá bem até adquirir um pouco", Etienne disse. Ele liderou o caminho até a sala.

Rachel deu a língua para as costas dele, mas ela sabia que ele estava certo - ela precisava de mais sangue. Seu corpo estava clamando por ele de uma forma quase dolorosa. Estava ficando óbvio que os planos de partir estavam vetados a menos que pudesse usar os sacos de sangue, mas a idéia a fazia estremecer.

"Eu não posso apenas morder alguém?", ela perguntou. Por alguma razão, a idéia era mais atraente que um saco frio - embora não muito mais. "É claro que teria que ser alguém que eu não gosto."

Etienne olhou para trás, a boca aberta para falar algo, mas parou quando a pegou olhando para seu pescoço. "Ei! Eu criei Luxúria de Sangue, lembra? Seu jogo preferido."

"Sim, mas você também foi quem me transformou em primeiro lugar", ela o lembrou.

Aparentemente, Etienne não entendeu que ela estava provocando. A culpa atravessou seu rosto e ele pareceu apologetico. "Eu sinto muito sobre isso, mas não poderia deixá-la morrer."

Simplesmente não era divertido provocar alguém com tanta culpa. Ele obviamente se sentia mal por todo o fardo. Dando de ombros, Rachel passou por ele e começou a subir as escadas. "Eu vou superar. Eu realmente acho que é melhor isso do que a morte, não?"

O suspiro pesado de Etienne fez Rachel parar e voltar. Ela não gostava dele todo triste e infeliz como agora. Ela realmente não teve a intenção de fazê-lo se sentir mal. Fazê-lo rir parecia a melhor forma de consertar as coisas, então ela abriu um sorriso e disse, "Então... já que você não quer que eu te morda, talvez eu possa ir atrás do meu chefe e mordê-lo. Ele foi quem me colocou no turno da noite por 3 anos."

Etienne pareceu incerto. "É luz do dia."

Rachel arqueou as sobrancelhas. "Eu pensei que você tivesse dito que nós podemos sair na luz do dia?"

"Nós podemos, mas você vai precisar de mais sangue para reparar o dano solar. Além disso, morder é realmente algo que tentamos evitar a todo custo."

"Sabe", Rachel disse com um desgosto leve, "às vezes parece que lhe falta senso de humor." Ela se vivou para continuar a subir as escadas. "Eu estava brincando sobre o negócio de morder. Se eu não tiver estômago para engolir usando um saco, eu certamente não faria muito melhor com uma pessoa viva."

"Ah. Eu achei que você poderia estar brincando, mas eu não tinha certeza."

Rachel riu, não acreditando nele por um minuto. Entretanto, realmente não importava, ela estava provocando-o apenas num esforço de se distrair da idéia de ter que passar novamente pela sessão intravenosa.

Sempre tinha surpreendido a família de Rachel que ela pudesse trabalhar na área médica, contudo ainda agisse como um bebê quando tirava sangue ou tomava vacinas. Ela havia amadurecido nos últimos anos. Por exemplo, ela não chorou feito um bebê quando começaram. Ainda assim, os furos foram uma provação estressante para ela. Mas teve muito orgulho para mostrar medo a Etienne, sendo assim ela sofreu o procedimento calada e apenas fechou os olhos, esperando que ele pensasse que estava cansada e não que fosse covarde.

"Bem..."

Ela abriu os olhos e olhou Etienne com curiosidade. Ele havia terminado com o IV e agora estava incerto perto da cama, parecendo não estar certo do que fazer a seguir. Percebendo que o olhar dele estava fixo nos lábios dela, ela pensou que ele estava debatendo com ele mesmo se a beijava, então ele estremeceu

levemente e se afastou murmurando, "Estarei no meu escritório. Me acorde se precisar de alguma coisa."

Rachel fez uma careta com a idéia de Etienne dormindo naquela caixa preta destinada aos mortos, mas simplesmente murmurou um boa noite e o observou sair.

Assim que ficou sozinha, ela fechou os olhos para não ter que olhar para a intravenosa. Sua mente vagueou, imediatamente puxando imagens e sensações do que havia acontecido. Ela passou em detalhes todos aqueles momentos apaixonados na cama com Etienne, cada pequena sensação, cada respiração cortada, mas quando chegou onde Marguerite entrou na sala, a mente de Rachel revoltosamente construiu seu próprio cenário. Ao invés de ser interrompida, a porta continuou fechada e Rachel encontrou o que sua mãe esteve procurando. Em sua mente, Etienne era bem dotado, como ele mesmo tinha dito. Ele também era tão rígido e suave como uma pedra temperada pelo tempo, e...

Etienne suspirou e se mexeu em seu caixão, sua mente cheia de imagens: Ele estava de volta em seu quarto. Rachel deitou sobre ele, seus seios se revelando para seu olhar faminto, sua mão escorregando para dentro de suas calças para envolver quente e firmemente sua ereção. Ele gemeu, sacudindo seu apertão, seu corpo respondendo com ansiedade. Quando a mão dela escorregou por sua extensão, ele teve que pará-la ou embarçar a si mesmo.

Rugindo profundamente em sua garganta, ele resistiu e se mexeu, a botando de costas em sua cama, depois passando para cima dela para tomar controle da situação. O movimento abrupto sobressaltou a Rachel e fez o top que ela usava se abrir, revelando ainda mais de seus seios pálidos. Tomando vantagem, Etienne posicionou sua cabeça para lambar a suave e salgada pele como ele ansiava fazer mais cedo.

Rachel mordeu o lábio, reprimindo um gemido enquanto se contorcia, lutando para libertar as mãos que ele tinha capturado com suas próprias. Ele sabia que ela queria tocá-lo também, queria acariciá-lo, mas ele não tinha o controle no momento para permitir — e ele a queria tão faminta e excitada por ele como ele estava por ela. Mudando de posição, ele prendeu as duas mãos dela com uma das suas, depois foi para baixo, para remover seu próprio cinto.

"Eu poderia ajudar com isso," Rachel ofereceu, arqueando-se sem descanso por baixo dele. Ele tateou com uma mão para sua pequena tarefa, apenas sorrindo e balançando a cabeça. Por fim, conseguiu remover a peça de roupa, depois envolveu as mãos dela com o cinto, passou o final pela fivela, e o apertou.

"O que você está fazendo?" Rachel gemeu enquanto ele amarrava o cinto à sua cabeceira. "Eu não..."

Ele silenciou o protesto dela com um beijo.

Rachel arqueou na cama, sua mente em um caos confuso. De algum modo, sua fantasia estava fugindo ao controle. As coisas estavam indo bem neste sonho até Etienne virar o jogo contra ela e a botar de costas, mas agora a fantasia estava tomando um caminho que ela não esperava — e ela não parecia conseguir pará-lo. Obviamente, Rachel não tinha certeza se queria parar, mas o simples fato de que estava acontecendo era desconcertante. Ela sabia que estava sozinha na cama, sonhando, mas ela podia sentir Etienne contra ela na escuridão, podia sentir a colônia almiscarada que ele usava, podia saborear sua essência quando sua língua invadia a boca dele. Estupefata, ela decidiu apenas deixar. Deixando sua boca escancarar, sua própria língua escorregou pra fora para se emaranhar à dele, e ela lutava inutilmente contra o cinto em seus pulsos, em um esforço vão de se libertar para agarrar e tocar Etienne também.

Ela arfava quando a boca dele a deixou, ofegando com excitação, mas desapontada que ele tivesse quebrado o beijo... até que sua boca deslizou por sua garganta até a extensão de seus seios. De algum jeito, a blusa que ela usava tinha se aberto, deixando-a nua para o prazer dele. Felizmente, o prazer dele era dela também. Ela gemeu e se arqueou quando ele acariciou e chupou primeiro seio, depois o outro. Quando ele se moveu mais para baixo, seus lábios trilhando pela cintura dela, Rachel gemeu e estremeceu, muito atenta ao fato de que os dedos dele estavam conduzindo o caminho, passando por seu quadril, depois por fora da perna e de volta à coxa.

Suas pernas pareciam não saber o que fazer, e Rachel mexia-se incansavelmente com as carícias dele. Primeiro suas coxas pressionaram-se uma contra a outra, depois abriram-se um pouco, depois elas simplesmente tremeram e contraíram sob os dedos de Etienne. Rachel não era mesmo uma cantora, mas ela suspeitou que tinha atingido um dó 5 quando as carícias dele foram para o centro. Ela estremeceu, gemeu, e contorceu sua cabeça sobre a cama, especialmente quando a boca dele substituiu os dedos.

Ela pensou muito pouco depois daquilo. O único pensamento convincente que Rachel teve foi que Etienne era malditamente bom — mas depois, ele tivera trezentos anos de prática. Bem, foi notável. Rachel nunca tinha experimentado algo como aquilo. Etienne tinha dito mais cedo que seus sentidos ainda não tinha se desenvolvido por completo, mas ela estava, definitivamente, tendo uma experiência bem intensa. Seu prazer talvez não fosse vinte vezes o que uma vez foi seu pico, mas foi pelo menos duas ou três vezes. Era quase assustador. Quase.

O tocar do telefone acordou Etienne. Seus olhos abriram rapidamente, seu corpo e mente imediatamente alerta. Embora seu corpo parecesse já estar alerta, se a ereção que ele ostentou fosse algo para se contar. Forçando-se a ignorar o clamor de seu corpo, ele empurrou a tampa de seu caixão e sentou-se. No momento seguinte, atravessou o quarto para alcançar o telefone.

"Alô?" ele ladrou, incapaz de esconder seu aborrecimento.

Silêncio. Etienne escutou por um momento, os olhos estreitando quando o silêncio morto se estendeu, malevolente e furioso. Então chutou, "Pudge?"

Um clique quando a ligação foi desligada era sua resposta. Etienne colocou o fone de volta no gancho com uma carranca. O tecnólogo não tinha ligado desde que Etienne tinha dito a ele em termos incertos que ele não seria contratado; depois as tentativas de homicídio começaram. Ainda, Etienne tinha certeza que era Pudge na linha. Ele não sabia por que o companheiro tinha ligado, mas ele suspeitava que não fosse nada bom.

Ele se virou para analisar seu caixão com irritação. A idéia de voltar para dentro não era convidativa. O sonho havia lhe marcado. Ele agora estava inquieto demais para dormir — pelo menos sozinho em um caixão escuro e limitador. De repente ele não parecia mais o lugar acolhedor e reconfortante onde ele poderia pensar e planejar. Ele só parecia frio e escuro. E solitário.

Suspirando, Etienne deixou seu escritório e subiu as escadas. Ele iria checar Rachel e trocar sua bolsa de sangue, depois talvez trabalhar um pouco. Ele não achava que conseguiria dormir tão cedo.

Sua hóspede estava dormindo quando ele a viu. Ela também estava carrancuda. Era uma expressão que ele tinha visto em seu rosto várias vezes enquanto ela estava acordada, mas ele nunca esperou vê-la enquanto ela dormia. O que significava? Ele foi para o lado da cama, ao invés de pra geladeira. A carranca aparentava insatisfação. Talvez pelo fato de a cama ser uma completa bagunça de lençóis e cobertores, meio deixada de lado, meio enrolada por seu corpo. Rachel estava obviamente tão inquieta quanto ele. Então ele reparou que as mãos dela estavam pousadas sobre sua cabeça — exatamente na mesma posição que ele as havia deixado em seu sonho. O sonho que pareceu tão real.

A compreensão o atacou. A dúvida veio em seguida, no entanto, e Etienne decidiu testar sua hipótese. Fechando seus olhos, ele foi penetrando com sua mente... e imediatamente retraiu seus pensamentos quando, ao invés da parede vazia que ele normalmente encontrava, ele vislumbrou os pensamentos de Rachel. Parecia que a mente dela, que estava tão fechada para ele quando ela estava acordada, era totalmente aberta quando ela dormia. O que significava que o sonho ou fantasia que ele experimentou foi provavelmente um momento compartilhado. Ou ele tinha sido puxado para os sonhos de Rachel, ou ela tinha sido puxada para os sonhos dele.

Realmente não importava quem tinha começado o episódio, supôs Etienne. O fato mais importante era que, apesar de tudo, Rachel ainda estava atraída por ele. Ele estava certo de que os gemidos dela ou sua resposta a ele — pelo menos nos sonhos — não era nada como repulsa ou nojo. Era bom. Ele certamente estava atraído por ela. Isso deu esperança a Etienne. Talvez ele não tivesse que passar a eternidade sem uma parceira. Talvez as coisas se acertassem. Ia levar algum tempo para ter certeza, no entanto, e para ter aquele tempo ele teria que convencer Rachel a permanecer ali com ele.

Ele supôs que poderia fazer a coisa normal de namoro mortal: sair com ela, levá-la a um jantar, seduzi-la. Mas tinham algumas complicações. Pudge era uma. Então, tinha o fato que ela tinha que aprender a viver a nova vida dela. Controlar

as reações de seu corpo era uma das lições mais importante que ela tinha pela frente.

Caminhando até o refrigerador, Etienne buscou sangue fresco, depois foi trocar o saco quase vazio no cavalete do IV. Uma vez que isso tinha sido feito, ele olhou para Rachel de novo, se pegando tentando alcançar uma mecha de cabelos vermelhos para tirá-la de sua face e sorrindo quando ela suspirou em seu sono e se virou com seu toque. Ele acharia um jeito de fazê-la ficar com ele. Ele queria protegê-la, embora ela não aparentasse ser do tipo que gosta de ser mimada. Depois de esticar os cobertores e puxá-los até cobri-la, ele silenciosamente saiu do quarto. Ele tinha que organizar seus pensamentos e arranjar um argumento convincente que a fizesse ficar por pelo menos umas duas semanas. E ele tinha que trabalhar em convencê-la a ficar com a sugestão da família de dizer que Pudge a tinha sequestrado. Pudge ainda era uma ameaça, e Rachel ainda tinha muito que aprender.

CAPÍTULO 8

Já era noite quando Rachel acordou. Entretanto ela estava acostumada com isso, embora normalmente isso só acontecesse no fim do outono e no inverno quando a noite chega mais cedo. Uma das coisas que ela sempre odiou em trabalhar à noite era, no inverno, chegar em casa às sete da manhã e ter que dormir as poucas horas disponíveis de dia.

Estranhamente, dessa vez, dormir tanto parecia não tê-la incomodado. Ela acordou revigorada e ávida para começar seu dia – ou noite, como era o caso.

Com pouca escolha quando se falava em vestimenta, Rachel recolocou o jeans apertado e a blusa que Marguerite recuperara para ela, então atacou o armário de Etienne procurando uma camisa de manga comprida. Colocando-a em volta de seu corpo, ela amarrou a ponta da camisa aberta em sua cintura, depois passou um momento no banheiro, escovando os dentes e penteando o cabelo.

Ela pensou em passar um pouco do pó-de-arroz e batom que Marguerite também foi atenciosa o suficiente para trazer, mas na verdade ela não precisava disso. Sua pele irradiava saúde e seus lábios estavam mais vermelhos que o comum.

Parece que havia outros benefícios em ser vampiro – ela economizaria uma fortuna em cosméticos.

Sorrindo, Rachel saiu do quarto e correu escada a baixo. Vagando pela cozinha, ela não encontrou Etienne lá então ela continuou descendo até o porão. O escritório estava escuro, com apenas o brilho das proteções de tela nos monitores. Ela pôde ver que a sala estava vazia, exceto pelo caixão fechado. Etienne obviamente não tinha acordado ainda.

O olhar de Rachel deslizou para a mesa e para o telefone que estava lá. Era o único que ela avistara na casa, e ela queria fazer uma ligação rápida para sua família, só para fazê-los saber que ela estava bem. Ela não gostava da idéia de eles estarem preocupados com ela.

Ela deu um passo na direção do telefone, então se conteve. Fazer a ligação acordaria Etienne, e se ele acordasse... Bem, ela não tinha certeza de qual seria a reação dele. Ele acordaria logo, de qualquer forma. Ela poderia então pedir-lhe para usar o telefone. Ela silenciosamente saiu do escritório e voltou para o andar de cima.

Planejando o que fazer depois, Rachel decidiu explorar. Ela vagou sem direção de quarto em quarto no primeiro andar, apreciando o estilo eclético moderno, mas sem parar até que ela chegou à biblioteca.

Ela sempre foi uma rata de biblioteca. Parando para pesquisar as prateleiras e os livros disponíveis, um chamou sua atenção.

Ela sentou-se sob seus pés em uma das cadeiras estofadas, e começou a ler. Foi assim que Etienne a encontrou.

“Pensei que ainda estivesse dormindo”, Rachel disse enquanto fechava o livro e ficava de pé para recolocá-lo na prateleira.

“Não. Eu fui buscar mais roupas para você. Eu pensei que você ia gostar de poder trocar”.

“Oh. Foi muito gentil da sua parte”. Ela olhou para o desconforto no rosto dele, depois para a bolsa que ele carregava, depois novamente para ele.

“Como exatamente você e sua mãe estão entrando no meu apartamento? Os vampiros podem manipular fechaduras com suas mentes ou algo assim?”

Etienne sorriu. “Não. Nós estamos usando as suas chaves. Elas estavam na sua bolsa”.

“Ah”, Rachel murmurou. “Minha bolsa está aqui. É bom saber”. Ela precisaria dela quando decidisse que estava pronta para ir embora.

“Eu a coloquei no seu quarto antes de sair essa tarde”.

“Você quer dizer seu quarto”, Rachel corrigiu Etienne, depois inclinou sua cabeça curiosamente. “O que me lembra, eu vou ter que dormir num caixão quando essa mudança terminar?”

“Não”. Etienne sacudiu a cabeça. “Nós não precisamos mais dele. Lares nos tempos antigos eram frios, e eram difíceis de manter sem luz. Depois também, haviam os criados e tal para se preocupar. Hoje em dia, um bom par de cortinas blackout, uma fechadura e um sistema de alarme são suficientes para fazer a mágica”.

“Oh, bom”. Rachel chegou perto dele e pegou a bolsa que ele trouxe para ela. “Acho que eu vou trocar minha blusa pelo menos. Assim você poderá ter a sua de volta”.

“Ok”. Ele esperou até que ela estivesse no corredor para perguntar, “Rachel?”

Ela virou para trás “Sim?”

“Volte quando você estiver pronta. Nós precisamos conversar”.

Rachel ficou quieta por um momento, então ela concordou com a cabeça e subiu as escadas. A expressão séria no rosto dele a deixou nervosa. O que ele queria discutir? Rachel suspeitou que fosse algo que ela não iria gostar.

Talvez tivesse mais inconvenientes em todo esse negócio que ainda não tinham sido mencionados.

Decidindo que isso era algo que ela provavelmente não adivinharia – e que mesmo se ela adivinhasse, ela não saberia se ela estava certa até que eles conversassem – Rachel correu para o quarto e colocou a bolsa na cama. Procurando nas coisas que ele trouxe, ela encontrou uma coleção do seu mais limitado guarda-roupas. Vestidos largos e blusas compunham a maior parte das coisas, roupas de trabalho danificadas. Com uma vida social praticamente inexistente, ela não precisara de muito mais que um robe e pantufas.

Rachel escolheu uma das blusas e vestiu-a, mas ela não se incomodou de trocar o jeans. Ele ficou mais largo com o uso e, apesar de ainda estar apertado, estavam começando a ficar confortáveis novamente. Rachel supôs que eles não estavam assim tão apertados para começar, e simplesmente pareciam estar porque ela se acostumou com calças largas ao longo dos anos. Depois de uma rápida olhada no espelho do banheiro, ela respirou fundo, endireitou os ombros e desceu.

Rachel tentou se preparar mentalmente para qualquer assunto desagradável que Etienne pudesse querer conversar, mas como ela não tinha certeza do que seria, ela não pode fazer muito.

Etienne andou pela biblioteca, sua mente a mil, tentando alinhar seus argumentos. Ele percebeu que uma vez que ele convencesse Rachel a ficar, ele teria o tempo necessário para trabalhar o problema do Pudge. Apesar do protesto dela, ele não achava que seria muito difícil de convencê-la a alegar que o homem a seqüestrou – era do interesse dela também.

Etienne decidiu que seria melhor começar dando apoio a ela. Rachel poderia estar preocupada com seu trabalho e com a possibilidade de perdê-lo. Ela estaria preocupada sobre sua família, seus amigos, e seus medos e preocupações sobre ela. Ela deveria ter um namorado também lá fora, ansioso sobre seu bem-estar.

O pensamento pegou Etienne de surpresa. Até aquele momento, ele não tinha nem considerado a possibilidade de haver um rival pelo afeto dela. Pensar nisso agora não o deixou muito feliz, mas era definitivamente algo que ele precisava saber.

Depois de explicar que ele entendia suas preocupações, Etienne apontaria então que, apesar de serem preocupações válidas, a principal preocupação era a saúde e o bem-estar de Rachel – assim como o do seu povo. Ele mostraria que o retorno imediato dela ao trabalho e lar poderia ameaçar o bem-estar dela. Primeiro, tinha o Pudge. O cara sabia que ela era um deles agora se ela voltasse saudável, e isso faria dela um possível alvo. Também havia sua inexperiência e

falta de controle. O dente dela poderia aparecer de repente, ou sua fome superá-la enquanto estivesse no trabalho, sua mudança seria revelada, ameaçando tanto ela como a família dele. Pior, incapaz de controlar mentes ainda, Rachel não teria nem a chance de reparar os danos que ela causasse. E ainda tinha o problema do sangue. Não ser capaz de se alimentar era o maior problema.

“Eu estou aqui”.

Etienne virou da janela e olhou para Rachel. Ela manteve o jeans, mas trocou a blusa para uma de cor verde que realçava a cor dos seus olhos. Ela estava linda. De tirar o fôlego. Todos os argumentos que Etienne listou em sua cabeça agora saíram insensivelmente, deixando-o bastante perdido.

“Você queria conversar” Rachel sugeriu, entrando na sala enquanto ele simplesmente ficou em pé olhando para ela.

“Sim. Conversar”, Etienne concordou, mas isso foi tudo que ele conseguiu. Ele sentiu como se alguém o tivesse atingido com um machado.

Por quê? Essa não era a primeira vez que ele via a mulher. Ele estava ciente de sua beleza desde o começo.

Talvez a atração foi pela incerteza no rosto dela e o modo como seus olhos seguravam suavemente a ansiedade. Ou o modo que ela prendeu seu lábio inferior com seus dentes preocupada. Também podia ser pelo fato que, ao invés de usar uma camisa, ela agora estava usando uma blusa com os dois ou três primeiros botões abertos. Aquele colo exposto que ele lambeira em seus sonhos – ou seu sonho compartilhado.

“Você não queria conversar?”

Etienne se sacudiu mentalmente. “Sim. Sim. Eu... Veja, eu sei que você provavelmente está chateada de não poder entrar em contato com a sua família e seus amigos e namo – Você tem um namorado?” Ele se interrompeu.

“Não no momento”, Rachel disse.

“Oh, bom”. Ele sorriu.

As sobrancelhas dela se levantaram. “Por que isso é bom?”

“Por quê?” Etienne ficou sem resposta por um momento, então se conformou, “Bem, é uma preocupação a menos, certo?”

Ela afirmou com a cabeça devagar, olhando perplexa.

“Bom, de qualquer forma”. Ele pigarreou. “Eu sei que você está chateada com isso, mas –”

“Mas eu vou ter que aprender a me alimentar antes de poder sair daqui”, ela interrompeu.

“Você vai?” Ele perguntou surpreso. Depois corrigiu, “Eu quero dizer, você percebe isso?”

“Claro. Não seria bom se meus dentes escapassem no trabalho, ou eu dar uma mordida num parente, colega de trabalho, ou nosso padre”.

“Não. Não, não seria bom”, ele concordou, sorrindo aliviado. Ela estava sendo muito sensata.

“Então provavelmente nós devêssemos ir direto ao ponto de me ensinar a me alimentar”.

“Sim”. Ele afirmou com a cabeça, mas continuou ali de pé, olhando para ela até que ela arqueou as sobrancelhas.

“Onde nós vamos fazer isso? Na cozinha?” Ela perguntou.

“Sim, claro”. Etienne se forçou a se mover para frente, mas sua mente estava a mil. Ela parecia determinada a dominar esse problema, o que era bom, mas ele preferia que ela não resolvesse isso tão rapidamente. Ele queria mantê-la em sua casa por enquanto.

Existiam maneiras de atrasar seu progresso de ingerir sangue, mas isso significava que ele teria que fazer uma ligação para Bastien.

“Por que você não se senta e relaxa um pouco?” Ele sugeriu, parando na porta. “Nós teremos mesmo que esperar o pedido de sangue ser entregue”.

“Eu pensei que você tivesse muitos”, ela disse surpresa.

“Não”, Etienne mentiu. “Nós usamos o último do meu estoque na noite passada. Eu tive que trocar sua bolsa muitas vezes”.

“Oh”. Rachel suspirou. “Ok. Eu vou ler um pouco”.

Sorrindo, Etienne a deixou e correu para fora do quarto.

“Oh, Deus!” Rachel cuspiu o sangue de volta na caneca e empurrou-a para longe com desgosto. “Como você bebe essa coisa? É nojento! Nojo! Cheira como gambá! Você tem certeza que não está estragado?”

Etienne tentou não parecer culpado. O sangue não estava estragado. Era sangue ruim. Era basicamente sangue rejeitado – uma combinação de sangue de fumantes espesso e cheio de coágulos, sangue pestilento de fumantes de maconha

e um pouco de sangue de pacientes de que se tratam com o Valium⁴. Era nutritivo o suficiente e não faria mal a ela, mas era horrível de consumir e tinha alguns desagradáveis efeitos colaterais como tontura e náusea.

Sem saber o que foi dado para ela, Rachel acreditava que a reação de seu corpo era uma aversão à idéia de beber sangue. Etienne não corrigiu sua idéia equivocada. Ele também estava insistindo que ela teria que conseguir beber do copo ao invés da bolsa, dizendo que ela teria que estar preparada para todas as ocasiões antes que ela estivesse preparada para ir embora e se juntar novamente ao mundo. Durante as últimas duas semanas, desde que o sangue rejeitado tinha sido entregue, Rachel tentava beber a mistura ruim três vezes ao dia, apenas para cuspi-lo de volta. Depois de cada tentativa, eles jogavam seu último jogo ou conversavam, ou simplesmente sentavam para ler juntos na biblioteca.

Fora as tentativas desagradáveis com o sangue, tinham sido dias agradáveis. Infelizmente, para continuar sem suspeitas, Etienne tinha que beber o sangue ruim também. Ele não tinha certeza de como conseguia fazer isso sem vomitar.

“Bem, eu suponho que é o bastante por hoje”, ele disse enfaticamente. “Você fez uma boa tentativa. Talvez amanhã –

“Amanhã vai ser igual a hoje”, Rachel previu com tristeza. “Eu nunca vou me acostumar a essa coisa”.

Etienne estava procurando alguma forma de animá-la e encorajá-la – e talvez até mesmo distraí-la para que ele pudesse evitar beber a caneca que ele servira para ele mesmo – quando a campainha tocou.

Ele não estava surpreso em encontrar sua mãe na porta. Ele ficou surpreso de as primeiras palavras que saíram da boca de sua mãe não ser um cumprimento.

“Onde está a Rachel?” Ela perguntou.

“Bem aqui”.

Etienne deu uma olhada sobre seus ombros para ver Rachel se aproximando. “Há algo errado?” Ela perguntou, parecendo ansiosa.

“Não, não. Eu apenas pensei que você devesse estar um pouco entediada e pudesse querer sair”, Marguerite disse ligeiramente. Ela percorreu com os olhos a roupa que Rachel usava. “Isso serve, querida. Você gostaria de vir jogar?”

“Eu não acho –” Etienne começou.

⁴ Um tipo de calmante.

Rachel deu um passo para o lado dele e interrompeu. “Onde exatamente?” Ela perguntou. “No chá de panela de Lissiana, querida. Apenas o nosso lado da família. Dará a você a chance de conhecer outras mulheres jovens como você”.

Etienne sentiu suas esperanças para a noite se dissolverem numa ponta de solidão.

“O que é isso?” Rachel perguntou com suspeita. A amiga de Lissiana Mirabeau segurava um prato que continha o que parecia muito com um pedaço de bolo.

“Bolo alemão com sete camadas de chocolate, querida” Marguerite respondeu.

“Bolo de verdade?” Rachel perguntou. Ela aceitou o prato e murmurou um obrigada para Mirabeau.

“Claro”. A mãe de Etienne riu. “O que você estava esperando?”

“Eu não sei”, Rachel admitiu com uma careta irônica em seus lábios. “Bolo floresta negra de sangue?” Marguerite e as mulheres em volta dela desfizeram-se em gargalhadas. “Ela não é adorável?” A mãe de Etienne perguntou quando elas pararam de rir. Rachel corou, por ter havido um consenso.

Ela surpreendentemente se divertiu no chá de panela até agora. Marguerite a levou para uma loja especial para comprar um presente para Lissiana, insistindo em pagar por ele quando Rachel percebeu que ela não levava sua bolsa. Na verdade, apesar da alegação de Etienne que ele colocou a bolsa no quarto que ela estava usando, ela ainda não a vira. Ou então Rachel não procurou direito; ela não precisara dela para nada desde que foi transformada. Ela decidiu que teria que procurar quando chegasse em casa, porque ela queria pagar Marguerite imediatamente. A mulher tinha sido incrivelmente doce e Rachel não queria tirar vantagem de sua gentileza.

“Que mulher pode viver sem chocolate?”

Rachel olhou para quem falara – Jeanne Louise, uma mulher tão bonita de seu modo como Lissianna e Marguerite, embora ela não se parecesse nada com elas. Seu rosto era mais redondo, seus lábios um pouco mais finos, seus olhos mais exóticos e seu cabelo era preto como o céu à meia-noite. Ela era uma prima de Lissianna e sobrinha de Marguerite, e embora Rachel gostasse de todas as três mulheres, Jeanne Louise era alguém que Rachel estava muito certa de que elas podiam ser melhores amigas. A mulher trabalhava nos laboratórios das indústrias Argeneau, e a entretera com histórias do trabalho dela.

Ela fora muito vaga até que percebeu que Rachel não tinha o menor problema para acompanhar o que ela estava dizendo; então empolgada por encontrar alguém que tinha um conhecimento básico de técnicas experimentais e jargões, a outra mulher foi fundo, fascinando Rachel com os testes que ela estava

fazendo. Parecia que as indústrias Argeneau estavam tão interessadas em pesquisas medicinais quanto qualquer um.

As duas mulheres só pararam de falar quando as brincadeiras começaram, as quais eram, para o espanto de Rachel, as normais em chás de panela. Nesse momento, tudo pareceu tão trivial que ela quase se esqueceu que os convidados eram vampiros. Rachel se sentou silenciosa por um momento, simplesmente observando as diferentes aparências e personalidades que estavam na sala. Os convidados eram todos diferentes: mulheres baixas, altas, bonitas, feias. Quanto às personalidades, havia alguns tipos sofisticados que pareciam falar arrastando as palavras e olhando as demais por cima do ombro; garotas do tipo que todos gostam que eram doces e educadas; algumas garotas do tipo inteligente que pareciam ligeiramente não estar à vontade e falavam suavemente; e havia até mesmo uma vampira atirada com um vestido preto justíssimo que brincava incessantemente com Lissianna sobre a noite de núpcias que estava por vir. Era uma mistura básica, assim como qualquer chá de panela.

Esquecendo que Marguerite podia ler sua mente, Rachel assustara-se quando a mulher de repente se aproximou e murmurou, “Claro que é, querida. Nós somos pessoas normais, assim como você”.

“Exceto pelo fato que vocês todos tem muitas centenas de anos e provavelmente viverão muito mais”, ela destacou.

“Assim como você”, Marguerite lembrou-a com entusiasmo. “Mas nós todos ainda somos apenas pessoas. Pense em nós como carros. Nós temos proteção extra contra ferrugem que nos fará durar mais, mas no fim nós ainda somos apenas carros – com os mesmos problemas e preocupações que os carros que não são à prova de ferrugem. Além disso”, ela acrescentou, “há algumas garotas aqui que tem menos que cem anos. Jeanne Louise tem apenas 92”.

Rachel virara para olhar para a bela técnica de laboratório e sacudiu sua cabeça. “Ela é a mulher de 92 anos mais sexy que eu já vi”.

Jeanne Louise ouvira o comentário e riu.

“Além do mais, bolo floresta negra de sangue não soa realmente muito apetitoso”, ela estava dizendo agora.

Voltando para o assunto em questão, Rachel cortou um pedaço. “Não, não soa. Eu não sei como vocês conseguem agüentar ingerir sangue. Etienne disse que isso é um paladar que se adquire, mas eu estou tendo problemas. Se não fosse pela dor e pela fraqueza que eu sinto quando não tomo, eu já teria desistido”.

Ela pegou um pedaço de bolo para ela e começou a mastigar, depois parou quando Jeanne Louise e Marguerite trocaram olhares. Rachel não sabia se eram seus instintos melhorando ou não, mas ela tinha certeza que as mulheres estavam conversando mentalmente. Sobre ela. Com as sobrancelhas levantadas ela perguntou, “O quê?”

“Nada, querida”. Marguerite deu um tapinha no braço dela e sorriu. “Curta o seu bolo. E aqui, beba um pouco de chá”.

Rachel aceitou o chá, e ela comeu o bolo e bebeu em silêncio por um momento, simplesmente ouvindo a conversa em volta dela.

Então ela perguntou a Marguerite, “Quanto tempo você levou para se ajustar a ingestão de sangue?”

Dessa vez ela não perdeu o olhar que Jeanne Louise e Marguerite trocaram. Elas estavam conversando silenciosamente sobre ela. Depois a mãe de Etienne sorriu e disse, “Eu me ajustei relativamente rápido, querida. Imediatamente, na verdade. Mas isso foi diferente. Não existiam bancos de sangue. Nós tínhamos que comer “fora”, como nós costumávamos dizer”.

Rachel nem tentou esconder o terror. “Fora?”

“Bem...” Marguerite sorriu e deu de ombros. “Você chama corpos de crispy critter e tal para ajudar a desassociar-se do sentimento desagradável por eles estarem mortos. Nós, quase do mesmo modo, temos frases e tal para nos distanciarmos emocionalmente de ter que nos alimentar de pessoas totalmente adoráveis”

“Oh”. Rachel confirmou com a cabeça. Ela então comeu em silêncio, sua mente consumida pelo pensamento que as pessoas da família dela e amigos agora eram sua fonte principal de comida. Quão repulsivo isso era? Era definitivamente um dos pontos negativos nesse negócio. Ela estava quase aliviada que morder não era mais permitido.

Morder pessoas devia ser mais fácil e faria menos louças, mas pelo menos o pacote permitia a ela fingir que ela não estava comendo pessoas. Ela supôs que era como a diferença entre comprar carne no açougue e abater sua própria vaca.

Lissianna abriu seus presentes depois que terminaram de comer. Ela ganhou coisas adoráveis e pareceu realmente gostar da lingerie creme que Rachel escolheu para ela.

As bebidas foram então servidas – as bebidas que Rachel esperou todo o tempo. Taças grandes de vinho cheias de sangue foram trazidas. Rachel pegou a sua, mas somente segurou-a, sem querer engasgar-se ou senão envergonhar-se na frente daquelas pessoas enquanto ela circulava. Elas eram todas mulheres adoráveis, e todas muito gentis para comentar o modo que os dentes dela apareciam e se escondiam toda vez que ela sentia um leve cheiro de sangue. O cheiro metálico não a atraía, mas seus dentes certamente pareciam gostar. Obviamente ela precisava trabalhar nesse problema. Etienne insistira que isso era tão importante como aprender a consumir sangue, mas Rachel achou isso bastante constrangedor hoje e decidira falar com ele quando ela voltasse para casa naquela noite.

Aquele pensamento a pegou de surpresa e a fez parar. Casa? Ela quis dizer casa do Etienne, que não era a casa dela. Ela estava ficando muito confortável lá. Talvez até mesmo muito confortável com o Etienne.

O cara salvou a vida dela em retribuição por ela ter salvado a vida dele mas, que ela soubesse, essa era a única relação que eles tinham. Ele não demonstrou nada além de amizade e gentileza para ela.

Bem, na primeira noite ele tinha... mas dessa vez tinha sido ela quem o atacou. E, para sua decepção, ele não demonstrou interesse nela desde então. Pelo menos enquanto ela estava acordada. Em seus sonhos, o homem vinha a ela todas as noites e a torturava. Beijos e carinhos eróticos que ele dava, e aquilo tudo a deixava nervosa e insatisfeita porque eles sempre acabavam abruptamente antes que Rachel pudesse se satisfazer. Parecia que ela ainda não tinha pegado o jeito dos sonhos eróticos. Ela sabia que eles não deixavam Sylvia frustrada e desejando mais, então certamente ela estava fazendo algo errado. Sua mente se protegia da conclusão por alguma razão.

“Foi um prazer encontrar você Rachel. Eu espero ver você no casamento. Você vai?” Jeanne Louise perguntou.

Rachel arrancou-se de seus pensamentos e olhou em volta surpresa. Todos estavam recolhendo suas coisas e se preparando para ir embora. Parecia que o chá de panela havia acabado.

“Obviamente ela está convidada”, Lissianna anunciou enquanto se juntava a elas. “E eu espero que ela compareça”.

“Depende se nós já vamos ter resolvido aquele outro problema”, Marguerite disse. Parecendo pensativa, ela acrescentou, “Se bem que, se nós a disfarçarmos de alguma forma e a chamarmos de R. J. ao invés de Rachel, provavelmente não correremos o risco da família do Greg a reconhecer dos noticiários”. Ela afirmou com a cabeça. “Sim, nós damos um jeito”.

“Bom”, Lissianna disse firmemente. Ela abraçou Rachel. “Eu vou gostar que você venha. Eu acho que vamos ser grandes amigas, como irmãs”.

Rachel sorriu, mas ela não perdeu a troca de olhares entre Lissianna e Marguerite. Ela realmente precisava fazer Etienne ensiná-la a parte de ler mentes. Ela tinha certeza que as conversas silenciosas que aconteciam aqui eram muito mais importantes que as verbais.

“Droga!” Rachel deixou cair a caneca de sangue e olhou furiosamente para ela. Ela simplesmente não conseguia agüentar essa coisa. Ela conseguira beber alguns goles, mas o gosto era tão horrível e o cheiro tão podre que a mente e o estômago dela se rebelaram.

“Você está melhorando”, Etienne assegurou-a. “Logo você será capaz de beber sem problemas”.

Rachel olhou para ele, depois ficou de pé e foi até a janela da cozinha observar o céu estrelado. Ela não saía de casa nos últimos dois dias desde o chá de panela, e parecia ter sido a semanas atrás. Ela estava começando a ficar entediada, trancada naquela casa todos os dias e noites sem nada para fazer a não ser ler e tentar beber sangue. Ela estava cansada disso. Ela precisava de ar fresco. Ela também poderia fazer alguns exercícios. Seus sonhos eróticos continuavam, mas ainda sem nenhum prazer. Todas as vezes, logo antes de Rachel chegar onde ela queria, o sonho acabava abruptamente. Ela estava em ponto de bala.

“Eu tenho que sair daqui”, ela anunciou, virando para olhar para Etienne, como se sua irritação fosse culpa dele. “Eu preciso de ar fresco e exercício e... Eu só preciso sair daqui. Agora”.

Etienne ficou quieto por um momento. Primeiro ele pareceu relutante, mas depois ele fez um sinal com a cabeça concordando. “Eu tive uma idéia. Espere aqui. Eu já estarei de volta”.

Fazendo cara feia, Rachel observou-o apressar-se para sair do quarto. Ela temeu muito que ele fosse levá-la para um belo passeio à luz da lua, algo tranquilo e imponente. Ela não queria nada tranquilo e imponente. Ela precisava de exercícios difíceis e que fazem suar para eliminar a tensão sexual que estava provocando cólicas em seu corpo. Se alguém tivesse sugerido isso para ela antes de ser transformada, Rachel nunca teria acreditado que a vida como vampiro poderia ser tão chata.

CAPÍTULO 9

"Isso é ótimo! Era tudo que eu precisava."

Etienne sorriu com o entusiasmo de Rachel, levando-a a uma mesa aberta onde eles se sentaram. Sua idéia era obviamente inspirada. Ele não costumava ir para o Night Club – um clube privado apenas para os vampiros, aberto do pôr-do-sol ao amanhecer, mas ele tinha entendido os desejos de Rachel. Ele mesmo estava em extrema necessidade disso. Depois de várias noites de sonhos compartilhados interrompidos todas as vezes por uma repetição daquele primeiro telefonema, ele estava pronto para estourar.

Etienne agora não tinha dúvidas de que Pudge estava fazendo as chamadas noturnas, mas ele não sabia o que fazer. Ele pensou em deixar o telefone fora do gancho, mas teve medo que sua família não fosse capaz de contatá-lo se houvesse uma emergência. Assim, todas as noites ele deixava o telefone no gancho, ia dormir, e se juntava-se a Rachel em alguns dos sonhos mais eróticos que ele já tivera, só para ser interrompido nesta junção crucial. Se o nível de frustração dela fosse tão elevado como o seu, apenas uma visita ao Night Club ajudaria a aliviá-la.

Pelo menos ele esperava que esta visita funcionasse, para o bem deles. Ele tinha que aliviar um pouco da tensão ou ele provavelmente atacaria Rachel em breve, algo que ele não queria fazer até saber melhor como ela se sentia a respeito dele.

Relacionamentos eram difíceis quando não se podia ler a mente dos outros. Etienne nunca fora o tipo de cara que controla a mulher e a faz o quer, mas se ele encontrasse uma mulher atraente e lesse sua mente para descobrir que ela estava igualmente interessada, no passado ele teria sido capaz de abordar a situação com mais confiança. Com Rachel, ele estava se sentindo como se estivesse em um campo minado.

Claro que ele sabia que ela estava atraída por ele, mas ele não tinha certeza se parte disso não era só gratidão por ele ter salvado sua vida. Ele queria mais do que gratidão desta mulher. Ele tinha decidido que eles ficariam muito bem juntos, como companheiros de vida, e era nisso que ele estava trabalhando. Mas ele nunca tinha feito isso antes, então ele se sentia como se estivesse dando um tiro no escuro. Etienne nunca se sentiu bem em tal desvantagem antes. Ele nunca tivera tanto nessa linha. Ele não gostou.

"Uau! Este lugar é o máximo!"

Etienne sorriu enquanto Rachel quicava com entusiasmo em sua cadeira, bateu levemente os dedos e pés ao som da música, e olhou ao redor. Era óbvio que ela queria – talvez até mesmo necessitasse – dançar. Ele abriu a boca para sugerir exatamente isso, mas depois moveu seu olhar para a pista de dança e observou as

batidas de quadris e os giros selvagens dos bailarinos. Ele tinha sido algo como um pé de valsa na sua época, continuou com as danças populares da época, até ele ficar entediado com as mulheres intercambiáveis que ele transava, mas quando seu tédio cresceu, ele cortou sua vida social, pouco a pouco até que ele se desfez de tudo. Ele agora não tinha a menor idéia do que as pessoas na pista de dança estavam fazendo. Parecia que metade delas tinham algum tipo ataque epilético.

"Hei! Primo!"

Etienne olhou em volta devido à exclamação, um sorriso carinhoso descrevendo uma curva em seus lábios, enquanto ele avistava seu primo Thomas. Levantando-se ele abraçou o homem mais jovem e deu um tapa nas costas.

"Eu não posso acreditar que você está aqui, cara!" Thomas disse. "Estamos falando de um choque! Quanto tempo faz? Um século?"

"Nem tanto", Etienne respondeu secamente.

"Quase", insistiu Thomas. Então ele olhou interessado para Rachel. "Você deve ser Rachel. Jeanne estava falando sobre você. Eu sou o irmão dela Thomas. Pode me chamar de Tom".

Rachel sorriu e aceitou a sua mão. "Você deve estar falando da Jeanne Louise. Gostei muito de conversar com ela no chá de panela de Lissiana. Ela é sua irmã?" Os olhos dela observaram o cabelo elegante Thomas e sua camisa preta apertada e calças de couro, com diversão, Etienne esperava. "Deixe-me adivinhar, você é irmão mais novo dela? Vinte e oito ou vinte e nove contra os noventa e dois dela?"

"Errado". Ele sorriu. "Eu sou mais velho. Duzentos e seis. Mamãe quer ter outro bebê, mas ela tem que esperar mais dez anos ou mais".

"Oh, sim". Rachel fez uma careta. "Eu esqueci da regra dos cem anos".

Thomas riu, então olhou para Rachel da mesma maneira que ela olhou para ele – só a sua atenção que estava no modo que suas mãos e pés, quase o corpo todo, estavam se mexendo ao ritmo da música. Ela estava dançando sentada. "Você vai estar dançando sobre a mesa em um minuto se ninguém interceder", ele brincou levemente. "Você parece uma mulher que precisa de ritmo."

Rachel riu. "Bem perspicaz da sua parte reparar".

"O que posso dizer? Eu sou um cara perspicaz", ele provocou, pegando sua mão, ele disse: "Venha, eu serei seu cavaleiro em calças de couro e a levarei para a pista de dança."

Etienne fez uma careta quando Rachel saiu com seu primo. Ela nem olhou para ele. Ele não devia ter hesitado sobre dançar, ele disse a si mesmo com

irritação. Ele deveria tê-la levado exatamente para a pista de dança. Era o que eles dois precisavam.

"Você dorme, você perde, primo". Essas palavras irônicas lembraram Etienne que ele estava em um refúgio de vampiros onde vários dos vampiros mais poderosos podiam ler seus pensamentos. Incluindo seu primo. Ele obviamente ficou muito acostumado com a sua própria companhia, onde guardar os seus pensamentos não era necessário.

Irritado consigo, Etienne fechou sua mente firmemente para evitar que os outros sondassem seus pensamentos. Então ele recostou na cadeira, olhando com irritação enquanto Thomas e Rachel começaram a ter seus próprios ataques epiléticos na pista de dança.

"Então, como você está sendo morar com o primo Etienne?"

Rachel sorriu e deu de ombros. "Tudo bem. Ele é um cara legal".

"Oh, cara! Thomas segurou o peito, como se ela o tivesse esfaqueado. "Legal? Esse é o beijo da morte".

Rachel riu de seu drama, ainda mais divertido quando ele arqueou uma sobrancelha várias vezes e disse: " Fica claro então que meu primo não está tomando nenhuma atitude. Ele precisa de um empurrão, eu acho. Vamos lá, vamos dar uma cotovelada ele".

Deixando Rachel muito confusa, a idéia de Thomas de cutucar com Etienne foi para tomá-la em seus braços e começar a dançar em um estilo lento na batida de hip hop em torno deles.

"Er... Thomas, você notou que essa música é rápida?" Rachel teve que gritar para ser ouvida apesar da música.

Suas mãos desceram pelas costas dela e repousaram em sua bunda. "Sim. Etienne notou também", ele gritou de volta, puxando-a para mais perto ainda e rindo. "Aí vem ele! Definitivamente cutucado! Você pode me agradecer depois, menina – Eu serei seu cavaleiro em couro brilhante qualquer dia." Ele lhe deu um tapa na bunda, então tirou a sua mão quando Etienne apareceu.

Com uma expressão inocente, ele gritou: "Me cortando?"

A resposta de Etienne foi um olhar ardente que deixou Rachel incrédula. Ela queria saber se ele estava interessado nela? O ciúme e a raiva no rosto dele parecia sugerir que ele estava. No entanto, ele não agira de outra forma a não ser amigavelmente quando eles estavam sozinhos.

Ela não teve a chance de refletir sobre o assunto. Etienne ignorou o ritmo rápido da música assim como Thomas fizera, e puxou-a em seus braços. Ela não pensara que isso seria possível, mas na verdade ele segurou-a mais perto do que

seu primo, e se as mãos de Tomás descansaram levemente em sua bunda, Etienne deu um aperto firme, levando-a ao redor da pista de dança.

Rachel estava engessada contra seu peito, intimamente ciente de cada inchaço e curva no físico daquele homem, de uma forma que era de tirar o fôlego. Depois de apenas alguns momentos, ela se sentia quente, sem fôlego e precisando desesperadamente de uma bebida.

Para seu alívio, quando ela sugeriu que a Etienne, ele concordou de imediato. Ele acompanhou-a de volta à sua mesa.

Thomas, aparentemente, decidira se juntar a eles. Ele estava sentado lá e sorriu largamente quando eles chegaram.

Etienne fez cara feia para o vampiro mais novo enquanto ele puxava a cadeira para Rachel – um gesto que ela não tinha experimentado em toda a sua vida de namoros modernos. Ele disse: "Comportem-se. Eu já volto".

Rachel o observou sair com surpresa. Ele desapareceu numa porta marcada pelo símbolo internacional de um homem. O banheiro.

"Bebidas, pessoal?"

Rachel olhou incerta para a garçonete sorrindo para ela. Em seguida, o olhar dela passou impotentemente para Thomas. "Eu não tenho certeza do que eles têm para servir", admitiu ela, sentindo-se um pouco perdida. Sendo um bar de vampiros, ela presumiu que eles servissem sangue. Mas será que eles servem outras bebidas?

"Permita-me", ele sugeriu. Rachel teria ficado aliviada pela oferta, a não ser pela forma como ele estava sorrindo. "Dois Êxtases Doces e um Virgem Maria."

"O que é um Virgem Maria?" Rachel perguntou desconfiada enquanto a garçonete se afastava. Ela supôs que os Êxtases Doces fossem para os homens e o Virgem Maria para ela. A resposta de Thomas corrigiu seu equívoco.

"Sangue, Worcestershire⁵ e molho de Tabaco com uma gota de limão. Eu gosto de bebidas quentes e picantes", disse ele com um sorriso.

"Oh," disse Rachel fracamente. A bebida parecia repugnante. Ela estava quase com medo de perguntar o que havia no Êxtase Doce.

"Às vezes é melhor não saber." Thomas inclinou-se para que ele não tivesse que gritar. Ele obviamente leu os pensamentos dela. Era bastante chato não poder pensar sem que as pessoas ouvissem o tempo todo. Rachel ficava muito mais confortável só com Etienne, que alegava não ser capaz de ler sua mente. Se ele

⁵ Um molho picante de soja, vinagre e especiarias.

estivesse mentindo, o que era totalmente possível, pelo menos ele era educado de não comentar.

“Não importa”, ela respondeu para Thomas. “Eu devia tê-lo alertado para não se incomodar se tudo que eles servem aqui fosse sangue. Eu ainda não domino totalmente a técnica de beber sangue”. Ela se arrepiou só de pensar.

Thomas pensou nisso por um momento. Rachel suspeitou que ele estivesse examinando seu cérebro procurando o que poderia ser o problema, então ele afirmou com a cabeça. “Não se preocupe com isso. Minha cunhada teve o mesmo problema. Nós encontramos uma solução. Eu lhe mostrarei quando a garçonete trouxer as bebidas”.

Rachel teve um momento de esperança de que ele realmente tivesse uma solução; então passou a pensar no que teria nos Êxtases Doces que aparentemente ele pediu para ela.

“Eles tem todo tipo de bebidas aqui”, disse Thomas, obviamente lendo os pensamentos dela de novo. “Alguns são misturados como o Virgem Maria, que tem sangue com algo adicionado, e outros são especialidades de sangue. Como o Dente Doce”.

“Dente Doce?” perguntou Rachel.

“Aham”. Ele afirmou com a cabeça. “O sangue dos diabéticos. Tia Marguerite realmente gosta desses”, ele acrescentou antes de continuar.

“Tem também o sangue rico em ferro ou em potássio. Oh, e o High Times. Essa é uma bebida feita com sangue de viciados em maconha”.

“Não pode ser!” Rachel olhou para ele boquiaberta.

“Sério. Você tem as alucinações sem os danos que fumar causa aos pulmões.” Ele riu da expressão dela.

Rachel olhou para ele incrédula, depois perguntou, “Então, eles também tem um com alto teor alcoólico?”

“Oh, sim. Se chama Vinhos Vermelhos. O pai de Etienne sempre tomava essa bebida. Sempre”.

O modo que ele disse isso fez Rachel perguntar, “Um alcoólatra?”

“Sim”. Ele afirmou solenemente com a cabeça. “Nós temos alcoólatras e drogados assim como as pessoas normais. Nós só temos que consumir isso através do sangue”.

“Vampiros alcoólatras”, Rachel murmurou, mal podendo acreditar.

“Vou te contra um segredo”. Thomas se inclinou sobre a mesa novamente para que a cabeça deles ficassem próximas. “Eles ficaram muito preocupados por um tempo que Lissi seguisse os passos do pai”.

“Não”. Rachel sentou-se novamente chocada. “A irmã de Etienne?”

“Sim”. Ele afirmou solenemente com a cabeça. “Ela era hemofóbica desde a infância”.

“Sim. Etienne mencionou isso. Então, ela estava bebendo para superar isso, ou –”

“Não, ela não bebia. Pelo menos não do jeito que você está pensando. Lissianna tinha que viver em casa e tomar o sangue intravenosamente pelos primeiros duzentos anos. Era tão ruim que ela nem conseguia aplicar o dispositivo em si mesma. Marguerite tinha que controlar sua mente e colocá-la para dormir para alimentá-la. Mas então, quando o velho Claude morreu – ”

“Claude?” Rachel interrompeu.

“O marido de Marguerite. Ele bebeu muito Vinho Vermelho, desmaiou com um cigarro aceso em sua mão e queimou até morrer”.

“Então o fogo pode nos queimar?” Rachel perguntou.

“Sim. Fogo. Ter sua cabeça cortada e destruir ou parar o coração também”, ele a informou. Depois de um momento, para ter certeza que ela não tinha mais nenhuma pergunta, ele voltou à história. “Quando Claude morreu tão de repente, Lissianna estava realmente abalada. Você sabe, a morte acontece tão raramente entre nós que abala qualquer um. De qualquer forma, ela decidiu que precisava ser mais independente. Ela precisava ‘viver sua vida’, ela disse. Então ela começou a fazer trabalhos voluntários na universidade, conseguiu um emprego num abrigo local, e foi morar sozinha”

"Como ela se alimentava se..."

“Esse era o problema. De regra nós não podemos morder pessoas, mas em algumas circunstâncias – emergências, por exemplo – é permitido. E por causa de sua hemofobia, Lissianna podia morder pessoas”. Ele olhou na direção da porta do banheiro masculino, mas não havia nem sinal de Etienne. Thomas virou-se e continuou. “A preocupação era seu tipo de vítima. Ela escolhia os clientes do abrigo. Eles estavam perto e eram presas fáceis. O problema era, muitos deles eram alcoólatras e viciados em drogas. Lissi tentava evitá-los, mas algumas vezes...” Ele deu de ombros.

“A família dela se preocupava, obviamente”, Rachel murmurou.

Thomas afirmou com a cabeça. “Há mais ou menos um ano, Marguerite decidiu que já bastava e seqüestrou um psicólogo humano para tratar a hemofobia dela”.

“Sequestrou?” Rachel engasgou.

Thomas riu. “Está tudo bem. Lissianna o libertou... finalmente. O psicólogo era Gregory Hewitt”.

“O noivo dela?” Rachel sacudiu sua cabeça.

“Contando segredos de família, Thomas?”

Rachel e Thomas ficaram culpados enquanto Etienne sentava-se na cadeira próxima a ela.

“Bem, ela é praticamente um membro da família, não é?” Thomas respondeu defensivamente.

Rachel olhou de um homem para o outro enquanto eles se encaravam. Havia subcorrentes aqui que ela não entendia, e ela não tinha a menor idéia do que Thomas queria dizer. Ela agora era considerada um membro da família porque era um vampire? Eles obviamente precisavam mantê-la sob suas asas para treiná-la e ajudá-la com a mudança, mas será que agora ela tinha uma nova família? Uma que sobreviveria muito mais tempo que a família onde ela nascera?

“Aqui está!” A chegada da garçonete trouxe um fim para o clima desconfortável. “Para quem é o Virgem Maria?”

“Esse é o meu”. Thomas aceitou a bebida com um sorriso encantador.

“Isso significa que esses são para vocês dois”. A garçonete pôs os dois copos restantes diante de Etienne e Rachel.

“O que é isso?” Etienne perguntou a Thomas assim que a garçonete saiu.

“Oh, fica tranquilo”. Thomas pulou e correu atrás da garçonete, voltando uns minutos depois com dois canudos. Ele foi para o lado de Rachel e colocou-os em sua bebida, depois pegou o copo e sorriu para ela. “Ok, abra essa sua boca linda”.

Rachel hesitou, então abriu a boca, um pouco envergonhada de abrir porque seus dentes estenderam como sempre.

“Não há nada para ficar constrangida”, Thomas assegurou-lhe enquanto colocava os canudos nas pontas dos dentes dela. “Isso deve funcionar. Agora só relaxe. Seu dente fará todo o trabalho”.

Rachel continuou parada mesmo depois que ele retirou as mãos de sua boca e voltou para sua cadeira. Ela não achou que algo estivesse acontecendo até que Thomas sorriu e disse, “Está funcionando”.

“Está mesmo”, Etienne comentou, atraindo o olhar de Rachel. Ele não pareceu muito feliz ao perceber, e bebeu metade de sua bebida em um gole agitado.

“Viu?” Thomas disse sorrindo. “Eu te disse que havia um jeito de fazer isso. É fascinante o poder que esses dentes tem, não é?”

Rachel arriscou inclinar sua cabeça para baixo para olhar o copo. Ela conseguiu olhar sem retirar os canudos e estava impressionada de ver que estava realmente funcionando; o copo estava quase pela metade. Levou apenas mais alguns minutos para seus dentes sugarem o resto da bebida. Assim que acabou, ela retirou os canudos e inclinou-se para abraçar Thomas.

“Obrigada, Tom. Eu tenho tentado beber, mas o gosto é tão horrível. Agora eu não tenho mais que me preocupar”. Ela sentou-se novamente em sua cadeira e sorriu para Etienne. “Agora você já pode me ensinar a controlar meus dentes e tal”.

“Aham”. De novo, Etienne não pareceu feliz, mas Rachel não sabia por quê. Ele virou o resto de sua bebida, colocou seu copo na mesa, e ficou de pé. “Vamos dançar”.

Não era realmente um pedido. Ele a tomou pela mão e a puxou forçando-a a ficar de pé. Rachel praticamente teve que correr para acompanhá-lo enquanto ele apressou-a até a pista de dança. Dessa vez, havia uma música lenta tocando. Etienne a tomou em seus braços, segurou-a apertado, e começou a dançar. Ele começou segurando-a numa distância respeitável, mas a cada música ele a trazia mais e mais perto até que seus corpos estavam totalmente colados. Rachel foi de boa vontade o bastante, seu corpo derretido no dele e ela deixou escapar um leve suspiro. Ela deixou a cabeça encostar nos ombros dele. Ela murmurou com prazer enquanto as mãos dele percorriam seu corpo, acariciando-a e pressionando-a a chegar mais perto ao mesmo tempo.

Rachel sentiu inacreditavelmente... Inacreditável. Pequenas correntes de prazer percorriam-na em todo lugar que Etienne tocava, seguido de pequenos calafrios de excitação. Quando sua mão deslizou para o cabelo dela para puxar gentilmente, ela deixou sua cabeça inclinar-se para trás, com os olhos sonolentemente abertos observando os lábios dele descendo até os dela. O que começou como um beijo logo e lânguido se aprofundou numa busca excitante por prazer. Antes que ela percebesse, ela e ele pararam até mesmo de fingir dançar e estavam simplesmente em pé na pista de dança acariciando-se como adolescentes.

“Eu quero você”, Etienne rosnou, interrompendo o beijo para rastejar seus lábios pelo pescoço dela.

“Graças a Deus”, ela sussurrou aliviada. Ela estava certa que morreria se ele não transasse com ela em breve.

“Agora”.

“Agora?” Os olhos dela se abriram encontrando-o olhando em volta irritado.

“Sim. Agora. Mas não aqui”. Mantendo um braço em volta dela, ele apressou-se para sair da pista de dança. Rachel pensou que ele a levaria de volta a mesa deles pelo menos para se desculpar com Thomas, mas parecia que ele não podia esperar nem mesmos isso. Em vez disso, ele levou-a para fora da boate e diretamente para o carro estacionado. Ele a colocou no banco do passageiro, correu para o lado do motorista e entrou para ligar o carro. Isso foi o máximo que ele conseguiu. No momento em que o carro ligou, Etienne virou-se e puxou-a pelo assento novamente para seus braços.

Rachel foi de boa vontade, quase rastejando em seu colo, sua boca aberta e pronta quando ele abaixou sua cabeça reclamá-la. Ela nunca se sentira tão excitada em toda sua vida. Todos os lugares que ele tocava, cada centímetro de pele que sua respiração acariciava estava de repente em chamas. Paixão deixou pesado e molhado entre suas pernas.

“Eu preciso de você”, Rachel ofegou quando ele interrompeu o beijo.

A resposta de Etienne foi algo como um grunhido. Ele puxou a blusa dela, libertando-a do seu jeans. Ela definitivamente não era a única que tinha experiência em despir pessoas – o top de Rachel repentinamente aberto e ele rápida e eficientemente desabotoou os botões frontais do sutiã dela.

“Oh”. Ela gemeu quando seus seios se liberaram e ele os pegou em suas mãos. Rachel suspirou outro pequeno gemido de prazer-dor enquanto ele alternadamente acariciava e sugava seus mamilos. Quando ela sentiu as mãos dele em sua cintura, ela tentou para ajudá-lo, mas os corpos deles estão muito próximos, o espaço muito apertado.

Praguejando, Etienne pôs as costas dela no banco do passageiro e passou a marcha. “Casa”. Foi tudo o que ele disse e tudo o que ele precisou dizer.

Rachel mordeu seu lábio e agarrou o painel enquanto eles saíam do estacionamento cantando pneus. Ela pensou rapidamente em colocar seu cinto de segurança, mas Etienne estava dirigindo tão rápido que ela teve certeza que eles chegariam em casa antes que suas mãos trêmulas terminassem a tarefa.

Ambos saíram do carro antes que o motor terminasse de desligar. Etienne a encontrou em frente ao carro, pegou sua mão, e correu até a porta de sua casa. Ele destrancou a porta e a abriu, arrastou-a, e fechou a porta antes de tomá-la em seus braços novamente. Rachel estava de repente esmagada contra a parede do corredor, a boca e as mãos de Etienne aparentemente em todos os lugares ao mesmo tempo. Eles puxaram as roupas um do outro.

“Eu não posso esperar chegar lá em cima”, ele disse se desculpando enquanto deslizava as calças dela pelas suas pernas.

“Não espere”, Rachel disse. Ela também não conseguiria esperar. Ela o queria, precisava dele exatamente ali, naquele momento.

Era a permissão que Etienne precisava. Ele rasgou a calcinha dela com um rápido puxão, pegou-a pela parte de trás das coxas, levantou-a, depois a colocou sobre ele. Ele deslizou para dentro dela e ambos gemeram quando ele a encheu completamente. Graças àqueles sonhos eróticos de todas as noites, parecia que eles estavam trabalhando nisso por semanas.

Etienne parou, depois deu um passo para o lado. De repente com medo que ela estivesse dormindo novamente, e que o sonho fosse parar agora como normalmente acontecia, Rachel cravou suas unhas nos ombros de Etienne e instou-o.

“Mais”, ela suplicou.

Etienne a sentou em alguma coisa – ela pensou que deveria ser a mesa do corredor – e começou a se mover dentro dela.

Retirando-se, ele investiu de novo, apenas para retirar-se outra vez.

Rachel não havia percebido que era histérica. Ela nunca fora histérica antes. Mas Rachel não só gritou quando encontrou prazer, ela gritou, depois afundou seus dentes no pescoço de Etienne, Tirando sangue do corpo dele para o dela enquanto seu corpo estremecia e pulsava em volta do dele. Foi o melhor sexo de sua vida.

“Olá”.

Rachel piscou sonolenta e olhou confusa para o homem que se debruçava sobre ela. Etienne. Ela o reconheceu, claro, mas a mudança de posição deixou-a confusa. A última coisa de que ela lembrava era seu corpo explodindo e despedaçando-se no mais poderoso orgasmo que ela já experimentara. Agora Rachel estava de algum modo deitada numa superfície suave – no quarto, ela percebeu confusa. Como eles chegaram lá?

“Você desmaiou”, Etienne contou-lhe gentilmente. “Eu espero não ter sido muito bruto”.

“Bruto? Não”, Rachel tranquilizou-o, depois corou quando o entendimento chegou a ela. “Sua mãe me avisou que isso podia acontecer”.

Marguerite também afirmara que o prazer seria vinte vezes maior que qualquer coisa que Rachel já experimentara.

Rachel não tinha certeza se o prazer fora vinte vezes maior, mas foi pelo menos dez vezes mais forte, e ela nem mesmo estava completamente transformada ainda.

“Você me mordeu”, Etienne murmurou, passando seus dedos sobre um de seus mamilos ainda eretos.

“Desculpa”, disse Rachel. A voz dela estava rouca, e ela estremeceu em resposta ao carinho.

“Não precisa. Eu gostei”. Ele permitiu que sua mão deslizesse pela barriga dela. “Eu gostei de te ver tão excitada. Eu gosto de tudo em você”.

“Oh, bom”. Rachel gemeu e fechou seus olhos. Seu corpo arqueou quando a mão dele deslizou entre as pernas dela.

Prendendo seu lábio inferior com seus dentes, ela moveu-se e contorceu-se agitadamente sob a carícia íntima dele, depois abriu novamente seus olhos e procurou por ele. “Eu acho que preciso de você de novo”.

“Eu sei que preciso de você de novo”, ele rosnou de volta. A mão dela deslizou pelo corpo dele. Etienne se colocou sobre ela e lhe abriu as pernas apenas para parar. A expressão dele de repente congelou, como se um pensamento o tivesse eletrificado. Os olhos dele se estreitaram. “Quais eram aquelas bebidas?”

“Bebidas?” Rachel perguntou confusa, suas pernas se movendo sem descanso sob ele. Ela não queria falar, não queria nem mesmo preliminares, só queria...”

“Sim. As bebidas que Thomas pediu para nós”, ele explicou.

“Oh”. Ela suspirou, querendo saber por que isso importava. “Hum, Dentes Doces? Não, esse é o que Marguerite gosta. Era alguma coisa Doce, Doce... Doce...”

“Êxtases Doces”

“Isso! Sim. Êxtases Doces”. Rachel sorriu, esperando que ele voltasse ao trabalho. Mas muito para sua desânimo, ao invés disso, Etienne gemeu e se recostou sobre ela. “O quê? O que foi? Havia algo errado com as bebidas?”

“Errado? Não exatamente. É algo como o Viagra dos vampiros ou o místico vôo espanhol”.

“Sério?” Rachel perguntou curiosa. A idéia não a irritou muito. Ela estivera sofrendo com muita tensão sexual durante os últimos dias, se fosse algo um pouco mais sério valeria a pena ficar irritada. Além disso, isso os fizera libertar a tensão sexual deles. Ela só queria que ele fizesse um pouco mais disso.

Etienne tinha trezentos anos de idade, entretanto, e aparentemente tem mais controle. Ele parecia estar com humor para conversar agora também.

“Sim, sério”, ele respondeu. “Pior. Aquelas bebidas estavam cheias de ocitocina, dopamina, noradrenalina, dimetilanilina e só Deus sabe de que mais”.

Rachel estava impressionada que ele pudesse falar esses nomes, quanto mais lembrar deles. Ela reconheceu todos eles.

A maioria eram hormônios envolvidos na excitação sexual, embora Ocitocina fosse chamado de o abraço químico e fosse liberado pelas mães para ajudar a criar um vínculo com os bebês. Havia algumas suposições que ele fosse liberado entre casais também, mas ainda precisava ser provado. Mesmo assim, ela estava muito impressionada. Ela estaria mais impressionada se a ereção que se recostava contra ela estivesse dentro dela, mas ela estava todavia impressionada.

“Quanto tempo dura?” Rachel perguntou, querendo saber se já havia passado.

“Horas”, Etienne gemeu. “Eu lamento. Eu vou bater no idiota do Thomas da próxima vez que eu encontrar com ele. Eu deveria ter checado as bebidas antes de beber. Ele sempre fora o brincalhão da família, e – ”

“Etienne”, Rachel interrompeu.

“Sim?” Ele parecia bastante desconfiado, como se ele estivesse preocupado que ela fosse culpá-lo pelo que o primo dele fizera.

Rachel removeu os dedos que ela cravara em suas costas e acariciou a bochecha dele. “Se você não me quiser, eu vou entender. Eu provavelmente vou morrer, mas eu vou entender”.

“Claro que eu quero você”, ele interrompeu rapidamente. “Eu tenho desejado você há dias”.

“Ótimo”. Ela sorriu brilhantemente quando alivio a percorreu. “Eu realmente quero você – com ou sem química. Então por que não parar de falar sobre o Thomas e só –” foi o máximo que ela conseguiu dizer. Etienne a silenciou com um beijo e a penetrou.

Rachel teria suspirado aliviada, mas ela estava muito ocupada gemendo de prazer. Ela estava em chamas com uma necessidade que só ele poderia suprir, e ele definitivamente estava finalmente suprindo. Apesar de ainda não ser o bastante. Ela queria sentir... Ela parou de pensar quando ele de repente mudou, movendo-se entre as pernas dela para ficar de joelhos enquanto eles ainda estavam unidos e colocá-la sentada em seu colo. Ela colocou as pernas naturalmente em volta dos quadris dele.

O corpo deles deslizou ao encontro um do outro, e Rachel estremeceu com prazer. Eles estavam agora encontrando e tocando em todas as partes. Os seios dela roçavam no peito dele; os braços dela se fecharam em volta dos ombros dele e ela aconchegou seu rosto no pescoço dele, dando beijos na pele dele, depois mordendo levemente a carne macia à medida que sua empolgação aumentava. Rachel nunca gostara de morder, mas agora ela queria afundar seus dentes nele.

Ela ofegou e gritou enquanto ele a induziu a fazer. Foi uma mordida rápida, provavelmente tirando pouco sangue, mas Rachel tomou isso como permissão e afundou seus próprios dentes no pescoço dele. Ela usou isso como uma âncora enquanto a paixão deles alcançava seu auge e explodia em volta deles. Rachel sentiu-se desvanecer, sentindo o mundo ficando escuro em volta dela. Era como uma droga. Ela sentiu-se ser sobrecarregada, depois esmagada, e soltou o pescoço dele com um gemido enquanto seu corpo tremia e se arrepiava em volta dele. A escuridão novamente a envolveu.

CAPÍTULO 10

Etienne já tinha levantado e saído quando ela acordou. Rachel bocejou e se espreguiçou na cama, sorrindo feliz. Ela se sentia ótima. Um pouco faminta, talvez, mas fora isso ótima. Ela sabia que a última noite tinha sido melhor que qualquer sonho erótico. Sylvia deveria mesmo ter uma vida sexual triste se ela pensava que qualquer sonho poderia superar a realidade. Etienne tinha feito amor com ela durante toda a noite. O sexo continuou até a manhã, e já era meio-dia antes de eles entrarem em colapso, exaustos e, finalmente, satisfeitos.

Rachel deu um largo sorriso ao ver as cortinas em cima da cama, então sentou e jogou os cobertores embolados de lado. O cara era um autômato. Ele tinha mais energia que qualquer um que ela tivesse conhecido, e trezentos anos de prática para contar a seu favor. Etienne tinha feito coisas a ela que a faziam se arrepiar e corar só de lembrar. Se arrepiando e corando, ela correu até o banheiro e direto ao chuveiro. Ela provavelmente poderia se aproveitar de uma ducha fria naquele momento — o que era difícil de acreditar depois da maratona de sexo — mas era verdade. Ela escolheu um chuveiro quente, no entanto, e se pôs de pé em frente ao bocal do chuveiro, aproveitando a água batendo em sua face e costas por vários momentos antes de pegar o xampu. Seu corpo ainda estava sensível e tremendo. Rachel não sabia se ainda era o *Êxtase Doce* que ainda a estava afetando, ou simplesmente as memórias do prazer que Etienne a tinha dado, mas a cada vez que ela passava a toalha sobre sua pele úmida, ela tremia e pensava nele. O cara realmente era como uma droga. Uma droga boa.

Saindo do chuveiro, Rachel se secou, se vestiu, e escovou seus cabelos. Ela fez uma pausa para se olhar no espelho do banheiro, então saiu do quarto à procura de Etienne. Ela tinha uma necessidade profunda de vê-lo de novo, apenas de ficar perto dele. Talvez para acariciá-lo, talvez mais.

Rachel sorriu com seus pensamentos indóceis enquanto corria escada abaixo. A casa silenciosa não a surpreendeu nem a preocupou, e ela foi direto ao porão, sabendo que encontraria Etienne lá. Ele, sem dúvida, estava trabalhando em seu computador.

Ele estava em seu escritório, mas embora estivesse sentado em sua escrivaninha, todos os computadores estavam desligados. Ele estava falando ao telefone. Rachel caminhou por trás dele e descansou as mãos tentadoras em seus ombros enquanto ele falava ao fone. Quando ele imediatamente moveu sua mão livre para cobrir uma das dela, ela sorriu e relaxou, percebendo, só então, que não tinha certeza se ele a receberia.

Etienne tinha falado que a esperara por dias, mas isso não queria dizer muito. Ele poderia simplesmente ter dito aquilo. Ele também poderia ter perdido o interesse nela, agora que suas paixões tinham sido satisfeitas. Mas não foi o que aconteceu.

"Ótimo! Ficarei de olho nele, então," Etienne disse e desligou o telefone. No momento em que se ouviu o clique do fone no gancho, ele se levantou e se virou puxando os braços dela para um beijo de boas-vindas

Ele rosnou, "Bom dia, minha linda. Como você está se sentindo?"

Rachel corou e beijou a ponta de seu nariz. "Faminta."

Etienne riu. "Você é insaciável."

"Sou mesmo. Mas eu quis dizer faminta de fome."

"Ah." Ele deu um leve suspiro e a abraçou, depois segurou sua mão e a levou para fora de seu escritório. "Também estou. Infelizmente, estamos sem sangue. Eu estava agora mesmo pedindo a Bastien pra mandar mais. Deve chegar logo, mas, enquanto isso..." Ele parou quando chegaram na cozinha, seus olhos disparando pela janela na porta dos fundos e pesquisando a escuridão do lado de fora.

"O que foi?" Rachel perguntou curiosa. Prostrando-se ao lado dele, ela espreitou o grande jardim do lado de fora. Ela já o tinha visto de manhã e à noite, e ele era adorável em ambas as iluminações, com uma grande fonte, um canteiro de pedras, e muitas árvores.

"Eu pensei ter visto alguém lá fora," ele murmurou, depois escorregou sua mão para fora da dela. "Espera aqui. Eu só quero dar uma olhada."

Ele já tinha saído antes que Rachel pudesse comentar. Ela manteve a porta aberta para que pudesse observar tudo, e assistiu enquanto ele caminhava para o jardim. Ela tinha intenção de espiar para ver se encontrava alguém por lá, mas seu olhar foi capturado pelas costas de Etienne e parecia querer continuar lá. Ela decidiu não lutar. Ele enxergava melhor à noite do que ela, de qualquer jeito. E realmente era uma visão agradável. Uma visão muito agradável. Rachel nunca tinha reparado como o bumbum de um homem pode ser atraente. Ela só queria pega-lo, e apertá-lo, e...

"Devem ser os efeitos daquela bebida," ela balbuciou enquanto balançava a cabeça. Mas seu olhar voltou para o traseiro dele no momento em que encontrou seu caminho, e Rachel decidiu que era melhor se juntar a ele, ao invés de ficar ali de boca aberta.

Deixando a porta se fechar atrás dela, ela caminhou silenciosamente até ele.

"Você viu alguma coisa?" Ela perguntou com um sussurro, distraído por seu perfume. Ele cheirava muito bem. Delicioso. Rachel percebeu que ele cheirava bem nas poucas vezes em que seu rosto estava encostado no pescoço dele e tinha cheirado sua essência, mas agora ela podia sentir seu cheiro quase tão bem apenas ficando perto dele. Seus sentidos deviam estar se aguçando, ela pensou, e

ficou feliz com isso. Talvez ela fosse capaz de controlar seus dentes em breve. E até mesmo beber sangue. Aquele truque que Thomas a mostrou tinha funcionado bem. Mas ela deveria ser capaz de beber direto de um copo como o resto deles. Até que o fizesse, Rachel ficaria se sentindo como a criança que bebe chá com metade da xícara sendo composta por leite.

"Não. Eu devo ter me enganado. Deve ter sido só uma sombra."

"Hum." Rachel inspirou o ar e foi mais pra perto dele, seus olhos escorregando para o pescoço dele.

Ele realmente cheirava bem. Bem o bastante para comer, até (no bom sentido). Por alguma razão, naquele momento, ele a lembrava um grande rosbife, do bom, difícil de achar.

As palavras de Marguerite vieram à sua cabeça, e os olhos de Rachel esbugalharam-se em horror.

"O que foi? Você viu alguma coisa?" Etienne perguntou quando ela se distanciou abruptamente.

"Não," Rachel disse, se sentindo muito culpada. "Não. Nós deveríamos entrar agora, você não acha? É muito frio aqui fora." Estava realmente frio, E nenhum dos dois estava agasalhado. Não que ela tivesse percebido o frio até que ele fosse uma boa desculpa.

"Está com frio?"

"Não," ela admitiu, então balançou a cabeça. "Por que eu não estou congelando? Eu deveria estar congelando. Está uma noite bem fria aqui fora, Etienne."

"Seu corpo está mais eficiente do que costumava ser. Você não precisa mais se preocupar com frio ou hipotermia," ele explicou. "Ainda assim, deveríamos entrar. Você vai gastar mais sangue para se manter quente e vai precisar se alimentar bem mais cedo — e eu sei que você já está faminta"

"Desesperadamente faminta" Rachel concordou. Seu olhar encontrou o pescoço dele, e ela desviou o olhar desconfortavelmente.

"Bom, o entregador deve estar aqui logo, com o café da manhã," ele disse. Ele caminhou de volta à porta. "Provavelmente será Thomas. Ele fica com incumbências como essa de vez em quando."

"Oh. É uma grande gentileza da parte dele," Rachel comentou. Ela parou enquanto Etienne pegava a maçaneta da porta e a girava, depois a voltava para a posição original. "O que foi?"

"É... Rachel, você destrancou a porta ou simplesmente a deixou fechar?"

"Você destrancou a porta. Eu só a deixei fechar atrás de mim. Por quê? Qual o problema?"

Etienne estremeceu. "A porta tranca automaticamente a menos que você puxe a alavanca. Estamos trancados do lado de fora."

"O quê?" Ela pulou para o seu lado e girou a maçaneta, mas, para seu horror, a porta continuou fechada. "Nós não podemos estar presos do lado de fora, Etienne."

"Receio que estamos." Ele pareceu que estava se divertindo mais do que estava chateado.

Rachel não estava se divertindo. Ela estava faminta a ponto de Etienne estar parecendo algo saboroso (no bom sentido), e se o frio fazia sua necessidade por sangue mais urgente...

Olhando de rabo de olho para ele, ela ordenou, "Escale uma janela."

Ele balançou a cabeça. "Desculpe. Sistema de segurança de alta tecnologia. Ela vai me empurrar se eu tentar qualquer coisa como isso."

"Bem, você não pode dar a volta nele ou algo assim?"

"Certamente eu poderia, mas pra que estragar meu sistema para me tirar alguns minutos no frio? Quem quer que venha entregar o sangue terá um celular. Eu posso ligar para Bastien e pedir para ele trazer minhas chaves reservas. Nós só ficaremos aqui fora por alguns minutos, eu prometo. E a noite está bonita. Eu posso te mostrar meu jardim. Você só o viu de dentro da casa até agora. Eu tenho algumas flores noturnas adoráveis e—"

"Etienne," Rachel começou irritada, então segurou a língua. Ela estava relutante em admitir que ele parecia o café da manhã para ela. Sua repulsa anterior ao fato de morder pessoas tinha sido facilitado pelas mordidinhas de amor. Agora era um ótimo momento para saber se ela poderia controlar a si mesma. Ela não gostaria de morder um de seus ajudantes em uma noite em que estivesse de estômago vazio.

"O que foi?" Etienne perguntou enquanto ela permanecia quieta.

"Nada," ela disse por fim. "Mostre-me seu jardim."

Sorrindo, Etienne a pegou pela mão. Ele a conduziu para o jardim dos fundos e pela fonte para o jardim principal. Era um quintal grande. Rachel só poderia pensar que ele vivera na periferia de Toronto. Ela não tinha certeza, no entanto, já que o jardim era cercado por uma grande cerca privativa que deixava impossível ver o lado de fora.

Anotando mentalmente que deveria perguntá-lo mais tarde, ela o seguiu pelo jardim enquanto ele apontava e dizia o nome de várias plantas.

Era um jardim adorável, obviamente construído para ser visto à noite, o que ela supôs que fizesse sentido. Tinham algumas luzes aqui e ali que ela supôs que fossem para dar destaque, mas nenhuma delas estava acesa. O caminho deles estava iluminado apenas pela luz da luz. Rachel não teve nenhum problema em enxergar, no entanto. Ela supôs que sua visão deveria estar se aprimorando, como Marguerite disse que seria. Ela deveria estar mais animada, mas ela estava muito faminta. Seu corpo já estava ficando dormiente com a necessidade de se alimentar. Já que Etienne não aparentava estar sentindo o mesmo, Rachel supôs que ela ainda estava precisando de mais sangue por causa da mudança.

"Por que você está me olhando como se eu fosse um grande porco assado com uma maçã na boca?"

Rachel arrastou os olhos para longe de seu voluptuoso pescoço e forçou um sorriso. "Porque você parece tão delicioso," ele disse levemente. Sem pensar, ela chegou mais perto e correu as mãos sobre o peito dele, capturando seu pescoço para forçá-lo para baixo e beijá-lo.

Etienne não resistiu, baixando os lábios com paixão. Rachel suspirou em sua boca aliviada de ter sido tão fácil, então quebrou o beijo e começou a correr os lábios sobre sua bochecha e finalmente para sua orelha. Ela deu algumas mordidinhas e disse, "Você cheira bem o suficiente para comer."

Etienne riu de suas palavras, mas sua risada cessou logo e ele enrijeceu em seus braços. Ela começara a morder seu pescoço. "Err, Rachel, querida? Eu acho que você deve estar confundindo desejo por sangue com desejo sexual. Não é uma boa idéia que você—aaah!"

Seu aviso morreu quando ela o encontrou através de seus jeans. Ele imediatamente absorveu uma lufada de ar e quase ofegou em sua orelha quando ela começou a acariciá-lo. "Bem, talvez uma mordidinha não vá doer".

Rachel riu roucamente e lhe lambeu o pescoço. Ela realmente não tinha idéia do que estava fazendo, estava apenas seguindo seus instintos — e ela instintivamente queria lhe lambe o pescoço. Na verdade, Rachel queria lambe em todos os lugares. Etienne era como um grande pirulito, ou talvez um "Tootsie Pop"⁶. Ela queria saber quantas lambidas levaria para chegar no centro deste Tootsie Pop, mas sabia que iria morder bem antes de descobrir.

⁶ É um tipo de pirulito com recheio de chocolate comercializado nos Estados Unidos. Seu comercial mostra um garoto perguntando a vários animais quantas lambidas leva para chegar no centro, mas nenhum deles sabe, já que mordem antes. Ao perguntar para a coruja, ela diz "Vamos descobrir" e começa a lambe o pirulito, mas morde logo após a terceira lambida e diz "Três". O comercial termina com o narrador dizendo "Talvez o mundo nunca saiba quantas lambidas se leva para chegar no centro"

Rachel lambeu seu pescoço de novo, sua língua correndo pelas veias, sentindo-as com uma habilidade nata que a espantou. Ela queria tanto mordê-lo. Ela estava faminta, dormente de fome. Ela supôs que não era como um dependente químico que corria para seu objeto de vício. Ela precisava muito dele, mas parecia rude simplesmente mordê-lo, e ela não poderia realmente obrigar-se a fazer isso.

Ela o tinha mordido várias vezes na última noite, mas sempre de um jeito apaixonado. Rachel se sentia muito apaixonada por ele naquele momento, mas não o bastante para fazer do jeito certo.

Ela tinha que consertar isso.

Soltando-o, ela escorregou a mão sobre seu peito, agarrou seu colarinho, e desabotoou sua camisa à força. Etienne simplesmente sorriu enquanto os botões pulavam. Rachel era um pouco menos sanguinária. Ela não esperava por isso, pensou que apenas um botão ia sair e então ia ter dificuldade em desabotoar os outros, mas parecia que ela estava ganhando um pouco da força que era pra ser dela.

Sua surpresa só durou um momento. Com seu peito revelado repentinamente, quase prateado à luz do luar, ela ouviu um rosnado quase animalesco saindo de sua própria garganta e deixou suas mãos escorregarem na pele exposta. Sua pele estava fresca e macia, macia como veludo, mas com a rigidez do metal. Suspirando de prazer, ela se curvou para pressionar os lábios sobre a pele de seu coração. A batida do lado de dentro estava forte. Ele era forte e cheio de vida, e ela o queria.

Inclinando a cabeça para trás, Rachel passou uma mão por seu cabelo e puxou sua face para baixo. Ela cobriu os lábios dele com os seus, esfregando-os suavemente de começo, então abrindo a boca para capturar e beliscar seu lábio inferior. Ela o puxou até que ele escorregou de seus dentes com um leve estalo que fez os dois rirem. Então isso parecia o bastante para Etienne. A pegando em seus braços, ele cobriu seus lábios com os dele. Não tinha mais um esfregão suave, um beijo de brincadeira. Ele cobriu a boca dela, então abriu sua própria e empurrou a língua para fora para separar os lábios dela. Rachel abriu a boca para ele sem hesitar e escorregou a própria língua para encontrar a dele, com um gemido meio abafado conforme suas línguas se enroscavam e deslizavam uma na outra.

Um gemido de resposta de Etienne fez Rachel sorrir, quebrando o beijo de certa forma. Ela deixou seus lábios escorregarem sobre o queixo dele e mais pra baixo por sua garganta, engolindo sua essência, mas sem parar para ser tentada por sua jugular. Ela moveu seus lábios sobre o peito dele, parando primeiro em um mamilo para beliscá-lo e sugá-lo e mexer nele com sua língua, depois para o outro para fazer o mesmo. Enquanto fazia, suas unhas arranhavam firmemente as costas dele, para que ele definitivamente sentisse, mas sem que sáisse qualquer sangue.

Quando Etienne gemeu e se arqueou e pegou os braços dela para tentar puxá-la de volta, presumivelmente para beijá-la, Rachel riu com graça e simplesmente se abaixou. Isso a deixou no nível da cintura. Jogando a cabeça para trás, ela deu um sorriso malicioso para ele e avançou para o zíper de seus jeans. Etienne inspirou uma respiração assustada enquanto ela abria o fecho, então pareceu segurar a respiração enquanto ela abria o zíper.

Rachel deixou seu sorriso se alargar, então avançou para dentro para apanhar seu membro. Ela soube que tinha cometido um erro no momento em que avançou para pô-lo em sua boca. A fragrância e o gosto dele fizeram a urgência de mordê-lo quase irresistível. Rachel podia mesmo sentir o sangue pulsando e palpitando por dentro da pele frágil que cobria seu mastro duro.

Querido Deus, isso seria como morder uma salsicha, ela pensou debilmente. Os sucos iriam esguichar espessa e docemente direto para sua boca, então escorregar por sua garganta e alimentar a ânsia que fazia seu corpo doer tanto. O pensamento era estranhamente erótico. Mas também era horripilante.

Rachel não podia acreditar que ela estava ajoelhada de frente a um homem, contemplando a idéia de morder aquele que tinha lhe dado tanto prazer na noite anterior. Cara, parecia óbvio que ela ainda não estava preparada para voltar a trabalhar. Se ela estava contemplando este, ninguém estaria seguro de sua fome.

"Rachel?"

Ela percorreu os olhos pela extensão de seu corpo e contemplou seu olhar incerto, percebendo que o fez ainda com ele na boca. Forçando a si mesma a pensar, ela levantou uma mão para segurar a base de seu órgão e deixou a boca escorregar para fora pela extensão de seu membro, e depois para dentro novamente. Ela poderia fazer isso. Ela poderia resistir. Ela tinha que, Rachel disse a si mesma com firmeza. Ela tinha que provar a si mesma que podia resistir a qualquer coisa, que estaria segura cercada de seus ajudantes, que mesmo com a tentação tão próxima — dentro de sua boca, na verdade — ela podia prevalecer. Um gemido de Etienne a encorajando, Rachel escorregou a boca por sua extensão novamente, sua língua passando pela carne dele com um interesse que parecia focada na veia arredondada que seguia. Só uma mordidinha, sua mente a tentava. Uma mordiscadinha, é sério. Ela jogou os pensamentos para longe e quase o tirou da boca novamente, vagarosamente se conscientizando de suas responsabilidades. Rachel tinha experimentado a sensação com ele várias vezes, a paixão de ambos se mesclando, emanando para ambos em ondas poderosas de prazer e excitação. Desta vez era diferente, no entanto. A mente dela, preocupada que estava com a necessidade de se alimentar, não estava desperta, então ela estava experimentando apenas a paixão e desejo dele. Isso preencheu sua mente como se ela mesma estivesse sentindo, preenchendo cada canto com as experiências que ela estava tendo, sensações de prazer quase insuportável.

O sentimento de seu próprio calor, a boca úmida escorregando pela extensão dele, era uma sensação que ela nunca tinha experimentado como reles humana. O arranhar de seus dentes sobre o cume dele fez a ambos gemer, e

Rachel espremeu as coxas quando uma nova dor apareceu ali. Era tanto prazer e dor, ela repetiu a ação várias vezes até que ela soube que nenhum dos dois poderia mais aguentar.

Sabendo que esses pensamentos refletiam os sentimentos de Etienne tanto quanto os seus próprios, e não querendo acabar com o prazer tão cedo, Rachel mudou o ritmo de suas carícias. O desapontamento de Etienne a tocou como seu prazer, e ele sorriu apesar disso. Escorregando sua mão livre para as coxas dele dentro dos jeans, ela firmou o aperto que tinha em volta da masculinidade dele e girou a língua por sua carne.

"Rachel." Ele apelava para que ela soltasse, mas ela se sentia sem coração. Ela estava faminta — tanto por sangue quanto por prazer. Ela queria fazer disso uma experiência que ele jamais esqueceria, e já que ela estava tendo a experiência com ele, sabendo exatamente como o afetava e como ele se sentia, ela podia.

Todas as mulheres deveriam experimentar essa fusão de mentes, ela pensou vagamente. Elas nunca mais duvidariam de sua habilidade de dar prazer a um homem, ou precisariam contar com ele para verbalizar o que ele gostava ou não. Elas iriam simplesmente saber, e fazer o que parecia bom. Elas também compartilhariam o momento de um jeito normalmente impossível.

"Deus, Rachel."

Ela ignorou seu apelo. Ela estava sentindo o que ele sentia, e sabia que ele estava novamente prestes a explodir. Ela também, então, dessa vez, Rachel não mudou a técnica ou o ritmo. Dessa vez sua fome não seria negada.

Ele gemeu e explodiu em sua boca um batimento cardíaco antes de ela mesma atingir o clímax.

A mente de Rachel impregnou-se com o prazer dele e com o seu próprio; então seus novos instintos tomaram conta e ela afundou os caninos na veia em que sua língua estava brincando. Ela sentiu a reação assustada de Etienne, então sentiu seu próprio prazer acertá-lo conforme o sangue corria pelos seus dentes. As duas sensações se misturaram, passando de uma mente para a outra, parecendo ficar mais forte a cada vez que era trocada até que nada parecia contê-la.

Quando Etienne começou a vacilar em sua frente, Rachel deixou seus dentes se retraírem, libertando-o. Então ela se sentou fracamente conforme ele caía de joelhos em sua frente. Sua mente estava se debatendo para aceitar o prazer que a assolava e agora era impregnada por fraqueza. Será que era sua própria fraqueza?

Etienne a embalou em seus braços, mas seu aperto estava leve, meramente lá. Quando ele falou, suas palavras eram repreensivas e tão exaustas que ela não conseguiu agarrar o que ele disse. Então ele começou a tombar para trás. Rachel tentou agarrá-lo e o ajudar a ficar de pé, mas ela não parecia ter a força. Ela

estava escorregando na escuridão líquida e quente que a assolava a cada sessão de sexo que ela tinha com ele.

Dessa vez, no entanto, foi diferente. Nas outras vezes, Rachel tinha sido a única abatida, enquanto Etienne — mais forte e mais experiente depois de três séculos — tinha sido seu abrigo. Desta vez, ele parecia estar escorregando para aquela escuridão com ela. Perceber isso lhe deu um medo súbito. Rachel não tinha certeza se o alarme era dela mesma ou de Etienne, mas quando ela escorregou para a inconsciência, ela sabia que tinha algo muito errado.

Rachel acordou devagar, sem ter certeza de o que a perturbou. Ela ficou parada por vários momentos, sua bochecha repousando em algo fresco e duro. Seus olhos estavam fechados. Ela se sentiu incrivelmente fraca — drenada, na verdade — e não sabia por que. As lembranças do que aconteceu no jardim invadiram sua mente e ela riu enquanto deitada.

O sorriso rapidamente cedeu a uma carranca. Ela não deveria estar tão fraca. Ela bebeu um pouco do sangue de Etienne e deveria estar mais forte, não mais fraca. Não é verdade?

"Etienne?"

O clamor longínquo a despertou de seu estado lânguido, e Rachel abriu os olhos para ver as sombras e formas no jardim. Ela estava deitada com sua bochecha encostada no peito de Etienne no meio das flores que brotavam à noite. Movendo-se devagar, ela se levantou o bastante para olhar por cima das plantas e olhou para a casa. Não tinha nada para ver; a casa parecia tão parada e vazia que quando eles tinham acabado de se trancar do lado de fora.

Suspirando, Rachel se permitiu desabar de volta ao chão frio. Ela estava tanto chocada quanto assustada com a fraqueza que sentia. Virando a cabeça, ela foi capaz de espreitar os contornos pálidos de Etienne. Ele estava deitado na grama úmida do lado dela, seu corpo cintilando à luz da lua. Rachel afagou o peito dele vagamente, mas não teve resposta.

Ela se sentiu preocupada ao chamar. "Etienne?" Ela o balançou com um pouco mais de força.

"Etienne?"

"Etienne!" Aquela voz masculina era um eco à sua própria. Pareceu mais perto agora, mas ainda abafada, como se escutado por abafadores de ouvido ou a uma grande distância. "Rachel? Maldição, vocês dois: respondam! Posso sentir sua presença, mas está muito fraca pra eu seguir."

Apesar de ter dito isso, a voz estava ficando mais próxima. Rachel mal teve a chance de espreitar suas roupas e ter certeza que estava tudo em ordem antes de ela ouvir a porta dos fundos da casa bater. Rachel se forçou a sentar-se novamente quando Bastien apareceu à vista.

"Aí estão vocês." Ele se aproximou apressadamente. "Eu estava doente de preocupação quando Tom disse que não tinha resposta e a porta estava trancada. Eu corri com as chaves extras de Etienne e — o que diabos aconteceu a vocês dois?" ele perguntou alarmado quando se aproximou o bastante pra ver Etienne prostrado ao lado dela. Então seu olhar encontrou o corpo de seu irmão e suas sobrançelas se ergueram. "Oh."

Rachel olhou para Etienne, corando quando percebeu que suas calças ainda estavam abertas, seu pênis flácido pendendo para fora com uma inconfundível marca de dentes.

"Oh, querida. Você o mordeu, hã?"

Humilhada, pra não mencionar fraca demais para se levantar, Rachel desabou ao chão com um gemido. Ela deixou o braço cair sobre sua cabeça.

"Thomas, traga o sangue!"

Rachel deixou o braço cair alarmada. Já era bastante ruim que Bastien testemunhasse este momento, mas ter Thomas lá, também... Seu pânico passou um pouco quando ela notou Bastien ajoelhando-se ao lado de Etienne e endireitando suas roupas.

"Como você se sente? Bem mau, não?"

Rachel olhou para Bastien, surpreendida por seu tom solícito. "Sim. Mas não entendo por que."

"Você deve ter ingerido sangue demais," ele explicou. Então franziu as sobrançelas para seu irmão inconsciente. "Etienne não devia ter deixado você fazer isso. Ele sabe dessas coisas."

"Ele estava,er,preocupado no momento" Rachel admitiu corando novamente. Ela limpou a garganta. "Por que eu não deveria —"

"Você mantém uma certa quantidade de nanos dentro de você, a quantidade perfeita para seu corpo. Ele substitui aqueles que morrem quando necessário, e mata qualquer extra que se desenvolver. Um influxo súbito de nanos extra de outro vampiro leva tempo para ser processado. Enquanto isso, esses nanos consomem sangue, usando-o numa medida acelerada. Já é bem ruim que uma coisa como essa aconteça quando você está bem alimentada, mas Etienne me disse que você não tem se alimentado muito por causa do sabor do sangue. E depois, nenhum de vocês tinha qualquer sobra para esta manhã — motivo pelo qual Thomas veio."

Como que aproveitando a deixa, o primo de Etienne veio passeando ao olhar deles carregando um refrigerador médico. Seu olhar parou na forma inconsciente

de Etienne, depois no estado desgrenhado e fraco de Rachel, mas ele meramente sorriu. "Olá, moça. Parece que eu cheguei no limite do tempo".

Ele abriu o refrigerador e puxou dois sacos de sangue, passando um para Bastien, depois pegou dois canudos de seu bolso e os espetou no segundo saco. "Eu não pensei que Etienne teria algum canudinho, e eu sabia que você os ia querer então eu peguei alguns na loja da esquina no caminho," ele explicou enquanto segurava a sacola adulterada.

Rachel a aceitou com um sorriso de gratidão e rapidamente fixou os canudos em seus dentes. O líquido na bolsa começou a desaparecer, e ela suspirou aliviada conforme a fraqueza e a dor recuavam.

"Outra bolsa, Thomas." Bastien trocou a sacola vazia que ele tinha posto nos dentes de Etienne por uma cheia. Ele abriu a boca de Etienne de novo e estourou o segundo saco em seus dentes, também. Olhando de seu irmão para Rachel com preocupação, ele perguntou, "Quanto você bebeu?"

Rachel encolheu os ombros embaraçada. Ela não tinha idéia.

"O mordeu, hã?" Thomas perguntou com simpatia. "É uma ocorrência normal nos *novatos*."

Bastien gemeu o que devia ser concordância, mas Rachel não estava prestando atenção; ela estava observando com uma sensação de afundamento enquanto Thomas espreitava seu primo. Ele franziu as sobrancelhas e perguntou, "Onde você o mordeu? Eu não vejo as marcas."

"Pegue outro saco de sangue para ela, Thomas," Bastien ordenou, acariciando o joelho de Rachel. Ela corou e se contorceu onde estava sentada. Sua boca estava firmemente fechada. Ela não ia admitir onde o tinha mordido. Não nessa vida.

"Claro." Thomas pegou a sacola vazia de Rachel, libertou os canudos, pegou uma saca cheia, e os fixou novamente, como fez com o primeiro saco, então o entregou com um sorriso, sua pergunta aparentemente esquecida. Rachel não se deixou enganar, no entanto. Ela capturou a troca de olhares e teve certeza que os dois homens estavam conversando telepaticamente.

Ela só esperava que Bastien o tivesse advertido a deixar a situação de lado. Uma luz decididamente divertida preencheu os olhos do homem.

Suspirando miseravelmente, Rachel escorregou os canudos por seus caninos e deixou seus dentes fazerem o trabalho de ingerir o sangue.

Para sua surpresa, Thomas acariciou seu ombro. "Não há nada para se preocupar, pequena. É tudo minha culpa, não sua."

Rachel teve um momento sinistro quando lembrou que esses homens não podiam só se comunicar usando a mente, eles também liam pensamentos. Bastien provavelmente não teve que se dar ao trabalho de denunciar o local da mordida; ela provavelmente o fez sem se dar conta. Então ela pegou as palavras do homem e olhou para ele com curiosidade. Como ele poderia dizer que era culpa dele? Antes que ela pudesse tirar os canudos dos dentes e perguntar, um gemido de Etienne chamou sua atenção.

"Relaxe," Bastien ordenou quando os olhos de Etienne se abriram. Ele começou a lutar para se sentar. "Você precisa de um pouco mais de sangue antes de fazer exercícios."

Etienne relaxou de volta ao chão, seus olhos voando até que se detiveram em Rachel; então sua mão deslizou por seu estômago para tocar o joelho dela animadoramente. Ela supôs, ou pelo menos esperou, que essa era uma mensagem silenciosa que ele não estava zangado. Ela se sentiu melhor por isso.

"Isso está se tornando um hábito ruim, Etienne."

Rachel e Etienne olharam para Bastien em confusão enquanto ele estourava um terceiro saco na boca do irmão. "Isso é o que? A terceira vez que eu tive que te salvar ultimamente?"

Etienne deu um jeito de amaldiçoá-lo através da bolsa em sua boca, o que Rachel achou impressionante. Ela não achava que ele poderia falar de maneira inteligível enquanto ingeria o sangue — mas depois, ela supunha que Etienne tivera algumas centenas de anos para praticar. Ela se perguntou, no entanto, se não era considerado falta de etiqueta falar enquanto comia. Ela tinha sido criada para acreditar que era. Para humanos, pelo menos.

"Você é um de nós agora, Rachel," Bastien apontou quietamente. Quando ela permaneceu calada, ele se virou para encarar Etienne. "Então, você pensou ter visto Pudge aqui fora mais cedo."

Dessa vez, Etienne puxou a bolsa da boca antes de falar, "Pare de ler minha mente, Bastien. Isso é rude."

"Esse pensamento estava deitado na beirada de sua mente," seu irmão disse dando de ombros. "No entanto, parece uma coisa bem tola fazer... er, qualquer coisa se você achou que Pudge estava espreitando por aí. Ele podia ter derrubado vocês dois enquanto estavam distraídos."

"Eu devo ter visto coisas," Etienne lamentou. "Eu chequei o jardim e não tinha sinal dele. Então deixamos a porta bater e estávamos trancados do lado de fora. Nós estávamos esperando Thomas chegar para que ele pudesse ligar para você e pedir que trouxesse minhas chaves extras."

"E você decidiu compartilhar temperatura e fluidos corporais enquanto esperava," Thomas adivinhou. Ele riu, ganhando um olhar de Etienne. O homem

mais novo deu de ombros, dando a Rachel um olhar apoloético. "Desculpe, moça. Não pude resistir a essa."

"Você já bebeu bastante sangue para poder voltar à casa e terminar de se recuperar?" Bastien perguntou abruptamente.

"Sim, sim." Etienne o entregou a última sacola vazia e sentou, então se levantou com ajuda de Bastien.

Rachel aceitou a mão que Thomas oferecia e se levantou também. Parte do constrangimento e desconforto que ela sofreu desapareceu quando Etienne puxou sua mão e a segurou no caminho de volta à porta. Essa tinha sido uma experiência nova para ela, mas parecia que ela teria muitas outras como essa. A vida tinha definitivamente se sacudido.

"Então?" Bastien perguntou quando eles entraram na cozinha. "Você falou com Rachel sobre —".

"Não," Etienne interrompeu.

"Bem, você pretende —"

"Eu vou," Etienne interrompeu de novo. "Logo."

Bastien suspirou, mas aparentemente decidiu deixar o assunto de lado, o que quer que ele fosse.

Batendo uma mão no ombro de Thomas, ele se voltou para a porta, dizendo, "Vocês vão precisar de mais sangue. Vocês provavelmente vão usar este rapidamente, reparando o dano que causaram um ao outro. Mandarei Thomas de volta com mais um pouco mais tarde. Tentem não se matar enquanto isso."

A resposta de Etienne foi um grunhido. Seus dois parentes saíram da cozinha e foram ao saguão. Quando a porta da frente se fechou por trás deles, parte da tensão saiu dos ombros de Etienne e ele agarrou outra bolsa de sangue do refrigerador que Thomas tinha posto sobre a mesa.

"Então," Rachel disse cautelosamente enquanto aceitava a sacola. "O que exatamente você deveria me contar?"

Etienne olhou para Rachel. Ele supôs que realmente seria uma boa coisa conversar e tentar convencê-la que era de seu interesse dizer que Pudge a tinha sequestrado. Mas ele relutava em estragar a conexão que eles compartilhavam desde o clube noturno — a ligação que eles estavam construindo era tão nova e frágil, Etienne estava hesitante de possivelmente destruí-la com um argumento. Distraí-la com algo que parecia trazê-la ainda mais para perto dele parecia a melhor opção.

"Você não gosta da noite," ele disse abruptamente, e podia dizer por sua expressão que a tinha assustado.

"Não é que eu não goste da noite. É só..." Ela fez uma carranca, depois deu de ombros. "Eu não gosto de trabalhar à noite enquanto todos estão dormindo. Eu preferiria dormir, depois trabalhar durante o dia como qualquer outra pessoa."

"Por quê?"

"Bem..." Ela fez outra carranca, obviamente perturbada. "Não é tão ruim nas noites de trabalho," ela disse finalmente. "Mas eu não posso ficar acordada nas noites de trabalho e sair durante o dia quando estou de folga, então eu fico acordada todas as noites e não tem nada pra fazer a não ser ficar sentada brincando com os dedões ou jogando vídeo game sozinha. Todo mundo que eu conheço a não ser meus companheiros de trabalho ficam acordados durante o dia. Não tem nada pra fazer".

"Nada pra fazer?" Ele ficou pasmo, depois sacudiu a cabeça. "Receio que você precise de uma boa educação, minha querida."

Rachel encarou a certeza de Etienne com certa dúvida. Ela trabalhou no turno da noite por três anos e duvidava que tinha muito que ele a pudesse ensinar. Ela procurou desesperadamente por coisas para fazer em suas noites de folga, e enquanto ela podia ir ao shopping ou pegar um cinema enquanto não estava tão tarde, eram as horas pequenas — das 11 às 7, quando ela normalmente estaria trabalhando e ficava tão acordada como se estivesse — que ela não conseguia preencher. A não ser pelos botecos que fechavam às 2 da manhã, e Rachel não era mesmo uma pessoa para botecos, então não tinha mesmo muito que fazer a não ser vaguar por seu apartamento sozinha e entediada.

"Vá se trocar," Etienne ordenou. "Calças pretas e top. E uma jaqueta — está frio lá fora."

Quando Rachel simplesmente ficou olhando para ele, ele fez um aceno para que ela fosse. "Vamos. Vá se trocar."

Dando de ombros novamente, ela jogou sua última saca de sangue no lixo e saiu da cozinha. Se trocar, ele disse. Ela iria se trocar. Mas Rachel não acreditou nem por um minuto que ele a iria ensinar qualquer coisa sobre a noite que ela já não soubesse.

CAPÍTULO 11

“Eu nunca estive na praia à noite”, Rachel admitiu num suspiro. Ela encostou-se com as costas na areia enquanto a brisa quente acariciava seus braços. Essa era a segunda vez que Etienne a levava para sair para ver a noite. A primeira saída deles fora um passeio noturno no bosque. Eles caminharam de mãos dadas, ouvindo os sons dos animais e vislumbrando-os. Surpreendentemente, Rachel não tivera nenhum problema em percorrer o caminho desigual cheio de lama. Parecia que os sentidos dela estavam realmente melhorando – ela era capaz de ver quase tão bem à noite quanto à luz do dia. Os olhos de Etienne brilhavam prateados na noite, ou talvez eles simplesmente refletiam a luz da lua, então ela perguntou se os olhos dela estavam brilhando. Etienne sorriu e afirmou com a cabeça, e Rachel contemplou isso. Ela agora era um animal noturno. Ela era um vampiro. Um caçador.

Ao invés de alarmá-la uma vez que a idéia apareceu, o pensamento deu a Rachel uma estranha onda de confiança. Como uma mulher no mundo moderno, trabalhando à noite, ela estava bastante acostumada a ser ameaçada por inúmeros psicopatas pervertidos por aí. Ela passara a maior parte de sua vida correndo de seu carro para onde quer que ela estivesse indo, sempre alerta aos problemas. Agora ela estava experimentando os primeiros gostos de suas novas habilidades e força.

Sua visão não era a única coisa que melhorara. Na noite passada eles escalaram e correram e brincaram no bosque, e ela aprendera que seu corpo estava mais forte e rápido que nunca. Muito mais forte. Forte de uma forma não humana, apesar de ela não ter certeza de como os nanos conseguiam aquilo. Ela não tinha se preocupado em entender isso. Ela estava gostando muito disso para se preocupar.

“A noite está agradável. Quer mergulhar?”

Rachel olhou em volta para a praia deserta e para a água refletindo a luz da lua. Era uma noite maravilhosa. Enquanto a noite anterior fora inusitadamente fria para essa época do ano, essa noite estava quente como uma noite de verão deveria ser, e um mergulho a luz da lua soou atraente. Mas eles não trouxeram roupas de banho.

Ela sorriu para ela mesma e olhou para a praia de novo. Eles a tinham por completo só para eles, o que seria impossível durante o dia. Os poucos policiais que patrulhavam à noite estavam atentos aos festeiros menores de idade que haviam chegado e foram afugentados por Etienne. Realmente, ela supôs, um traje de banho não era absolutamente necessário. Etienne já a havia visto nua. Muitas vezes.

Ao invés de responder sua pergunta verbalmente, Rachel jogou um sorriso perverso na direção de Etienne. Segurando a bainha de sua blusa com as duas mãos, ela retirou a blusa.

“Linda”, Etienne murmurou enquanto seus seios apareciam.

A expressão repentinamente séria dele fez Rachel sorrir, e ela jogou a blusa no colo dele enquanto ficava de pé.

Ela não se preocupara em usar sutiã essa noite. Na verdade, ela não usara mais sutiã muitas vezes. Não era necessário. Seus seios estavam firmes e desenvolto, como eles nunca estiveram, os nanos os mantinham daquela forma. Ela iria economizar muito dinheiro no futuro.

De pé na frente dele, Rachel desabotoou seu jeans e os tirou. Ela se sentiu corar ao fazer isso, mas ele a vira nua antes, e além disso, ela estava ciente que seu corpo agora estava impecável. Realmente era bastante libertador. Bem, em geral. Algum dia ela poderia, na verdade, prever conseguir se despir sem corar.

Um carinho em sua panturrilha a fez olhar para baixo. Etienne estava olhando inflamadamente para ela, arrastando seus dedos suavemente na pele sensível da parte interior da perna dela. Se ela desse chance para ele, Rachel sabia que eles estariam rolando pela areia dentro de minutos, grunhindo como animais – mas foi ele quem mencionou um mergulho, e agora ela realmente queria mergulhar. Ela afastou-se dele brincando e, deixando-o sentado sobre o cobertor segurando a cesta de picnic, Rachel virou-se e correu para a beira do mar.

Seu primeiro passo na água foi um pouco chocante. Apesar de a noite estar quente, a água estava fria. Esta rodeou seu pé, mas ela não permitiu que isso a deixasse para baixo. Rachel seguiu em frente determinada e deu vários passos até que a água alcançou sua cintura, depois levantou suas mãos e mergulhou sob as ondas. Ela nadou sem tomar fôlego por um tempo que parecia impossível, surpresa pelo fato de ter conseguido. Quando ela finalmente voltou à superfície, não foi por necessidade de respirar e sim por curiosidade de saber quão longe ela mergulhara.

Decidindo que ela ainda tinha muitas perguntas a fazer a Bastien sobre os efeitos dos nanos, Rachel girou na água.

Ela parou de flutuar na água e quase afundou sob a superfície ao perceber quão longe ela estava da margem, mas então ela se deu conta. Mais forte e mais rápida nem se aproximavam da descrição de seu novo estado. Rachel não nadou muito, mas ela se impulsionou a uma distância inacreditável.

Uma sombra escura rompeu a superfície da água a sua direita, e Rachel sorriu quando Etienne apareceu. O cabelo dele estava caído perto da cabeça dele, seus olhos novamente brilhando à luz da lua. Ele nadou para perto dela.

“Você está linda”, ele disse solenemente.

Rachel olhou para ela mesma. Seus seios estavam meio revelados sobre a água, e a luz prateada da lua dava a sua pele um brilho perolado. Etienne chegou mais perto, estendendo a mão para pegar a dela e puxá-la para perto. Quando os seios dela roçaram em seu peito, ele deitou-se na água, levando-a com ele de modo que ela ficou metade sobre seu peito e com a metade inferior de seu corpo na água ao lado dele. Ele começou a bater os pés, impulsionando-os de volta para a areia.

Rachel deslizou seus braços em volta da cintura dele e foi com ele, batendo os pés muito entusiasmadamente para ajudar. Finalmente, Etienne parou e ficou de pé. A água estava logo acima de seus seios quando Rachel também ficou de pé, mas ela mal notou antes dele tomá-la em seus braços. Ela foi de boa vontade e levantou seu rosto quando ele reclamou seus lábios. Rachel primeiro deixou suas pernas roçarem nas dele sob a água, depois enroscou-as em volta dos quadris dele quando ela enroscou seus braços em volta do seu pescoço. Ela arqueou-se contra ele, seu corpo apertando-se e alongando-se com consciência. Ela estava consciente de muitas sensações: o ar da noite agora resfriou-se levemente em sua pele úmida; a água por ela mesmo, quente e sedosa em volta dela agora que ela havia se ajustado à temperatura; o corpo dele estava quente em todas as partes que tocavam o dela; a paixão febril crescia dentro dela.

Eles fizeram amor muitas vezes até agora, cada vez mais explosiva e melhor que a última, de modo que a corrente de excitação que Rachel sentiu estava a dominando. Ela já havia sentido isso antes – essa fome de tê-lo, esse prazer em tê-lo, esse desejo – mas esse contato seria ainda melhor. Suas mentes abertas para o outro, e os desejos dele junto aos dela. A primeira corrente foi quase insuportável ao atacar seus nervos, fazendo Rachel desmaiar.

Ela ouviu o meio grunhido, meio ronronar que irromperam da garganta de Etienne enquanto ela deslizava suas mãos nos cabelos dele e passou as unhas no couro cabeludo dele. Ela respondeu com um grunhido enquanto as sensações ecoavam dentro dela. O sentimento era tão agradável, que ela fez novamente, e novamente, antes de finalmente deslizar suas mãos para o pescoço dele e passar suas unhas na parte superior das costas dele e ombros. Rachel nunca soubera que uma ação tão simples podia ser tão erótica, mas os músculos das costas dela agitaram-se em compaixão e desejo.

As mãos de Etienne vagando sobre o corpo dela ao mesmo tempo – acariciando suas costas, seguindo a curva de seu quadril, pegando-a pela bunda e apertando rapidamente, antes de alisar as pernas dela. A combinação dessas carícias e prazeres rapidamente fizeram Rachel tremer. Etienne despira suas roupas na praia, e ela pode sentir sua ereção, dura e excitante, presa entre seus corpos. Rachel apertou suas pernas em volta dele e moveu-se para cima. Se esfregando nele, ela deteu-se e grunhiu do fundo de sua garganta quando a urgência dele pelo orgasmo inundou sua mente.

Recordando de todas as vezes que eles fizeram amor, e o modo que ela desmaiara após todas elas, Rachel quis desesperadamente interromper o beijo e sugerir que eles voltassem ao cobertor – mas parecia ser um esforço enorme, e

interromper o beijo parecia impossível. Era como se ela precisasse disso para respirar.

“Rachel”. O nome dela era um grunhido em sua cabeça, porque Etienne ainda estava beijando-a e não estava falando. Ela levou um minuto para perceber que ele estava falando mentalmente; que com suas mentes febris e abertas, eles não precisavam falar para se comunicar. “Eu quero você”.

Rachel suspirou e tentou responder mentalmente que ela também o queria, mas ela não tinha certeza se ele recebeu a mensagem.

Ela não tinha idéia se ela já adquirira essa habilidade. Apesar disso, ela não repetira o pensamento alto quando ele interrompeu o beijo e a impulsionou para trás na água. Rachel teve certeza que ele a estava levando para o cobertor, mas ele parou enquanto ainda estavam na água e encorajou-a a ficar na superfície. Ela flutuou de costas com seus joelhos dobrados.

Ele agarrou suas pernas e a chocou por repentinamente abri-las bastante.

Rachel quase afundou na água por estar surpresa, então ela deixou suas mãos caírem para se manter flutuando. No fim, ela não teve que remar; seus braços bateram na areia e ela percebeu que Etienne os levava para perto da margem – perto o suficiente para ela manter a parte superior de seu corpo fora da água. Ele moveu-se entre as pernas dela e entortou a cabeça para acariciar a carne quente dela com a língua.

Rachel moveu-se bruscamente, seus pés batendo e espalhando água para todo lado quando ele começou o trabalho. A mente dela se consumia em emoções miríades – choque, constrangimento, e um desejo louco de escapar rapidamente do prazer que ele oferecia tudo passava por ela em ordem rápida, mas então o prazer tomou o controle.

Gemendo, ela prendeu as solas dos pés na omoplata dele e usou-as para girar seus quadris. Suas pernas se afastaram ainda mais para facilitar-lhe o acesso. Isso era... Bem, Rachel nunca experimentara um prazer tão intenso. Ela quase temeu poder morrer disso – mas era um ótimo jeito de morrer, ela pensou enquanto os espasmos do seu primeiro orgasmo atingiu-a, estendeu-se para Etienne e depois refletiu novamente nela ainda mais intensamente.

Uma risada suave a trouxe de volta à consciência, e Etienne desenganchou as Pernas dela que estavam em volta de seus ombros e arrastou-se pelo corpo dela. Ele acomodou-se sobre ela quando ela deitou na areia úmida. Obviamente, ele a tirou ainda mais da água, o que provavelmente fora uma boa idéia. Ela teria se afogado se ele não fizesse isso. Ela havia desmaiado novamente, e mesmo agora ela ainda não tinha forças para manter sua cabeça ou qualquer outra parte de seu corpo em pé. Inclusive era um esforço manter seus olhos abertos, mas ela o fez e olhou atordoadamente para ele

“Como? Onde você aprendeu...? Como?” ela perguntou incoerentemente.

Etienne sorriu e tirando uma mecha úmida de cabelo do rosto dela. “Você se lembra do jardim?”

A mente de Rachel ainda estava tão confusa que ela teve realmente que pensar por um momento. Entendendo finalmente, e ela distintamente se lembrou de ter sentido o que ele experimentara quando ela o lambeu, beijou e acariciou.

Obviamente ele experimentara a mesma coisa essa noite, permitindo-o atingir os lugares certos com a pressão certa para levá-la à lua. E provavelmente ele mesmo com ela, Rachel percebeu, recordando que ela compartilhara seu êxtase.

“Oh”, ela suspirou, e pegou-se sorrindo de forma estúpida. O sexo era definitivamente um ponto positivo em ser vampiro.

Ela estava começando a descobrir todos os pontos positivos nesse negócio. Por que ela fizera tanto alvoroço?

“Você é bom”.

Etienne sorriu de volta. “Sim, eu sou. E você também é. Fazemos um par perfeito”.

“Sim”. Ela suspirou feliz e esticou-se sob ele. O modo que ela estava arqueando fez com que seus seios ficassem a alguns centímetros da boca dele, e Rachel sorriu quando ela sentiu seu pênis enrijecer novamente. Ela já sabia por experiência própria que os vampiros tinham uma resistência ilimitada. Outro ponto positivo. Estava começando a parecer que esses pontos positivos também eram ilimitados.

Pegando-a enquanto ela ainda estava arqueada, Etienne passou uma das mãos pelas costas de Rachel, depois ajoelhou-se na areia e a pegou sob seus joelhos. Levantando-a em seus braços, ele ficou de pé. Rachel deu uma gargalhada rouca e prendeu as mãos em volta do pescoço dele enquanto ele a carregava para o cobertor. Ele levou um minuto para ajeitar o tecido com o pé, depois caiu de joelhos e a deitou. Ele começou a ficar de pé, mas Rachel segurou firme o pescoço dele, impedindo-o e tentando puxá-lo para baixo para beijá-lo.

Etienne permitiu, mas só por um momento. Depois ele murmurou, “Comida”, e girou para pegar a cesta de picnic deles.

Rachel estava com fome, mas não de comida. Nem de sangue – o que era bastante surpreendente, uma vez que ela estivera faminta por sangue desde que ele a transformou. Ela se perguntou em resumo se isso significava que ela estava quase terminando a transformação mas estava distraída quando Etienne começou a tirar itens da cesta.

“Morangos?” Ela perguntou surpresa. Ele colocou uma tigela da fruta vermelha madura no cobertor.

“Sim. Morangos mergulhados em chocolate”, ele anunciou com um sorriso de orgulho. “Se chama fondue ou algo assim”.

Rachel arqueou uma sobrancelha para a garrafa compressível de calda de chocolate que ele resgatou e colocou no cobertor do lado dos morangos. Quando ele fechou a cesta e empurrou-a para o lado, ela tentou esconder sua diversão. “Eu pensei que fondue fosse chocolate quente onde você mergulha os morangos”.

Etienne deu de ombros. “Rachel, querida, Eu sou homem. Um homem de trezentos anos de idade mas só um homem. Isso para mim é fondue”.

Rachel riu.

Etienne pegou um morango e esguichou um pouco de calda sobre ele, depois enfiou na boca. Ele pegou e esguichou o chocolate num Segundo morango, esse para ela. Rachel riu e abriu a boca para comer, depois sacudiu a cabeça enquanto mastigava e engolia. Ela comentou, “Eu não acho que já tenha te visto comer comida de verdade antes”.

Ele deu de ombros e sorriu. “Eu não como com muita frequência. Só em ocasiões especiais. Mas eu não acho que uma cesta de picnic cheia de bolsas de sangue cairia bem”.

Rachel fez uma careta. “Não. Nem seria romântico”.

Etienne riu por causa da expressão dela e sugeriu, “Bem, talvez se nós dois bebêssemos do mesmo copo de champanhe”.

Rachel arqueou as sobrancelhas, e eles riram um do outro. Depois Etienne sacudiu a cabeça e eles disseram, “Nããão”.

“Ah, bem. Acho que impressionar você com a minha natureza romântica está fora de questão”, ele disse gentilmente.

Colocando os morangos e a cesta para o lado, ele acrescentou, “Acho que minhas proezas sexuais terão que ser suficientes”.

Rachel desatou a rir.

Etienne caiu deitado em cima dela e cobriu sua boca aberta com a dele. A risada dela logo virou gemidos de prazer. Então Rachel mexeu-se, e ela conseguiu virá-lo de costas. A única razão para ela ter conseguido foi ela pegá-lo de surpresa. Relutante para desistir da vantagem, ela rapidamente foi para cima dele.

Firmando suas mãos no peito dele, ela sorriu para a expressão assustada dele. “Você não tem nenhum problema no fato de eu estar por cima, não é?”

A surpresa dele aos poucos deu lugar a paixão. Ele sacudiu a cabeça. “Mas agora que você está aí, o que você planeja fazer?”

Rachel pensou e sugeriu, “Montar você como se fosse um pônei selvagem?”

Os olhos de Etienne arregalaram-se incrédulos. Dando um uivo de alegria, ele virou-a rapidamente de costas, pegou suas mãos e as levantou sobre a cabeça dela, segurando-as com apenas uma de suas mãos. Arqueando uma sobancelha para ela maliciosamente e disse, “Eu devia ter trazido minhas algemas”.

“Algemas?” Rachel gritou. “Isso soa pervertido”.

“Aham”. Etienne deixou sua cabeça cair para prender um mamilo dela com a boca, e sugá-lo delicadamente. Levantando sua cabeça, ele a informou, “Em mais ou menos cem anos, quando nós ficarmos entediados do sexo direto, você vai curtir as coisas pervertidas que eu sei fazer”.

Rachel sacudiu sua cabeça, achando graça. Suspirando enquanto ele dobrou sua cabeça para alcançar os seios dela de novo, ela observou-o lavar seu mamilo com a língua depois mordê-lo levemente. Arqueando, gemendo, e mexendo enquanto ele fazia isso, de repente as palavras dele se registraram na mente dela. Em mais ou menos cem anos, quando nós ficarmos entediados do sexo direto, você vai curtir as coisas pervertidas que eu sei fazer.

Ele falou sério? Ele realmente esperava que ela estivesse em sua vida daqui a cem anos? Isso era mais que um caso? Eles não estavam juntos a muito tempo, e ela sabia que era muito cedo para perguntar as intenções dele – se é que hoje em dia existe um momento apropriado para isso – mas o pensamento a afligia. Para onde eles estavam indo?

O que ela era para ele além da mulher que salvara sua vida e quem ele salvou, a mulher que seu primo o enganara para que ele transasse com ela.

“O que eu estou fazendo de errado?”

Rachel deu um solavanco para trás e encontrou confusa o olhar de Etienne. “O quê?”

“Sua mente está fechada para mim”, ele explicou silenciosamente. “O que significa que você não está excitada. Eu estou fazendo algo errado. O que é?”

Rachel conseguiu dar um sorriso e sacudiu a cabeça. “Nada eu só estava pensando”.

Antes que ele pudesse perguntar o que era, ela levantou a cabeça e reivindicou os lábios dele. Ela não queria que ele soubesse no que ela estava pensando. Se ele tinha intenções ou esperanças para o futuro, ela não queria colocá-lo contra a parede. E se ele não tivesse nenhuma intenção, ela preferia não estragar esse momento sabendo. A vida não tem garantias, nem mesmo para os vampiros, era o que parecia.

Eles brincaram e fizeram amor na praia até mais de meia noite, depois resolveram ir para casa se alimentar.

Para a casa de Etienne, Rachel se corrigiu enquanto ela pegava o cobertor e o dobrava. Etienne enxaguou a tigela e dois copos de champanhe na beira da praia. Eles comeram os morangos e o resto do chocolate, em alguns pontos usando o corpo um do outro como prato. Depois Etienne pegou champanhe e dois copos. Rachel estava curiosa para saber como a bebida ia afetá-la agora que ela era um vampire.

Ela nunca bebeu muito; duas bebidas sempre foram suficientes para deixá-la bêbada. Por fim, fazer amor na praia era um negócio que dava sede, e ela conseguira beber metade da garrafa que Etienne pegou sem muito efeito.

Etienne terminou de recolocar tudo na cesta, pegou-a, depois se endireitou e estendeu sua mão. “Deixe me levar isso”.

Rachel entregou o cobertor e observou-o colocá-lo sobre a cesta debaixo das alças. Ela pôs suas mãos nas deles quando ele as estendeu novamente, e eles começaram a andar na praia em direção ao estacionamento.

O caminho era estreito e eles tiveram que andar um atrás do outro. Uma vez que ele conhecia melhor o caminho, Rachel deu um passo atrás de Etienne, permitindo que ele passasse a sua frente. Eles já tinham dado muitos passos pela trilha do bosque quando ele parou, virou para o lado, e sussurrou, “Olhe”.

Rachel deu um passo para o lado dele e olhou para onde ele estava apontando, depois suspirou. O ar estava cheio de miniaturas de luzes brilhantes.

“O que é isso?”

“Vagalumes”.

“Vagalumes?” ela perguntou incrédula. Ela sacudiu a cabeça. Esses não pareciam com nenhum que ela tivesse visto antes. Eles eram bem mais brilhantes, como pequeninas estrelas, realmente. Ela não podia acreditar que essas luzes brilhantes eram insetos. Etienne aparentemente reconheceu a incredulidade dela.

“Sua visão está diferente”, ele explicou. Eles vão parecer um pouco diferentes agora do que antes da transformação”.

“Oh”. Seu olhar preso nas pequeninas luzes. Rachel estava tão fascinada que ela mal percebeu Etienne escorregando suas mãos em volta dela para apertá-la. Ele a puxou gentilmente para o lado para que ela se aproxima-se dele, e eles simplesmente observaram em silêncio por muito tempo. Finalmente Rachel suspirou e disse, “Que lindo”.

“Sim”, Etienne concordou. Ele deu um aperto em sua mão e inclinou-se para dar um beijo na testa dela.

Rachel olhou para ele surpresa, mas ele já estava novamente olhando os vagalumes. Ela ficou olhando para ele em silêncio, se perguntando o que isso significava. Ele a beijara apaixonadamente, fizera amor com ela, mas esse beijo foi diferente. Foi carinhoso, talvez até mesmo como uma carícia amorosa. Era o primeiro sinal de que ele sentia algo além de desejo por ela, e ela se pegou guardando essa ideia com carinho. Seus próprios sentimentos estavam confusos e levemente desorientados, mas ela sabia que eles iam além do desejo. Rachel gostava de Etienne Argeneau. Ela também o respeitava e estava aprendendo a confiar nele. Ela estava começando a pensar que isso pudesse ficar sério, pelo menos da parte dela.

Mas ela não tinha certeza como ele se sentia sobre isso, e francamente, isso a deixava nervosa.

“Nós devemos ir”, Etienne murmurou. “O sol vai aparecer logo, e eu não trouxe sangue”.

Rachel afirmou com a cabeça e se ajeitou, depois ficou de pé e seguiu-o. Eles continuaram no caminho do bosque. Dessa vez ela nem se importou em não olhar para sua bunda enquanto eles andavam. O cara tinha uma bunda que você digna de uma exposição.

CAPÍTULO 12

“Bem, acho que é essa”.

Rachel olhou para ela no espelho, a surpresa estava clara em sua expressão quando Marguerite passou o dedo em alguns dos cachos loiros os moveu para frente para emoldurar seu rosto. Ela não conseguia acreditar na diferença que uma peruca podia fazer.

Rachel mal se reconheceu e estava quase certa de que ninguém conseguiria.

“Sim, essa vai servir direitinho”, Marguerite decidiu com um suspiro. Ela sorriu para Rachel no espelho. “Agora você pode ir para o casamento de Lissianna... assim como o Etienne”.

Rachel conseguiu não estremecer. Mais para o seu desânimo, ela soube hoje que Etienne, que deveria ser um dos condutores, faltara à prova de roupa na noite anterior porque ele não quis deixar Rachel “sozinha e desprotegida”. Ela não soube que ele faltara até que Marguerite chegou hoje, cheia de determinação para levá-la às compras. Ela também disse: faça chuva ou faça sol, Etienne irá ao casamento de sua irmã ainda que eles tenham que disfarçar Rachel como uma cabra para que ela possa ir. A mulher mais velha rapidamente reafirmou que disfarçar Rachel como cabra não seria necessário; ela estava apenas levantando uma questão.

Rachel estava tão ocupada olhando para Etienne para agradecer as palavras tranquilizantes da mulher. Agora, ela olhou-se no espelho e concordou que ser disfarçada como uma cabra não seria necessário.

“Bem, agora falta a maquiagem e as unhas, e depois acabamos”, Marguerite anunciou. Com um suspiro de satisfação, ela olhou para a mulher que estava colocando a peruca em Rachel. “Onde está Vicki?”

“Esperando na sala dela”, a mulher respondeu. “Eu as acompanharei”.

“Bom, bom”. Marguerite moveu-se para que Rachel pudesse levantar.

Seguindo a garota, Rachel não ficou muito surpresa quando a mãe de Etienne ficou de pé. Ela sem dúvida supervisionaria a sessão de maquiagem tão cuidadosamente quanto a escolha da peruca. Marguerite definitivamente era o tipo de garota que se encarrega de tudo, Rachel decidiu enquanto ela era conduzida a uma pequena sala de tom creme.

Para ser honesta, Marguerite estivera no comando desde que elas deixaram a casa de Etienne. Ela levava Rachel para sua loja de roupas favoritas primeiro. Não demorou muito para Rachel perceber porque a estilista era o preferido de Marguerite. A dona da loja a bajulava como se ela fosse uma realeza. A mulher

também era um vampiro - Rachel reconheceria imediatamente. Ela não tinha certeza de como, ela apenas foi capaz de sentir isso de alguma forma, e supôs que fosse um outro instinto que ninguém se importou em mencionar. Era, sem dúvida, uma habilidade útil para ter.

Afinal, se alimentar de outros vampiros poderia ser bem debilitante, como ela descobrira.

Rachel continuara em silêncio e agradável enquanto ela colocava vestidos atrás de vestidos caros e desfilava para a inspeção de Marguerite. A mãe de Etienne insistira em pagar a conta pela excursão, dizendo que era um prazer. Além do mais, ela estava certa de que Rachel não gostaria de comparecer a algo tão chato como um casamento se não fosse necessário que Etienne fosse.

Rachel tentou discutir o assunto até que apontaram que ela mal podia usar seu cartão do banco ou cartão de crédito pois ambos levariam a polícia diretamente até ela – e ela ainda não havia obtido controle de seus dentes, então ser descoberta ainda não era uma opção. Prometendo a ela mesma que ela pagaria a mulher assim que ela voltasse para sua vida normal, Rachel consentira. E por estar pagando por tudo isso – ainda que temporariamente – ela sentia que Marguerite devia dar a palavra final no que ela usaria.

Felizmente, o vestido que a mãe de Etienne escolheu era o preferido de Rachel. Feito de renda azul escura sobre um longo vestido de cetim, era tomara-que-caia, com um corpete e mangas de renda justas e compridas. Rachel se sentiu muito bonita nele, apesar do fato da saia ser um pouco longa. Também tinha sapatos do mesmo material. Felizmente, o salto era alto o suficiente que o vestido não estava mais tão comprido.

“Aí está você”. A garota das perucas parou e abriu a porta, depois segurou-a para Rachel e Marguerite. Rachel mostrou o caminho para a sala. Uma mulher jovem estava sentada à mesa cheia de cosméticos, obviamente esperando por elas. Ela deu um pulo quando elas entraram e correu para cumprimentá-las, e conduziu Rachel e Marguerite para sentar à mesa de maquiagem. Depois de certificar-se que nenhuma das duas queriam comer nem beber nada, a garota perguntou o que elas queriam, e Marguerite explicou sobre o casamento, a cor do vestido, etc. dentro de instantes a garota estava trabalhando no rosto de Rachel, murmurando sobre a pureza e cor saudável de sua pele.

Rachel não disse nada em resposta aos elogios da garota, mais distraída com o fato de ela estar olhando boquiaberta para seu rosto. Ela percebeu que maquiagem não era mais necessário, mas não havia realmente olhado bem de perto. Agora, no espelho ampliado que a garota segurava, Rachel simplesmente olhou para ela mesma. Sua pele estava tão delicada e macia como um bumbum de bebê. Ela ficou impressionada enquanto a garota trabalhava em seu rosto, respondendo perguntas bastante ausentemente e concordando com a maioria das sugestões da mulher.

Marguerite sugeriu uma marca de beleza a ser aplicada para ajudar a disfarçá-la, e Rachel encontrou-se de repente carregando uma acima de seus lábios do lado esquerdo. A pequena adição, combinado com o talento artístico de Vicki e a peruca, realmente fizeram a diferença. Quando elas acabaram, até Rachel pensou que ela parecia exótica. Ela não podia parar de se olhar enquanto elas iam para outra sala espelhada onde tanto suas unhas quanto as de Marguerite seriam feitas.

“Bem, isso foi engraçado”, Marguerite disse enquanto elas voltavam para sua limusine.

“Sim”, Rachel concordou. Ela sentiu-se mimada e bonita, mas também um pouco culpada por não ter pago por nada disso.

“Obrigada”.

“Não foi nada, minha querida. E por favor pare de sentir-se culpada. Foi um prazer fazer isso tudo”.

A mulher colocou um feitiço nela enquanto dava a ordem. A culpa que Rachel estava sentindo dissolveu-se, e ela percebeu isso. Entretanto, ela decidiu não se ressentir com a mulher entrando em seu cérebro, ao invés disso, ela decidiu aproveitar. Culpa não era nada engraçado.

“Aqui estamos”.

Rachel olhou para fora da janela da limusine enquanto ela parava em frente a casa. Uma casa enorme. Não a de Etienne.

“Onde nós estamos?” ela perguntou surpresa.

“Em minha casa, querida”, Marguerite respondeu. O motorista saiu de trás do volante e deu a volta para abrir a porta para elas. “Etienne irá nos encontrar aqui para nos levar para a igreja. Dessa forma eu posso decidir qual jóia você vai usar.”

“Oh”. Rachel seguiu-a para fora do carro. Que tipo de jóias um vampiro teria?

Etienne puxou sua gravata, depois prontamente endireitou-a novamente, apenas para puxá-la irritadamente uma vez mais. Ele odiava usar gravatas. Ele odiava smoking, também. Por que ele concordou em ir a esta festa de casamento? Ele era mais do tipo de cara que usa jeans e camiseta, o que era a razão pela qual ele gostava de trabalhar com computadores. Ele não tinha que usar roupas sociais para trabalhar. Ele apenas tinha que vestir-se formalmente para encontros com empresas que produziam e distribuíam seus jogos.

Etienne reajustou sua gravata e suspirou enquanto ele andava pelo sala de sua mãe. ele supôs que gravatas eram melhor que os lenços em volta do pescoço

que ele era forçado a usar quando era mais jovem. Aquela febre da moda tinha sido uma dor enorme. A maioria das roupas na primeira metade do século XVIII eram bastante afeminadas, apesar de elas terem mostrado suas pernas musculosas e isso ter sido bem vantajoso.

Ele sorriu para o pensamento um tanto egoísta quando o som de passos de salto alto no corredor o fez olhar na direção da porta. Provavelmente sua mãe. Marguerite sempre foi rápida para ficar pronta para ocasiões como essas.

Ele não tinha certeza se eram centenas de anos de prática ou simplesmente que dava pouquíssimo trabalho para deixá-la bonita, mas ela fora rápida na tarefa desde que ele conseguia se lembrar.

Mas não era a sua mãe. Era a mais incrível loira que Etienne já vira em sua vida. Ele demorou um tempo para registrar que era Rachel com uma peruca. Ela entrou na sala, uma visão em renda azul e seda.

“Sua mãe me enviou aqui para dizer a você que Lissianna está quase pronta. Ela também disse que está ficando tarde e você e Bastien deveriam ir buscar Greg e Lucern para levá-los à igreja”.

“É uma boa idéia”. Bastien entrou na sala. Rachel virou e ofereceu um sorriso ao homem. Ele sorriu de volta, uma ponta de surpresa em seu rosto quando ele a acolheu. “Você está adorável, Rachel. Quase tão adorável como loira quanto como ruiva”.

“Obrigada”. Ela corou graciosamente, depois caminhou por trás dele e saiu da sala, deixando Etienne a olhar para ela. Mundano como ele era, ele não dissera uma palavra sobre a aparência dela. Foi quando Etienne percebeu que, em todos esses séculos de conhecimento, ele era um idiota de primeira classe.

“Belo movimento, Etienne”, Bastien disse, sorrindo. “Vejo que a velha língua prateada está a todo vapor”.

Grunhindo, Etienne atirando-se numa cadeira.

Bastien somente riu bastante da expressão desconsolada dele. Aproximando-se, ele deu um tapinha em seus ombros.

“Vamos. Lucern agora provavelmente está com as mãos cheias com um Greg nervoso. Nós devemos ir ajudá-lo a colocar o noivo no carro e levá-lo à igreja”.

Etienne levantou-se com muita força. Seguindo seu irmão moreno para fora da sala em direção à porta de entrada, ele olhou em volta, esperando que ele pudesse avistar Rachel novamente e talvez elogiá-la como ele deveria ter feito – mas obviamente ela não estava em lugar algum que pudesse ser vista. Ele perdeu sua chance. E se havia uma coisa que Etienne aprendera nesses mais de trezentos anos de vida, era que a vida raramente te dá uma segunda chance.

“Eles fazem um casal fofo, mas não é ele que ela quer”. Etienne parou olhando para a pista de dança onde Bastien estava, em sua opinião, segurando Rachel perto demais, e virou-se para olhar de cara feia para seu primo. Thomas parara ao seu lado e também estava observando o casal dançando. Etienne lançou um olhar furioso e voltou a observar, tentando ignorar o ciúme e o ressentimento crescendo dentro dele.

O casamento transcorreu sem nenhum problema. O banquete acabara e a recepção estava no auge, mas Etienne não conseguira trocar uma palavra com Rachel ainda. Ele realmente queria corrigir sua gafe anterior e dizer que ela estava muito bonita... Entre outras coisas. Infelizmente, como um dos condutores, Etienne foi forçado a sentar na mesa principal com o resto da família. Rachel fora colocada na mesa com Jeanne Louise e Thomas. Ele não se sentiu bem com essa situação num primeiro momento, mas ela parecia estar se divertindo – pelo menos, toda vez que ele olhava para ela Rachel estava rindo de algo, então ele presumiu que ela estava se divertindo. Ele mesmo estava entediado e impaciente para voltar a estar com ela. Infelizmente, Bastien fora mais rápido e chegou à Rachel primeiro.

Ele imediatamente a tirou para dançar – o que para Etienne era algo muito chato de um irmão fazer.

“Eles estão só dançando, Etienne”, Thomas disse. Ele soou como se estivesse se divertindo muito.

Ele não gostou que seu primo invadissem sua mente para fazer brincadeiras, mas Etienne já estava se enchendo de seu primo. O fato de que desfrutara da companhia de Rachel durante o jantar era uma das razões, mas ele sabia que esse ciúme era ridículo, então ele ignorou e disse, “Tenho um assunto para resolver com você, primo”.

“Uh-oh”. Thomas nem conseguiu esconder seu sorriso. Ele obviamente não estava muito preocupado. “O que eu fiz agora?”

“Êxtases Doces?” ele perguntou de cara feia. “Que tipo de brincadeira foi essa?”

“Bem, era óbvio que vocês dois precisavam disso”, seu primo disse sem se desculpar. “E funcionou, não foi?”

A over que Etienne continuou em silêncio, Thomas riu e deu um tapinha em suas costas. “De nada. Tenho certeza que você teria conseguido sem as bebidas. Você só está um pouco enferrujado, então eu decidi te dar um empurrãozinho”.

“Bem, e se ela não quisesse –”

“Sem chance, cara. Eu li os pensamentos dela. A garota estava louca por você”. Ele sacudiu a cabeça. “Até eu – apesar de ser o cafajeste que sou – estava quase corado com os pensamentos que ela estava tendo”.

“Sério?” Etienne perguntou.

“Oh, sim”. Ele sorriu, depois arqueou uma sobrancelha. “Mas por que a bronca agora? Você não disse nada quando eu entreguei o sangue em sua casa. Já há algum problema no paraíso?”

“Não”. Etienne olhou para Rachel, seus olhos devorando o corpo dela naquele vestido azul com tanto calor quanto conhecimento. Depois ele virou para seu primo novamente e acrescentou, “Eu teria discutido esse assunto com você no dia que você levou o sangue e nós estávamos trancados do lado de fora, mas eu não estava em condições”.

“Não, eu imagino que você não estava”, Thomas concordou. “Você estava quase seco. Em todos os sentidos”. Ele desatou a rir, depois foi embora, deixando Etienne de cara feia. “Você devia interromper”.

Etienne virou-se e encontrou sua mãe, um leve sorriso em seus lábios. Ele ignorou temporariamente o conselho e comentou, “Você parece feliz”.

“Eu estou”, ela concordou. “O primeiro de meus bebês está casada e criando raízes. Finalmente”.

Etienne riu da ênfase. Ele ouvira humanos reclamando que seus filhos levavam séculos para casar e criar raízes. Eles nem faziam idéia.

“Então, você vai interromper ou não?” Marguerite perguntou. “Ela quer que você interrompa”.

“Ela quer?”

Marguerite se concentrou por um momento, um sorriso em seus lábios, depois ela afirmou com a cabeça e disse brandamente. “Oh sim, filho. Rachel se divertiu no jantar e está se divertindo ainda, mas definitivamente preferiria estar em seus braços. Ela preferiria dançar com você. Bastien sabe disso também, e seu ego está sofrendo com isso. Você deveria ir e salvá-lo”.

Etienne deixou seu olhar vagar até Rachel novamente, concordando. “Obrigado”. Sem nenhuma outra palavra, ele cruzou a pista de dança até o casal que se movia lentamente.

“Irmão”. Bastien cumprimentou Etienne solenemente enquanto ele chegava ao lado deles, depois ele soltou Rachel, fez-lhe uma referência cortês e deixou a pista de dança.

“Oi”, Rachel disse suavemente.

“Oi”. Etienne abriu seus braços em um gesto de convite e respirou aliviado quando ela se entregou ao seu abraço. Era onde ela devia estar. Ele pôde sentir

isso. Em trezentos anos nenhuma mulher o fez ter tanta certeza. Ele fizera a escolha certa ao transformar Rachel. Ela fora feita para ele.

“Você está absolutamente de tirar o fôlego”, ele murmurou no ouvido dela. “Eu nunca vi uma mulher tão bonita em todos os meus dias”.

Ele percebeu seu rubor pelo canto do olho, depois ela abraçou-o ainda mais forte e disse, “Eu acho difícil de acreditar, Etienne. Você já viu milhares de mulheres”.

“Mas nenhuma delas era tão adorável”, ele garantiu-lhe solenemente. “Mesmo loira”.

Rachel parou de dançar e olhou em seu rosto como se duvidasse dele. Sorrindo suavemente, ela simplesmente disse, “Obrigada”. Depois sorriu e acrescentou, “Você também é muito bonito”.

“Você acha?” Etienne perguntou.

“Oh sim”, Rachel garantiu-lhe. “Você é muito bonito. Na verdade, terrivelmente sexy. Você tem um olhar maroto, um sorriso travesso, e você também é muito inteligente. Eu sempre tive uma queda por homens inteligentes, Etienne”.

“Sério?” Ele sorriu. “Você gosta de homens inteligentes né?”

“Aham”. Ela afirmou com a cabeça, sorrindo divertida. “Inteligência me excita”.

“É?” Etienne levantou suas sobrancelhas e sorriu travessamente. “Onomatopéia”.

Rachel piscou.

“Endorfina”.

A perplexidade de Rachel cresceu. O que Etienne estava fazendo? Graças a seus conhecimentos médicos, ela sabia que endorfina era uma substância similar à morfina que pode ser encontrada no cérebro e supõe-se que ajuda a controlar a dor. Mas ela não fazia idéia do porquê ele disse aquilo. Antes que ela pudesse perguntar, ele acrescentou, “Oximoro”.

“Er... o que você está fazendo?” ela perguntou.

“Falando palavras grandes para impressionar você com minha inteligência”. Sorrindo ele perguntou, “Você já está excitada?”

Rachel estava tão espantada que uma gargalhada escapou de seus lábios, chamando a atenção das pessoas em volta deles.

Etienne sorriu e acenou com a cabeça para os outros dançarinos, depois voltou-se para ela. Ele fungou e fingiu estar de cara feia.

“Você não devia rir de um homem quando ele está tentando cortejá-la”.

“É isso que você está fazendo?” ela perguntou.

“Sim. Está funcionando?”

Rachel riu e apoiou a cabeça no ombro dele. “Não tenho certeza. Talvez. Por que você não tenta mais algumas palavras grandes?”

“Mais, huh?” Ele abraçou-a ainda mais apertado. “Hum... deixe-me ver. Enorme. Dunnock”.⁷

“O que é isso?” Rachel levantou sua cabeça para perguntar. Era a primeira palavra que ela não conhecia.

“Um pardal de sebe”.

“Ah”.

“Devo continuar?” Ele perguntou.

“Por favor, não”.

Tanto Rachel como Etienne endireitaram-se surpresos com o pedido seco de Lucern. O homem moreno estava em pé ao lado deles na pista de dança, com uma expressão de dor em seu rosto solene. “Eu fui enviado para informar a vocês que Tio Lucian quer falar com Rachel”.

Ciente da forma que Etienne se esticou, Rachel olhou para ele curiosamente. “Você tem um tio?”

“Sim”. Ele respirou resignado. “E ele é um velho desagradável também”.

“Pode ser, mas ele também é o chefe de nosso clã”, Lucern comentou. “E ele quer falar com a Rachel”.

“E o que ele quer, ele consegue?” Ela adivinhou.

“Temo que sim”, Etienne disse em tom de desculpa. Seu braço a envolveu protetivamente.

Rachel sorriu tranquilizadamente. “Eu vou ficar bem, Etienne. Eu sou boa com pessoas”.

⁷ Resolvi deixar o termo em inglês, uma vez que ele será explicado logo abaixo, nessa página.

“Tio Lucian não é uma pessoa”, ele disse em tom deprimente. Mas, retirando seu braço, ele a tomou pelo cotovelo e a conduziu pela pista de dança. Lucien imediatamente se colocou do outro lado.

Rachel sorriu ante a mostra de lealdade. Ela sentiu-se bem protegida enquanto ela era levada ao chefe do clã. Mas ela tinha certeza que não precisaria disso. Rachel não estava brincando quando disse que era boa com pessoas. Ela estava bem confiante de que conseguiria lidar bem com esse velho desagradável... E ela continuou pensando isso até que ela foi conduzida a uma mesa onde um homem loiro de boa aparência estava sentado próximo à mãe de Etienne.

Foi a expressão de tensão e ansiedade no rosto de Marguerite que finalmente abalou a confiança de Rachel. Ela nunca vira isso, e isso não parecia uma boa coisa. Ajeitando seus ombros, Rachel deu um sorriso forçado para o homem que ela presumiu que fosse o tio de Etienne.

Lucian Argeneau era um homem muito bonito. Ele era facilmente o homem mais bonito presente no casamento.

Com seu cabelo loiro quase branco e suas características esculpidas, ele personificaria a imagem que qualquer um pudesse ter de um deus grego. Mas, enquanto ele examinava Rachel, a expressão dele estava tão fria como o ártico, sem nenhum indício de qualquer das emoções humanas mais suaves. Se esse homem alguma vez tivesse sentido algo como carinho ou amor, aqueles sentimentos morreram ou foram mortos há séculos atrás. Os olhos que ele voltou para Rachel estavam tão vazios quanto buracos negros.

Ela encontrou seu olhar e esperou que ele oferecesse um cumprimento gentil, mas não houve nenhum. Não demorou mais que um minuto para entender o porquê. O cara estava lendo seus pensamentos. Essa era uma forma educada de dizer. Na verdade, ele estava revirando sua mente, procurando cada pensamento e sentimento tão impiedosamente e sem a menor preocupação com seus sentimentos que a deixou sem fôlego. Ela podia na verdade senti-lo ali, cutucando e examinando seus pensamentos minuciosamente. E ele não se importava.

“Você ainda não falou com ela ainda”. As primeiras palavras de Lucian Argeneau foram endereçadas a Etienne, embora ele não tenha tirado os olhos de Rachel.

“Não”. Etienne fez a confissão com a mesma frieza.

“Você não quer irritá-la”, o homem continuou. “Você tem tentado seduzi-la com a esperança que ela cedesse aos seus desejos”.

Rachel sobressaltou-se, seu olhar dirigido a Etienne apenas para ver sua expressão fechada. Ele não estava negando a acusação, entretanto, e ela sentiu toda a sua alegria da noite saindo dela como o ar sai de um balão. Será que todas as suas risadas e a paixão não foram nada além de meios para chegar a um objetivo?

“Você é uma de nós agora”.

Rachel voltou a olhar para Lucian. Esse comentário foi dirigido a ela, e ela assentiu sombriamente com a cabeça. “Sim, eu sou”.

“Se você quer continuar como uma de nós, você fará o que for melhor para o nosso clã”, ela foi informada.

“Sério?” Rachel perguntou maliciosamente. “Isso é reversível então?”

“A morte é o único modo de libertação”.

“É uma ameaça?” ela perguntou.

“É uma declaração da realidade”, ele disse simplesmente. “Você ganhou um presente. Se você valoriza isso, você agirá de acordo”.

“Ou?” ela questionou, seus olhos apertados.

“Ou você será tratada como uma ameaça”.

“Removida?”

“Se necessário”. Não havia vergonha ou desculpa em sua declaração. Era um simples fato, declarado da mesma forma que ele diria que o sol nasceria pela manhã. As palavras eram ainda mais assustadoras por causa disso.

“Entendo”, Rachel disse devagar, depois perguntou, “E o que eu devo fazer?”

Marguerite de repente pôs a mão no braço de Lucian e embora Rachel não pudesse ouvir, ela sabia que havia começado uma conversa silenciosa. O que quer que a mãe de Etienne tivesse dito deve ter sido persuasivo. Lucian Argeneau assentiu uma vez e anunciou, “Etienne lhe dirá. E se você sabe o que é bom para você, você ouvirá”.

“Aí está você!”

Rachel teve um sobressalto quando aquela alegre exclamação intrometeu-se. Foi seguida pela chegada de uma loira esbelta que apareceu ao lado de Lucian Argeneau e começou a afagar seu ombro e braço como se ele fosse um gato. Rachel não pode deixar de notar que apesar da mulher estar afagando Lucian, era ela que estava ronronando.

“Lissianna”, a loira disse, “você realmente devia ter nos contado quão bonitos são os homens da sua família. Seus irmãos são bonitos, e seu primo é absolutamente atraente.”

Rachel estava surpresa ao ouvi-la se referir a Lucian Argeneau como um primo de Lissianna até que ela se lembrou que todos os parentes mais velhos

tinham sido relegados a tais parentescos para esconder suas idades da família de Greg. Haveriam muitas perguntas se Marguerite tivesse sido apresentada como mãe e Lucian como tio. Até onde o clã Hewitt sabia, os Argeneaus eram compostos da geração mais jovem, sem qualquer parente mais velho vivo.

Rachel não estava surpresa pelo fato de muitas mulheres da família de Greg estarem suspirando pelos Argeneaus de um modo quase penoso de testemunhar.

“Eu cresci rodeada deles, Deeanna. Eu mal percebo sua aparência. Só presto atenção quando eles agem como idiotas sem coração”.

Rachel olhou sobre seu ombro para ver que Lissianna e seu novo marido, assim como Bastien, juntaram-se a pequena reunião deles e estavam todos em pé atrás dela. Ela não os ouvira aproximar-se. O rosto da noiva estava cheio de uma fúria fria.

Lissianna não estava feliz com seu tio e ela não tinha o menor problema em demonstrar.

“Venha”, Etienne murmurou, tirando vantagem da distração. Ele arrancou Rachel de lá.

Ela o seguiu em silêncio, sua mente zumbindo. Etienne estava seduzindo-a para tentar persuade-la a fazer algo. O pensamento continuou fluindo em sua mente enquanto ele a acompanhava para fora do salão de recepção. Se havia algo que Rachel odiava mais nesse mundo, era ser usada.

Ela entrou no carro quando Etienne destrancou a porta. Ela colocou seu cinto de segurança enquanto ele andava em volta do veículo para entrar nele, depois sentou-se em um silêncio sepulcral enquanto ele ligava o motor e começava a dirigir.

Eles foram para a casa dele, claro, para discutir o que quer que ele queria que ela fizesse. Rachel sabia disso.

Ela também sabia que a conversa que eles teriam quando chegassem em sua casa seria desagradável, sem dúvida terrivelmente dolorosa. Apesar de não estar ansiosa por isso, Lucian Argeneau se assegurou que agora não haveria jeito de evitá-la. Assim sendo, tudo que Rachel podia esperar era que ela saísse dessa conversa com pelo menos seu orgulho. Ela duvidava muito que seu coração sobrevivesse.

Etienne amaldiçoou seu tio silenciosamente durante todo o caminho para casa. O homem sempre fora um aplicador de regras. O resto da família frequentemente se perguntava se ele possui um coração, mas essa noite foi o cúmulo. Se Etienne ainda tivesse alguma chance com Rachel, ele ficaria muito surpreso. Lucian deixara sua vida incrivelmente complicada.

Infelizmente, isso tudo era culpa sua e Etienne sabia. Se ele tivesse abordado o assunto do Pudge com Rachel antes do casamento, como ele deveria ter feito, isso não seria um problema. Mas ele não fizera e, agora não só tinha que tentar convencê-la que alegar que Pudge a seqüestrara era o movimento mais inteligente, mas também teria que superar a fúria dela para isso. E Rachel estava muito irritada no momento. Muito. Extremamente. Apesar de normalmente ele não ser capaz de ler os pensamentos dela, altos níveis de paixão aparentemente abriam sua mente para ele como se fosse um livro – e aparentemente não só a paixão sexual. Nesse momento, ela estava transmitindo sua raiva como uma rádio FM no volume máximo.

Etienne estacionou em sua garagem e desligou o motor, então ficou sentado por um momento enquanto Rachel tirava o cinto de segurança. Como ele não se movimentou para sair do carro, ela parou e esperou com algo que poderia parecer paciência – se ele não estivesse sendo fulminado pelos pensamentos dela.

“Eu não dormi com você por até convencer a fazer o que nós queríamos”, ele finalmente disse, por ser esse o medo que ela transmitia mais intensamente.

“Então por que você dormiu comigo?”

Ele não foi enganado por seu tom calmo. Ela não acreditava nele e ainda estava furiosa. Etienne ficou em silêncio enquanto procurava por uma resposta para essa pergunta. Por que ele dormiu com ela? Essa era uma das perguntas mais estúpidas que uma mulher podia fazer. Ou talvez não fosse com um homem normal. Um deles teria respondido, porque você estava querendo, ou simplesmente, por que não? Mas Etienne já tinha superado há muito tempo essa fase onde ele dormiria com qualquer coisa que se movesse. Tristemente, sexo convertera-se em algo como a comida com o passar dos anos – emocionante e excitante no começo com sua variedade, mas depois mais um incomoda do que qualquer coisa. Ou pelo menos era o que ele pensava até conhecer Rachel. Então seu apetite revivera e ele se perguntara, qual o problema?

Apenas a lembrança dos momentos mais quentes entre eles era suficiente para excitá-lo. Droga, ele estava excitado agora só de pensar. Mas como ele explicaria tudo isso de um modo que ela acreditasse? Ele olhou para seu colo, depois para Rachel e teve uma inspiração. Etienne pegou a mão dela, atravessando o carro, e posicionou-a firmemente em suas calças. “Porque você faz isso comigo”.

Rachel tirou sua mão como se tivesse queimado e saiu cambaleando do carro.

“Ok, talvez esse não tenha sido o melhor argumento”, Etienne murmurou. A porta do carro bateu. Obviamente, apesar de todos esses mais de trezentos anos, ele não vivera o suficiente para entender as mulheres.

CAPÍTULO 13

“Rachel!” Etienne bateu a porta do carro e correu pela calçada para a porta de entrada de sua casa.

“Nem fale comigo”, ela rosnou.

Sim. Ela estava muito chateada. Etienne a alcançou na entrada e agarrou seu braço para virá-la em sua direção. “Você não me deixou terminar”.

“Terminar?” Ela ecoou sem acreditar. “O que precisa terminar? Eu entendi. Eu te excito. Mas vocês homens ficam excitados num piscar de olhos. Eu já ouvi alguns dos meus ajudantes homens conversando. ‘Feche seus olhos e elas são todas Marilyn Monroe, certo?’” Ela bateu o punho na porta. “Abra logo essa coisa”.

Decidindo que seria melhor terminar a conversa do lado de dentro, Etienne sacou suas chaves e rapidamente destrancou a porta. Ela imediatamente abriu-a com um empurrão.

“Rachel”, ele tentou novamente enquanto eles entravam. “Não é assim comigo. Pode ter sido um dia, mas foi há muito tempo. Eu – Onde você vai?”

Ela começou a subir as escadas, sem nem mesmo se importar em respondê-lo, mas deu uma corrida que a levou ao patamar superior em um iscar de olhos. A frustração jorrava de dentro dele, Etienne correu atrás dela, perseguindo-a pelo corredor que dava para o quarto dele.

“Veja, houve um tempo que eu dormiria com qualquer coisa que se movesse”, ele admitiu enquanto a seguia.

“Mas eu estive em celibato por pelo menos trinta anos antes de você chegar em minha vida. O sexo já não era mais excitante. Você mudou tudo isso para mim”.

“Fico feliz de ter sido útil”

Etienne estremeceu. A mulher tinha uma navalha no lugar da lingual quando ela estava com raiva. Ele gostava disso. “Veja, Eu... O que você está fazendo?”

“O que parece que eu estou fazendo?” ela perguntou com doçura dissimulada. Ela começou a enfiar suas roupas de volta na bolsa que a mãe dele usara para transportá-las.

“Parece que você está fazendo as malas”.

“Adivinhou de primeira. Você é tão esperto. Se importa de falar algumas palavras grandes para me impressionar?”

Ele pensou que gostava da lingual afiada dela? Etienne olhou para ela irritado. “Você não vai a lugar algum. Nós temos que resolver isso. Nós também temos que discutir o Pudge”.

“Ah ha!” Ela virou-se para ele com uma fria satisfação. “Eu sabia que era isso. Pudge! Você quer que eu minta e afirme que ele me sequestrou”.

“É a melhor forma de lidar com o problema”, ele disse solenemente.

Rachel bufou zombando. “Você quer dizer, é o mais apropriado para o seu povo. Mas ele não me sequestrou. Ele nem mesmo tentou me matar. Eu só entrei no caminho”.

“Ele é perigoso, Rachel”.

“Oh, por favor. Seu tio acabou de me ameaçar de extinção. Ele acabaria com Pudge num piscar de olhos”.

“Sim, ele acabaria”, Etienne concordou. “Mas minha família prefere usar a morte como último recurso. E nesse caso não é necessário, com uma simples mentira Pudge ficaria vivo e bem, mas fechado e sem ser uma ameaça. Ou você prefere vê-lo morto?”

Ele sentiu uma ponta de satisfação com a culpa que cruzava o rosto dela. Ele marcara um ponto. Bravo para ele.

“Eu não posso mentir, Etienne. Quero dizer, literalmente. Eu sou uma péssima mentirosa. Meio que eu faço careta e fico com esse riso de nervoso”.

“Você pode pelo menos tentar. Você tem a vida dele em suas mãos. Você pode mentir e vê-lo vivo, ou você pode se recusar e forçar o fim dele”.

Rachel olhou boquiaberta. “Agora eu sou responsável pela vida dele? Como se fosse minha culpa? O próximo passo vai ser me acusar de começar o Armageddon”.

“Bem, se você tivesse vivido o suficiente você poderia ser a causa disso”, ele disse bruscamente.

“Oh!” Ela virou-se novamente para jogar algumas roupas a mais na bolsa. “Você é tão encantador. É incrível que você não tenha sido capaz de me seduzir para que eu fizesse o que você queria”.

“Eu nunca te pedi para ‘fazer o que eu queria’”. Etienne passou a mão em seus cabelos frustrado. “E é exatamente por isso. Eu não queria estragar o que estava acontecendo entre nós”.

Isso chamou a atenção dela, e Rachel parou de fazer as malas. Ela até virou para olhar para ele. “O quê?”

“Eu gosto de você, Rachel. E eu quero você. Constantemente”, ele continuou secamente. “Eu não estava dormindo com você para que você fizesse o que eu queria sobre o Pudge. Na verdade, nosso... relacionamento é a razão pela qual eu não puxei o assunto do Pudge. Minha família ficava me apressando. Bastien até fez isso na sua frente no dia que nós ficamos trancados do lado de fora no jardim, mas eu não podia fazer isso. Eu não queria. Eu continuei adiando. Infelizmente, eu adiei tanto que Tio Lucian soube, e agora isso é um assunto sério”.

Rachel balançou de um pé para o outro, sua mente num alvoroço. Ela distintamente se lembrava de Bastien perguntando a Etienne se ele já havia falado com ela sobre... Ele nunca terminara a frase; Etienne interrompera, garantindo-lhe que falaria. Mas ele não falara. Não naquele dia ou nos dias subsequentes. Talvez ele estivesse falando a verdade. Ela queria de todo seu coração acreditar que ele se importava com ela, mas sua mente estava em tamanho caos que ela não sabia o que pensar. Ela precisava de um tempo longe dele. Sua proximidade tinha o infeliz efeito colateral de confundi-la.

Etienne aumentou sua confusão ao dar um beijo gentil em seus lábios. “Eu não acredito que eu conseguiria resistir a você, Rachel. Você mexe comigo de um jeito que nenhuma outra mulher conseguiu em trezentos anos. Você me deixa faminto. Você é Linda”.

Ele a tomou em seus braços, e Rachel estava incapaz de resistir. Ela pensaria nisso pela manhã, ela prometeu a ela mesma enquanto ela o beijava. Tudo ficaria mais claro pela manhã.

Etienne era um homem lindo. Rachel percebera isso desde o princípio, mas deitada lá observando-o dormir através da luz que vinha do banheiro, ela aproveitou para dar uma olhada nele minuciosamente.

Etienne fizera amor com ela por quase todo o resto da noite. Rachel desmaiara com de costume, mas com seus pensamentos conturbados como estavam, ela não dormiu muito. Ela nunca conseguia dormir em situações assim. Agora eram dez horas da manhã e ela estava bem acordada, seus pensamentos rodavam enquanto ela olhava seu amante.

Ele alegava gostar dela e estar muito atraído por ela. Rachel não tinha problema em acreditar na primeira – ela pensava em si mesma como uma pessoa simpática. Mas atraído por ela? Ele realmente achava-a bonita e desejável? Ela suspirou e deitou para olhar para as sombras no teto. Rachel podia olhar no espelho e ver que ela estava melhor do que nunca graças à transformação, mas ela não se sentia realmente atraente.

Ela fora a garota alta durante os anos escolares, a cenoura atrapalhada mais propensa a ser zoada do que bajulada e convidada para encontros. Seu noivo Steven fora seu primeiro namorado de verdade, e não aconteceu antes da

universidade. Com ele, ela finalmente se sentiu bonita e desejada... até ela pegá-lo na cama com sua colega de quarto.

Desde então ela não tivera muito sucesso com namoros. Um pouco disso devia-se sem dúvida às horas de trabalho, mas não só isso. Não, Rachel não era confiante em seu poder de atração. As últimas semanas foram como um tipo de sonho realizado, ter um homem lindo e sexy como Etienne prestando atenção a ela. Mas era difícil acreditar em sonhos, e era muito mais fácil acreditar que ele estava seduzindo-a para conseguir o que ele queria.

Etienne suspirou e se mexeu dormindo, chamando a atenção dela. Seu olhar moveu-se lentamente pelo corpo nu dele, parando no lençol retorcido em volta da cintura dele. O homem era uma distração até mesmo agora. Ela precisava de um tempo longe. Droga, talvez ela precisasse de terapia.

Fazendo careta pelo pensamento de como isso seguiria, Rachel saiu cuidadosamente da cama e começou a juntar suas roupas. Ela iria caminhar no jardim ou algo assim. O que significava consumir mais sangue depois, mas ela podia fazer isso com facilidade agora que ela usava canudos.

Ela devia ir para casa. Era seu refúgio seguro do mundo, onde ela sempre pensava em seus assuntos. Ela também gostaria de pelo menos ligar para sua família, para que eles não ficassem preocupados – mas ela estava relutante em arriscar também por agora. Não antes de resolver isso tudo.

Rachel pegou suas roupas e foi para o banheiro sem acordar Etienne. Uma vez que a porta estava fechada, ela relaxou um pouco e rapidamente se vestiu. Ela passou uma escova no cabelo, lavou o rosto e olhou seu reflexo no espelho.

“Pudge me sequestrou”, ela disse experimentalmente. Seus lábios imediatamente torceram-se em algo entre uma careta e um sorriso. Um riso nervoso escapou de sua garganta.

Os ombros de Rachel despencaram. Ela sempre fora uma péssima mentirosa. Algumas vezes era inconveniente, mas em geral tornava a vida mais simples. Se você não mente, você nunca é pego. Honestidade é a melhor política. Essas eram frases que ela inculcara em sua cabeça repetidamente quando criança. Rachel sempre acreditara nelas. Mas agora, diante do problema do Pudge, ela não podia parar de pensar que nesse caso uma mentira serviria a todos muito melhor. E isso incluía o Pudge.

Saindo da frente do espelho, Rachel foi até a porta e abriu-a. Seu olhar voltou-se imediatamente para a cama. Etienne ainda estava deitado na mesma posição de quando ela saíra. Sorrindo por quão adorável ele parecia deitado ali com seus cabelos todos despenteados, seu peito nu, e os lençóis emaranhados em volta de sua cintura, ela apagou a luz e saiu do banheiro para o quarto, depois foi na ponta dos pés até a porta do corredor.

Ela sentiu-se como um ladrão saindo de mansinho do quarto e andando devagar até o patamar da escada, mas ela continuou a andar na ponta dos pés por toda a escada. Ela tinha acabado de chegar à porta da cozinha quando ela ouviu um guincho suave de madeira. Parando na porta da cozinha, ela olhou em volta da sala. Foi quando ela percebeu um movimento na janela, depois congelou como um cervo sob o farol. A janela fora aberta e alguém estava escalando-a para entrar. Ele tinha uma perna do lado de dentro e estava manobrando o resto do corpo que estava atrás.

O calor pinicou sua nuca, adrenalina for a injetada nela e Rachel fez o que veio por instinto – ela escondeu-se no primeiro lugar disponível, o armário do corredor. Ela estava fechando a porta quando percebeu o que ela estava fazendo. Só depois de se sentir segura em seu esconderijo que seu cérebro pareceu engrenar, e ela percebeu que ela, Rachel Garrett, agora um vampiro extraordinário, estava se escondendo de um ladrão comum.

Rachel sentiu o medo correr dela como água do copo. O que ela estava fazendo? Ela era um vampiro.

Ela podia encarregar-se desse cretino. Droga, ela daria um susto nele que ele jamais se esqueceria. Ensiná-lo uma lição que ele também nunca se esqueceria, ela pensou entusiasmada. Começando a abrir a porta, ela apenas abriu alguns centímetros quando o ladrão se ajeitou e ela viu seu rosto. Rachel parou novamente ela o reconheceu. Esse era o homem do necrotério, o maníaco vestido com roupa cáqui que tentara decepar a cabeça de Etienne. Pudge.

Isso foi suficiente para fazê-la fechar a porta novamente. Esse não era um ladrão comum; esse era um homem que conhecia Etienne e sua família. Ele sabia sobre vampiros, e como matá-los. E isso era com certeza o que ele viera fazer aqui, ela percebeu. Pânico imediatamente voltou a ela, e Rachel passou um momento tentando pensar no que fazer. Seus planos de sair sozinha para uma caminhada estavam definitivamente desfeitos. Ela tinha que chegar ao andar de cima e avisar Etienne. E ela tinha que fazer isso antes que Pudge chegasse até ele.

Muito tarde para isso, ela percebeu quando Pudge passou. Ela teria que segui-lo e pega-lo de surpresa.

Rachel ouviu o rangido enquanto ele subia as escadas, e ela sabia que era seguro sair de seu esconderijo.

As escadas faziam uma curva para a direita, então era seguro deixar o armário. Quando ela saiu no corredor, de alguma forma pareceu mais escuro do que há um tempo atrás. O sol ainda estava brilhando, entretanto, seus raios entrando através da janela faziam os grãos de poeira dançar no ar. Ela teria que evitá-los.

Deixando todos esses pensamentos de lado como se eles não tivessem importância, ela começou a seguir Pudge, depois parou e olhou para o armário procurando uma arma. O melhor que ela conseguiu arrumar foi um esfregão e

uma vassoura. Rachel pensou em vasculhar a cozinha, onde ela poderia pelo menos encontrar uma faca afiada, mas ela temeu não ter tempo para isso. Além disso, ela tinha visto o bastante de Pudge para saber que ele estava armado até os dentes. O homem carregava um rifle, uma arma em um coldre uma faca comprida o bastante para quase ser uma espada, e vários outros artigos. Ela percebeu que nada menos que uma bazuca adiantaria nesse momento.

Tirando o esfregão porque pelo menos ele tinha um cabo de madeira resistente, comparado ao cabo de alumínio mais fraco da vassoura, Rachel correu pelo corredor. Ela correu o mais rápida e silenciosamente que ela conseguiu pelas escadas.

O corredor do segundo andar estava vazio quando ela chegou, o que mal era tranquilizador. Ela não tinha certeza se significava que o homem sabia exatamente qual era o quarto de Etienne e já havia entrado ou se ele estava procurando em cada quarto e estava agora fora de sua visão. Ele poderia sair atrás dela e pegá-la de surpresa.

Rezando para que ele estivesse em um dos outros quartos e que ficasse lá tempo suficiente para que ela chegasse a Etienne, Rachel manteve sua coragem e disparou pelo corredor na ponta dos pés. Na porta do quarto de Etienne, ela parou para olhar para trás para o corredor vazio, depois rapidamente abriu a porta. Ela entrou exatamente a tempo de ver Pudge levantando uma estaca sobre sua cabeça. Rachel fez a única coisa que ela pôde pensar em fazer nesse momento: ela soltou o mais alto e mais longo grito que ela conseguiu em sua vida e investiu contra ele.

Pudge parou, olhos chocados voltaram-se para Rachel e seu esfregão, depois com a mesma rapidez novamente para Etienne, que começava a acordar dizendo, “O quê? O que é isso?”

Muito para seu pavor, Pudge deixou cair a estaca.

O som que Rachel liberou estava cheio de fúria, e veio de um lugar que ela nem mesmo sabia que existia dentro dela. Soou para os ouvidos dela como um rosnado primitivo, quase um rugido, enquanto ela lançava seu esfregão na parte de trás da cabeça do homem.

Infelizmente, ele viu e conseguiu se abaixar.

Rachel usara tanta força que ela desequilibrou-se. Quando ela recuperou-se, Pudge estava lançando-se contra ela numa placagem⁸. A cabeça dele atingiu-a no abdômen e tirou o fôlego dela, e ela tropeçou para trás no carpete, onde o fôlego foi tirado dela novamente. Ambos bateram com força no chão.

⁸ No futebol americano, é uma entrada para derrubar o adversário impedindo-o que avance com a bola.

Pudge foi mais rápido para recuperar-se, e colocou sua faca grande e intensamente afiada na garganta de Rachel antes mesmo que ela pudesse tentar lutar para livrar-se. “Parada, moça, ou eu vou cortar sua cabeça”, ele suspirou.

Rachel parou. Ela podia sobreviver há vários ferimentos, mas ter sua cabeça cortada não era um deles.

Eles entreolharam-se, ambos ofegando um pouco, quando um movimento na cama chamou a atenção deles. Etienne estava ferido, mas não fora de questão. Em toda a excitação, o alvo de Pudge escapara. Etienne estava até agora sentado, a estaca projetando-se do seu peito apenas uma polegada ao lado de onde seu coração estaria.

Rachel quase soluçou aliviada quando ele tirou a estaca.

Pudge estava menos impressionado. Ele xingou, depois gritou, “Você fique parado também, Argeneau!”

Etienne hesitou, depois desabou novamente na cama, seus olhos apertados. Era um impasse.

“Bem, droga”, Rachel disse ao perceber que Pudge tinha o controle. Ela realmente não achava que tivera um bom desempenho. Ela supôs que precisava treinar.

“O que você vai fazer agora, Pudge?” Etienne perguntou. Ele estava começando a parecer melhor, e Rachel supôs que os nanos estivessem trabalhando como loucos para fazer os concertos necessários. Ele precisaria de mais sangue para abastecê-los, porém.

Mesmo assim, ele parecia bem despreocupado para alguém que fora atingido por uma estaca e cuja namorada estava atualmente sob a ameaça de ter sua cabeça decapitada. Se ela pudesse dizer que ela era namorada dele. Dormir com um cara faz de você sua namorada? Ou ele estava pensando nela só como – Nem pense nisso, namorada, ela advertiu-se. Agora não era hora para esse tipo de análise.

“Se você cortar a cabeça dela, você perde o seu escudo”, Etienne continuou.

Pudge ficou em silêncio, mas pressionou ainda mais a faca na garganta de Rachel. Confusão e indecisão se misturavam em seu rosto.

“Eu tenho sido muito paciente com você, Pudge – muito porque eu achei graça das suas palhaçadas até agora. Mas eu acho que você está ficando cansativo. Eu sugiro que você vá embora e nunca volte, ou você vai me forçar a colocar um fim em seus joguinhos. Permanentemente”.

Era fascinante para Rachel que seu amor pudesse sentar lá com um ferimento escancarado no peito, apesar de ainda soar muito ameaçador. Ela olhou

para Pudge para ver se ele estava igualmente impressionado, e ficou um pouco aliviada ao perceber que o suor estava saltando de sua testa. Ela só não tinha certeza se isso resultaria numa coisa boa ou ruim.

“Levante-se”.

Rachel ficou de pé com dificuldade, bem ciente da faca grande em sua garganta. Ela pensou em tentar uma rápida e habilidosa ação para tentar se libertar, mas sua tentativa e fracasso em salvar Etienne retirara sua confiança. Ela teve medo de fazer besteira como ela fez antes.

Uma vez que eles estavam de pé, Pudge moveu-se atrás dela, usando-a como o escudo que Etienne mencionou.

“Para trás”, Pudge ordenou. Sua voz começou firme mas acabou numa nota trêmula que evidenciava seu medo.

Não que Rachel precisasse disso. Ela podia na verdade sentir o cheiro que ele exalava. Ela não sabia como ela reconhecia o cheiro, mas ela supôs que era uma nova habilidade. A maioria dos predadores tinha – cachorros podiam sentir o medo, assim como os gatos. Ela supôs que os nanos aumentavam as habilidades mais úteis para os seus portadores, e essa era bem útil para um predador ter.

“Deixe-a ir”. Etienne ordenou.

“Para trás”. Pudge começou a mover-se lentamente, levando Rachel com ele.

“Você não vai levá-la com você”.

“Para trás ou eu corto a cabeça dela”, Pudge avisou.

“Não a machuque. É sua culpa eu ter que transformá-la em primeiro lugar. Ela teria morrido por causa daquele ferimento com o machado que você fez nela se eu não a tivesse transformado”.

Isso fez Pudge parar. Rachel prendeu sua respiração quando ele olhou para ela.

“Você é a médica do hospital”. Ele parecia surpreso. Ela supôs que parecia um pouco menos saudável daquela vez, por ter acabado de se recuperar da gripe. Ela estava pálida e com uma aparência fraca, ela tinha certeza. Ela notou a culpa no rosto dele e teve esperança por um momento. Ele disse, “Eu sinto muito por ter atingido você, mas você não devia ter saltado entre nós. Eu tentei te dizer o que ele era”.

“Deixe-a ir”, Etienne repetiu.

Rachel viu sua esperança morrer dentro dela quando Pudge enrijeceu-se. Sua expressão ficou carrancuda enquanto ele apertava ainda mais a faca em sua

garganta. Aparentemente sua culpa não durou muito. “Eu não vou machucá-la se você ficar exatamente onde você está”. Ele pareceu um pouco mais no controle agora. Rachel não conseguiu definir se isso significava que sua confiança aumentara ou se os avisos repetidos de Etienne estavam deixando-o confortavelmente certo de que ele estava no controle.

“Se você machucá-la, eu vou perseguir você e matá-lo com minhas próprias mãos”.

Os olhos de Rachel fuzilaram Etienne. Ele parecia capaz de fazer isso. A aparência tranquila, de gênio de computador charmoso estava desfeita. Etienne parecia um predador.

Eles ficaram em silêncio por vários minutos enquanto esperavam Pudge decidir qual o próximo passo. Rachel não tinha idéia do que ele faria. Ele não podia deixá-la ir, o que o restringia bastante. Seu olhar deslizou para Etienne. O sangramento havia parado, mas ele estava ficando com a boca branca. Muito do sangue dele estava, sem dúvida, sendo usado para reparar o seu ferimento, ela supôs. Pelo que tinham dito a ela sobre o estado dele, ela supôs que ele estava com muita necessidade de uma infusão. Seu corpo estaria em cólicas com essa necessidade, e ele estaria terrivelmente fraco e vulnerável.

A única vantagem era que Pudge não tinha ciência disso, ela decidiu.

“É melhor você decidir rápido o que vai fazer. O corpo dele está quase terminando de se consertar, e quem sabe quanta força ele terá quando terminar”. Pouquíssima era o palpite de Rachel, mas se Pudge estava se baseando pelos filmes, televisão ou cinema, ele provavelmente pensaria o contrário. Pelo menos ela esperava que sim. A julgar pelo jeito que as mãos de Pudge apertaram-na, ela percebeu que estava certa.

Rachel não conseguia ver o rosto dele, mas ela percebeu o atordoamento que Pudge estava sentindo. Ele perguntou desconfiado, “Eu devo acreditar que você está tentando ser útil?”

Rachel forçou-se a relaxar e conseguiu uma contração dos ombros despreocupada sem decapitar-se. “Acredite no que você quiser. Eu estava saindo furtivamente quando você entrou”, ela disse honestamente. Ela estava saindo furtivamente para uma caminhada, mas ela não se importou em mencionar isso. Quando o olhar áspero de Etienne se encheu de traição, ela quase se desculpou por não poder mencionar. Rachel odiava chateá-lo, mas ela se obrigou a continuar. “Eu fui forçada a permanecer aqui desde aquela noite no necrotério. Eu queria avisar minha família e amigos que eu estava bem, mas ligar para eles estava fora de cogitação”. O que era tudo verdade, ela garantiu para ela mesma quando sentiu um riso nervoso crescer em sua garganta. Ela fora forçada a ficar – pelo menos enquanto ela não aprendesse como controlar seus dentes e tal, e ligar para qualquer pessoa estava fora de cogitação. Ela não tinha que especificar que era ela mesma que estava forçando essas decisões.

“Então eu fingi estar tudo bem e esperei até Etienne dormir, e estava para sair pela cozinha quando eu ouvi você entrar”, ela continuou. “Você destruiu meu plano”.

Etienne parecia chateado, mas Rachel ignorou-o. Ela esperou enquanto Pudge digeriria suas palavras.

“Se é verdade, por que você não foi embora?” Pudge perguntou com incredulidade. “Por que ficar e salvá-lo?”

Rachel encolheu os ombros. “Minha consciência não permitiria. Eu não podia simplesmente deixar você abatê-lo durante o sono depois dele salvar minha vida do fermento mortal que você me infligiu”. Ela enfatizou a parte dele, esperando provocar o retorno da culpa que ela vira no rosto dele antes. Quando ela viu isso cintilar nos olhos dele, Rachel decidiu ir um pouco mais fundo. “Muito obrigada por isso, aliás. Ser um demônio sanguessuga nunca esteve no topo da minha lista de sonhos e desejos, e eu não posso te dizer o quão contente eu estou que eu ficarei enterrada no turno da noite pela eternidade”.

Pudge realmente recuou. “Me desculpa”, ele disse arrependido, depois parou e olhou para Etienne. “O que você sugere que façamos com ele para sairmos daqui?”

Rachel pensou. Ela não acreditou nem por um momento que ele agora considerava que eles estavam do mesmo lado. Ela supôs que ele estava testando-a. Se ela desse uma resposta que ele não gostasse, ela estaria com problemas. Mas então, ela teria problemas de qualquer forma. Ele parecia ver a si mesmo como um Van Helsing dos tempos modernos, dedicado a erradicar do mundo a praga dos vampiros, e ela estava bem ciente que isso a colocava em sua lista. Sua única esperança era convencê-lo que ela era muito idiota para perceber, e que ela acreditava que eles agora estavam do mesmo lado. Para esse fim, ela foi extremamente cuidadosa com a resposta. “Bem, eu não quero vê-lo morto depois que ele me salvou. Se você realmente quer matá-lo, você terá que tentar num outro dia em que eu não esteja aqui, ou me atingir com uma estaca agora e tentar a sorte com ele – mas eu não faria isso se fosse você. Com força normal ele é mais rápido, ágil e forte que dez homens. Nesse momento ele não está tão forte, mas eu estou. Com nós dois, as chances não estão a seu favor”, ela acrescentou.

Pudge estava ouvindo, e a honestidade dela em se recusar a ver Etienne morto pareceu convencê-lo. Rachel mal deixou ele se dar conta antes de acrescentar, “Depois também, ele tem um sistema de segurança. Provavelmente muitos deles estão vindo para cá agora. Então você não tem muito tempo”.

Pudge obviamente acreditou nela. Pânico lampejou em seu rosto.

“Se você amarrá-lo”, ela continuou, “ele irá tirar as amarras e provavelmente estará atrás de nós antes que nós possamos sair da casa”. Ou pelo menos ele estaria depois de consumir um pouco de sangue, ela pensou.

“Eu acho que a melhor coisa que você pode fazer é trance-lo no escritório dele. Ele o construiu à prova de concorrentes de todos os tipos”, ela explicou. Depois para adoçar ainda mais a panela, ela acrescentou, “Isso também te dará a chance de destruir o último trabalho dele”.

“Eu devia ter te deixado morrer”. As palavras frias de Etienne atraíram o olhar dela novamente para ele. Ela teria parabenizado-o mentalmente por suas habilidades de atuação, mas ela não tinha certeza de que ele estava atuando. Ela acabara de admitir que estava saindo furtivamente enquanto ele dormia, e embora ela esperasse que não fosse verdade, ele podia ter acreditado em tudo. Não. Ele sabia a verdade sobre vampiros, e que ela sabia bastante coisa para pensar que ele estaria ficando mais forte nesse momento.

Com certeza ele percebeu que ela estava transformando a verdade para salvá-lo.

Por outro lado, Rachel pensou de repente, sua raiva podia estar baseada em outra razão. E se ele não salvara o seu trabalho, não tivesse feito back up contra a possibilidade de perdê-lo? Ele o perderia graças à sugestão que ela acabara de dar. Mas o problema principal era deixá-lo vivo em algum lugar onde houvesse sangue para ele ingerir.

Cristo, se ele não tivesse sido sensato o suficiente para salvar seu ultimo jogo, Etienne realmente podia desejar que ela estivesse morta. Mas melhor vivo e com raiva do que morto com um jogo intacto.

Pudge moveu-se, passando a faca no pescoço dela de uma mão para outra. Ela não tinha certeza do porquê ele fizera isso até que ele balançou o rifle em seu ombro para apontá-lo para Etienne.

“Eu sei que isso não pode deter você, mas eu aposto que ainda machuca”, ele disse. “E eu sei que isso vai te deixar mais lento. Então, faça o que eu disser e eu não terei que atirar em você. Nós vamos para o seu escritório”.

Etienne sentiu um misto de terror e alívio. Havia sangue na geladeira em seu escritório. Ele poderia reabastecer e reparar-se rapidamente uma vez que estivesse trancado lá. Ele poderia então sair e perseguir Pudge. Seu terror era porque enquanto esse plano o salvava, deixava Rachel in perigo. Ele não tinha idéia do que o cara faria com ela uma vez que ele tivesse opções, mas ele garantiu que seria algo ruim. Rachel estava dez vezes mais forte do que ela costumava ser, mas ela não estava invulnerável. Etienne temia que ela tentasse algo arriscado depois que ele estivesse seguramente Escondido.

“Mova-se!” Pudge acrescentou um ponto de exclamação atirando nele.

Etienne grunhiu e moveu-se para trás onde ele sentou na cama. A bala rasgara músculo e osso.

Ele viu Rachel começar a lutar, apenas para parar quase tão abruptamente no momento seguinte. Ele entendeu porque quando ele percebeu a linha de sangue no pescoço dela. O desgraçado a cortara – não profundo o bastante para fazer um ferimento sério, mas ele a cortara do mesmo jeito.

Etienne sentiu fúria, o suficiente para ajudá-lo a ficar de pé. Ele queria voar pelo quarto até o cara, mas ele seria imprestável quando chegasse lá. Além disso, havia a possibilidade de Pudge entrar em pânico e decapitá-la, removendo-a como uma ameaça. Etienne não podia permitir isso.

Rachel rangeu os dentes e disse, “Eu te disse que não permitiria que você o matasse. Se você atirar nele de novo, eu vou arriscar perder minha cabeça para matar você”.

“Cala a boca”, Pudge sibilou, mas um pouco de sua confiança tinha ido embora. Gesticulando para Etienne com seu rifle, ele saiu do quarto andando de costas, arrastando Rachel com ele. “Saia”.

Etienne moveu-se obedientemente em direção à porta, tentando não parecer tão fraco como ele se sentia. Ele estava precisando muito de sangue agora, graças ao mais novo ferimento. Seus processos de pensamento estavam se tornando exaustivos e imprecisos enquanto seu corpo puxava sangue do resto do sistema. Ele se concentrou bastante para continuar colocando um pé na frente do outro para mostrar o caminho pela casa até o porão. Etienne continuou tentando pensar num modo de sair dessa situação enquanto ele andava, mas nada veio à mente – nada que não colocasse Rachel em perigo depois, de qualquer maneira.

“Uau!” Pudge estava obviamente impressionado com o escritório de Etienne. Etienne parou no meio da sala e virou para observar os olhos do cara iluminar-se enquanto eles vagavam pelo equipamento.

“Cara, se eu tivesse uma estrutura dessa, eu também seria o rei dos jogos”, ele disse com ressentimento. Depois seu olhar pousou no caixão ao lado da porta e algo mais entrou em sua expressão. Etienne levou alguns minutos para perceber que era inveja.

“Entre”, ele ordenou.

Etienne hesitou, depois fez como ele disse quando ele moveu o rifle para frente. Rachel moveu-se com um rosnado. Pudge imediatamente abaixou a arma e controlou-a causando outra linha vermelha de sangue quando a primeira tinha acabado de cicatrizar.

“Estou indo”, rosnou, prometendo a ele mesmo que ele retribuiria ao cara por esses ferimentos logo.

“Feche a tampa”, Pudge instruiu uma vez que ele estava sentado lá dentro.

Etienne fez como ordenado, reclinando no caixão e relutantemente fechando-o. Depois ele moveu-se bruscamente dentro do caixão ao som repentino de tiros. Primeiro ele pensou que o idiota estava atirando nele através do caixão, mas como não houve madeira explodindo nem dor, ele decidiu que o indivíduo estava atirando na sala.

O estrondo de um monitor ou um computador explodindo comprovou isso, e Etienne fez careta pelo cheio de circuitos queimados e plástico derretido.

CAPÍTULO 14

Rachel mordeu seu lábio, mas permaneceu parada enquanto o maquinário de Etienne explodia em volta dela. Pudge estava entusiasmado com sua arma, e a faca no pescoço dela estava muito apertada para ela fazer qualquer coisa. Ela ficou aliviada quando ele finalmente decidiu que ele já tinha feito estragos suficientes e saiu com ela da sala.

Na porta, ele parou para examinar o mecanismo de segurança. Ela esperava que ele apenas o fechasse, mas ele não era tão idiota. Ele fechou a porta, depois atirou no painel elétrico. Qualquer esperança de que Etienne fosse capaz de consertar o painel morreu quando Pudge arrancou vários cabos com um puxão. Etienne estava realmente trancado lá dentro, Rachel pensou consternada, e apenas esperou que nenhum dos equipamentos destruídos começasse um incêndio. Morrer queimado não seria um jeito agradável de ir, e esse foi o modo como o pai de Etienne morrera.

Pelo menos ele tinha sangue lá dentro, ela garantiu a ela mesma, grata por Pudge não ter examinado as gavetas da mesa. E não havia dúvidas que Bastien e Lucern o visitariam mais tarde. Eles libertariam Etienne e depois provavelmente ele viria atrás dela. Ela só teria que se manter viva nesse ínterim. O que seria mais fácil se Pudge não soubesse que ela é um vampiro.

Manter sua cabeça presa ao seu corpo seria um bom começo. Ela gostaria de fazer mais, entretanto – como impedir que ele a cortasse de novo. Os finos cortes que ele infligira-lhe até agora não chegaram nem perto de arriscar a vida dela, mas eles machucaram bastante. Aparentemente ser transformada não significava redução da sensibilidade à dor. Isso até aumentou sua sensibilidade, ela percebeu. Afinal, ela estava mais sensível ao prazer. Por que não estaria igualmente sensível à dor?

“Merda”.

Rachel desistiu de pensar ao ouvir Pudge xingar. Eles tinham atravessado as escadas e agora estavam parados na cozinha na porta de trás.

“Eu esqueci que não posso te tirar daqui sob a luz do sol”, Pudge explicou.

Rachel animou-se. Ela poderia sobreviver a alguns minutos de luz do sol, mas não estava muito disposta a contar isso para ele. “Bem, você pode me deixar aqui e –”

Ela parou de falar quando ele arrastou-a de volta para a mesa da cozinha. Ela não tinha certeza do que ele estava para fazer até que ele tirou a pesada toalha de mesa, jogando o arranjo de flores no chão.

“Você não acha que você vai... Você acha”. Ela deixou escapar o fôlego com um suspiro enquanto ele colocava a toalha sobre sua cabeça. Agora ela tinha uma faca em seu pescoço e estava cega. Cristo, aquilo estava ficando cada vez melhor. Isso era ainda mais perigoso. Se ela tropeçasse, ela podia decapitar-se. Rachel pensou em dizer a Pudge que ela sobreviveria a um pouco de luz solar, mas ela temeu precisar disso depois.

“Nós vamos sair rapidamente”. Ele empurrou-a para frente, presumidamente em direção à porta. “Eu não quero que você queime agora, então tente manter o ritmo”.

“Você acha que poderia aliviar a pressão da faca?” ela perguntou, mas a pergunta foi abafada pelo estalo e rangido da porta. Então Pudge apressou-a. Ciente que qualquer passo em falso poderia custar sua vida, Rachel começou a marchar, arrastando os pés, mas andando o mais rápido que conseguia. Apesar de seus maiores esforços, ela tropeçou, e grunhiu quando a faca cortou seu pescoço. Dessa vez o corte foi maior antes que ele retirasse a faca.

Ela ouviu o que deve ter sido um pedido de desculpas abafado tanto pela toalha sobre sua cabeça quanto pelo zumbido de seus ouvidos; depois ele deteve-a.

“Entre”.

A faca foi retirada, e Rachel sentiu-se empurrada para frente e para baixo. Algo pressionou a parte da frente de suas pernas, e ela tropeçou para frente. Grata pela faca não estar mais ameaçando-a, Rachel imediatamente começou a tentar tirar a toalha de sua cabeça. Ela recebeu um tapa por seus esforços.

“Não. A luz do sol”, Pudge avisou. Depois Rachel sentiu algo em seu pulso e ouviu um estalo. Ela puxou, franzindo as sobrancelhas quando ela foi contida, depois amaldiçoou quando ele algemou seu outro pulso.

“Isso é aço galvanizado”, Pudge anunciou. “Dez centímetros de espessura. Você provavelmente pode quebrá-lo, mas não sem alarde. Se você tentar, eu vou atirar em você do meu lugar. E não com uma arma – com um atirador de estacas no meu coração”.

“Um atirador de estacas?” Rachel murmurou. Ela ouviu uma porta se fechar, seguido por silêncio. Ela só queria saber se seria seguro tentar apartar a toalha e arriscar uma olhada em volta quando ela ouviu uma outra porta abrir. Essa era a sua direita, na direção da frente do que devia ser uma van, ela decidiu. O chão sob ela balançou um pouco quando Pudge entrou no veículo.

Rachel forçou-se a relaxar e xingou-se por não prestar mais atenção ao que Etienne tentara dizer a ela. Ela não tinha idéia de quais eram suas capacidades como vampire, exceto que ela era mais forte e rápida que um humano normal e podia sofrer mais danos sem morrer. Pelo que ela entendera, menos do que queimar viva ou ter sua cabeça decepada, nada poderia matá-la. Embora ser

atingida com uma estaca pararia seu coração e forçaria os nanos a ficarem parados até que a estaca fosse removida.

Era bom saber, claro, mas Rachel não tinha idéia de quão forte ela era exatamente, ou quão rápido ela era. Ela não tinha idéia se ela poderia quebrar suas amarras, e se ela pudesse, ela seria rápida o suficiente para sair da van antes que Pudge pudesse pegar sua arma de estacas – ou o que quer que fosse – e atirar nela. A idéia de tentar era tentadora, mas a possibilidade de levar um tiro – apesar do fato que ele provavelmente erraria seu coração – era de certa forma desalentadora. Rachel odiava dor. Ela achava que um tiro era ruim. E quanto a uma estaca? Ela podia ser uma grande maricas quando se tratava de dor; um grande bebê chorão, na verdade. Ela decidiu não arriscar.

O trajeto foi curto. Rachel passou o tempo tentando inventar um plano de fuga. Ela não fazia idéia de por que Pudge a tinha levado. Ele precisara de um escudo, ou pensou que ele precisasse no começo, mas uma vez que Etienne estava trancado, ele não precisava mais. Ela estava bastante surpresa dele não ter aproveitado a oportunidade de atingi-la com uma estaca.

Rachel supôs que culpa pudesse ser a razão para ele ainda não ter feito, pois o ataque dele fora a razão pela qual ela tinha sido transformada. Mas isso a levava a pensar o que ele pretendia fazer com ela se atingi-la com uma estaca não era o plano. Nada de bom vinha a cabeça. Fugir parecia a melhor atitude. Ela apenas precisava planejar como.

Presumivelmente ele a levaria a algum lugar, estacionaria, depois voltaria a ela com sua faca. Dessa vez ela temia que tivesse que arriscar a dor de ser cortada.

Ela não estava ansiosa para isso, mas ela podia sofrer ainda mais se ela não o fizesse.

O ruído da van parou. Era hora de fugir. Ela sentiu seu corpo tenso quando a van balançou. Pudge estava saindo, ela percebeu, depois ouviu a porta fechar. Rachel puxou suas algemas para testar, surpresa quando o rangido do metal ao esticar-se chegou aos seus ouvidos. Ela estava para puxar mais forte quando ouviu as portas de trás se abrirem.

Amaldiçoando sua própria timidez, ela parou e esperou, surpresa quando a toalha foi repentinamente puxada de sua cabeça.

“Não há janelas nessa garage. Você está salva do sol”, Pudge anunciou. Como se ele tivesse comprado essa garagem e a casa que sem dúvida estava anexada especificamente para mantê-la salva.

Rachel não estava impressionada. Seu olhar estava fixo na arma em suas mãos. Seu atirador de estacas parecia ser um arco e flecha com uma estaca de madeira ao invés de uma flecha. Não que isso realmente importasse. De acordo com Etienne uma fleche, estaca, ou o que fosse, se fosse alojada no coração e

deixada lá tempo suficiente, poderia matá-la. Muito perigoso para tentar fugir. Pelo menos por enquanto.

“Venha”. Pudge deu um passo para trás, com cuidado para manter a arma apontada para o coração dela. Ele gesticulava para ela com sua mão livre para ela sair da van.

Rachel levantou as sobrancelhas ante a ordem e apenas agitou as curtas correntes que a amarravam à parede da van.

“Oh”. Pudge hesitou por um momento, depois aparentemente decidiu que ele não queria chegar perto demais para arriscar ser vencido, e simplesmente arremessou as chaves para ela.

Rachel conseguiu pega-las entre seu braço e o seio, depois as recolheu e começou a abrir as fechaduras. Era sua primeira vez que olhava com atenção as algemas, e a visão era desencorajadora. Ele não estava brincando quando disse que elas tinham dez centímetros de espessura, apesar delas não serem tão pesadas quanto deveriam. Rachel supôs que era devido ao fato de sua força ter aumentado. Ela realmente deveria ter arriscado e se libertado, ela disse a si mesma enquanto soltava um pulso depois o outro.

“Ok, venha”, Pudge repetiu. Lembrando de como ele atirara em Etienne por não ter sido rápido o suficiente, Rachel arrastou-se pela beirada da van e saltou ficando de pé no chão de concreto da garagem.

Ela estendeu as chaves para Pudge, mas ele balançou a cabeça.

“Você precisará delas para abrir a porta”. Ele gesticulou para ela para a esquerda.

Rachel virou-se para olhar na direção que ele apontava, localizando a porta da casa. Era uma garage para um carro, e a van deixava pouco mais de meio metro de espaço para andar. Rachel moveu-se pelo lado do passageiro, parando ao ver uma coroa de alhos com uma cruz no meio que estava pendurada no meio da porta.

“Desculpe. Chegue um pouco para trás”. Pudge se moveu rapidamente para tirar toda a parafernália.

Ela não informou-o que isso era inútil. Ao contrário, ela ponderou quão paranóico ele devia ser para colocar tais coisas na porta.

“Ok”. Levando a cruz e os alhos com ele, ele saiu do caminho e gesticulou para frente, informando-a, “É a chave prateada grande”.

Rachel procurou até encontrar a única chave grande prateada, depois deu um passo até a porta e a inseriu na fechadura.

Quando a porta abriu, ela virou-se e arqueou uma sobrancelha para seu captor.

“Continue”, Pudge ordenou, gesticulando com sua cruz. Rachel abriu a porta e entrou na cozinha, depois parou imediatamente. Ela nunca vira tamanho chiqueiro. O balcão e a pia estavam cheios de louças imundas, e não havia um centímetro de fogão, geladeira, balcão, armário, ou chão que não estivesse coberto com rastros de comida derramada ou simples sujeira. Em cima de tudo estava uma cobertura de gordura que dava uma boa mostra de toda a comida que se fritou ali.

“Mova-se”. Um forte empurrão em suas costas fez Rachel dar um rápido passo adiante, depois continuou pela cozinha evitando tocar em qualquer coisa. Já era bastante ruim que ela tivesse que pisar no chão; seus tênis colavam ao linóleo a cada passo. Era nojento. E a sala de jantar era tão ruim quanto, ela vira, quando passou por seu arco.

“Sente-se”.

“Eu prefiro não sentar”. Rachel olhou a mesa com sua pilha de pratos sujos. Infelizmente, comida não era a única coisa nos pratos. Havia vários insetos se arrastando sobre eles, banqueteados com uma pizza que devia ter mais de um mês e outras coisas.

Quanto às cadeiras, elas estavam livres de pratos, mas em troca estavam cobertas por jornais velhos, folhetos publicitários e outras propagandas. “Sabe, Pudge, uma faxineira não seria ruim”.

“Sente-se!” Ele aparentemente estava se sentindo bastante confiante agora que eles estavam lá dentro. Ele chegou perto o suficiente para agarrá-la pelo ombro e empurrá-la até a cadeira mais próxima. Rachel fez uma careta quando a ponta de um folheto enrugado cravou-se em sua bunda, mas ela não disse nada enquanto ele se movia ao redor da mesa e sentava-se, posicionando seu arco e flecha na mesa apontado para o peito dela.

Eles ficaram em silêncio por um momento, olhando-se fixamente, avaliando um ao outro. Mas quando o silêncio se alongou e Rachel começou a se sentir desconfortável, ela levantou as sobrancelhas. “Então?”

“Então?” Pudge franziu as sobrancelhas. “O que?”

“Você vai me matar ou o quê?” Rachel perguntou.

“Não!” Ele pareceu surpreso pela mera possibilidade. “De jeito nenhum. É minha culpa que você agora seja um vampiro fêmea. Ou seria vampire?” Enquanto ele sentava murmurando inquieto, Rachel tentou descobrir exatamente onde aquilo a levava. A julgar pela reverência em sua voz, Pudge se sentia muito mais impressionado por um vampiro fêmea. Ele parecia acreditar que uma mulher ser

vampire era uma coisa legal, enquanto que Etienne ser um significava que ele era alguém a ser destruído. Ela não tinha certeza por quê.

“Então...”

Rachel olhou para o rosto de Pudge, sentindo curiosidade ante sua expressão quase de excitação. Entretanto, nada a preparara para sua pergunta. “Você está com fome?”

Ela foi pega de surpresa, mas sua pergunta era relevante. Ela não achava que havia perdido muito sangue pelos cortes em sua garganta, mas ela estava faminta. Seu olhar moveu-se para o refrigerador da cozinha. Ele teria sangue lá? Não parecia provável, mas se não, por que ele perguntaria se ela estava com fome? E além disso, se ele tivesse sangue, ela não tinha certeza se era seguro beber nessa fábrica de bactérias que ele chamava de casa. Ela quase suspeitava que não seria. Poderia haver algo neste lugar seguro de se por próximo à boca?

“Você pode me morder”, Pudge ofereceu, chamando sua atenção. Ele parecia bastante excitado ante a perspectiva. Rachel sentiu seu apetite morrer rapidamente.

“Obrigada, mas –” Ela começou educadamente.

“Oh, vamos. Você deve estar ansiando por sangue. Você até poderia me transformar se quisesse”. O olhar dele caiu sobre os seios dela.

Rachel tentou não parecer enjoada. A idéia de ele existir para sempre era terrível, quase tão ruim quanto morde-lo. Ela duvidava que ele fosse mais limpo que essa casa. Entretanto, ela não queria deixá-lo irritado. Ela ainda não havia descoberto o que ele pretendia fazer com ela, mas até ela ter uma chance de escapar, supunha que seria melhor lidar bem com ele.

“Não, obrigada”, ela disse educadamente em resposta a sua oferta. Deixando que seu olhar vagasse pelo pouco da sala de estar que podia vislumbrar, ela percebeu a Madeira bloqueando as portas do balcão e as barras metálicas sobre elas. A casa estava bastante sombria. Observando o resto das janelas, notou que também estavam cobertas de madeira e barras de metal.

Talvez no início ele não pretendesse matar Etienne.

“Sabe, você não é feia”.

A atenção de Rachel retornou ao seu captor. Ela não tinha certeza de como responder. De qualquer outra pessoa, as palavras seriam um elogio. Mas ele disse quase decepcionado. Ela entendeu aquela decepção quando ele explicou, “Bem, você sabe. Você é bastante bonita, mas não é o que eu esperava. Em todos os filmes, as mulheres vampire são...” Ele parou, aparentemente procurando a palavra certa. “Mais gostosas. Você sabe. Espartilhos pretos de vinil e botas de salto alto até a metade da coxa”. Seu olhar se fixou no seio dela, como se ele

estivesse tentando adivinhar se ela estava usando um espartilho preto de vinil sob a camiseta.

Rachel suspirou e percebeu que seria um dia longo.

Etienne deu um chute frustrado na porta de seu escritório, depois virou e caminhou até o refrigerador em sua mesa. Ele já havia ingerido quatro bolsas enquanto examinava os danos feitos à porta e pensava se ele conseguiria consertá-la de alguma forma. Parecia ser impossível. Pudge fizera um bom trabalho, e isso combinado com a segurança de alta tecnologia que ele instalara para manter seu escritório à prova de ladrões estavam trabalhando contra ele.

Ele também desejou ter sido esperto o suficiente para ativar o sistema de segurança de alta tecnologia que Rachel mencionara.

Infelizmente, entre tentar acalmar a raiva de Rachel na noite passada e fazer amor com ela, ele esquecera de reativá-lo depois de entrar.

Etienne amaldiçoou sua estupidez. Ele nunca se preocupara de verdade com sua casa ou seus bens, ou até mesmo com ele. Seu trabalho era a única coisa que ele julgava valioso e vulnerável até agora. Ele nunca se preocupara em ser atacado. Um ladrão de casas medíocre teria tido uma surpresa desagradável se tentasse entrar em sua casa, especialmente se tivesse a temeridade de atacá-lo. Além disso, os dias de ameaça de caçadores de vampiros acabaram há muito tempo – ou tinham acabado até Pudge. Mas Rachel era muito valiosa para Etienne, muito mais valiosa do que ele admitia para ela. E graças à sua negligência, ela agora estava em perigo, e ele estava impotente.

Etienne transformara seu escritório em um tipo de quarto do pânico – à prova tanto de humanos como de vampiros – já que computadores eram surpreendentemente populares entre vampiros. Agora Pudge transformara seu quarto do pânico de alta tecnologia em uma jaula apenas destruindo o painel de sua porta. Ninguém podia entrar ou sair sem um maçarico de acetileno para cortar o aço de 15 cm. Infelizmente, Etienne não tivera a previsão de guardar um em seu escritório. Ele estava preso até Bastien e Lucern chegarem. Poderiam demorar horas. Horas em que qualquer coisa podia acontecer com Rachel.

Etienne olhou para o equipamento que custava milhares de dólares que costumava ser seu meio de trabalho. Se conseguisse arrumar algo e colocar para funcionar, ele poderia contatar alguém mais cedo. Era um tiro no escuro.

Pudge tinha sido muito cuidadoso em sua destruição. Porém, era melhor do que ficar sentado imaginando todas as coisas horríveis que poderia acontecer à Rachel.

Ele pegou outra bolsa de sangue da geladeira, notando ausentemente que estava começando a ficar quente.

Aparentemente Pudge conseguira atingir a geladeira também. Porém, não era algo realmente preocupante. Ele ainda tinha bastante sangue e não importava se estava um pouco quente.

Ele começou a trabalhar remexendo com seu equipamento.

“Eu não vou morder Muffin”. Rachel olhou para Pudge enquanto ele balançava o pequeno terrier ante a ela. Ela não podia nem acreditar que ele sugeriu isso. O cara era um psicopata. Tomando o silêncio diplomático anterior dela como estímulo, Pudge explicara que ele realmente queria ser um vampiro. Ele achava que seria legal viver para sempre e andar pela noite com vadias vampiros em seus braços. Ele parecia ver-se como a estrela de seu próprio filme de vampiro de nível B, sua pessoa fraca, gordurenta e cretina transformada no atrativo menino mau da noite.

Como se ser transformado de alguma forma fosse mudar sua aparência e personalidade também.

Quando Rachel emitiu um murmúrio que ela esperava que ele interpretasse como um incentivo e não como a brincadeira que na verdade era, ele ficou todo animado, explicando que ele fantasiara muito sobre isso desde que descobriu que Etienne era um vampiro. Um de seus planos era finalmente matar Etienne, ir ao funeral, escolher uma vadia vampiro – “porque você sabe, muitas delas provavelmente iriam ao seu funeral” – depois pegar a que mais gostasse e trazê-la a esta casa. Ali ela faria sexo oral nele e o transformaria mordendo seu - Rachel interrompera nesse ponto para informá-lo que, se ele esperava ou tentasse forçá-la a mordê-lo lá, ele podia repensar. Ele inclinara a cabeça e dissera, “Mas eu tenho a estaca. Eu tenho o poder. Você tem que fazer o que eu disser”.

Rachel apertou seus olhos observando a baratinha e calmamente disse a ele, “Sim. Você tem a estaca e, portanto, o poder – por enquanto. Mas se você tentar me forçar a mordê-lo aí, eu vou arrancá-lo a dentadas. Como uma goma de mascar de sangue”. Ela então forçou um sorriso macabro, esperando que seu rosto não refletisse sua náusea.

A julgar pela forma como Pudge ficou pálido e cruzou as pernas, Rachel deduziu que seu aviso tivera o poder dissuasivo apropriado. Ele certamente pararia de insistir que ela poderia mordê-lo e transformá-lo, mas ele também a forçara a ficar de pé e ordenou que ela fosse na frente para o porão.

Nesse momento, Rachel temera que ela tivesse ido muito longe e ter perdido sua utilidade, assinando assim sua própria sentença de morte. Entretanto, ele ainda não a matara. Ele a prendera às paredes do porão. Ele realmente tinha tudo preparado para trazer uma “vampire vadia” para sua casa, e aparentemente não esperava que ela cooperasse logo de cara. Presumivelmente, ele pensou que podia fazê-la mudar de idéia em pouco tempo. Talvez ele estivesse contando com a síndrome de Estocolmo ou algo assim para contribuir e ajudar com a questão.

Qualquer que fosse o caso, ele ordenara a ela que fosse até a parede e colocasse as algemas de aço em volta de seus tornozelos, coxas, cintura, e pescoço. Ele se aproximou cuidadosamente uma vez que ela colocou as algemas, mantendo o arco e flecha apontado para o peito dela, e colocou outras em seus ombros e pulsos. Ele então a deixou lá e voltou para o andar de cima. Rachel imediatamente começou o trabalho tentando soltar suas amarras, mas essas eram ainda mais grossas e fortes que as da van, e ele as prendeu à parede de forma que ela estava com braços e pernas afastados, o que dificultava a ganhar força.

Ela ainda estava lutando com elas e xingando quando a porta para o andar de cima abriu-se alguns momentos atrás.

Ele retornara ao porão para balançar o pequeno e fofo terrier branco pela coleira e exclamar a palavra “jantar”.

“Eu não vou mordê-lo”, Rachel repetiu. Depois, incapaz de assistir o pobre animal lutando e se sufocando, ela se jogou inutilmente de suas algemas e disse bruscamente, “Ponha esse pobre animal no chão. Você o está sufocando”.

“Mas eu tenho que alimentar você”, ele reclamou, mas colocou o animal no chão e enrolou a coleira em volta da grade da escada enquanto murmurou, “De que outra forma você vai aprender a confiar em mim?”

Rachel observou com interesse enquanto murmurava com ele mesmo. Era óbvio para ela que o cara passava muito tempo sozinho. Ele estava obviamente muito acostumado com isso, quando resmungou, “É só o cachorro ladrador da vizinha. Ele está sempre fazendo cocô na minha grama, o pequeno ladrador. Eu não sei porque você não pode simplesmente comer essa maldita coisa e tirá-lo do meu pescoço. Eu - ”

“Eu não vou comer o bichinho de estimação de ninguém”, Rachel interrompeu as divagações de sua mente abruptamente.

Ele olhou interessado para ela. “E quanto a ratos? Me entregam toda semana para minha cobra, mas -”

Ele parou quando estremeceu-se e sacudiu a cabeça. Ela nem comentou isso. Comer um rato? Meu Deus.

“Cara, você é muito chata para comer”, ele disse com exasperação. “Se eu soubesse que você me traria tantos problemas -”

Suas palavras irritadas sumiram quando ele ouviu uma campainha soar pela casa.

Rachel olhou em volta, sem ter certeza do que era aquele som até que Pudge ligou uma televisão que ficava no canto. Uma imagem da porta da frente de uma casa, presumivelmente desta casa, imediatamente apareceu na tela. Pudge também tinha artefatos de alta tecnologia assim como Etienne, Rachel percebeu

quando ela observava o gigante barrigudo com camiseta de bebida que se apoiava na campainha com uma das mãos e esmurrava a porta com a outra.

“Meu irmão”. Pudge pareceu abatido no princípio, depois ele se animou de repente e virou-se para ela. “Você pode se alimentar dele. Eu não gosto dele mesmo. E você nem teria que transformá-lo. De qualquer forma ele é um saco”.

“Eu não vou morder seu irmão”, Rachel ofegou, chocada só com a idéia. Cristo, o que ele pensava que ela era? Sua assassina particular enviada para se livrar de qualquer criatura que o incomodava? Ela nunca mordera uma pessoa antes e não pretendia começar agora. Bem, exceto por Etienne, claro, mas isso fora muito... er... de natureza íntima. Diferente. Ela não tinha a menor intenção de começar a morder completos estranhos.

“Bem, você tem que comer alguma coisa”. Ele estava parecendo irritado de novo.

Rachel decidiu que tinha que colocar um ponto final nisso. “Eu não estou com fome. Eu não vou morder ninguém. Ou alguma coisa”.

“Bem, droga!” Aparentemente decidindo não atender seu irmão se ela não fosse mordê-lo, Pudge saiu da frente da tela da TV e andou pelo porão enquanto seu irmão continuou a tocar a campainha e socar a porta. Quando Rachel achou que o ruído a deixaria louca, o irmão barrigudo de Pudge chutou a porta uma última vez e saiu da vista da câmera.

Um pouco da tensão de Pudge acabou quando seu irmão desistiu e foi embora. Ele parou de andar e ficou frente a o que parecia um grande caixão de metal e sentou-se sobre a tampa, depois olhou para ela descontente. Rachel estava começando a sentir que era a maior decepção como uma vadia vampire. Muito ruim ela não conseguir ter nenhum arrependimento por isso, ela pensou, e finalmente examinou o porão. Ela tinha apenas dado uma rápida olhada enquanto descia as escadas, e depois ela não tivera tempo enquanto estava tentando se libertar. Agora pôde ver que o lugar era o paraíso da parafernália vampírica. A metade parecia estar repleta de armas para matar vampiros e a outra metade cheia de coisas que um vampiro poderia necessitar: o caixão, ataúde, uma capa pendurada em um gancho, dente falsos sobre uma prateleira, todos os livros que já foram publicados sobre vampiros. Rachel formou uma imagem dele em sua mente usando a capa e as presas falsas, e fingindo ser um vampiro. Sacudiu a cabeça. O cara realmente era louco.

“Então, quando terá fome? E o que exatamente você vai comer, já que é tão chata?”

Rachel olhou de volta para seu captor e decidiu ser sincera com a esperança de que deixasse de lhe oferecer seus parentes e mascotes para alimentar-se. “Eu estou com um pouco de fome agora, mas nunca mordi ninguém. Não acho que eu posso”.

Ele pareceu surpreso ante essa confissão. “Bem então, como você está se alimentando? Você já deve ter se alimentado desde que Etienne te transformou. Foi há mais de duas semanas. Você –”

“Sangue empacotado – interrompeu-lhe ela.

“Sangue empacotado?” Ele pareceu chocado com a idéia. “Quer dizer sangue frio em uma bolsa, como no hospital?” Quando Rachel disse sim, sua cara se retorceu com nojo. “Ewwwww”.

Ela girou os olhos ante sua reação. Aparentemente, ele acreditava que morder às pessoas era uma alternativa melhor que beber o sangue como se fosse vinho. Oh, ele seria um grande vampiro. Um desses sem escrúpulos que Etienne tinha mencionado. Ela definitivamente não ia mordê-lo nunca. Deixar-lhe solto entre os humanos seria uma péssima idéia.

“Bom, vamos mudar isso tudo. Você –” Ele parou antes de dizer o que ela suspeitava ser algo que ela não queria ouvir, e olhou para a tela de televisão quando a campainha da porta voltou a soar. Rachel seguiu o olhar irritado dele para ver uma pequena e gordinha senhora de cabelo cinza, que gritava à porta enquanto apertava a campainha e batia com as juntas na madeira.

Desta vez Pudge pegou o controle remoto e aumentou o volume para escutar o que a mulher estava gritando. Suas palavras entrecortadas irromperam no quarto cheias de raiva. “Abra a porta agora mesmo, Norman Renberger. Sei que está aí, e que está com meu Muffin! Vi-te pegá-lo no jardim. Abra a porta neste instante ou voltarei para minha casa para chamar a polícia”.

“Merda”, Pudge murmurou e ficou de pé para subir a escada pisoteando.

Rachel voltou sua atenção para a televisão, um pouco preocupada enquanto aguardava Pudge abrir a porta. Ele não levava o cachorro com ele e ela suspeitou que isso não era bom.

Ela viu a porta se abrir e Pudge oferecer um sorriso bajulador à mulher enfurecida.

“Olá, Sra. Craveshaw”.

“Não me cumprimente, Norman! Onde está meu Muffin?”

Rachel se estremeceu quando Muffin ouviu a voz de sua senhora e começou a latir. Pudge deixara aberta a porta de escada, e aparentemente o som chegou até acima, já que no momento seguinte a Sra. Craveshaw gritou: “Muffin!” e empurrou Pudge para entrar na casa. Ela imediatamente saiu da vista da câmara.

Onde ela está? Onde está meu bebê? Muffin? Muffin! —Agora a voz não estava vindo da televisão mas sim do andar de cima enquanto a mulher seguia o som dos latidos. “Muffin!”

A voz alcançou o topo da escada e a mulher encheu a porta. Seus olhos brilharam quando ela localizou Muffin preso ao corrimão, latindo como louco.

“Rápido! Chame à polícia!” gritou Rachel, mas era muito tarde. A mulher só tinha olhos e ouvidos para seu Muffin. Ela lançou-se escada abaixo a uma velocidade arriscada, xingando Pudge que a estava seguindo. Já tinha chegado ao último degrau e estava tentando desatar a coleira do corrimão quando Pudge a golpeou na cabeça com o arco e flecha. A ação disparou a estaca com a qual estava armado. Rachel sacudiu-se e encolheu-se para o lado quando a estaca a atingiu. Infelizmente, ela não tinha nenhum lugar para ir para escapar da estaca. Suas algemas a prenderam no lugar. Ela gritou de dor quando a estaca golpeou seu coração.

CAPÍTULO 15

“Bem-vinda de volta”.

Rachel se estremeceu ante àquelas palavras enquanto piscava abrindo os olhos. Por um momento não tinha certeza de onde se encontrava, mas então enfocou a cara do Pudge e sua memória retornou. Seguindo o olhar dele até seu peito, fez uma careta ante a vista de sua camisa aberta revelando seu sutiã de renda manchado de sangue.

“Eu tirei a estaca”, explicou Pudge, enquanto seu olhar fascinado percorria a pele lisa. “Você cicatrizou rápido. Primeiro o sangramento parou, depois se fechou o buraco e então até a cicatriz desapareceu. Isso foi magia, cara!”

Rachel girou a cabeça com cansaço afastando-se de seu rosto excitado. Magia. Mas agora necessitava desesperadamente de mais sangue. Ela não podia recuperar-se de uma ferida como aquela sem usar uma grande quantidade de sangue. Seu corpo estava numa agonia de desejo, tendo câibras e clamando pelo fluido de vida. Ela na verdade podia sentir o cheiro do sangue dentro do homem que estava de pé junto a ela, e pensou que pudesse até mesmo ouvi-lo pulsando nas veias dele. Se ele se aproximasse mais, Rachel não confiaria em si mesmo para não mordê-lo apesar de suas melhores intenções. Com seu corpo gritando por isso, ela definitivamente estava se sentindo capaz de fazê-lo.

Rachel sacudiu a cabeça e mentalmente se repreendeu por sequer pensar nisso. Ela não era nenhum demônio sanguessuga sem alma que não podia controlar-se. Etienne lhe tinha assegurado-lhe que não era. Ela podia lutar contra isso. Ela apenas tinha que convencer o incompetente cretino “viva a estaca” de ir assaltar um banco de sangue e lhe trazer seu alimento. Ela não lhe morderia.

Um gemido vindo do fundo do quarto fez Pudge olhasse atrás dele e depois se moveu nessa direção. Rachel estava tão aliviada porque ele levava embora seu cheiro impregnado de sangue que fechou os olhos e não prestou atenção ao que ele estava fazendo até que voltou. O cheiro voltou com ele, ainda mais forte que antes.

“Aqui está. Pensei em apenas matá-la, mas decidi mantê-la viva para ti. Você precisa de sangue. Morda-a. Dê-lhe o beijo do vampiro”.

Rachel gemeu e virou a cabeça desesperadamente quando Pudge empurrou uma pálida e ainda enjoada Sra. Craveshaw para Rachel até que ela estava praticamente sob seu nariz. A mulher aparentemente estivera inconsciente todo o tempo, o qual só podia ser bom, supôs Rachel. Pelo menos a mulher não tinha sido testemunha de sua cura “mágica”. O problema agora era que a velhinha tinha um corte no alto de sua cabeça onde Pudge a atingira. O sangue se derramou através de seu cabelo formando um rastro descendo por seu pescoço até empapar

o ombro de sua floreada blusa. O cheiro era intoxicante, tentador, condenatório. Sentiu seu controle evaporando, então baixou o olhar até o rosto da mulher quando esta choramingou. A Sra. Craveshaw não estava olhando para ela; ela estava olhando para Pudge de uma maneira assustada que deixava claro que acreditava que ele estava totalmente louco. Quem poderia culpá-la? Pensou Rachel cansadamente. Coisas como os vampiros não existiam.

“Vamos, morda-a”, choramingou Pudge, parecendo impaciente.

Rachel apenas fechou os olhos e sacudiu a cabeça, virando o rosto para o lado em um esforço para escapar do cheiro tentador. Ela morreria antes de matar outro ser, e temia muito que se realmente mordesse a mulher, não fosse capaz de parar até que a tivesse deixado seca. Ela não arriscaria.

“Ainda não está faminta o bastante, né?” Pudge pareceu decepcionado. “Bem, mantê-la-ei aqui até que você esteja. OH!”

Essa exclamação atraiu o olhar cansado de Rachel. Para seu alívio, Pudge empurrava a mulher para o outro lado do quarto. Ainda podia cheirar o sangue, mas estava mais fraco, menos tentador. Mas a expressão radiante no rosto dele quando ele olhou novamente para ela, fê-la recear.

“Aposto que você está cansada, né?” disse Pudge enquanto atava a mulher. “Eu não tinha pensado nisso, mas está de dia e tudo mais, e você provavelmente está sofrendo esse cansaço do vampiro onde mal consegue ficar acordada e se sente realmente fraca e esgotada”.

Rachel não se incomodou em lhe corrigir. Não achava que seria bom para ele saber mais do que já sabia sobre os vampiros.

“Vamos”. Retornando a ela, ele soltou rapidamente as algemas de seu pescoço, ombros, e cintura, e depois se inclinou para soltar também as de suas coxas e tornozelos. Rachel olhou para a cabeça dele enquanto ele trabalhava, pensando tristemente que se não estivesse tão fraca, esta seria sua oportunidade de escapar. Mas seu corpo estava seriamente carente de força, seus músculos pareciam de borracha por causa da fraqueza. Nem sequer estava certa que podia manter-se em pé mais do que um minuto, quanto mais chutar o pequeno idiota na bunda e pôr-se a correr.

“Pode dormir em meu caixão”, anunciou Pudge, endireitando-se para rapidamente soltar seus pulsos. Ele estava obviamente consciente de sua fraqueza ou não teria deixado seu arco e flecha para trás, mas aparentemente ele achava que era devido ao fato de ser de dia e não por causa da perda de sangue provocada pela ferida. Embora ela não tivesse sangrado muito e ele não soubesse que o sangue restante fora utilizado para reparar o dano.

“Originalmente, eu tinha a intenção de seqüestrar Etienne e lhe manter preso aqui” tagarelou ele enquanto a ajudava a chegar ao grande caixão que ela tinha visto antes. “Eu achava que assim poderia lhe obrigar a me revelar todas as

suas idéias para os jogos, e talvez, você sabe, trazer-lhe as pessoas que eu não gosto para que lhes mordesse. Há muita gente que eu não gosto. Eu poderia mantê-lo aqui por um tempo. Mas então percebi que ele era muito forte para arriscar”.

Ele puxou a tampa do caixão de metal até levantá-la revelando um forro de cetim vermelho. Rachel ficou olhando atordoada o enorme espaço. Dava a impressão de que duas ou três pessoas poderiam caber facilmente ali dentro.

“Eu mandei fazê-lo”, Pudge contou-lhe. “Eu o queria grande o bastante para mim e para minhas vampirinhas, quando me transformasse”.

Rachel sacudiu sua cabeça ante esta informação. Seus pensamentos estavam imprecisos por causa da necessidade de sangue, mas ainda assim percebeu que este cara estava além de toda ajuda, acima da margem.

“Entre”, Pudge instruiu-lhe.

Rachel estava esgotada e realmente queria deitar-se, mas de maneira nenhuma ia entrar voluntariamente naquele caixão. Preferia dormir sobre o chão de cimento. “Não”.

A palavra se deslizou tão fracamente de seus lábios que Pudge não a ouviu. “Vamos, entre”.

“Não vou dormir nesse caixão”, disse Rachel com um pouco mais de força.

“Sim, você vai”, insistiu ele. “Entre no caixão. Você vai dormir melhor”.

Ela negou com a cabeça e olhou ferozmente para ele, sem surpreender-se quando a frustração imediatamente cruzou a cara dele. Depois sua expressão clareou.

“Entre no caixão ou matarei Crabbyshaw”.

Os ombros de Rachel se afundaram derrotados ante aquela ameaça e admitiu, “Eu não acredito que eu possa...”

Foi o mais longe que ela chegou. Pudge a levantou e a atirou no caixão sem nenhuma cerimônia. Rachel não tinha certeza se fora pela irritação ou simplesmente porque ele era muito fraco para sustentá-la por muito tempo, mas aterrisou com força e foi deixada ofegando quando a dor adicional irradiou nela. Enquanto se encontrava incapacitada, Pudge fechou uma nova algema ao redor de seu tornozelo.

“A corrente é grande o bastante para que saia e se alimente da velha Crabbyshaw quando estiver faminta”, explicou ele. “Mas não grande o bastante para que possa escapar. Durma bem!”

A tampa se fechou.

Rachel ficou imediatamente cercada por uma escuridão asfíxiante. Ela esticou a mão fracamente e tocou o forro de cetim do caixão. O pânico tentou dominá-la. Ela sempre tivera um pouco de claustrofobia, mas nesse momento pareceu intensificar-se. Obrigando-se a respirar profundamente, Rachel deixou sua mão cair fracamente de volta para seu peito e tentou acalmar-se. Somente descansaria um pouco. Descansaria e se reagruparia, e quando ele se fosse embora, sairia e...

Seus pensamentos ficaram imprecisos nesse ponto. Sairia e o que? Seria capaz sequer de sair do caixão? Sem sangue, não era provável que recuperasse sua força. Ao invés disso ficaria cada vez mais fraca e... Meu Deus, onde Etienne estava? Por que não estava aqui tirando-a desta confusão? Ela lhe salvara o traseiro garantindo que ele fosse deixado em seu escritório onde havia sangue prontamente disponível; o mínimo que ele podia fazer agora era vir e lhe dar uma mão.

Respirar estava ficando difícil. Não parecia haver ar suficiente no caixão. Devia estar consumindo tudo que havia. Asfixiar-se-ia e morreria ali dentro.

Rachel forçou-se a acalmar-se, dizendo a ela mesma que era apenas a claustrofobia. Ela não morreria. Ninguém tinha mencionado a falta de ar como uma das maneiras que ela poderia morrer. Ela só precisava ficar calma e esperar. Etienne viria.

Etienne franziu a testa e olhou para a porta. Não tinha certeza, mas achava ter ouvido algo. Deixando a confusão de circuitos queimados com os quais tinha trabalhado durante o que pareciam ter sido horas, ele ficou de pé e se aproximou da porta para pressionar a orelha contra ela.

“Etienne”. O nome estava muito fraco através da porta, mal audível, entretanto pôde ouvi-lo. Tinham chegado. O alívio fluíu por ele mas rapidamente foi seguido pela confusão quando se perguntou por que seu irmão não tentara utilizar simplesmente a telepatia para falar com ele. No momento em que se perguntou isso, ele ficou ciente de vários pensamentos diferentes entrando em sua mente de uma vez e percebeu que provavelmente eles tinham tentado alcançá-lo mentalmente, mas ele tinha estado enrolado tentando consertar o computador e inconscientemente tinha fechado sua mente a pensamentos exteriores.

Etienne? Você está bem?

O que aconteceu?

Não podemos abrir a porta.

Os pensamentos alagaram sua mente todos de uma vez e apesar de serem um pouco confusos, ele percebeu que Bastien, Lucern, e sua mãe estavam do outro lado da porta.

Pudge destróçou o painel da porta. Ele devolveu o pensamento. Eu estou bem, mas ele levou Rachel. Vocês têm que abrir a porta.

Como? A palavra era clara, mas estava acompanhada por vários pensamentos desagradáveis a respeito do Pudge e preocupação por Rachel. Etienne analisou a pergunta brevemente. Se ele estivesse ali fora provavelmente conseguiria abrir a porta, mas o resto de sua família não era tão técnica. Ele provavelmente poderia lhes dar instruções se pudesse ver o painel e ver o que fora danificado, mas sem essa opção, o caminho mais rápido era –

Vocês vão precisar de um maçarico de acetileno. Terão que cortar o aço ao redor da fechadura. Ele esperou até ter certeza de que tinham entendido e que um deles tinha partido em busca do maçarico necessário, depois perguntou, Que horas são?

Pouco mais de seis, veio a resposta, e Etienne fechou os olhos. Não tinha certeza, mas calculava que Pudge tinha entrado à força mais ou menos ao meio dia.

Isso significava que fazia mais de seis horas que ele estava com Rachel. Deus, ele esperava que ela estivesse bem.

Foi a estrondosa música de rock que despertou Rachel. Ela abriu os olhos para ver a implacável escuridão. Sua respiração imediatamente ficou mais difícil, como se todo o ar no caixão tivesse saído. O pânico voltou a dominá-la. Desta vez isso trabalhou a seu favor; a corrente de adrenalina que o acompanhava lhe deu a força necessária para empurrar a tampa do caixão. Rachel estava tão fraca que só conseguiu levantá-la alguns centímetros; depois ela teve que deixar sua mão entre a tampa e o caixão para evitar que se fechasse. Fez uma careta ante a dor quando a tampa pressionou sua mão, mas valia a pena para ter o ar extra que ia entrando. Reunindo sua força, ela se levantou e empurrou a tampa para cima até poder ver o quarto.

A primeira coisa que viu foi a Sra. Craveshaw amarrada e apoiada contra a parede. A mulher estava acordada e olhava com os olhos arregalados para algo que se encontrava no fundo do quarto. Rachel tentou ver o que era, mas tudo o que pôde vislumbrar foi uma porta aberta. A posição do caixão não lhe permitia ver muito do outro quarto, apenas uma fresta. Não via o Pudge em lugar nenhum. Médio a rastros e médio atirando de si mesmo, Rachel começou a subir pelo bordo do ataúde. De repente recordou sua primeira manhã na casa do Etienne e a forma em que ele se sentou e saltado brandamente de seu ataúde. Desejou ter a força para fazer isso agora mesmo, mas se consideraria afortunada se era capaz de sair embora fosse arrastando-se. Era pura determinação o que a movia, suspeitava Rachel. Necessitava sangue. Tinha que sair dali.

Um grunhido escorregou de seus lábios quando Rachel conseguiu passar seu corpo sobre a beirada do caixão o suficiente para que a gravidade exercesse seu efeito fazendo-a cair ao chão. O estalo continuado e o som metálico da corrente amarrada a seu tornozelo pareceu incrivelmente alto apesar da música

que soava do outro quarto. Ela deu-se uma chance para recuperar o fôlego, esperando que em qualquer momento Pudge aparecesse e arruinasse sua fuga.

Rachel abriu os olhos e olhou para a Sra. Craveshaw. A mulher estava agora dividindo seu olhar arregalado entre Rachel e o outro canto do quarto. Rachel não sabia se a expressão do rosto da velhinha era de medo dela ou medo por ela, mas sabia que tinha que se mexer.

Sem levantar-se, Rachel se aproximou engatinhando à mulher, arrastando a corrente atrás dela. “Você está bem?”

A Sra. Craveshaw lhe dirigiu um sorriso trêmulo. “Sim, querida. Mas temo que Norman tenha ficado louco. Ele parece pensar que é um vampiro”.

Rachel seguiu o olhar dela até a porta bem a tempo de ver Pudge passar. A grande capa que tinha visto pendurado na parede agora formava ondas ao redor de seu corpo. Falsas presas brancas cintilavam em sua boca.

“Totalmente louco”, disse a Sra. Craveshaw com repugnância, quando Pudge parou e girou na direção que ele tinha vindo, levantando a ponta da capa até seu queixo com uma das mãos enquanto olhava maliciosamente para o que Rachel supôs que fosse um espelho que estava no quarto fora de sua visão.

“Quero chupar seu sangue, neném”, ela mal pôde ouvi-lo dizer por sobre a música, numa péssima imitação de Drácula.

“Sim”, Rachel concordou. “Totalmente louco”.

“Não podemos chamar a polícia. O que lhes diríamos?”

“Veja”, Etienne interrompeu seus irmãos, os quais tinham estado discutindo desde que lhe libertaram de seu escritório. Pareceu uma eternidade, mas só devia ter passado alguns minutos desde que lhe tinham libertado, mas cada minuto desperdiçado era demais para ele. Devia chegar até Rachel. “Vocês podem chamar ou não, como quiserem, mas eu estou indo à casa do Pudge. Deve tê-la levado para lá”.

“Você não vai sozinho”, disse Marguerite firmemente. “Nós todos vamos”.

“E a polícia?” insistiu Bastien. “Essa é a oportunidade perfeita para tirar Pudge de cima de você. Ele realmente seqüestrara Rachel. Eles lhe jogarão na cadeia”.

“Ocuparemos-nos do Pudge de uma forma ou de outra”, disse Etienne com determinação e começou a subir a escada.

“Você está com seu celular, Bastien”, Lucern apontou. “Pode chamar a polícia no caminho para lá. Pode ser uma denúncia anônima. Só teria que dizer que viu um cara forçar uma mulher a entrar em sua casa na mira de uma pistola”.

“Boa idéia”, concordou Bastien enquanto os seguia pela cozinha. “Qual é o endereço, Etienne?”

Etienne hesitou. Continuava vendo Rachel em sua imaginação, tentando parecer valente apesar de sua preocupação, enquanto uma linha de sangue borbulhava em sua garganta sob o fio da faca. Pela primeira vez desde que toda esta coisa sem sentido tinha começado, desejou matar a criatura patética que todos chamavam de Pudge.

“Etienne”. A voz de sua mãe foi firme, contendo uma advertência. Marguerite obviamente sabia o que ele estava pensando. Ele não passaria por ela, pois teria Lucern e Bastien impedindo-lhe “para seu próprio bem” até que soltasse a informação, e se xingou por não ter sido capaz de sair sozinho do escritório. Se tivesse sido, Pudge já estaria morto e Rachel a salvo.

Antes, matar Pudge para desfazer do problema lhe parecia extremo. Ele era um indivíduo tão patético, movido pelo ciúme e pela raiva. Etienne na verdade tinha pena do pequeno delator... Até agora. Agora desejava sinceramente lhe haver matado quando teve a oportunidade.

“Eu lhe darei o endereço no caminho. Quero chegar lá antes da polícia. Sua presença poderia ameaçar a segurança de Rachel. Quero estar ali para ter certeza de que ela está bem”, disse enquanto encabeçava o caminho à garagem.

Rachel lutou com a corda atada ao redor dos pulsos da Sra. Craveshaw, sua atenção distraída pelo idiota dando saltos no outro quarto. Ele continuava passando diante da porta, posando e dançando o que ela suspeitou que fosse a trilha sonora do filme Os Garotos Perdidos. Por sorte, ele estava muito ocupado exibindo suas presas e provando ser um vampiro realmente mau para notar que ela estava fora de seu caixão tentando libertar a sua vizinha.

Tentando. Rachel suspirou e voltou sua atenção às cordas. Ele as tinha atado realmente bem, e ela estava trabalhando com pouquíssima força. Ela apoiou-se contra a parede ao lado da mulher enquanto trabalhava. O vulto da velhinha a ajudava a manter-se fora da vista da porta, mas sua posição era também a única coisa que a mantinha direita. Ela estava ficando mais fraca a cada momento, achando mais e mais complicado pensar. Sua postura também a deixava tentadoramente perto da garganta da outra mulher, onde o suor brilhava como o brilho de um diamante. Rachel podia sentir sua ansiedade e medo, mas mais opressivo que tudo isso era o cheiro de seu sangue. Rachel lutava contra o instinto de mordê-la enquanto brigava com a corda, e parecia estar perdendo ambas as batalhas. As lágrimas alagaram seus olhos enquanto voltava a olhar o pescoço da mulher.

Só uma pequena dentada, uma mordidinha, sua mente tentava-a. Só o suficiente para ficar forte o bastante e desatá-la.

“Não”, ela disse com firmeza para ela mesma.

“Não, o que, querida?” perguntou a Sra. Craveshaw.

Rachel sacudiu a cabeça depois olhou a seu redor com desespero quando Muffin soltou um repentino latido. Aterrorizada porque o animal poderia atrair a atenção de Pudge, Rachel tentou calar o mascote. “Shhh,Muffin,bom cachorrinho”, ela cochichou.

O pequeno cachorro se sentou, mas seu olhar estava cravado na escada e sua cauda estava balançando com esperança. Rachel virou-se para olhar a escada e sentiu que seu coração lhe subia à garganta ao ver que Etienne descia por elas. Ele viera.

“Graças a Deus” gemeu Rachel e se afundou contra a parede. Ele chegou no momento certo. Um segundo a mais e poderia ter feito algo que nunca se perdoaria. E duvidava que a Sra. Craveshaw a perdoaria.

“Rachel”. Ela deixou que seus olhos se abrissem piscando quando ele deu um beijo em sua testa.

“Graças a Deus que você veio”, sussurrou e depois ficou quieta quando os lábios dele descenderam até pressionar os seus. Foi um beijo doce, quase reverente.

“Claro que vim. Eu me importo com você”.

Os olhos do Rachel se fecharam quando ele a beijou, mas agora se abriram novamente. Não era uma declaração de amor, mas era tão bom quanto. “Sério?”

Ele sorriu ante sua expressão e lhe apartou o cabelo da cara. "Como poderia não me importar? Você é bonita, valente, inteligente e teimosa como um demônio". Ele sorriu ante a forma em que os lábios dela se torceram e depois acrescentou, “E você gosta de meus jogos. Isso demonstra que tem bom gosto”. Voltou a beijá-la.

“A-ham”

Rachel e Etienne se separaram ante o som bastante alto que emitiu a Sra. Craveshaw para limpar a garganta. A mulher lhes deu um sorriso afligido. “Todos amamos a quem nos ama, queridos, mas há um tempo e um lugar para tudo, e este realmente não é nem o tempo nem...” Ela olhou em volta com o nariz enrugado. “Nem evidentemente o lugar”.

“Sinto muito, madame” Etienne lhe ofereceu um sorriso encantador.

“Eu estava tendo problemas para desamarrá-la”, informou Rachel.

“Está terrivelmente fraca, a pobre menina”, disse a Sra. Craveshaw ao Etienne enquanto ele começava a desamarrar suas cordas. “Não sei durante quanto tempo ele a manteve aqui, mas evidentemente a esteve privando de

comida. Porque não deixava de chamá-la de vampiro e tentava lhe fazer beber meu sangue e de Muffin. Norman obviamente perdeu a cabeça”.

“Norman?” Etienne parou surpreso. “Você quer dizer Pudge?”

“Pudge”. A mulher emitiu um estalo de repugnância. “Ele insiste que as pessoas lhe chamem assim. Sua mãe odiava esse apelido, Deus acolha sua pobre alma. Era uma mulher adorável, sabe. E uma boa vizinha também. Foi um dia triste quando morreu e Norman ficou vivendo aqui sozinho. Norma, sua mãe, o manteve na linha enquanto estava viva, mas eu soube que no momento em que ela se fosse ele se desencaminharia. Eu esperava que ele se mudasse, mas não, teve que ficar. Seu irmão não ficou muito contente e não lhe culpo. A casa deveria ter sido vendida e as lucros divididos entre eles, mas não venderia no estado em que Norman a mantém. Eu acho que ele a mantém assim de propósito, assim como seu irmão. Ele –”

“Er... senhora?” interrompeu Etienne. “Já está livre. Talvez pudesse ir chamar a polícia enquanto solto Rachel”.

“Oh, temo que nunca conseguirá sem a chave. Mas, sim, certamente, vou avisar à polícia”.

A mulher tinha permanecido atada durante tanto tempo que precisou de ajuda para levantar-se. Rachel observou enquanto Etienne a ajudava a ficar em pé e a apressava para o cachorro, a quem ela insistiu em levar. Ele a viu subir a escada e depois voltou rapidamente para junto de Rachel.

“Está muito mal?” perguntou uma vez que estava ajoelhado a seu lado. “Noto que sente dor. Voltou a te machucar?”

Rachel afirmou com a cabeça. “Foi um acidente. O arco e flecha dispararam quando ele golpeou à Sra. Craveshaw na cabeça com ele, e a estaca me acertou no peito”.

Um xingamento se deslizou dos lábios de Etienne enquanto tirava uma bolsa de sangue de sua camisa. “Estará quente e não será suficiente, mas ao menos deverá aliviar um pouco a dor”.

Ela não se importou se era sangue cheio de bactéria; ela levou a bolsa aos lábios e fechou de repente seus dentes nela. O líquido se esgotou tão rapidamente que Rachel mal pôde acreditar que o ingerira. Ela se sentiu um pouco melhor, mas foi apenas um leve alívio da dor e talvez um pouco mais de força. Ao menos já não se sentia como se não fosse sobreviver se não mordesse alguém imediatamente.

Rachel chupou as últimas gotas que restaram na bolsa, dobrou-a e a meteu no bolso enquanto Etienne rompia a algema que rodeava seu tornozelo. Ele o fez com tanta facilidade como se fosse feita de papel. Ele estava novamente com toda a sua força graças ao sangue de sua geladeira.

“Como saiu do escritório?” ela perguntou enquanto ele a ajudava a ficar de pé.

“Minha mãe, Lucern e Bastien” respondeu ele. “Tiveram que furar a porta com um maçarico de acetileno. Eles estão nos esperando na van”, ele acrescentou. “Me custou um pouco lhes convencer a esperar. Tive que prometer que não o mataria”.

Etienne a apertou contra seu peito quando ela cambaleou. A preocupação se refletiu no rosto dele, mas não ocultou a fúria que irradiava de seus olhos, e ela pensou que seria uma boa idéia lhe tirar dali antes que Pudge notasse sua presença e ocorresse o inevitável confronto. Promessa ou não, ela não confiava que ele não mataria o cara – ou acabar morto tentando.

“Há mais sangue na van de Bastien. Vou te levarei até lá, depois voltarei e me ocuparei do Pudge”.

“Não. Deixa que a polícia se ocupe dele, Etienne”, ela disse com insistência.

“Eu tenho que –”

“Merda!”

Rachel e Etienne viraram para o outro lado do quarto. Pudge estava congelado na entrada, choque em seu rosto enquanto olhava fixamente para Etienne e Rachel.

Etienne avançou imediatamente para ele, mas Rachel se pendurou em seu braço com desespero tentando lhe conter. Ou talvez tão somente quisesse lhe recordar sua presença. Fosse como fosse, ele parou e olhou para ela, depois a empurrou colocando-a atrás dele e virou para encarar Pudge. Mas já não havia nenhum Pudge para encarar. Enquanto Rachel lhe distraía, o outro homem tinha desaparecido.

“Onde demon –” começou Etienne, depois parou e se esticou um pouco mais. Ele empurrou-a para a escada, bloqueando o corpo dela com o seu quando Pudge reapareceu, com o arco e flecha nas mãos. Estava carregado com uma nova estaca e apontava diretamente para o coração de Etienne.

CAPÍTULO 16

“Ele está demorando muito”.

Bastien se moveu atrás do volante da van e observou o rosto de sua mãe através do espelho retrovisor. Sua expressão refletia a preocupação e a inquietação que se notavam em sua voz, a mesma preocupação e inquietação que ele mesmo estava sofrendo. Bastien tinha sido mais bastante resistente a permitir que seu irmão mais novo entrasse sozinho na casa de Norman “Pudge” Renberger. Etienne estivera tão frio e furioso que temia o que ele poderia fazer. Mas isso era problema do Etienne. Era sua mulher e sua batalha e, ao final, Bastien tinha decidido deixá-lo cuidar disso... A menos que provasse que não era capaz disso.

“Não passou tanto tempo assim”, disse Lucern de seu lugar no banco do carona. “Não esqueçam que ele tem que – O que é isso?”

Bastien voltou o olhar para a casa a tempo de ver uma mulher mais velha sair correndo. Pequena, de cabelo cinza e aspecto angélico, levava um pequeno pacote peludo entre seus braços. Observaram-na em silêncio enquanto corria através do pátio dirigindo-se à casa vizinha.

“Isso não parece bom”, disse Marguerite em voz alta o pensamento que todos compartilhavam. Eles esperavam que Pudge tivesse Rachel ali mas nem sequer lhes tinha ocorrido que pudesse haver mais alguém na casa. Agora não sabiam o que pensar. O que aquela mulher estava fazendo ali? Ela tinha visto Etienne? Ou Rachel? Tinha saído fugindo como se todos os demônios do inferno estivesse atrás dela.

“Talvez vocês dois devessem ir ver se Etienne precisa de ajuda”. A mãe deles soou ansiosa.

Bastien trocou outro olhar com Lucern, lendo a incerteza na mente de seu irmão. Nenhum deles estava seguro de que devessem interferir. Etienne não lhes agradecerá se ele tivesse tudo sob controle. O cara mais novo não dissera, mas era óbvio que para ele era importante encontrar e resgatar Rachel, sem mencionar encarregar-se do homem que tinha feito de sua vida semelhante inferno.

“Por que não lhe damos mais alguns minutos?” sugeriu Lucern finalmente e Bastien concordou. Ficaram em silêncio e desviaram sua atenção novamente à casa. Foi uma curta e tensa espera. Os três se endireitaram em seus assentos e trocaram olhares de preocupação quando escutaram o alto som de uma sirene à distância. Permaneceram onde estavam enquanto se aproximava. Essa era uma grande cidade; o carro tanto podia ser da polícia como dos bombeiros, e podia dirigir-se a qualquer outro lugar.

Entretanto, Bastien e Lucern puseram a mão na maçaneta de suas portas, quando um carro de polícia desceu a rua onde eles estavam esperando.

“Esperem”, exclamou Marguerite, fazendo-os parar. Os dois irmãos permaneceram onde estavam, mas baixaram os vidros enquanto o carro patrulha parava na entrada da garagem da casa vizinha a do Pudge – a mesma em que a mulher de antes acabara de entrar. Então ela saiu, apertando ainda algo pequeno e peludo contra seu peito enquanto corria para o carro. Havia dois policiais no veículo, um baixo e louro, o outro alto e moreno. O policial de cabelos escuros era o mais próximo e foi para ele que a mulher correu quando ele saiu detrás do volante e fechou a porta com uma batida.

“Ele ficou louco!” gritou. “Ele acha que é um vampiro! Ele queria comer o meu Muffin!”

“Espero encarecidamente que seu Muffin seja a bola de pelo que leva entre os braços”, disse Lucern com um humor seco que provocou a risada do Bastien e dissipou um pouco a tensão de que estivera padecendo.

“Quem ficou louco, senhora?” Escutaram o oficial louro perguntar enquanto rodeava o carro para unir-se ao casal.

“Norman. Meu vizinho”. Ela apontou para a casa em que Etienne tinha desaparecido. “Ele está com uma pobre mulher presa ali. Acredito que é a garota dos noticiários, essa empregada do hospital que está há algumas semanas desaparecida. Está pálida e não parece estar bem. Está claro que ele a está matando de fome. Tentou obrigá-la a comer meu cachorro”.

“Seu cachorro?” perguntou o oficial moreno com repugnância.

“Meu Muffin”. Ela levantou seus braços ligeiramente e depois mimou bola de pelo que ela segurava.

“Isso foi antes ou depois que ele mesmo tentasse comer seu Muffin?” perguntou o louro com uma ponta de diversão que fez Bastien franzir a testa. Era evidente que ao menos um deles acreditava que a mulher estava louca. Aparentemente, Bastien não foi o único que se deu conta. A mulher cerrou os olhos olhando o oficial como uma professora da primeira série que tivesse localizado um menino alvoroçando sua aula.

“Não brinque comigo, juvenzinho. Não sou nenhuma velha louca. Agora mesmo há duas pessoas em perigo dentro dessa casa”.

“Duas?” perguntou o segundo homem.

“Sim. Essa bonita ruiva dos noticiários e um lindo jovem que entrou e libertou o Muffin e a mim, e me disse que lhes chamasse”.

Os oficiais olharam para a casa de Renberger, e logo voltaram a olhá-la.

“Por que não saíram com você?” perguntou o louro.

“Eu estava só amarrada com uma corda. Ele foi capaz de me soltar, mas a garota estava encadeada a um caixão”.

“Caixão?”

“Eu disse, ele acha que é um vampiro”, explicou ela com exasperação. “Está louco! Agora deixem de perder tempo aqui fora. Vão ajudar a esse jovem a resgatar à garota. Esse é seu trabalho”.

Como os dois oficiais continuavam duvidando, obviamente inseguros do que fazer com suas furiosas reclamações, ela bufou com desgosto e se virou para a casa. “Muito bem. Eu irei procurar a esse jovem e lhe farei sair... se ainda não foi descoberto e assassinado por esse horrível Norman”.

Já tinha saído de seu jardim e estava cruzando o do Norman antes que os oficiais despertassem de seu estado de congelamento e corressem atrás dela. A pequena mulher realmente podia mexer-se quando queria. Ela passou pela varanda e entrou na casa antes que pudessem alcançá-la.

“Me transforme”.

Rachel mexeu-se um pouco para um lado para olhar Pudge por cima do ombro de Etienne. Depois do tenso silêncio transcorrido desde seu reaparecimento com o arco e flecha, essas não eram as palavras que ela esperava ouvir.

“Vamos”, choramingou Pudge quando ambos, Etienne e Rachel, olharam-lhe inexpressivamente. “Por que vocês deveriam ter toda a diversão? Me transforme. Por favor?”

Etienne olhou para Rachel, parecendo lhe perguntar se o pedido de Pudge era real.

“Me transforme e te darei descanso”, prometeu Pudge.

“Descanso?” repetiu Etienne com surpresa.

“Os vampiros sempre querem descansar”, anunciou Norman solenemente e depois franziu a testa. “Bom, na maior parte das vezes querem. Uma vez que lhes cravam a estaca aparentam estar em paz nos filmes. Algumas vezes eles agradecem quem crava a estaca. Exceto Drácula. Não acredito que ele deseje a paz, embora esteja vivo para sempre”. Ele olhou para Etienne com curiosidade. “Você conhece o Drac?”

“Pudge, você entende a diferença entre ficção e realidade?” perguntou Etienne.

“É obvio que sim”, respondeu carrancudo. Depois acrescentou impacientemente, “Apenas me transforme e eu o colocarei para descansar”.

Etienne deixou escapar uma curta risada. “Você sequer pensou no que está me sugerindo? Está me pedindo que te dê a vida eterna... e em troca acabaria com a minha? Alôôôô. Você deseja uma vida eterna. O que te faz pensar que eu não desejo?”

“Oh, por favor. Você já deve estar cansado. Quantos anos você tem? Quinhentos, seiscentos?” estimou. “Você tem que ser muito velho. Investiguei o sobrenome Argeneau e se remonta há muito tempo. Existe uma referência a um Lucern Argeneau na Idade Média, e esse é seu irmão, certo? E também havia uma Lady Marguerite casada com um tal Claude. E sei que esses são sua mamãe e seu papai”.

Rachel captou a expressão de assombro de Etienne. Aparentemente, não lhe tinha ocorrido que Pudge pudesse investigar. Era óbvio que não se preocupou por esse fato ou pela possibilidade de que sua família também pudesse estar na mira. Ela sacudiu a cabeça com desgosto. A desgraça cairia sobre o idiota por colocar à família do Etienne no assunto.

Ele era alguém afável e tranquilo a maior parte do tempo, mas também possuía uma natureza protetora e esse lado começava a se destacar. Seu rosto normalmente sorridente se transformou em uma fria e dura máscara.

Etienne se moveu tão rapidamente que cruzou o quarto e agarrou Pudge pelo pescoço num piscar de olhos – tão rápido quanto para que Pudge pudesse lhe deter com seu arco e flecha. Este disparou quando o deixou cair, mas a estaca atingiu inofensivamente a parede. Rachel notou que Pudge tentava chegar ao bolso da frente de seu jeans preto, mas não compreendeu por que até que tirou um controle remoto e apertou vários botões. A luz explodiu imediatamente no quarto enquanto um zumbido enchia o ar.

Rachel ofegou com as lâmpadas de bronzamento artificial derramando iluminação sobre ela, depois sua cabeça girou para um lado quando a causa do chiado foi explicada ao deslizar uma grande cruz de um côncavo na parede balançando-se pelo quarto como se fosse um pêndulo. Seu olhar voltou para Etienne e notou que ele também se assustou por causa da repentina explosão de luz e pareceu que ele também estava ofegando. Mas ele não tinha visto a cruz de 1,80m que caía sobre ele.

Rachel gritou para lhe avisar, mas foi muito tarde, apenas fazendo com que ele se virasse na direção do enorme objeto a tempo para sofrer um forte golpe frontal. Ela gritou de novo quando ele caiu para trás e se chocou contra a parede. Ela começou a correr até ele, mas trocou de direção e correu para o Pudge quando notou o que ele estava prestes a fazer agora. Quando Etienne fora nocauteado, Pudge inclinara-se para recuperar seu arco e flecha. Tirou uma estaca nova de seu bolso.

Apesar de sua velocidade, Pudge já tinha a arma carregada quando ela lhe alcançou. Ele estava de costas para ela assim não a viu chegar, e ela tirou vantagem desse fato e saltou sobre suas costas. Ele se endireitou com um grito e tentou tirar-lhe de cima, mas Rachel segurou como um macaco enquanto uma raiva animal a atravessava. Com um braço ao redor do braço dele e sobre seu peito, passou o outro ao redor de seu pescoço e agarrou sua mandíbula. Rachel nem sequer raciocinava quando girou a cabeça dele para os lados. Era puro instinto animal que a fazia atuar assim, e inclinar sua própria cabeça para o pescoço dele com a total intenção de morder o pequeno delator e lhe deixar seco.

“Parados!”

Rachel escutou o grito e rapidamente afastou a boca do pescoço do Pudge sem ter chegado a lhe morder. Jogou a cabeça para trás enquanto Pudge fazia movimentos circulares no ar na direção das escadas, agitando o arco e flecha de maneira selvagem. Os olhos dela se arregalaram assombrados ante a vista de dois policiais uniformizados de pé junto à base das escadas, com as armas desencapadas e apontadas em sua direção. Então o arco e fleche disparou.

“Oh”, ofegou Rachel enquanto os policiais saltavam tentando afastar-se da trajetória do veloz projétil. Escutou-se um xingamento, seguido de um baque quando o policial louro fora atingido. Primeiro ela achou que o cara tinha sido atingido no braço, mas quando ele começou puxar a estaca, viu que ela tinha errado a carne e o osso e apenas atravessara sua manga, a qual agora estava fixada à parede.

Rachel ainda estava olhando ao homem relutante quando Etienne se moveu de repente. Estava ao seu lado, afastando-a das costas do Pudge e colocando-a fora da linha de fogo antes mesmo que ela sequer pensasse na necessidade de mover-se. Mas os policiais não atiraram de volta. O moreno manteve sua pistola apontada para Pudge, mas seu olhar se voltou para o loiro que lutava para liberar-se. Isso deu ao Pudge a oportunidade de pegar outra estaca de seu bolso traseiro e recarregar sua arma.

Pudge acabara de encaixar a estaca em seu lugar e virou-se para apontar para Rachel e Etienne quando o policial que estava preso conseguiu liberar sua manga. Os dois homens se afastaram vários centímetros, os dois apontando suas armas para Pudge.

“Largue-a! Largue a arma, amigo! Largue-a!” gritou o loiro. Parecia bastante zangado. Talvez de saco cheio fosse uma expressão melhor, pensou Rachel, enquanto Etienne a colocava detrás dele e permanecia de pé como uma parede de tijolo entre ela e a estaca que Pudge apontava em sua direção.

Ela apreciava a óbvia preocupação em seus gestos, mas isso a impedia de poder ver o que estava acontecendo. Rachel acabou tendo que curvar-se e virar para poder ver através dele. Quase sentiu pena quando viu a reação do Pudge ao ver-se como o alvo da fúria dos policiais. Ele estava olhando fixamente para eles

com crescente horror, seus olhos totalmente abertos e boquiaberto. Ele obviamente não tinha esperado isto.

“Vamos, amigo. Largue a arma”, sugeriu o moreno em um tom bajulador. “Não queremos ter que atirar em você... mas o faremos”.

“Em mim?” Ele olhou aos homens com surpresa. “Atirar em mim? Eu sou o cara bom aqui. Sou como Vão Helsing! É a eles que vocês querem! Eles são os vampiros!”

Rachel captou o olhar que os dois policiais trocaram e soube que tudo ia sair bem. Não estavam prestando atenção ao que parecia não ter sentido para eles. Entretanto, ela não podia evitar pensar que se tivessem entrado um minuto mais tarde e ela tivesse afundado seus dentes no pescoço do Pudge como pretendia, toda a situação teria sido completamente diferente.

Um olhar para Etienne a fez suspeitar que ele estava pensando o mesmo.

“De verdade!” Pudge chiava como um porco. “São vampiros! Os dois!”

Os policiais olharam em direção a Rachel e Etienne por puro reflexo. Depois começaram a afastar o olhar, mas o que tinha estado preso contra a parede parou e voltou a lhes olhar. Rachel se esticou ao notar o reconhecimento na cara do loiro.

“Doutora Garret? Doutora Rachel Garret?” perguntou o policial. “É você”.

Rachel afirmou cautelosamente com a cabeça mas não teve oportunidade de dizer nada. Pudge saltou, sua voz excitada.

“Sim. É ela. Estava trabalhando no necrotério na noite que fui acabar com ele”. Ele balançou o arco e flecha de forma selvagem na direção de Etienne, fazendo Rachel estremecer. Já tinha disparado acidentalmente uma vez e facilmente poderia disparar novamente. “Ela pulou em meu caminho quando estava a ponto de lhe cortar a cabeça e eu a atingi com o machado por engano. Atingi-lhe no peito. Deveria estar morta, mas ele a transformou. Agora os dois são vampiros” explicou ele, soando como se estivesse completamente louco. “Os dois são sanguessugas sem alma, condenados a vagar na noite para sempre”.

Rachel mordeu o lábio, quase envergonhada pelo homem. Tudo o que havia dito era verdade, claro. Bem, exceto a parte das almas. Mas na verdade, onde estava seu senso comum? Certamente ele devia se dar conta de que ninguém acreditaria. Não se surpreendeu quando os dois policiais começaram a aproximar-se do Pudge movendo-se de uma forma bastante cautelosa.

“Ok, amigo”, disse o policial moreno. “Entendemos. Eles são vampiros e você é o cara bom. Mas agora já estamos aqui. Está a salvo. Assim largue a arma e levante as mãos, hã?”

Pudge franziu a testa, seu olhar mudando de sua arma, para a polícia e para Rachel e Etienne. “Mas e eles? Vocês deviam estar apontando as armas para eles”, disse finalmente.

“Bom, agora”, disse o loiro, arrastando as palavras, “as pistolas não funcionam com os vampiros, funcionam? Mas estou seguro de que se entregarão pacificamente”. Olhou para o Rachel e Etienne. “Não vão?”

Os dois afirmaram com a cabeça.

“Viu?” disse o primeiro policial com suavidade. “Eles sabem que foram pegos. Agora você só tem que nos dar sua arma, amigo”.

Como Pudge hesitou, o segundo policial acrescentou, “Não viemos preparados para uma chamada como esta. Você sabe, os vampiros não são muitos nestes dias. Não estamos adequadamente armados. Por que não nos dá sua arma para que possamos lhes pôr sob custódia?”

“Oh, sim. Sim”. Pudge pareceu aliviado. “Vocês também deveriam estar armados”. Ele começou a mover-se de lado aproximando-se do policial mais próximo, assegurando-se de manter o arco e flecha apontado para Rachel e Etienne. “Tenho mais armas lá atrás. Podem manter esta apontada para eles enquanto vou pegar mais. Eu tenho água benta, cruzeiros, e mais estacas. Vou pegá-las enquanto vocês vigiam-nos”.

“Bem pensado”, disse o loiro com tom afável, baixando sua arma um pouco e elevando sua mão livre para pegar o arco e flecha.

“Não deixe de apontar para eles”, advertiu Pudge enquanto a entregava. “São super rápidos, já sabe. E super fortes. Eu – Ei!”

No momento em que a arma trocou de mãos, o policial jogou o arco e flecha de lado e levantou a pistola apontando para Pudge. Ignorando sua expressão dolorida, o policial gesticulou com ela. “Contra a parede. Vamos, contra a parede e separa as pernas”.

“Mas...” o protesto de Pudge foi interrompido quando o segundo policial correu para frente e lhe agarrou pelo braço.

“Separa as pernas”, vociferou o policial moreno, todo rastro de afabilidade tinha desaparecido. O loiro manteve a pistola apontada para Pudge enquanto seu companheiro desembainhava a sua e o revistava. O maníaco tinha outro par de estacas no bolso traseiro de seu jeans que o policial tirou.

Rachel e Etienne observaram em silêncio enquanto um Pudge protestante era algemado e conduzido às escadas. Ele ainda estava balbuciando sobre eles serem vampiros sem alma e ele ser o herói nesse caso e que eles estavam cometendo um erro enorme.

“Bom”, disse o policial loiro enquanto seu companheiro desaparecia escada acima com Pudge. Então virou para olhar Rachel e Etienne, com sua atenção concentrada em Rachel. “Suponho que aqui é onde esteve desde que desapareceu do trabalho há uma semana”.

Rachel olhou para Etienne enquanto sentia-o tenso a seu lado. Sabia o que ele desejava que dissesse. Ele e toda sua família queriam que ela afirmasse que Pudge a havia trazido aqui aquela noite há uma semana. Entretanto não era verdade, e ela era uma péssima mentirosa. Ela hesitou brevemente, considerando suas opções. O homem a tinha seqüestrado. Certamente ela não tinha vindo da casa do Etienne de por vontade própria. Por outro lado, não podia explicar onde tinha estado na última semana sem que houvesse perguntas que seriam difíceis de responder. Rachel decidiu ser sincera, mas cautelosa.

“Pudge me seqüestrou, trouxe-me aqui e me manteve prisioneira contra minha vontade” admitiu solenemente, e notou como Etienne relaxava ao seu lado. Ela quase virou para lhe perguntar por que ele estava relaxando; ainda não estavam a salvo de problemas. Mas se conteve enquanto o oficial afirmava com a cabeça.

“Como ele a trouxe aqui, senhora?”

Rachel hesitou, depois disse, “Ele chegou ao necrotério vestindo um trench coat⁹ em cima de um traje militar. Levava um rifle e um machado sob o trench coat e estava gritando algo a respeito de vampiros e coisas parecidas e...” Ela hesitou e olhou para Etienne de novo. Ele parecia estar prendendo a respiração. Engolindo, ela virou de novo e disse, “Receio que minha memória esteja um pouco imprecisa depois disso. A próxima coisa que posso lhe contar é que despertei hoje aqui acorrentada à parede. Ele continuava divagando sobre vampiros e gênios da computação, e parecia estar obcecado com o jogo de Etienne”.

“Jogo?” O policial olhou-lhes confuso.

“Etienne é o criador de Luxúria de Sangue”, explicou Rachel. “É um jogo de vídeo game de vampiros”.

“Oh”, disse o homem, embora ainda parecia estar perdido. “Ok, ele estava obcecado com seu jogo”, ele disse olhando para Etienne e depois voltou o olhar para Rachel. “Mas nesse caso, por que seqüestrou você e não ele?”

“Porque ela é minha namorada”, disse Etienne com calma.

Rachel acrescentou, “É bastante confuso. A metade do tempo ele acreditava que eu era um vampiro e Etienne outro, depois pensava que ele era um ou queria sê-lo. O indivíduo parece estar bastante louco”.

⁹ É um casaco de chuva com tamanho na altura do joelho ou um pouco maior:
<http://i35.tinypic.com/359iwep.jpg>

“Sim. Parece mesmo”, disse o loiro secamente e sacudiu a cabeça. Depois disse para ela, “Todo policial da cidade está procurando por você, senhora. E por ele”. Ele gesticulou na direção da escada que agora estava vazia. “A garota que iria substituir seu ajudante chegou enquanto esse cara invadia o necrotério do hospital. Ela saiu para procurar a segurança, mas eles estavam ocupados com outra questão naquele momento e chegaram tarde ao seu escritório. A sala estava vazia quando chegaram, e presumiram que o sujeito a tinha levado”. Ele sacudiu a cabeça. “Ela fez um ótimo trabalho descrevendo-o. Confeccionaram um retrato falado e o colocaram nos noticiários da televisão. Não entendo como ninguém o reconheceu. Ele é exatamente como na foto”.

Rachel afirmou com a cabeça, mas se manteve em silêncio, com medo de provocar mais perguntas por parte do homem. Felizmente, ele desviou sua atenção para Etienne para perguntar, “E como você acabou aqui hoje, senhor? A vizinha disse que você entrou e a libertou, mas não parecia saber quem era você”.

Etienne hesitou, depois disse, “Estava muito preocupado com Rachel desde que ela desapareceu. Reconheci Pu – este cara enquanto esperava em um semáforo. Ele dirigia uma van. Eu o reconheci pelas fotos nos noticiários e lhe segui até aqui”, ele mentiu tranqüilamente.

Etienne era muito bom mentindo, notou Rachel com interesse. Supôs que não deveria surpreender-se. Ele tivera mais de trezentos anos para aperfeiçoar sua técnica.

“Você deveria ter chamado à polícia imediatamente”, comentou o oficial com desaprovação.

“Era o que eu pretendia fazer”, assegurou-lhe Etienne solenemente. “Mas queria olhar o cara mais de perto. Não queria provocar um alarme falso. Quando estacionei ele tinha saído de sua van e tinha entrado na casa. Olhei em algumas janelas, esperando poder lhe ver melhor, mas ele deve ter descido as escadas. Dei a volta na casa e encontrei essa janela-”

Rachel seguiu seu gesto e se deu conta um pouco surpresa de que havia mesmo janelas no porão. Ela não as tinha visto antes, mas estavam tampadas para não deixar a luz do sol entrar. Supôs que um dos botões que Pudge apertara as tinha destampado assim como acendera os abajures. Ela perguntou-se o que Pudge tinha pensado ante o fato de que eles não queimaram no momento em que as luzes dos abajures e a luz do sol lhes atingiram, como sem dúvida ele esperava.

“Quando olhei e vi Rachel acorrentada aqui embaixo, tudo o que pude pensar foi chegar até ela. Toda idéia de lhes chamar se apagou de minha mente. Vi o caixão e a velha dama. Sem mencionar o cara dançando por aí com uma capa e uns dentes falsos”. Etienne sacudiu a cabeça. Era óbvio que estava louco e me deu medo deixar as mulheres sozinhas. Assim quando descobri que a porta traseira estava aberta, entrei e vim até aqui para libertá-las”.

“Bom, suponho que posso entender sua preocupação, mas verdadeiramente deveria nos ter chamado”, grunhiu o oficial. “A velhinha nos disse que ela estava atada, mas que a senhorita Garret estava acorrentada e você sozinho não poderia soltá-la. Como-?”

A pergunta morreu na metade e o oficial aparentou confusão durante um momento. Quando falou de novo, sua voz soava como a de um robô. “Bom, já chega de perguntas por agora, eu acho. Vocês já tiveram o suficiente. Deveríamos sair daqui”.

Rachel arqueou uma sobrancelha para Etienne. Era bastante útil ser capaz de controlar as mentes das pessoas. Realmente tinha que aprender essa habilidade, decidiu.

“Depois de vocês”. O sorriso do Etienne não tinha nada de arrependimento enquanto gesticulava para ela para que liderasse o caminho escada acima. Evidentemente não sentia vergonha alguma por usar suas habilidades tão desavergonhadamente. E francamente, não podia lhe culpar. Estava exausta e faminta. As luzes dos abajures, além de sua fome inicial, estavam fazendo que seu corpo tivesse câibras de necessidade. Retornar a sua casa e tomar sangue era a única coisa que tinha em sua mente nesse momento.

Rachel conseguiu subir sozinha as escadas, embora devagar e cansativamente. Para quando saíram da casa estava balançando-se ligeiramente sobre seus pés, e Etienne apoiou sua mão sobre ela para estabilizá-la enquanto cruzavam a grama.

“Temos que chamar uma ambulância para levá-la ao hospital, senhorita Garret. Parece em muito má forma”. Disse o oficial, notando sua debilidade e palidez. “Ele lhe deu algo de comer desde que a seqüestrou?”

“Não”, respondeu Rachel, agradecida de poder ser sincera.

“Eu a levarei a hospital”, anunciou Etienne, e o tom hipnótico de sua voz disse à Rachel que estava introduzindo-se outra vez na mente do oficial. Provavelmente estava plantando a sugestão de que a melhor opção era que ele a levasse a hospital, pensou.

“Tudo bem, senhor”, concordou o oficial. “Meu parceiro já deve ter chamado os reforços para levarem a nosso amigo ali”. Assinalou para o veículo onde se encontrava Pudge, ainda tentando convencer veementemente ao oficial moreno de que Etienne e Rachel eram maus, enquanto que ele estava tratando de salvar o mundo de suas desalmadas personalidades.

“Encontraremos-nos com vocês no hospital. Se o doutor disser que está você bem, deverão ir à delegacia de polícia para prestar depoimento”.

“Tudo bem”, concordou Etienne, como se tivesse sido ele quem falou. O que, supôs ela, certamente tinha sido. Provavelmente ele poderia apagar da mente deles qualquer lembrança de sua presença se quisesse, mas tudo estava saindo em seu

próprio proveito. Pudge já não ia ser uma ameaça para ele nem para ninguém de seu clã.

Incluindo a ela. O pensamento atravessou a mente de Rachel, e reconheceu de imediato que não era um pensamento dela. Deslizou seu olhar para a van estacionada na rua enquanto Etienne terminava de falar com o oficial e tomava seu braço para conduzi-la para o veículo. Reconheceu os irmãos dele sentados nos bancos da frente mas tinha certeza de que nenhum deles era o dono da voz que tinha ouvido em sua cabeça. Fora uma mulher que tinha enviado esse pensamento. Rachel não se surpreendeu quando Etienne abriu a porta para revelar Marguerite sentada no banco traseiro.

“Entre, querida. Parece terrivelmente desidratada. Etienne, pegue um pouco de sangue na parte de trás para a pobre garota”, ordenou a matriarca Argeneau. “Ela está sofrendo uma terrível dor”.

Etienne ajudou Rachel a entrar na van, depois subiu atrás dela e fechou a porta antes de arrastar-se na parte traseira para pegar várias bolsas de sangue de uma geladeira médica.

“Como você está?” perguntou Bastien ansioso enquanto Etienne sentava-se junto a ela, apertando-a como um sanduíche entre ele e sua mãe.

“Estou bem”, murmurou Rachel enquanto aceitava a primeira bolsa de sangue. Estava tão faminta que não se importou com a história dos canudos, mas apenas se limitou a abrir a boca e perfurar a bolsa com os dentes deixando que eles fizessem o trabalho.

“Terá que nos contar o que aconteceu. Não esqueça nenhum detalhe”, disse Lucern de seu assento.

Rachel olhou para o cara, com a bolsa ainda fixada a seus dentes, enquanto ele tirava uma pequena caderneta e uma caneta de seu bolso. Evidentemente tinha intenção de tomar notas, e ela se deu conta de que ele tinha feito isso das outras vezes que estivera na casa de Etienne. Quando ela perguntara a Etienne o que seu irmão estava fazendo, ele murmurara algo a respeito de que Lucern era um scribbler¹⁰, o que quer que isso significasse.

“Mais tarde, Lucern”, disse Marguerite brandamente. “Deixe a pobre garota se recuperar um pouco antes de bombardeá-la com perguntas”.

“Devo supor que vamos ao hospital?” Perguntou Bastien, virando em seu assento para ligar o motor.

“Dirija devagar, Bastien. Rachel necessita de muito sangue e tempo para consumi-lo”, disse Marguerite como forma de resposta. “Terá que entrar no hospital para ajudar Etienne. Todos teremos. Pelo fato de que é ali que ela

¹⁰ Um escritor, especialmente um que não é considerado muito bom.

trabalha e que se transformou em notícia de primeira página, vai atrair muitíssima atenção. Etienne necessitará de toda a ajuda que possa conseguir”.

“Ajuda com o que?” Perguntou Rachel enquanto apartava a bolsa agora vazia de seus dentes e aceitava a outra que Etienne lhe estendia.

“Eles vão querer te examinar”, explicou Etienne.

“E nós simplesmente não podemos permiti-lo, querida”, apontou Marguerite. “Bastien, Lucern e eu entraremos para nos assegurar de que os doutores e as enfermeiras creiam que lhe examinaram e lhe encontraram desidratada e desnutrida, tal como deveria estar depois de ter sido seqüestrada e mal alimentada. Cuidaremos para estar seguros de que tudo sairá como planejado”.

Rachel assentiu, permitindo que seus dentes sugassem o sangue que seu corpo necessitava tão desesperadamente. Estava esgotada o bastante para lhes deixar lidar com o assunto da forma que acreditassem melhor. Rachel inclusive começava a pensar que deveria ter lhes ouvido quanto ao assunto do Pudge e ter concordado em mentir sobre ele, sendo ruim nisso ou não. Todos tinham vivido durante um tempo assombrosamente comprido. Sem dúvida a sabedoria que tinham adquirido ao longo dos séculos era monstruosa. O mero pensamento do que poderia ter acontecido com a vizinha de Pudge, sem mencionar ao Etienne e a si mesmo, por sua insistência em dizer a verdade era assustadora. Possivelmente havia ocasiões em que a honestidade não era a melhor opção, e uma pequena mentira podia evitar uma má situação.

“Você aprenderá”, disse Marguerite em voz baixa, obviamente lendo seus pensamentos. “O tempo não é o grande professor. A experiência é. Um homem pode viver uma vida inteira, mas se nunca sair de sua casa para experimentar essa vida, morrerá sem saber nada. Um simples menino que tenha sofrido e vivido pode ser o mais sábio dos dois”.

CAPÍTULO 17

“Estou dizendo que eles são vampiros!”

A voz do Pudge começava a soar mais como se estivesse choramingando do que firme, pensou Rachel, enquanto lhe observava deslizar seus dedos pelo cabelo gordurento e puxar as pontas com frustração. Na verdade não podia lhe culpar. Fazia horas que lhe interrogavam. Pelo visto lhe trouxeram diretamente à delegacia de polícia, ficharam-lhe, e o meteram na pequena sala quadrada onde agora lhe estavam interrogando. E o estavam mantendo ali desde que haviam lhe trazido.

Rachel e os Argeneau perderam as duas primeiras horas de interrogatório. Esse tempo foi o que demoraram para passar pela emergência e sair do hospital. Apesar de ser empregada do hospital – sem mencionar uma espécie de celebridade, graças ao fato de ter sido “seqüestrada” no trabalho – se viram obrigados a esperar um bom momento até que um médico a atendeu. Quando Rachel perguntou por que não se limitaram a fazer seu truque com as enfermeiras para que os colocasse à frente na fila, Marguerite pareceu surpreender-se ante a mera idéia. Seu caso não é urgente, tinha respondido, e podemos suportar a espera.

Rachel sentira um pouco de vergonha por não ter pensado nisso ela mesma, mas Marguerite tinha entrado imediatamente em sua mente para tranquilizá-la com as palavras que ela “aprenderia”. Francamente, Rachel estava impaciente por aprender. Maravilhou-se com a família quando a acompanharam a todas partes evitando que alguém fizesse perguntas. Definitivamente ter a capacidade de controlar os pensamentos e as mentes daqueles que lhe rodeiam tem uma infinidade de vantagens. Ela não fora examinada, embora até onde o pessoal do hospital poderia recordar ela tinha sido. E tal como Marguerite tinha prometido, todos os relatórios diriam o que se esperava: que sofria de desidratação e desnutrição. Tinha sido assombroso ver os Argeneau em ação, e Rachel estava dando-se conta rapidamente do poder que Etienne lhe tinha presenteado.

“Eles são vampiros, não são?” perguntou Carstairs, o oficial loiro. Ele ficou de pé ao lado da mesa onde seu companheiro e Pudge se sentavam um frente ao outro. “Você é o que tem o caixão e os dentes de vampiro, Norman. E apesar disso, diz que a Srta. Garrett e o Sr. Argeneau são os vampiros?”

“São dentes falsos, já disse”, murmurou Pudge, como se estivesse sendo perseguido. “Se me tirasse as algemas, eu os tiraria. Os meus são falsos, mas os deles são reais”.

“Claro que são, Norman”, concordou com doçura Treebech, o oficial moreno.

“Pare de me chamar assim!” Pudge rosnou. “Norman. Deus, odeio esse nome. Me faz parecer um idiota”. Ele os olhou irada e brevemente, e depois disse. “Eu digo a vocês, Etienne Argeneau é um vampiro. A mulher também é. Droga, ela me mordeu!”

Rachel fez uma careta. Na verdade não chegou a lhe morder, mas aproximara-se mais do que percebera, e o homem tinha um arranhão onde um dente lhe tinha roçado. Na verdade era um pequeno corte e nem mesmo seria reconhecido como uma mordida. Ainda assim tinha estado mais perto do que quisera estar de morder alguém. Bom, exceto talvez Etienne. Ela gostava bastante de lhe dar mordidas de amor quando eles... mordidas de amor? Rachel sacudiu a cabeça. Mordidas sexuais, ela quis dizer. Não mordidas de amor. Ela não amava Etienne. Amava? A pergunta deu voltas e voltas por sua mente, seguida por uma mescla de pensamentos e sentimentos confusos. Sentimentos quentes e de carinho que a alarmaram bastante. Meu deus, ela não podia amá-lo.

Rachel notou de repente que Lucern a olhava fixamente com interesse. Então lhe ocorreu que qualquer das pessoas que a rodeavam de maneira protetora, poderia estar lendo seus pensamentos. Obrigou seus pensamentos e sentimentos descontrolados a ficar num canto escuro de sua mente e voltou sua atenção para o que estava ocorrendo do outro lado do vidro. Pudge olhava furioso para os oficiais, com a boca fechada.

“Ok, então aceitemos que ela realmente te mordeu”, comentou Carstairs. “Você acha que agora você também será um vampiro, Norman?”

“Não me chame Norm –” Pudge parou bruscamente, seus olhos arregalados. Ele de repente pareceu sentir-se menos perseguido. O entusiasmo e o assombro se refletiram em sua expressão. “Ela realmente me mordeu. Você realmente acha que me transformarei em um vampiro?”

“Não sei, Norman. Você é o perito. Por que não nos diz?”

“Pudge pensou nisso por um minuto e depois raciocinou, “Suponho que seja possível. Embora Renfield não se transformou em vampiro depois de uma mordida. Ele...” O horror cruzou seu rosto. “Oh, cara! Renfield se transformou no servente da Drácula para o resto de sua vida depois de uma mordida. Era seu escravo”.

“Então, isso te transforma no escravo da Srta. Garrett?” perguntou Treebech.

Pudge não lhe escutou. Sua mente estava absorta. “Jesus, e ele também comia insetos e coisas assim. Cara! Não sei se consigo comer insetos”.

Os oficiais se olharam enquanto Pudge sacudia sua cabeça desesperado.

“Acho que já é suficiente. Eu gostaria de lhe interrogar eu agora”.

Rachel olhou para o homem que tinha falado: O Dr. Smythe, um psiquiatra de seu hospital. Tinham-lhe chamado da delegacia de polícia para avaliar o estado mental de Pudge. Ele pedira para que primeiro lhe permitissem apenas observar Pudge durante o interrogatório. Afirmava que os sujeitos tendiam a responder de maneira diferente aos profissionais da psiquiatria que a pessoas leigas, incluídos policiais. Pelo visto agora desejava fazer algumas pergunta ele mesmo.

O capitão Rogers – o superior do Carstair e Treebech – concordou e ficou em pé. “É obvio, doutor. Venha comigo”.

Rachel os observou enquanto abandonavam a viewing room¹¹. Pouco depois se abriu a porta da sala de interrogatórios e entraram o doutor Smythe e o capitão Rogers. O capitão de polícia fez um gesto para Carstairs e Treebech para que se aproximassem dele, manteve com eles uma breve conversação em voz baixa e depois saiu do quarto. Assim que se foi, o doutor Smythe se apresentou e tomou assento na cadeira que Treebech tinha desocupado. Sorriu para Pudge e lhe perguntou, “Norman, você compreende a diferença entre a fantasia e a realidade?”

Rachel sorriu ligeiramente ante a pergunta. Era a mesma que Etienne lhe tinha feito na casa. Seu olhar se dirigiu para a porta do viewing room quando esta se abriu para permitir a entrada do capitão Rogers, mas voltou rapidamente para o Pudge, o qual olhava fixamente ao doutor como se se tratasse de um extraterrestre. “Hã?”

“Compreende a diferença entre a fantasia e a realidade?” repetiu o doutor Smythe pacientemente.

“Claro” Pudge franziu a testa. “Não estou louco, você sabe”.

“Não, é obvio que não está” disse o doutor Smythe com doçura. “Poderia me explicar a diferença entre a fantasia e a realidade?”

“Claro. A fantasia é... bom é como esse jogo de guerreiros e magos. Magia e essas coisas. Não é real”.

“Aham”. O Dr. Smythe franziu os lábios e concordou com a cabeça. “E poderia me dar um exemplo de realidade?”

“Luxúria de Sangue” disse Pudge com firmeza.

“Luxúria de Sangue?” perguntou o Dr. Smythe confuso.

“Esse é o jogo criado pelo senhor Argeneau”, explicou Carstairs. “Sobre vampiros e essas coisas”.

“Ah” O doutor Smythe voltou a olhar para Pudge. “E isso seria realidade?”

¹¹ Sala na delegacia de onde se observa o interrogatório dos acusados.

“Oh, sim”, assegurou Pudge. “A magia, bom, isso é um montão de tolices – mas os vampiros realmente existem. As vadias vão atrás deles, e são super fortes e super rápidos, e vivem para sempre”.

“E que parte é a mais importante?” Perguntou o Dr. Smythe.

“Pudge não teve que pensar muito. “Viver para sempre... E as vadias”, decidiu. “As mulheres e a imortalidade são o mais importante para você?” O doutor Smythe concordou com a cabeça, depois adicionou, “Me parece que em algum momento você mencionou que sua mãe morreu recentemente, não foi, Norman?”

“Sim”. Ele concordou com a cabeça, então sua atenção se desviou do doutor e olhou a mesa como se estivesse procurando algo. Rachel deu um salto quando de repente ele levantou seu braço e o deixou cair sobre a mesa, aparentemente esmagando um inseto. Ela não foi a única a saltar. O doutor e os policiais também saltaram.

“Me dêem licença um minuto”. Dr. Smythe se levantou e abandonou a sala. Rachel não se surpreendeu muito quando retornou ao viewing room. Primeiro não disse nada, apenas ficou ao lado do capitão observando Pudge através da janela. Todos observaram em silêncio enquanto Pudge recolhia o inseto que tinha esmagado e o examinava com aparente fascinação. Rachel fez uma careta de nojo quando ele enfiou a criatura esmagada na boca e mastigou experimentalmente. Depois de um momento, encolheu ligeiramente os ombros e murmurou, “Não é ruim. Tem gosto parecido com nozes”.

“Temos aqui um jovem muito confuso”, disse o Dr. Smythe. “Já falei com seu irmão, e ele diz que ultimamente Norman se tornou obsessivo e estranho. Acredita que deveriam lhe prender por sua própria segurança. Terei que lhe fazer muitos testes certamente, mas Norman já provou ser uma ameaça não só para si mesmo, mas também para a sociedade; especificamente qualquer que ele decida que é uma ameaça”.

O psiquiatra deslizou significativamente um olhar para ela e Etienne antes de prosseguir. “Isso já é suficiente para lhe internar durante setenta e duas horas de modo preventivo”.

“Obrigado por vir, doutor”, disse o capitão. “Temos que preparar a papelada, mas eu acho que você pode esperar ter o Sr. Renberger sob sua custódia em muito pouco tempo”.

“Terei uma cama preparada quando ele estiver pronto”, assegurou o Dr. Smythe solenemente. Eles apertaram as mãos e o cavalheiro lhes deixou sozinhos. O capitão deu uma olhada na sala de interrogatórios e balançou a cabeça quando Pudge golpeou a mesa outra vez, recolhendo depois o que fosse que tivesse esmagado para examiná-lo.

“Com gosto de nozes como um bolo de nozes, murmurou o policial quando Pudge enfiou o inseto na boca e começou a mastigar. Passando uma mão pelo seu escasso cabelo, o capitão moveu a cabeça, depois suspirou e se dirigiu à porta quando soou uma suave batida. Falou brevemente com alguém que Rachel não pôde ver, e então voltou-se para eles.

“Seus depoimentos estão prontos para assinar. Se fizerem o favor de seguir a oficial Janscom, ela os acompanhará para que possam assiná-los”.

“Ok. Obrigado”. Etienne tomou o braço de Rachel e a guiou para a porta. Ela partiu em silêncio, consciente de que o resto do clã Argeneau ia atrás.

A assinatura dos papéis foi um suplício relativamente rápido, ao menos para Rachel. Tinham-na separado dos Argeneau para levá-la a uma sala distinta da de Etienne e sua família para assinar os papéis ante uma testemunha. Rachel se sentiu um pouco perdida quando acabou e saiu ao corredor para encontrá-lo vazio. Os Argeneau tinham estado protetoramente perto dela desde que foram procurá-la na casa do Pudge. Sentiu-se um pouco desconcertada ao encontrar-se só de repente.

Ela parou no corredor, pensando no que deveria fazer. Deveria esperar? Deveria ir embora? O oficial havia dito que ela estava livre de ir agora que sua declaração tinha sido assinada. Rachel estava debatendo seu próximo movimento quando de repente lhe ocorreu que poderia não haver ninguém a quem esperar. Etienne poderia já ter terminado com a papelada. Poderia já ter ido embora. Depois de tudo, agora não existia realmente nenhuma necessidade de que estivessem rondando-a. Tinha aprendido a alimentar-se e a controlar seus dentes, e trabalhando em um hospital dificilmente teria problemas para obter sangue. Não seria fácil, mas ela conseguiria e provavelmente eles se deram conta disto. Possivelmente eles se sentiam aliviados ao se ver livres da responsabilidade sobre ela.

Aquele pensamento era inquietante. Rachel quase ofegava sob o impacto que isso tinha sobre ela. Era surpreendentemente doloroso.

"Rachel?"

Ela se virou rapidamente para ouvir seu nome. O alívio a percorreu quando reconheceu Lissianna apressando-se pelo corredor em direção a ela, com Gregory Hewitt em seu calcanhar.

"Você está bem?" perguntou Lissianna preocupada. "A mensagem que minha mãe me deixou na secretária eletrônica era bastante confusa. Tudo o que entendi foi que você tinha sido seqüestrada".

"Eu estou bem". Rachel forçou um sorriso.

"Ah, que bom". Sorriu Lissianna, mas a preocupação não abandonou completamente seus olhos. "Onde estão todos? Etienne também está bem?"

"Sim. Ele está bem. Embora eu não tenha certeza de onde eles estão". Admitiu Rachel. "Até onde sei, podem ter terminado com sua papelada e já ter ido".

Lissianna franziu a testa ante essas notícias e depois olhou em volta. "Eu vou perguntar a alguém".

Partiu tão rapidamente quanto disse, apressando-se pelo corredor em busca de alguém que pudesse responder suas perguntas.

"Estou certo de que Etienne não partiria sem ti", disse Gregory com voz solene.

Rachel se voltou para ele e forçou um sorriso.

"Bom, na verdade não há nenhuma razão para que não tenha ido. Eu ganhei controle sobre meus dentes e agora posso me alimentar por mim mesma. Ele já não tem que ser minha babá".

Gregory franziu a testa ante suas palavras, com preocupação em seu lindo rosto

"Rachel, alguém te falou sobre a regra do companheiro de vida?"

Rachel piscou confusa ante a pergunta. Pareceu-lhe que não tinha relação alguma com o que estava acontecendo nesse momento.

"Eu – Não. Sinto muito. Ninguém mencionou essa regra".

Ele assentiu lentamente. "Eu não pensei que tivessem. Mas sinto que é importante que a conheça. Ela te ajudará a compreender sua relação com Etienne".

As sobrancelhas de Rachel se elevaram. Seria um alívio ter alguma idéia de qual era o seu papel nessa relação. Começava a dar-se conta de que seus sentimentos por Etienne eram profundos e que poderiam ser potencialmente dolorosos.

"Como nossa gente se alimenta da população normal", começou ele, "é importante, obvio, que nosso número se mantenha controlado para não superar a capacidade de nossa fonte de alimentação".

Rachel assentiu. Aquilo fazia muito sentido.

"Assim existem certas regras. Por exemplo, cada casal só pode ter um filho cada cem anos".

"Marguerite mencionou isso", disse Rachel assentindo com a cabeça.

"Não me surpreende. Mas o que ela não deve ter mencionado é que cada vampiro só pode transformar um único humano".

Rachel sacudiu sua cabeça. "Como? Só podem casar uma vez?"

"Oh, não. Existem os divórcios. Estamos falando de centenas de anos de vida, assim é obvio que há divórcios, embora acho que é muito menos freqüente que entre a população normal", lhe informou ele. "O que quero dizer é que literalmente só podem transformar uma pessoa. Normalmente essa pessoa é seu companheiro ou companheira de vida, embora também possa ser algo totalmente diferente, mas então esse vampiro já não poderá transformar mais ninguém. Não poderia transformar seu companheiro de vida se ele o encontrasse".

"Mas Etienne me transformou", disse Rachel.

"Sim". Assentiu Greg solenemente.

"Rachel!"

Desta vez Rachel demorou mais para virar na direção da voz que a chamava em um tom estridente. A cabeça lhe dava voltas, e lhe custou uns minutos para reconhecer à mulher mais velha que corria em direção a ela. Foi a visão do homem de cabelo cinza que se apressava atrás dela o que a fez dar-se conta de que essas pessoas eram seus pais. Então os braços de sua mãe se fecharam a seu redor, e Rachel se encontrou envolta no Poison, o perfume favorito de sua mãe.

"Graças a Deus, querida. Estava tão preocupada. Não pude acreditar quando a oficial Janscom ligou para nos dizer que tinham lhe encontrado e que estava a salvo. Ah, querida, tivemos tanto medo de não voltar a te ver. Graças a Deus". Fez uma pausa para apertar o rosto de Rachel entre suas mãos e beijá-la em cada bochecha. Depois a estudou e franziu a testa. "Você está diferente. E terrivelmente pálida. Precisa de uma boa comida caseira e um cochilo".

"Sim, levaremos-na para casa", disse seu pai bruscamente, passando seu braço ao redor dela em um meio abraço enquanto a fazia girar para a direção por onde eles tinham vindo.

Rachel permaneceu em silêncio enquanto seus pais a conduziam para fora do edifício. Não deveria estar pálida; na van tinha ingerido sangue de sobra a caminho do hospital. Sua palidez sem dúvida se devia às notícias que Greg lhe tinha dado, e o impacto que tinham tido sobre ela. Etienne tinha perdido sua oportunidade de transformar uma companheira de vida para salvá-la, pensou fracamente. Deus querido, tinha-a transformado, disponibilizando o tempo e a preocupação de ensiná-la a alimentar-se e a controlar seus dentes, e nunca poderia ter uma companheira de vida. Tinha perdido toda possibilidade de ter uma companheira de vida por ela.

Tudo o que podia pensar era que ele devia odiá-la. E se não odiava, era só porque ainda não tinha tido a oportunidade de pensar no sacrifício que tinha feito.

No momento que se desse conta de tudo o que tinha perdido, definitivamente a odiaria. Uma vida sem alguém que o amasse, na verdade o equivalente a várias vidas. Tinha vivido centenas de anos e viveria centenas de anos mais sem amor. Ou encontraria esse amor, só para ser obrigado a observá-la envelhecer e morrer enquanto ele se mantém jovem para sempre.

Etienne assinou a última cópia da declaração que tinha ante ele e a empurrou com impaciência pela mesa para que a testemunha também assinasse. Estava ansioso por terminar com tudo isso e sair dali. Ninguém tinha ido com Rachel. Tudo tinha sido tão rápido que não tinham tido oportunidade. Todos tinham sido conduzidos a essa sala e então a oficial Janscorn tinha pedido a Rachel que a seguisse e a tinha levado dali. Não gostou da idéia de que estivesse sozinha. Não que ele estivesse preocupado com a possibilidade de que algo pudesse lhe acontecer, Pudge já não era uma ameaça então estaria bastante segura. Mas, e se alguém fizesse uma pergunta incômoda e não houvesse ninguém ali para apagar a lembrança na memória de quem perguntou? Rachel era uma péssima mentirosa. Além disso, ele sentia um insistente temor de que ela pudesse partir. Agora ela podia alimentar-se por si mesmo. Até se tinha alimentado diretamente da bolsa na van. Também podia controlar seus dentes. E com Pudge fora do caminho, a última desculpa que restava para mantê-la em sua casa não existia mais. E se ela decidisse ir embora, ou se negasse a voltar para sua casa com ele? Ele não queria que ela partisse. Etienne tinha se acostumado muito a sua presença. Desfrutava a curtiá. Desejava passar o resto de sua vida a seu lado.

"Isso é tudo, senhor", disse a oficial Janscorn enquanto empilhava as cópias do depoimento em uma pilha organizada. "Tudo pronto. Alguém entrará em contato com você se precisarmos de algo mais, mas agora está você livre para ir".

Etienne já tinha saído pela porta antes que ela tivesse terminado de falar. Tinha que encontrar Rachel. Precisavam conversar. Precisava saber o que ela sentia por ele. Se acreditava que algum dia poderia chegar a lhe amar tal como ele começava a amá-la.

"Etienne!"

Virou-se rapidamente ante a exclamação ao chegar ao corredor, mas era só sua irmã. Etienne a saudou com a cabeça, virando-se logo para olhar com esperança a seu redor. Infelizmente não havia sinal algum de Rachel por nenhuma parte.

"Você viu a Rachel?" Perguntou Etienne a sua irmã quando chegou até ela e lhe envolveu em um abraço.

"Sim. Estava aqui com o Gregory quando fui perguntar sobre seu paradeiro". Lissianna retrocedeu e olhou para seu marido interrogativamente quando ele se aproximou deles lentamente. "Aonde ela foi, querido?"

"Os pais dela chegaram. Ela partiu com eles", explicou ele, mas havia um olhar em seu rosto que preocupou Etienne.

"O que houve?" Ele perguntou.

Gregory hesitou um instante e depois disse, "Acredito que posso ter cometido um engano".

"Que tipo de engano?" Perguntou Lissianna, deslizando sua mão de modo tranquilizador na sua.

"Expliquei-lhe a regra sobre só ser permitido transformar uma pessoa em toda a vida e que esta em geral era um companheiro ou companheira de vida", ele confessou.

"Explicou-lhe o sacrifício que Etienne fez por ela e ainda assim ela partiu sem lhe dizer uma palavra?" Perguntou Lissianna incrédula. "Sabendo isso, não pôde nem sequer esperar para dizer adeus? Ou ao menos dizer obrigada?"

Etienne ouviu as palavras de Lissianna, mas na verdade não podia as compreender. Mais tarde compreenderia. Enquanto isso, ficou ali plantado sentindo-se perdido e abandonado. Ela tinha feito exatamente o que ele temera. Rachel tinha o deixado.

Sua mãe estava falando com ele agora, mas Etienne não escutava. Sentia-se como se tivesse algodão nos ouvidos. Na verdade se sentia como se seu cérebro inteiro estivesse cheio de algodão. Afirmava com a cabeça distraidamente de vez em quando enquanto saíam da delegacia de polícia. Etienne duvidava de que estivesse enganando alguém; provavelmente todos eles estavam lendo sua mente, embora ele parecesse não ser capaz de ler seus próprios pensamentos. Mas ele deve ter afirmado com a cabeça nos momentos apropriados já que ninguém lhe chamou a atenção por isso. Todos se limitaram a conversar enquanto caminhavam para a van de Bastien e subiam nela para voltar para casa.

Alguém sugeriu que deviam entrar com ele quando chegaram em sua casa, mas Etienne murmurou algo sobre o trabalho e saltou rapidamente da van, fechando com um golpe a porta atrás de si. Nesse momento não desejava companhia. Não queria falar ou sequer pensar. Ele só queria entrar num buraco e escapar de sua vida, embora fosse por pouco tempo. Para ele isso significava trabalhar.

Etienne entrou em sua casa, repentinamente consciente de quão grande e vazia ela era. Muito grande para uma só pessoa, para ser mais exato. Deveria vendê-la e comprar um apartamento. Não precisava de muito espaço; um escritório, um quarto, uma geladeira... Ele não parecia se divertir muito.

Fez uma careta quando as lembranças de Rachel alagaram sua mente: jogando vídeo game, lendo juntos tranquilamente junto à lareira na biblioteca, rindo com as tentativas dela de consumir o sangue rejeitado com o qual ele a alimentara, seu picnic à luz da lua... Fechou a porta para essas lembranças enquanto a perda e o medo se acumulavam atrás delas. Mas não conseguiu fazer o mesmo antes que algumas perguntas lhe atacassem. Tinha-a perdido para

sempre? Ela havia sentido algo por ele por pouco que fosse? Ou tudo tinha sido somente um modo divertido de passar o tempo?

Sem incomodar-se em fechar a porta com chave atrás dele, Etienne caminhou pelo corredor, atravessou a cozinha e deu uma pequena corrida escada abaixo para seu escritório. A bagunça que eles tinham feito tentando tirá-lo dali o abordou assim que alcançou o fim da escada. Ele ignorou, passando entre os destroços no chão e entrou com um salto no escritório. Com o tempo teria que substituir a porta. Havia uma prazo para terminar Luxúria de Sangue 2 e queria cumpri-lo. Ultimamente a vida tinha sido tão caótica que entre o problema com o Pudge e a entrada de Rachel em sua vida, Etienne se atrasara para terminar o projeto. Agora se concentraria nisso. O trabalho sempre tinha sido seu refúgio, e agora voltaria a sê-lo.

Etienne se acomodou em sua mesa e ficou olhando o caos em que estavam seus computadores. Pudge realmente os tinha destruído quando atirara na sala. Por sorte, Etienne tinha aprendido fazia muito tempo que fazer cópias de segurança de tudo era uma coisa sábia a se fazer. Não tinha perdido nada do trabalho que tinha feito até esse momento, mas com estes computadores não poderia continuar.

Seu olhar deslizou até o telefone, mas ele já sabia que também tinha sido destruído. Dando as costas para a bagunça, abandonou seu escritório e saiu da casa para entrar no carro. Teria que comprar computadores novos – quatro, para substituir aqueles que tinha perdido – e depois trabalharia como um demônio para cumprir seu prazo. Uma vez que cumprisse o prazo, pensaria no que fazer sobre Rachel. Se é que havia algo que fazer.

“O que você vai fazer sobre Rachel?”

Etienne franziu a testa ante a pergunta de sua mãe. Era a mesma que ele se fez repetidamente ao longo dessa uma semana e meia desde que Rachel foi embora da delegacia de polícia e de sua vida. Era uma pergunta para a qual ele não tinha resposta. Parecia evidente que ela não lhe queria. Ela foi embora sem olhar para trás e não tinha tentado entrar em contato com ele desde então.

“Você tentou entrar em contato com ela?” Perguntou Marguerite, lendo seus pensamentos.

Etienne nem se incomodou em zangar-se por aquela intrusão em sua mente. De que adiantaria? Além disso, ultimamente não parecia ter muita energia. E certamente não teria energia suficiente para incomodar-se com uma luta que ele perdera por toda sua vida. Sua mãe sempre lia sua mente apesar de seus protestos e sem dúvida continuaria fazendo até que um deles morresse.

“Claro que não tem energias; você não tem se alimentado bem. Agora mesmo está desidratado”, Marguerite disse bruscamente. “E olhe para você: Você não tem tomado banho nem trocado de roupa desde que saiu da delegacia de polícia. Deveria estar agradecido que Rachel não tentou entrar em contato contigo. Ela

daria uma olhada em seu estado lamentável e daria meia volta, feliz de poder escapar”.

“Estive ocupado”, rosnou Etienne. Ele não era dos que estavam acostumados a rosnar, isso era mais do estilo do Lucern ou Bastien. Eles eram os resmungões da família. Mas ultimamente se sentia de bastante mau humor.

“Hmm”. Marguerite ficou olhando fixamente, e no começo ele achou que ela não ia mais falar nesse assunto. Então ele ficou ciente de que ela estava examinando minuciosamente em sua mente. Tentou fechar seus pensamentos para ela, mas nunca tinha conseguido isso. Além disso, ela já tinha encontrado o que procurava. “Nunca lhe disse que a amava”.

Etienne estremeceu-se ante aquela acusação e depois olhou de cara feia para ela. “Eu não sabia que a amava. Embora eu soubesse que me preocupava com ela e que desejava tê-la comigo, e ela sem dúvida sabia isso. Obviamente não se importou”.

“Como ela poderia saber disso?” perguntou ela secamente. “Você disse para ela?”

“Não.”

“Como pude criar filhos tão idiotas?” Perguntou Marguerite com desgosto.

“Podíamos ler a mente um do outro enquanto estávamos... íntimos. Ela sabia que me importava e que desejava um relacionamento com ela”.

“O que?” A expressão em seu rosto sugeria que ele era um idiota, notou Etienne, sentindo-se desconfortável. “Como ela podia ler seus pensamentos? Ela não era nenhuma perita. Deus querido, a pobre moça nem sequer podia controlar seus dentes até quase o último dia que esteve aqui. A leitura de pensamentos é uma habilidade avançada que requer muitos anos de aprendizagem”. Ela franziu a testa enquanto lhe olhava. “Você leu os pensamentos dela enquanto estavam tinham intimidade e a mente dela estava aberta para você?”

“Não. Claro que não. Não quis me intrometer”.

“Mas você acha que de algum modo ela era capaz e estava disposta a intrometer-se nos teus?” perguntou ela, depois bufou zombando. “É obvio que não o fez. Vais ter que reunir coragem e dizer-lhe, filho”.

Etienne permaneceu em silêncio, mas Marguerite podia ler o medo em sua mente e em seu coração. Ele desejava ir em busca do Rachel, mas temia que ela o rejeitasse. Ela conhecia seu filho e estava certa de que ele iria atrás da moça mais cedo ou mais tarde. Marguerite somente temia que fosse muito tarde quando se decidisse a fazê-lo. Para ela parecia que se não queria ver seu filho perdendo a oportunidade de ser feliz, ela teria que utilizar um pouco de intromissão maternal.

Por Deus, pensou com exasperação. O menino tinha mais de trezentos anos.
O trabalho de uma mãe não termina nunca.

CAPÍTULO 18

Rachel se ajeitou no assento e fechou o vidro de esmalte de unhas antes de esticar as pernas para examinar o resultado de seu trabalho. Agora tinha as dez unhas dos dedos dos pés de uma cor vermelha escura. Isto era uma nova experiência, embora tivesse desfrutado de muitas experiências novas desde que Etienne Argeneau fez sua primeira aparição no necrotério.

Franzindo a testa, obrigou-se a apartar esse pensamento. Pensar em Etienne não era bom para ela. Tendia a ficar triste e deprimida quando se permitia pensar no cara e em seus momentos juntos. Rachel sentia falta dele. Não tinha passado muito tempo em sua casa, mas sentia como se tivesse sido uma eternidade e apenas um minuto, tudo de uma vez. Era como se lhe conhecesse desde sempre e tivesse experimentado uma vida inteira num piscar de olhos. Ela sentia muita saudade dele.

Suspirando, deixou o esmalte sobre a mesa e se levantou. Rachel levantou seu jeans para que as bocas não arruinassem o trabalho, depois cruzou a sala de estar de seu apartamento e caminhou para a cozinha. Deveria deixar secar suas unhas antes de tentar caminhar, mas se continuasse sentada no sofá sem dúvida se deprimiria pensando em Etienne e no que passaram juntos. Rachel o tinha aprendido rapidamente quando retornou ao refúgio de sua própria vida. Pensar em Etienne era um tabu que provavelmente a afundaria em uma depressão profunda e a faria comer coisas ridículas como o sorvete, o qual seu corpo não necessitava e pelo que, na verdade, não sentia apetite.

Ao dar-se conta de que se dirigiu diretamente à geladeira e que a abriu para examinar seu conteúdo, fechou a porta bufando chateada. Então apoiou as mãos sobre os quadris e se virou para examinar a cozinha. Estava impecável. Ela a limpou, assim como o resto do apartamento, antes de se sentar para pintar as unhas dos pés, para passar o tempo. Rachel ainda tinha problemas para ocupar suas noites de folga. Ela retornara a sua vida para descobrir que tinham dado o turno do dia a outra pessoa enquanto ela estava desaparecida. Seu chefe se desculpou abundantemente, explicando que eles temeram o pior quando ela desaparecera. O posto precisava ser ocupado imediatamente, assim ele o tinha dado ao Tony, que também se candidatara. Rachel garantira a ele que o compreendia, e realmente compreendia. Na verdade, muito para sua própria surpresa, ela não se importara. Definitivamente suas experiências durante aquela curta semana a tinham transformado em uma espécie de pessoa noturna. Agora ela gostava das noites e se sentia feliz por trabalhar durante elas. O mais curioso era que seus ruidosos vizinhos já não lhe interrompiam o sono. De algum modo agora ela era capaz de bloqueá-los e dormir como uma morta.

Seu único problema agora com a noite, era que esta lhe recordava muito seus momentos com Etienne, os quais foram maravilhosos e tristes ao mesmo tempo. Ela sentia sua falta.

Uma batida na porta salvou Rachel de ficar pensando em Etienne e de se afundar na tristeza e na depressão outra vez. Desenhando um sorriso no rosto, saiu da cozinha e desceu pelo corredor para abrir a porta, perguntando-se qual de seus vizinhos a chamaria a esta hora. Já tinha passado bastante de meia-noite, mas como ninguém interfonara para que lhe deixassem entrar no edifício, estava certa de que devia ser um vizinho.

Rachel não se incomodou em checar o olho-mágico antes de abrir a porta. Sua força e velocidade continuaram a aumentar com o passar das semanas desde que a tinham transformado, e já não tinha medo de mais ninguém. Era uma forma nova e mais poderosa de viver. Abriu a porta e olhou para fora, depois ficou parada um instante antes de dar um passo à frente para examinar um lado e outro do corredor desorientada. Estava certa de ter ouvido uma batida, mas não havia ninguém na porta. E não havia ninguém no corredor.

“Devo estar perdendo a cabeça”, ela murmurou dando um passo para trás e automaticamente fechando a porta com chave. Rachel virara e avançara dois passos afastando-se da porta quando a batida soou outra vez. Ela parou de andar, mas não voltou para a porta do apartamento. O som não tinha vindo dali. Viera do corredor nos arredores da sala de estar. Mais curiosa e confusa que qualquer coisa, avançou pelo corredor e entrou na sala grande e confortável, seus olhos estavam deslizando-se sobre seus móveis quando outra batida atraiu seu olhar para a janela da sacada.

Rachel ficou boquiaberta ante ao homem que estava de pé do outro lado das portas corrediças de vidro, depois correu para frente quando ele sorriu e a saudou com a mão.

“Thomas!” saudou-lhe enquanto abria a porta e lhe permitia entrar. “Como chegou até aqui?”

“Escalando, claro”, disse ele encolhendo os ombros.

Rachel lhe olhou fixamente, depois deu um passo para a sacada e olhou por cima da borda para a fachada do edifício e para as seis sacadas que tinha abaixo. Voltou-se para ele para perguntar com incredulidade, “Você escalara isso?”

“É óbvio”. Ele encolheu os ombros com diversão. “Eu gosto de escalar”.

Rachel voltou a baixar o olhar pela fachada. Não era impossível de escalar, ela supôs, se você for forte e ágil, e não tivesse medo de cair e morrer. O que era verdade para um vampiro de duzentos anos. Droga, dê a ela algumas centenas de anos e ela estaria fazendo coisas assim.

Uma suave risada subiu por sua garganta, depois virou-se e guiou o caminho para dentro de sua casa. “Por que você não interfonou? Você sabe que eu teria te deixado entrar”.

Thomas encolheu os ombros outra vez enquanto ela fechava a porta da sacada atrás deles. “Queria te surpreender”.

“Bom, você teve êxito”, ela disse secamente, e depois sorriu. “A que devo a honra desta visita?”

“Queria te desejar feliz dia dos namorados e te convidar para ir ao Night Club”, ele respondeu ligeiramente – mas suas palavras confundiram Rachel novamente.

“Umm... Thomas, dia dos namorados é em fevereiro. Estamos em setembro”, ela disse.

Ele riu ante sua expressão de desconfiança. “Não nos guiamos sempre pelo calendário normal, sabe. Depois de algumas centenas de anos você perceberá que dia dos namorados é quando quiser que seja, e o Cupido aparece quando é mais necessário.

“Oh”, disse Rachel insegura. Na verdade não tinha idéia do que ele queria dizer, mas se sentia tão feliz por ter companhia e a possibilidade de fazer algo em sua noite de folga que decidiu não questioná-lo.

Algumas vezes pensara em ir ao Night Club mesmo sozinha, mas não tivera coragem por medo de encontrar-se com Etienne. Rachel temia lançar-se sobre ele ou fazer algo igualmente vergonhoso. Ou que ele se afastasse dela com raiva. Ele já se percebera o que tinha perdido por salvá-la? Ele a odiava? O fato de que nem se incomodou em ligar para ela sugeria que sim.

“Então”. Thomas bateu palmas, tirando-a com um susto de seus pensamentos, “Vá se trocar, menina, e revolucionaremos o clube. Ele será um acontecimento essa noite.

Rachel não se incomodou em pensar sobre isso, limitou-se a assentir sorrindo agradecida e se apressou a sair da sala e entrar em seu quarto. Ela estava usando os jeans apertados que Marguerite havia lhe trazido de seu apartamento quando estava na casa de Etienne. Normalmente, Rachel os usava em seus dias de folga, eram confortáveis e reconfortantes para ela agora e lhe recordavam seus momentos com ele. Sabia que mais cedo ou mais tarde teria que substituí-los, mas não sentia pressa alguma.

Ela tirou-os e se vestiu com uma saia preta de couro, curta e apertada, que tinha comprado recentemente em um de seus momentos de fraqueza, quando ainda esperava que Etienne entrasse em contato com ela. Rachel pensara em utilizá-la em um encontro com a esperança de lhe deixar louco. Entretanto ele nunca entrou em contato com ela e ela deixara aquela fantasia morrer. Não sentia nenhum desejo de deixar Thomas louco; ele era agradável, mas Etienne já tinha roubado seu coração e duvidava que pudesse se recuperar por muito tempo. Mas sempre havia a possibilidade de que se encontrassem com Etienne. Se isso

acontecesse, ela queria estar melhor que nunca. Embora não houvesse mais nada, ao menos ele veria o que se estava perdendo.

Rachel terminou de colocar a saia e tirou a camiseta grande que ela usava, trocando-a por uma elegante blusa branca, que colocou por baixo da saia. Depois colocou as sandálias que mostrariam suas unhas recém-pintadas e entrou no banheiro para colocar um pouco de sombra nos olhos e batom. Depois de passar os dedos ligeiramente pelo cabelo formando um look atrativo e ligeiramente desordenado, ela jogou um pouco de perfume na garganta e nos pulsos e se apressou para sair.

“Isso foi rápido. E você está linda”, disse Thomas com admiração quando ela se reuniu com ele na sala de estar. “Vamos, garota. A noite espera”.

Muito para seu alívio, ele não se dirigiu à porta da sua sacada, mas se encaminhou pelo corredor que conduzia à porta principal. Rachel não acreditava estar preparada ainda para começar a escalar edifícios. Pegou sua bolsa e lhe seguiu para fora de seu apartamento, com o passo mais ligeiro. Ela gostava de Thomas. Não da mesma forma que gostava de Etienne, certamente. Mas ele era divertido e a fazia rir, e ela sabia que ele se asseguraria que ela se divertisse essa noite. Uma noite no Night Club seria divertido, muito melhor que estar sentada em seu apartamento, deprimindo-se sobre o que poderia ter acontecido.

Além disso, poderia conseguir de Thomas alguma informação sobre Etienne. Ele saberia como estava seu primo e o que ele iria fazer. Rachel estava vergonhosamente faminta por informações sobre Etienne.

Etienne empacotou os discos de Luxúria de Sangue 2, escreveu o endereço na etiqueta e o afastou para o lado com um suspiro. Tinha terminado. Finalmente, terminara. Ele olhou para o envelope por um momento com a mente em branco, depois ficou em pé inquieto e abandonou seu escritório. Tinha estado trabalhando sem parar, sem permitir que pensamentos sobre Rachel se intrometessem para lhe interromper, exceto a noite em que sua mãe tinha vindo para atormentá-lo. Entretanto, agora que tinha terminado o trabalho, seu primeiro pensamento foi sobre Rachel. Perguntava-se o que ela estaria fazendo enquanto subia as escadas.

Estaria no trabalho? Não, decidiu. A noite em que a tinha transformado, ela fora informada de que lhe tinham dado o posto do turno da manhã. Agora já passava da meia-noite. Sem dúvida agora estaria dormindo, agradável e comodamente agasalhada em uma cama quente, pensou e sentiu o desejo crescer dentro dele. Desejava estar ali com ela naquela cama. É claro que ela não conseguiria dormir muito se ele estivesse lá. Ele não seria capaz de resistir a tocá-la, a acariciá-la.

Etienne interrompeu seus pensamentos ao chegar nesse ponto. Fantasias sobre fazer amor com Rachel não era a coisa mais produtiva do mundo. Além disso, tinha coisas mais importantes para fazer, como descobrir um jeito para aproximar-se dela. Tinha decidido que sua mãe tinha razão. Devia lhe contar seus

sentimentos e averiguar quais eram os dela. A única pergunta era como deveria fazê-lo.

Etienne estava na metade do caminho para a cozinha quando o telefone começou a tocar. Imediatamente deu a volta para a porta do porão, mas em seguida recordou que tinha telefones espalhados por toda a casa desde que o técnico tinha ido arrumar o do porão.

Virando-se de novo, aproximou-se do telefone colocado sobre a parede da cozinha e o pegou para dizer "Alô?"

"Ei, cara!" Saudou-lhe a alegre voz de Thomas. "Adivinha onde estou?"

Etienne fez uma careta. Os sons de música alta e conversação quase afogavam a voz do cara. Não precisava ser um gênio para descobrir. "Night Club".

"Acertou de primeira, cara". Thomas rira. "Sim, estou aqui com essa lindinha. Talvez a conheça. Rachel?"

"O que?" Etienne ficou rígido, seus dedos se apertaram no fone.

"Sim". Thomas parecia satisfeito. "Ela não estava fazendo nada. Eu não estava fazendo nada..."

"Thomas", grunhiu Etienne. A fria fúria crescia dentro dele ante a sugestiva pausa de Thomas.

"Agora está no banheiro e não sabe que estou te ligando. Se a quiser, será melhor que venha aqui e junte-se a nós", disse seu primo com diversão. Depois, em um tom mais sério, adicionou, "e é melhor que faça o certo dessa vez, cara. Não voltarei a bancar o Cupido para vocês dois de novo. Se estragar tudo, ficarei com ela. Feliz dia dos namorados.

O estalo do telefone foi seguido por um sinal de chamada. Etienne o escutou durante pelo menos um minuto enquanto sua mente corria. Thomas estava bancando o Cupido. Estava interferindo outra vez. Que Deus lhe abençoe, pensou, e pendurou o telefone. Então passou um momento se perguntando o que deveria fazer primeiro. Precisava de uma ducha e trocar de roupa. Tinha que barbear-se. Deus querido, já tinha uma barba crescendo sobre sua maldita cara, ele ficara muito tempo sem barbear-se. Talvez deveria levar algo para ela. Flores, possivelmente. Onde infernos ia encontrar flores a essa hora? Por que tudo tinha que fechar de noite? Ninguém aí fora quer ganhar um pouco de dinheiro? Pensou irritado enquanto se apressava para sair da cozinha.

"Você é um acontecimento, menina!"

Rachel riu do elogio de Thomas enquanto dançava o rock que tocava na pista de dança. Estava-se divertindo. Realmente. Muito. E só tinha pensado em

Etienne umas duas mil vezes nas duas horas que estiveram ali. Era bem menos do que o normal.

"Estou cansado, menina. Vamos nos sentar". Thomas não esperou seu consentimento, agarrou-a pela mão e a arrastou para sair da pista de dança. Rachel o seguiu sem protestar. Ela estava se divertindo, mas podia fazer um intervalo.

"Ótimo, nossas bebidas já estão aqui", disse Rachel com um suspiro feliz, enquanto se deixava cair na cadeira. Tinha decidido ser valente e deixar Thomas pedir por ela outra vez, declarando só que não podia lhe pedir um Êxtase Doce. Ele tinha pedido um Muito Duradouro. Não soava muito arriscado. De qualquer forma ela lhe perguntara o que era, e ele simplesmente riu e lhe respondera que ela veria. Rachel provou com curiosidade, surpreendendo-se ao ver que não era ruim. Nada mal. Ela não precisava mais de canudo para se alimentar.

"Oh, veja quem está aqui".

Rachel levantou o olhar e ficou gelada ao ver Etienne abrindo caminho entre a multidão em direção a eles. Por um momento, a felicidade encheu seu coração, mas logo a preocupação tomou seu lugar. Ele não parecia feliz de lhes ver. Na verdade, parecia bastante irritado, decidiu enquanto lhe via percorrer os dois últimos metros até a mesa e parar ali para ficar olhando-a fixamente. Ela estava decidindo que ele já tinha percebido o que tinha desistido e realmente a odiava, quando de repente ele tirou a mão de detrás de suas costas e lhe ofereceu um buquê de flores murchas. Rachel ficou olhando sem expressão o triste ramo antes de estender insegura a mão para pegá-las. Tinha hesitado por muito tempo evidentemente porque Etienne começou a pedir perdão por seu estado imediatamente.

"Queria te trazer flores, mas nenhuma das floriculturas está aberta a esta hora. Chequei seis lojas que abrem a noite toda e não encontrei nada, e isto foi o melhor que –"

"São encantadoras", interrompeu Rachel enquanto pegava as flores. Murchas e tristes como estavam, para Rachel eram realmente encantadoras. Representavam esperança, e ela as aceitou com muito prazer, oferecendo um tímido sorriso enquanto as levantava até seu rosto e cheirava o delicado ramo do – Salame?

"Estavam guardadas no refrigerador da delicatessen", resmungou ele, parecendo envergonhado.

Rachel se mordeu o lábio para não rir, depois lhe dedicou um amplo sorriso. "Como tens passado?"

"Miseravelmente", respondeu ele simplesmente. "E você?"

"Do mesmo jeito". Compartilharam um sorriso e ambos relaxaram.

“Bem, parece que meu trabalho aqui acabou”, anunciou Thomas e ficou em pé antes de lhe explicar para Rachel. “Foi divertido, mas eu sou apenas o menino dos recados, menina. A tia Marguerite me pediu que bancasse o Cupido e eu gosto de você, então concordei”.

“Cupido, né?” Perguntou Etienne se divertindo.

“Sim, pode rir”, disse Thomas com cordialidade. “Desfruta disso enquanto possa. Mas não irrite a menina desta vez. Meu limite para bancar o cupido é uma vez em cada cem anos”. Aproximando-se de Rachel, inclinou-se para a abraçar e murmurou: “Bem-vinda à família”.

Rachel quis perguntar o que isso significava, mas Thomas se afastou muito rapidamente antes que tivesse a oportunidade. Viu-o desaparecer na multidão e depois se virou para olhar Etienne enquanto este ocupava o assento que seu primo acabava de deixar.

“Senti saudade de ti”, anunciou ele no momento que seus olhares se encontraram.

As sobrancelhas de Rachel se elevaram ante essa afirmação. O pensamento “Você poderia estar me enganando” passou por sua mente, e Etienne sorriu com ironia.

“Eu ouvi isso”, disse-lhe se divertindo.

“Pensei que não pudesse ler minha mente”, disse Rachel com desconfiança.

“E não posso”, assegurou-lhe. “Bom, exceto quando estamos íntimos. Então sua mente se abre para mim”.

“Então como você –?”

“Na verdade você projetou o pensamento para mim”.

“Sério?” Perguntou ela.

“Sim. Provavelmente foi acidental, mas com prática será capaz de fazê-lo quando quiser”.

“De verdade? Pode me ensinar como?”

Ele permaneceu em silêncio durante um minuto e depois disse, “Tenho uma idéia melhor. Projetar-te-ei um pensamento e você tenta lê-lo”.

“Ok”, concordou ela e depois inclinou a cabeça. “Como eu faço?”

“Apenas me abra sua mente para mim e eu farei o resto”, disse ele, depois ficou em silêncio, seus olhos se estreitaram para concentrar-se. Passou um

momento antes que Rachel pudesse escutar seus pensamentos tão claramente como se falasse em seu ouvido.

Senti saudades de você. Eu quis muito você. Algo falta na vida quando você não está lá. Quero-te de volta em minha vida, em minha casa, e em minha cama. Quero despertar cada noite a seu lado. Eu te amo, Rachel.

Rachel o olhou fixamente, mal sendo capaz de acreditar que tinha ouvido corretamente.

“Então por que não me chamaste? Se Thomas não houvesse me trazido aqui esta noite—”

“Eu teria encontrado outro lugar e outra forma de me aproximar”, ele garantiu solenemente. “Só queria terminar logo o meu trabalho para entregar no prazo, assim poderia me concentrar unicamente em ti”.

Rachel pensou que isso parecia bastante patético. Ele tinha querido terminar seu trabalho antes? Ela vinha depois do trabalho, depois de seu jogo? Bom, isso era muito lisonjeiro.

“Deve estar realmente zangada”, disse com ironia. “Está enviando seus pensamentos tão claros como um sino”.

Como ela não sorria ou reagia de algum modo que lhe ajudasse a sair do apuro, ele suspirou e disse, “Talvez deveríamos ir a algum lugar mais tranquilo”.

Rachel concordou solenemente, bebeu o restante de sua bebida e ficou em pé. Ambos permaneceram em silêncio enquanto saíam do Night Club e se dirigiam para o carro. Ela não hesitou quando ele abriu a porta do passageiro para deixá-la entrar e não perguntou para onde iam. Tampouco se surpreendeu quando pararam em frente a sua casa. Era onde a maior parte de sua relação tinha transcorrido. Parecia o lugar mais lógico para resolvê-lo.

Rachel lhe seguiu para dentro da casa e para a biblioteca no andar principal. Ela sentiu que a calma a abandonava ao entrar na biblioteca. Tinham passado várias tardes tranquilas nesse lugar, simplesmente lendo juntos.

“Ok”, disse Etienne enquanto sentavam no divã e ele passava seu braço ao redor dela, aproximando-a de seu peito. “Não foi o trabalho. Isso era uma desculpa”.

Ela não sentiu muita surpresa ante essa admissão, mas permaneceu silenciosa e foi recompensada quando ele adicionou, “Tinha medo”.

Isso sim a surpreendeu. Rachel se endireitou e se virou para lhe olhar atentamente. “Medo do que?”

Rachel o olhou fixamente, mal sendo capaz de acreditar que tinha ouvido corretamente.

“Então por que não me chamaste? Se Thomas não houvesse me trazido aqui esta noite—”

“Eu teria encontrado outro lugar e outra forma de me aproximar”, ele garantiu solenemente. “Só queria terminar logo o meu trabalho para entregar no prazo, assim poderia me concentrar unicamente em ti”.

Rachel pensou que isso parecia bastante patético. Ele tinha querido terminar seu trabalho antes? Ela vinha depois do trabalho, depois de seu jogo? Bom, isso era muito lisonjeiro.

“Deve estar realmente zangada”, disse com ironia. “Está enviando seus pensamentos tão claros como um sino”.

Como ela não sorria ou reagia de algum modo que lhe ajudasse a sair do apuro, ele suspirou e disse, “Talvez devêssemos ir a algum lugar mais tranquilo”.

Rachel concordou solenemente, bebeu o restante de sua bebida e ficou em pé. Ambos permaneceram em silêncio enquanto saíam do Night Club e se dirigiam para o carro. Ela não hesitou quando ele abriu a porta do passageiro para deixá-la entrar e não perguntou para onde iam. Tampouco se surpreendeu quando pararam em frente a sua casa. Era onde a maior parte de sua relação tinha transcorrido. Parecia o lugar mais lógico para resolvê-lo.

Rachel lhe seguiu para dentro da casa e para a biblioteca no andar principal. Ela sentiu que a calma a abandonava ao entrar na biblioteca. Tinham passado várias tardes tranquilas nesse lugar, simplesmente lendo juntos.

“Ok”, disse Etienne enquanto sentavam no divã e ele passava seu braço ao redor dela, aproximando-a de seu peito. “Não foi o trabalho. Isso era uma desculpa”.

Ela não sentiu muita surpresa ante essa admissão, mas permaneceu silenciosa e foi recompensada quando ele adicionou, “Tinha medo”.

Isso sim a surpreendeu. Rachel se endireitou e se virou para lhe olhar atentamente. “Medo do que?”

“De me machucar, Rachel”, respondeu brandamente. “Nunca pensei que fosse um covarde, mas esta era uma experiência completamente nova para mim. Nunca encontrei uma mulher pela qual me sentisse atraído e cujos pensamentos não pudesse ler. Era uma experiência nova e bastante incômoda para mim. Senti-me vulnerável desde o começo. E confuso também, suponho. Você deveria lembrar que consegui viver trezentos anos sem me apaixonar. Os sentimentos que provocava em mim me surpreenderam.

“Também fui pega de surpresa”, admitiu Rachel com suavidade recostando-se em seu abraço. “E com medo de ser ferida. Na verdade, tinha medo de que percebesse o que tinha perdido por me salvar e que isso fizesse com que me odiasse, o que era –”

“Nunca”, ele a interrompeu com firmeza, lhe dando um apertão. “Eu sabia o que fazia desde o começo. Senti-me atraído por ti desde o começo, inclusive quando estava doente e pálido e eu estava a ponto de ficar doente”. Quando ela levantou os olhos para ele, ele sorriu para suavizar a descrição. Depois pegou seu queixo e disse, “Rachel, não posso imaginar passar minha vida com alguém que não você seja. Não posso imaginar uma vida sem ti. Você tem meu coração, e compreendo que posso estar te pressionando e que poderia desejar mais tempo para pensar, mas –”

“Não preciso de mais tempo, Etienne”, interrompeu-lhe com suavidade. “Sei que tudo isto está acontecendo muito rápido, mas você é o homem que desejei toda minha vida. Se me tivesse imaginado como deveria ser o homem que eu gostasse e as qualidades que teria, você teria sido quem sonhasse. Eu te Amo”, ela disse simplesmente, e sorriu quando ele soltou um comprido suspiro.

“Então case-se comigo”, espetou.

“Sim”, respondeu Rachel imediatamente, mas ele sacudiu a cabeça.

“Tem que pensar bem, Rachel. Não são uns insignificantes vinte e cinco ou cinqüenta anos o que estou te pedindo. O matrimônio no meu povo, ao menos na minha família, é para a vida inteira. E a vida para nós pode significar um tempo muito comprido”.

“Espero que seja uma eternidade”, disse-lhe ela com seriedade. “Eu te amo, Etienne. Passaria a eternidade contigo. Também possuí meu coração”.

Um lento sorriso se estendeu amplamente pelo rosto dele. “Obrigado. Protegerei seu coração todos os dias de minha vida”. As palavras foram apenas um sussurro antes que ele se inclinasse para frente e reclamasse os lábios dela com um beijo.

Rachel suspirou em sua boca enquanto abria os lábios. Sentia seu beijo como uma volta ao lar de que tinha estado longe muito tempo. Recebendo sua invasora língua com a própria, ela se retorceu em seu assento e deslizou as mãos pelo peito dele. Deixou que uma mão continuasse seu caminho para seu pescoço subindo até agarrar seu cabelo para aproximá-lo mais a ela. Com os dedos da outra mão agarrou a parte da frente da camisa para puxá-lo também. Seu corpo se arqueou em harmonia com a corrente de desejo que o atravessava, fazendo-a faminta e atrevida. Rachel desejava-o embaixo dela, em cima dela e dentro dela, tudo de uma vez. Queria unir-se a ele e sentir que seu corpo a preenchia. Desejava lhe abraçar e ser abraçada desta forma para sempre.

E você pode. As palavras sussurraram em seu cérebro, uma mensagem dele para ela que provocou uma risada do fundo da garganta de Rachel. Mas sua diversão terminou com um grunhido quando a mão dele encontrou seu peito através do tecido da blusa. As coisas estavam ficando bastante sérias.

Rachel se tornou para trás sobre o sofá, agarrando com mais insistência a camisa dele para lhe obrigar a segui-la. Etienne trocou de posição e se inclinou sobre ela, seus lábios e mãos se fizeram mais exigentes. Em um momento, a blusa branca de Rachel estava aberta e os ganchos que fechavam a parte da frente de seu sutiã estavam abertos. Ela tremeu com a expectativa, e se arqueou enquanto ele afastava o sedoso material de seu sutiã, despindo seus seios. Quando baixou a cabeça para capturar um mamilo já ereto, ela agarrou sua cabeça com ambas as mãos e o manteve perto, então de repente lhe soltou e lhe afastou.

A expressão assustada dele enquanto se separava dela não tinha preço, mas Rachel estava muito ocupada desabotoando os botões de sua camisa para notar. Desabotoou-os com rapidez até que a camisa ficou aberta, depois estendeu as mãos sobre a ampla extensão de pele nua. Rachel adorava seu peito, sua dureza, sua força. Parou quando sua palma passaram sobre os mamilos dele e tomou entre seus polegares e indicadores para acariciá-los com interesse.

Etienne soltou um rouco grunhido provocado pela carícia e depois desceu sobre ela para reclamar seus lábios uma vez mais. A paixão explodiu entre eles, quente e sem parar, e o tempo de exploração tinha terminado. Parecia que estiveram separados por uma eternidade e a necessidade que existia entre eles não podia ser negada. Era como um incêndio em um bosque, queimando brilhante e furiosamente. Seus beijos se fizeram quase rudes. Ela subiu por suas costas lhe arranhando com as unhas enquanto as mãos dele vagavam por seu corpo, depois as cravou na parte superior de seus braços e se arqueou para ele, quando este deslizou uma mão entre suas pernas apertando-a contra o couro de sua saia.

“Eu preciso de você”, ofegou ela. Era uma ordem, não uma súplica, e Rachel a reforçou introduzindo uma mão entre eles para lhe apertar o pênis através de seu jeans.

A reação de Etienne foi imediata. Levantou-se o suficiente para ajoelhar-se entre suas pernas sobre o sofá, empurrou a saia para cima os poucos centímetros necessários, agarrou sua calcinha e, ao invés de deslizá-la para baixo, simplesmente rasgou os lados da fina seda de modo que desapareceu como os restos de um naufrágio. Ele estava desabotoando os jeans quando voltou a ficar em cima dela, depois ele deslizou uma mão sob seu traseiro elevando-a ligeiramente, e deslizou dentro dela enquanto ela embrulhava seus quadris com as pernas.

Rachel gemeu de alívio quando ele entrou nela, seu corpo lhe dando as boas-vindas e lhe apertando com força enquanto ele gemia em seu ouvido. Então ele começou a mover-se, e ambos se viram arrastados no momento ; esforçando-se, quase lutando pela liberação que ambos necessitavam. Etienne se assegurou de que Rachel tivesse a sua antes, mas no instante em que ela gritou e ele sentiu

as contrações de sua vagina ao chegar ao clímax, disse através de seus dentes apertados, “Obrigado Deus” e se permitiu alcançar sua própria liberação. Então se derrubou sobre ela e ambos ficaram deitados ofegando juntos.

Etienne foi o primeiro a se mexer. Soltando uma gargalhada irônica, quase sem fôlego, moveu-os sobre o sofá de modo que ele deitou de costas e ela ficou recostada sobre ele, frouxa como uma boneca de pano.

“Bom, isso foi...” Sua voz estava rouca e ele permitiu que as palavras se apagassem.

“Hmmm...” Murmurou Rachel, depois levantou a cabeça para lhe sorrir travessa. “Quer fazer de novo?”

Rindo, ele passou seus braços ao redor dela e a abraçou fortemente. “Eu adoraria. Está bem para continuar?”

“Oh sim, eu –” Ela parou bruscamente e levantou a cabeça outra vez, com os olhos totalmente abertos.

“O quê?” Perguntou ele preocupado.

“Eu não desmaiei”, disse ela espantada. “É a primeira vez que não desmaio”.

“Então definitivamente não fiz direito”, decidiu Etienne e se sentou fazendo-a a endireitar-se também.

“Oh, mas eu... er... desfrutei disso tanto como sempre”, disse Rachel, consciente de que estava ruborizando, mas incapaz de evitá-lo. “Talvez até mais. Foi bastante intenso”.

“Foi, né?” Ele sorria amplamente com certo ar de suficiência enquanto a pegava em seus braços e ficava de pé para carregá-la pela biblioteca.

Rachel sacudiu a cabeça ante o ego masculino e a apoiou a cabeça contra seu peito enquanto ele a levava pelo corredor. Estavam na escada no meio do caminho para o andar de cima quando Etienne perguntou de repente, “O que você estava bebendo no clube?”

“Um algo Duradouro”, murmurou Rachel, brincando com o cabelo da base de seu pescoço.

“Ah”. Etienne afirmou com a cabeça.

“Ah o quê?” Perguntou Rachel afastando a cabeça de seu ombro para olhar seu rosto com curiosidade.

“Esta noite não desmaiarás”, lhe informou divertindo-se.

“Oh?”

“Hmm”. Ele riu entre dentes. “Na verdade, Thomas arrumou isso de modo que agora estou a ponto de experimentar uma verdadeira sessão de treinamento”.

“Sério?” Perguntou ela com interesse enquanto ele a levava para o quarto. “Acho que eu gosto de seu primo”.

“Nesse momento, eu também gosto”, disse ele com uma gargalhada. Chutou a porta do quarto para fechá-la atrás deles.

Epílogo

Marguerite sorriu para a secretária de Bastien ao passar pela mesa dela e entrar livremente no escritório dele. “Eu recebi um cartão postal de Etienne e Rachel. Eles estão tendo uma excelente lua de mel no Havaí”.

Seu filho sério olhou por cima do relatório que ele estava lendo para olhar para ela com resignação enquanto ela atravessava a sala grande em direção a ele. “Eles estão, não estão?”

“Sim”. Ela inclinou-se para dar um beijo carinhoso na testa dele e lhe entregar o cartão postal em questão. Enquanto ele lia, Marguerite caminhou em volta da mesa dele e se deixou cair na cadeira posicionada em frente a mesa.

“Eu não sei por que eles escolheram o Havaí”, Bastien disse com um sorriso seco. Ele terminou de ler o cartão. Ficando de pé, ele inclinou-se sobre a mesa grande dele para devolvê-lo.

“Brisas suaves e praias iluminadas pela luz da lua”. Marguerite pegou o cartão e enfiou-o em sua bolsa. “Além disso, Rachel havia planejado uma viagem para lá antes de ser transformada. Ela nunca estivera lá”.

“E Etienne quis agradá-la”, Bastien terminou enquanto se reclinava em sua cadeira. “Eles serão felizes”.

Marguerite ouviu uma nota triste na voz de Bastien e olhou para ele especulando. Com mais de quatrocentos anos de idade, Bastien era o Segundo filho mais velho dela. Ele sempre fora o mais sério. Sério de mais algumas vezes. Ele sempre fora. Até quando criança ele era o mais responsável dos quatro. Não foi surpresa para ninguém quando ele assumiu a liderança da família depois da morte de Claude. Lucern daria conta disso, mas odiaria cada minuto. Bastien gostava dos desafios e se divertia resolvendo problemas e ajudando pessoas. Ele era um bom homem. Ele precisava de uma boa mulher.

“Por que você está me olhando assim?”

A pergunta desconfiada dele fez Marguerite relaxar e dar de ombros. “Eu só estava pensando que talvez isso seja contagioso. Lissianna e Etienne agora estão casados e sossegados. Eu tenho boas esperanças com Lucern e a pequena Kate... se eles não se matarem no congresso para o qual ela o arrastara. Talvez você encontre alguém logo também”.

Bastien ficou calado quando ele pensou em Lucern e Kate.

O irmão mais velho dele tinha sido enganado para assistir a um congresso de escritores românticos com sua editora. Ele não quisera ir, mas Kate era uma coisinha muito persuasiva, e uma vez que ela formara um time com a mãe deles, Lucern não teve chance.

Por outro lado, Bastien pensou, talvez seu irmão não tivesse chance contra a Kate, com ou sem a ajuda da mãe deles. Vendo os dois juntos no casamento de Etienne e Rachel, Bastien suspeitou que as esperanças de sua mãe para o casal não estavam erradas. Lucern estava apaixonado. Sabendo disso ou não, ele achara sua companheira. Bastien esperava que para o bem dele ele não estragasse tudo.

Seu olhar voltou para sua mãe, que observava-o com interesse. Sabendo que ela podia ler seus pensamentos, ele nem se preocupou em negar o desejo de encontrar sua companheira. Ele iria gostar de ter uma companheira para ficar ao seu lado e ajudá-lo a encontrar o sentido da vida. Mas ele estivera vivo por mais de quatrocentos anos e só encontrou uma mulher que ele pensou que amaria naquela época. Infelizmente, ela não reagiu bem ao saber o que ele era e se recusou abertamente a juntar-se a ele. Apesar disso, Bastien nunca deixou de amá-la. Ele a observara durante toda a curta vida dela, sempre a distância. Ele a viu envelhecer, se apaixonar por outra pessoa, ter filhos, depois netos e finalmente ele impotentemente a viu morrer.

Aqueles foram os mais dolorosos anos de sua vida. Eles o ensinaram que, graças ao que ele era, ele sempre seria a criança que fica sozinha de um lado da cerca, observando as outras crianças rindo e se divertindo na festa que acontece do outro lado.

Ciente que sua mãe ainda o estava observando, ele deu de ombros e olhou para seu relatório. Ele simplesmente disse, “Algumas pessoas não foram feitas para encontrar o amor e mantê-lo”.

“Hum”. Ela ficou em silêncio por um momento, depois aparentemente decidiu mudar de assunto. “Oh, mudando de assunto, Bastien, Dr. Bobby quer falar com os membros da minha família, e como Etienne e Rachel estão em sua lua-de-mel, Lissianna e Gregory estão de férias na Europa, e Lucern está no congresso de escritores, o único disponível é você. Posso dizer que você vai?”

“Hum? O quê?” Ele olhou desnortado para ela. “Quem é Dr. Bobby?”

“Meu terapeuta, querido”.

“Terapeuta”, ele ecoou chocado. Depois ele alarmou-se. “Você está se consultando com um terapeuta?”

“Sim, querido. É a última moda. Além do mais, Gregory foi tão útil com a fobia de Lissiana, que eu pensei que eu poderia me beneficiar com um pouco de terapia”.

“Por quê? Você não tem fobias”.

“Não. Mas eu tenho alguns assuntos – um em particular que eu queria tratar”.

Ela não olhou nos olhos dele. Bastien não conseguiu deixar de perguntar. “E esse terapeuta quer falar com os membros da família? Por quê?”

Marguerite deu de ombros. “Eu não tenho certeza. Dr. Bobby só mencionou que queria falar com os membros da família. Você virá, não é?”

Bastien fechou a cara, mas finalmente assentiu com a cabeça. Parecia uma boa idéia ir descobrir que assunto sua mãe estava tratando e quanto da vida deles – sem mencionar quanto do que eles eram – ela havia revelado para esse Dr. Bobby.

“Bom. Eu vou deixar você trabalhar então”. Marguerite sorriu para ele e ficou de pé para sair.

Bastien começou a relaxar, mas depois ficou novamente tenso quando ela acrescentou, “Não se preocupe, filho. Há uma mulher lá fora para você também. E eu pretendo te ajudar a encontrá-la”.

Ele ficou boquiaberto quando a porta se fechou atrás dela. Aquelas palavras soaram suspeitas como uma ameaça.

FIM...

A série Argeneau Family continua em: **Argeneau Family, 3: Single White Vampire**

Comunidade Traduções de Livros

[<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=25399156>]

Skoob

[<http://www.skoob.com.br/usuario/mostrar/140942/perfil:on>]

Twitter

[<http://twitter.com/tdlivros>]

Blog

[<http://traducoesdelivros.blogspot.com>]